



UM DOS MELHORES
LIVROS DO ANO

THE NEW YORK TIMES

•
ENTERTAINMENT
WEEKLY

•
TIME

Quem és Tu, Maud Dixon?

ALEXANDRA ANDREWS

«Uma mistura perfeita de Elena Ferrante com Patricia Highsmith.»

THE WALL STREET JOURNAL

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



UM DOS MELHORES
LIVROS DO ANO

THE NEW YORK TIMES

•
ENTERTAINMENT
WEEKLY

•
TIME

Quem és Tu, Maud Dixon?

ALEXANDRA ANDREWS

«Uma mistura perfeita de Elena Ferrante com Patricia Highsmith.»

THE WALL STREET JOURNAL

 EDITORIAL PRESENÇA



UM DOS MELHORES
LIVROS DO ANO

THE NEW YORK TIMES

•
ENTERTAINMENT
WEEKLY

•
TIME

Quem és Tu, Maud Dixon?

ALEXANDRA ANDREWS

«Uma mistura perfeita de Elena Ferrante com Patricia Highsmith.»

THE WALL STREET JOURNAL

 EDITORIAL PRESENÇA

**Quem és Tu,
Maud
Dixon?**

ALEXANDRA ANDREWS

**Quem és Tu,
Maud
Dixon?**

TRADUÇÃO DE MADALENA CARAMONA

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Who Is Maud Dixon?*

Autora: *Madalena Caramona*

Copyright © 2022 by Alexandra Andrews

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2022

Tradução: *Madalena Caramona/oficinacaixaalta.pt*

Revisão: *Maria de Fátima Carmo/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2022

Depósito legal n.º 500 893/22

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para Chris

*Tínhamos nutrido o coração com fantasias,
O coração embrutecera à custa delas.*

«O Ninho do Estorninho à Minha Janela», poema de W. B. Yeats

Prefácio

Semat, Marrocos

— Madame Weel-cock?

Ergueu com muito esforço a pálpebra esquerda, e a luz amarelada e tépida inundou-lhe o olhar. A sua visão captou a imagem enviesada de um vulto vestido de branco. Fechou o olho.

— Madame Weel-cock?

Ouvia-se ao longe um som estridente que fazia *bip bip*. Desta vez, forçou ambos os olhos a abrirem-se. Estava deitada numa cama desconfortável, ladeada por duas cortinas sujas.

— Madame Weel-cock?

Virou o pescoço com alguma rigidez. Um homem, envergando aquilo que parecia um uniforme militar, estava sentado numa cadeira junto à cama, curvado para a frente, com as mãos nas pernas, a observá-la intensamente. O rosto dele tinha as feições arredondadas e volumosas de um bebé de brincar. Não estava a sorrir.

— Madame Weel-cock? — perguntou o homem pela quarta vez.

— Helen? — arriscou ela numa voz tremida.

— Helen — assentiu ele com a cabeça. — Sabe onde está?

Ela olhou em volta.

— Num hospital?

— Isso mesmo. Teve a grande noite.

— A grande noite?

— A enorme noite.

Ela deixou escapar uma gargalhada breve, involuntária. O homem franziu o sobrolho, claramente irritado. Depois, a cortina do seu lado esquerdo abriu-se. Ambos se voltaram. Chegou uma mulher com um lenço branco na cabeça e um casaco branco. Uma enfermeira? Debruçou-se sobre a cama e sorriu calorosamente. Disse qualquer coisa num idioma estrangeiro e alisou o cobertor fino.

Depois voltou-se para o homem junto à cama e proferiu algo num tom mais ríspido. Ele levantou-se, exibindo as palmas das mãos para a apaziguar. Sorriu friamente e afastou a cortina. Foi-se embora.

A jovem mulher deitada na cama voltou-se para a enfermeira, mas também esta estava de partida.

— Espere — chamou numa voz rouca. A enfermeira não ouviu ou ignorou o chamamento.

Ficou sozinha.

Fitou o teto. Estava sujo com manchas de água acastanhadas. Tentou erguer-se de modo a ficar sentada, mas não conseguiu fazê-lo por causa do gesso que lhe cobria o pulso esquerdo. Foi nessa altura que se apercebeu de que estava dorida.

No corpo todo.

Voltou a olhar para a cadeira vazia onde o homem se tinha sentado. Ele chamara-lhe Madame Weel-cock. Esta informação parecia ter alguma importância, mas não a conseguiu enquadrar em nenhum contexto relevante. Voltou a fechar os olhos.

Alguns momentos mais tarde — ou talvez tivessem sido horas — a cortina voltou a abrir-se. A enfermeira estava de regresso com um homem diferente.

— Madame Wilcox — disse ele. — Folgo em vê-la acordada. — Falava inglês com mais precisão do que a maioria dos nativos, pronunciando cuidadosamente cada sílaba. — O meu nome é doutor Tazi. Eu estava de banco ontem à noite quando a senhora deu entrada com duas costelas fraturadas, um pulso fraturado e hematomas vários no rosto e no tronco. Disseram-me que teve um acidente de carro. Vemos muitas vezes lesões deste género por causa dos *airbags*. Teve sorte por não ter sido mais grave.

A enfermeira, como se estivesse à espera da sua deixa, apresentou um copo descartável e um comprimido branco do tamanho de um molar.

— Hidrocodona. Para as dores — disse o médico. — Volto esta tarde para ver como está, mas não prevejo razão para não ter alta amanhã. Até lá deve descansar, Madame Wilcox.

Foi-se embora, arrastando consigo a enfermeira vestida de branco, como um véu de cauda.

Madame Wilcox. Articulou o nome em silêncio. Helen. Depois as luzes apagaram-se e ela caiu no sono.

PRIMEIRA PARTE

Duas mulheres jovens subiram uma escadaria estreita em direção ao rumor de risos e de música. Florence Darrow, que ia à frente, fez deslizar a mão ao longo da parede vermelho-sangue.

— É um pouco perverso organizar festas editoriais aqui — disse ela.

Trabalhavam ambas como assistentes editoriais na editora Forrester Books, e nessa noite era a festa de Natal, que todos os anos se celebrava no piso superior de um bar obscuro chamado A Biblioteca, que seguia um tema literário *kitsch*.

— É como organizar uma cimeira das Nações Unidas na Disneylândia.

— É isso mesmo — concordou Lucy Gund em voz baixa. O seu vestido tinha-se enrolado nas coxas, com a subida, e estava agora enovelado nas pernas.

Chegaram ao cimo das escadas e entraram na sala para ter uma visão geral. A festa tinha começado apenas meia hora antes, mas da multidão emanava já uma balbúrdia que pairava sobre ela como uma nuvem de fumo e nevoeiro. Estavam lá perto de cem pessoas — algumas eram colegas delas; muitas, não —, reunidas em grupos compactos. Florence não tinha querido chegar demasiado cedo, mas agora desejava que tivessem chegado a tempo de garantir um cantinho só para elas. Observaram cuidadosamente a sala em busca de um rosto familiar a que se pudessem dirigir. Não encontraram nenhum.

— Vamos já buscar uma bebida? — sugeriu Florence. Lucy aquiesceu com a cabeça.

Tinham ambas começado a trabalhar na Forrester ao mesmo tempo, quase há dois anos, e Lucy tinha presenteado Florence com a sua lealdade absoluta de imediato.

Em teoria, Lucy era precisamente o tipo de amiga que Florence tinha esperança de encontrar em Nova Iorque. Lucy tinha crescido em Amherst, a cidade da prestigiada universidade onde os seus pais lecionavam Inglês, no Departamento de Línguas. O pai de Lucy tinha escrito a biografia fundamental de Nathaniel Hawthorne. Florence passara o primeiro Dia de Ação de Graças com eles, depois de se ter mudado para a cidade; ficara encantada ao perceber que a casa deles, antiga e repleta de livros, ficava na mesma rua e a pouca distância da de Emily Dickinson. A casa era o tipo de idílio intelectual em que Florence sempre desejara ter crescido. Era exatamente o oposto do apartamento da sua mãe, em Port Orange.

Na prática, contudo, Lucy não tinha a sofisticação e a confiança que Florence via como herança natural de uma infância assim. Era incrivelmente tímida, e por vezes Florence suspeitava de que a mãe de Lucy a tinha aconselhado a fazer apenas uma amiga em Nova Iorque, que isso seria o bastante. Florence tinha sido a primeira pessoa que Lucy conhecera na Forrester.

Nunca se tinham imiscuído com êxito no ambiente social mais vasto da empresa, isto porque Lucy não tentara e Florence não conseguira. Dado que Florence cessara o contacto com os seus velhos amigos da Florida — ela via o passado como um membro gangrenado que tem de ser amputado em benefício do

corpo —, Lucy era, decidida e indubitavelmente, a sua única amiga.

Foram abrindo caminho através da multidão, passando por uma mesa comprida repleta de uvas e queijos, em direção a um imponente balcão de mogno que ficava ao fundo da sala. Um empregado de colete de cetim preto sorriu na direção de um ponto acima das cabeças delas. Era óbvio que elas não preenchiam os requisitos necessários para atrair a atenção dele. Lucy estava habituada a que não reparassem nela — na verdade, parecia preferir que assim fosse —, mas Florence tinha obtido êxito suficiente com o sexo masculino para ficar desiludida caso os seus encantos passassem despercebidos.

Florence não era feia, mas era inevitável que à primeira vista a sua palidez não sobressaísse. Parecia ter crescido num *bunker*, e não sob o sol da Florida. Esta era a prova de que tinha nascido no local errado, pensava amiúde, satisfeita. A sua pele clara corava com facilidade e nunca era possível saber se isso acontecia por timidez ou por fervor, como se o seu criador estivesse dividido entre dois impulsos antagônicos: a pureza e a perversão. Esta característica agradava a alguns homens, mas desencorajava a maioria. Ela também tinha os olhos muito escuros, quase negros, e uns caracóis de um tom loiro-escuro que lhe serpenteavam em torno da cabeça como os da Medusa. Apesar das centenas de dólares que a mãe tinha gastado, ao longo dos anos, em diferentes tipos de gel, laca e espuma modeladora, Florence ainda não aprendera a domá-los.

— O que é que vai ser, meninas? — perguntou o empregado de bar num tom experiente. A luz cintilava nas madeixas espetadas do cabelo dele. Florence imaginou-se a fazê-las estalar sob os dedos, como relva coberta de geada.

Lucy apontou para um leteiro que anunciava o *cocktail* especial da casa.

— Bem, acho que vou provar o Sistema Decimal de Dewar...

Florence pediu um copo de vinho tinto.

— Tenho *cabernet* ou *pinot*.

— Tanto faz — respondeu num tom que esperava que soasse confiante. Não sabia nada sobre vinhos.

Deram um gole nas bebidas, depois lançaram-se em busca de um grupo com fronteiras transponíveis. Descobriram um grupo de outros assistentes junto à mesa da comida e acercaram-se. Uma editora júnior chamada Amanda Lincoln discutia aparatosamente com um jovem alto e magro, de vinte e poucos anos, que envergava um fato de bombazina castanho-clara.

— Nunca na vida, seu misógino de merda — dizia Amanda.

Gretchen, uma assistente espetitada que se sentava em frente de Florence no escritório, voltou-se para elas e explicou:

— O Fritz diz que tem a certeza absoluta de que Maud Dixon é um homem.

— Não — murmurou Lucy, levando a mão à boca.

«Maud Dixon» era o pseudónimo de uma escritora que publicara um romance de estreia absolutamente estrondoso, alguns anos antes, intitulado *O Foxtrot do Mississípi*. Conta a história de duas adolescentes, Maud e Ruby, que vivem desesperadas por deixar a sua cidade natal, Collyer Springs, no Mississípi. De cada vez que tentam escapar, são bloqueadas pela sua idade, pelo seu género, pela

pobreza e pela indiferença fria das suas famílias. A tensão aumenta quando Maud mata um empreiteiro que está de passagem pela cidade, a caminho de uma obra em Mênfis. Ele cometera o erro de manter Ruby, então com dezasseis anos, debaixo de olho, e de recusar desviar o olhar.

O assassinato acaba por libertar ambas dos grilhões da sua cidade natal: uma acaba na prisão; a outra recebe uma bolsa para ingressar na Universidade do Mississípi.

A crítica salientara a prosa acutilante, impiedosa, e a originalidade da perspetiva, que chamou a atenção do público literário, mas o livro só se tornou verdadeiramente um êxito quando uma famosa atriz de Hollywood o escolheu para o seu clube de leitura. Por presciência ou por mera sorte, o romance surgira no auge do movimento *#MeToo* e captou de forma exímia a pressão de toda aquela cólera, brutal e justificada, que havia no ar. Mesmo que o leitor não saiba exatamente o que aconteceu na noite em que a jovem Maud Dixon apunhalou Frank Dillard — uma figura indubitavelmente ameaçadora e sórdida — nas traseiras da taberna Driftwood, não consegue culpá-la pelo que aconteceu.

O livro vendera mais de três milhões de exemplares só nos Estados Unidos da América, e estava a ser produzida uma minissérie. Surpreendentemente, a sua autora, Maud Dixon, permanecia envolta em mistério. Não dava entrevistas, não fez *tournées* de promoção, não aparecia em público. O livro não tinha sequer uma página de agradecimentos.

A editora do livro — uma concorrente da Forrester — confirmara que «Maud Dixon» era um pseudónimo, e que a autora preferia permanecer no anonimato. É óbvio que isto fez imediatamente disparar uma especulação frenética sobre a sua identidade. «Quem é Maud Dixon?» era uma questão que surgia em inúmeros artigos de imprensa, fóruns *online* e almoços de pessoas pertencentes ao meio editorial por toda a cidade.

As duas Maud Dixon que se conheciam nos Estados Unidos tinham sido devidamente localizadas e postas de parte. Uma vivia num lar de idosos em Chicago e não se conseguia recordar do nome dos próprios filhos. A outra era uma higienista oral que crescera numa cidade de classe média, em Long Island, e nunca exibira o mínimo talento ou propensão para a escrita.

Muitos presumiram que a narrativa era autobiográfica, dado que a autora e a narradora tinham o mesmo nome. Alguns detetives amadores tinham descoberto crimes que exibiam algumas semelhanças com aquele que surgia no livro, mas nenhum se encaixava tão bem que tal constituísse prova irrefutável. Além do mais, o Mississípi vedava o acesso a registos criminais de menores quando estes faziam vinte anos. A cidade de Collyer Springs nem sequer existia. A investigação esbarrava aí.

De um modo geral, Florence costumava desprezar livros que ancoravam o seu êxito em fabricações dramáticas do enredo. Na sua opinião, um assassinato era uma solução fácil. Mas quando leu *O Foxtrot do Mississípi* ficou deslumbrada. O assassinato não era um ardil específico para elevar a fasquia; era a razão de ser do romance. O leitor conseguia sentir a urgência da autora, o imperativo absoluto da

assassina, e até a satisfação da faca a entrar na carne.

Florence ainda conseguia recitar de memória esta passagem:

A faca deslizou sem esforço, um intruso de lâmina afiada por entre as pregas mornas, femininas, das entranhas de Frank. Ela ergueu novamente a faca. Desta vez, embateu numa costela e estremeceu com violência. A mão dela deslizou pelo cabo da faca e foi ao encontro da carne macia e mortiça. O estômago dele estava agora coberto de sangue, e os pelos negros, ásperos, alisados como o escalpe de um recém-nascido.

A voz era diferente de todas as que Florence tinha lido até então: acutilante e selvagem, quase violenta. No fundo, ela não se importava que Maud Dixon fosse um homem ou uma mulher. Sabia que, quem quer que fosse, era uma pessoa marginal, tal como a própria Florence.

— Porque estás a ficar tão enervada com isto? — perguntou Fritz a Amanda.
— Credo, não estou a dizer que as mulheres não sabem escrever. Estou apenas a afirmar que *este escritor em particular* não é uma mulher.

Amanda apertou a cana do nariz e respirou fundo.

— Porque estou a ficar tão enervada? Porque *esta escritora em particular* foi a romancista que mais vendeu neste ano e porque foi nomeada para o National Book Award. Mas é claro que só pode ser um livro «importante» se foi escrito por um homem; se foi uma mulher a escrevê-lo, é apenas baboseira para clube de leitura. Pelo amor de Deus, vocês não podem comer as bolachas todas e depois ainda vir tirar as nossas migalhas.

— Tecnicamente — interrompeu Florence —, James Patterson foi o autor que mais vendeu neste ano, ainda que *O Foxtrot do Mississípi* tenha sido o livro mais vendido. — O grupo voltou-se para ela num movimento sincronizado. — Acho eu... — acrescentou, apesar de ter a certeza, e de imediatamente se ter ficado a odiar por ter dito aquilo.

— Bem, obrigada, Florence, lá se vai outra migalha.

— Isto não é uma questão que pertença à pauta absurda que tens no bolso, Amanda — disse Fritz. — Uma pessoa amiga, que por acaso até é mulher e trabalha na Frost/Bollen, jura que Maud Dixon é um homem. É óbvio que *podia* ser uma mulher, mas, neste caso em particular, não é.

Fritz encolheu os ombros, como quem pede desculpa. A editora Frost/Bollen agenciava Maud Dixon.

— Então quem é ele? — Amanda exigia saber. — Como se chama?

Fritz hesitou.

— Não sei. Ela só ouviu que se referiam a ele como homem.

Amanda ergueu os braços.

— Ah, isso é uma enorme tretá! Não há a mais ínfima possibilidade de ter sido um homem a escrever aquele livro. Nenhum homem neste mundo consegue escrever sobre mulheres de um modo tão convincente. Independentemente de *ele* estar plenamente convencido disso.

Como punição autoinfligida pela sua timidez anterior, Florence disse:

— Henry James? E. M. Forster? William Thackeray? — Sempre sentira uma afinidade especial com Becky Sharp.

Amanda virou-se para ela:

— Achas mesmo, Florence? Achas que *O Foxtrot do Mississippi* pode ter sido escrito por um homem?

Florence encolheu os ombros.

— Talvez. Não vejo que diferença faria.

Amanda olhou para o teto e disse, surpreendida:

— Ela não vê que diferença faria. — Voltou-se novamente para Florence e perguntou: — És escritora, Florence?

— Não — respondeu Florence em voz baixa.

Na verdade, não havia nada que ela desejasse mais do que ser escritora. Não era o que todos queriam? Era provável que todos tivessem, enfiado nalguma gaveta, um romance inacabado. Mas ninguém se considera escritor antes de o material ser publicado.

— Bem, então talvez seja difícil para ti perceber o importante que é, para mulheres escritoras, ter escritoras que possam servir de exemplo. Mulheres que as precederam e que recusaram que as suas vidas íntimas fossem expostas por homens. Eu não preciso de ter mais um *homem* a dizer-me como *são* as mulheres, OK? Consegues perceber isso?

Florence movimentou o corpo naquilo que podia ser um encolher de ombros e um assentir com a cabeça.

— Infeliz a terra que precise de heróis — acrescentou Amanda.

Florence ficou em silêncio.

— Brecht? — espicçou Amanda, erguendo as sobrancelhas.

Florence sentiu o calor subir-lhe ao rosto e virou as costas ao grupo, instintivamente, para o esconder. Engoliu de um só trago o resto da bebida e regressou ao bar, onde ergueu o copo vazio na direção do empregado com um sorriso acanhado.

Apoiou o corpo no balcão de madeira e descalçou, à vez, os sapatos de salto alto que lhe magoavam os pés. Nunca gostara de raparigas com a manifesta confiança que Amanda exibia. Eram iguais às que, no secundário, a tinham adotado durante uma semana para a exibirem como um cão que se vai buscar ao canil antes de perderem o interesse nela. Florence sabia que, para estas, ela não passava de um adereço para usar nos seus espetáculos. E caso ela não cooperasse, desempenhando o papel de protegida agradecida, não lhes valeria de nada. E esta era uma prática tão superficial: isso era o que mais irritava Florence. Amanda, que tinha crescido no Upper West Side, envergava o seu feminismo do mesmo modo que certamente vestira o uniforme do colégio privado que frequentou: de um modo descontraído, sem pensar muito nele, mas com dedicação.

Florence nunca tinha conseguido atingir o nível de afronta que o período atual parecia exigir, e esta imunidade à indignação coletiva deixava-a, muitas vezes, à margem de... Bem, à margem de tudo. Esta afronta parecia ser o cimento que unia todas as outras pessoas: casais, amigos, o público-alvo da maioria dos grandes grupos de comunicação social. Até os jovens abutres das petições de rua ignoravam Florence, como se conseguissem farejar o seu solipsismo inato.

Ela não era demasiado branda, certamente que não, mas reservava a sua raiva

para assuntos mais pessoais. Ainda que, se lhe perguntassem que assuntos eram esses, ela não soubesse responder. Um ataque de raiva da sua parte surpreendia-a tanto a si mesma como aos outros. Eram ocorrências raras, desnorteantes, que a deixavam combalida e confusa, como se sofresse de *jet lag*, como se o seu corpo tivesse seguido em frente na corrida e ela só agora o tivesse conseguido alcançar.

Certo dia, durante um seminário de escrita criativa na faculdade, o professor de Florence tinha criticado uma história dela em frente de todos, dizendo que era chata e pouco original. No fim da aula, Florence lançou-se numa defesa de contornos cada vez mais histéricos à sua escrita, e depois passou para um ataque pessoal ao professor, um autor de segunda categoria que publicara um único livro de contos, que passara despercebido. Quando finalmente se acalmou, o professor fitava-a com um ar que só podia ser descrito como horrorizado. Florence mal se conseguia lembrar do que tinha dito.

Quando o empregado de balcão reparou finalmente no copo vazio de Florence, uma voz atrás dela fê-la estremecer:

— Concordo contigo.

Florence voltou-se. Era Simon Reed, o diretor editorial da Forrester, um homem alto e magro, com um corte de cabelo moderno e revoltado, feições delicadas e sardas muito leves no rosto. Era considerado atraente neste meio, mas Florence nem conseguia imaginar o que diriam sobre ele em Port Orange, onde ter feições delicadas não era propriamente algo desejável num homem. Florence virou-se para ele:

— Em quê?

— No raio de não importar para nada saber quem é Maud Dixon. — As palavras enrolavam-se-lhe na boca como sopa. Ela percebeu que estava bêbedo. — Isso não mudaria as palavras que estão escritas — continuou. — Ou melhor, para algumas pessoas, sim, mas não deveria ser assim. Ezra Pound era fascista, mas ainda assim escreveu algumas frases lindas como a porra.

— A formiga é um centauro no seu mundo de dragões — disse Florence.

— Abaixo a tua vaidade, eu digo abaixo — completou Simon, aquiescendo.

Sorriram, cúmplices, em uníssono e em silêncio. Florence reparou que Amanda os observava, mas o olhar de Amanda fugiu quando reparou que Florence estava atenta. O empregado pousou o novo copo de vinho de Florence sobre o balcão. Quando ela o ergueu, Simon encostou o seu copo ao dela e aproximou-se:

— Ao anonimato — sussurrou discretamente.

Durante o resto da noite, Florence sentiu que Simon seguia com atenção os seus movimentos pela sala. Ser apreciada por um homem mais velho não era algo totalmente inédito para ela, mas na sua cidade natal sempre considerara esses olhares de cobiça repelentes, como se o interesse deles a implicasse nalguma coisa da qual ela não queria fazer parte. Nesta noite, gostou do olhar atento de Simon. Ele pertencia a uma classe diferente da dos homens que ela conhecera enquanto crescia: em vez de uma besta de mão e de camisolas de cavas, ele tinha primeiras edições e um sentido de ironia apurado. E depois, claro, não era segredo nenhum que ele era casado com Ingrid Thorne, a atriz. Ser admirada por um homem assim deu a Florence a sensação de lhe ter sido permitida a entrada num patamar superior da existência, como se a atenção dele tivesse atraído, com uma força magnética, algo que ela desconhecia possuir.

Duas horas depois, a multidão começou a dispersar e Lucy perguntou a Florence se estava pronta para ir embora. Viviam ambas no bairro de Astoria e apanhavam muitas vezes juntas o comboio para casa.

— Vai andando — respondeu Florence. — Eu acho que vou beber mais um copo.

— Não faz mal, eu espero.

— Não, a sério. Podes ir.

— OK — disse ela, hesitante. — Se tens a certeza...

— Tenho a certeza — respondeu Florence, resoluta.

Por vezes a amizade de Lucy parecia-lhe asfixiante, ainda que, no fundo, tivesse de admitir que a sensação de conforto que advinha da devoção absoluta que Lucy tinha por ela ultrapassava em muito a claustrofobia, isto talvez porque a mãe de Florence a ensinara desde muito nova a reconhecer apenas as emoções mais intensas. Tudo o que fosse moderado lhe parecia frio e falso.

Lucy despediu-se com um aceno frouxo. Florence pediu mais um copo de vinho e bebeu-o lentamente, escrutinando a sala. Já só restavam cerca de duas dúzias de pessoas, e ela não era íntima o suficiente de nenhuma para que se pudesse aproximar. Simon estava encostado a um canto, preso numa conversa com o diretor de *marketing*. Não dava qualquer sinal de que estaria a terminar o diálogo.

Florence sentiu-se estúpida. O que é que ela tinha pensado que iria acontecer?

Pousou o copo no balcão com mais força do que queria e foi à procura do casaco na pilha enovelada de agasalhos que havia junto à porta. Puxou o dela com um gesto brusco e saiu para a rua.

Lá fora, o vento fustigou-lhe as pernas nuas. Virou na direção norte e começou a caminhar rapidamente a caminho do metro. Estava precisamente a dobrar a esquina da Eighth Street quando ouviu alguém chamar o seu nome. Voltou-se. Simon tinha vindo a correr atrás dela, trazendo no braço o seu sobretudo azul-escuro impecavelmente dobrado.

— Apetece-te mais um copo? — perguntou, com a descontração de um

homem que não acabou de correr rua fora atrás de uma mulher.

Foram ao Tom & Jerry's, em Elizabeth Street, onde Simon insistiu que pedissem cerveja *Guinness*.

— Devo ter bebido *piscinas* disto, quando estive em Oxford — disse ele. — Por isso agora faz-me sentir novo.

Falava com a cadência, ainda que não exatamente com o sotaque, de um inglês. Agora ela percebia porquê.

Encontraram um lugar disponível nas traseiras e sentaram-se, frente a frente, a uma mesa com o tampo peganhento. Florence deu um gole na bebida e fez uma careta. Simon riu-se.

— Não se gosta à primeira...

— Não devia ser preciso *insistir*, para se gostar de alguma coisa — argumentou Florence. — Isso é como as pessoas que se obrigam a terminar um livro do qual não gostam. Mais vale fechar o livro! Ler outra coisa!

— Lamento ser eu a dizer-te isto, mas talvez estejas na profissão errada. Sabes quantos livros de que não gosto tenho de ler todas as semanas? Separar o trigo do joio faz parte do nosso trabalho.

— Ah, eu não tenho interesse em ser editora — respondeu Florence, acenando com a mão.

— Só para ter a certeza — respondeu Simon com um sorriso perplexo —, tu sabes que eu sou o chefe do teu chefe, certo? Talvez queiras fingir que estás um nadinha entusiasmada com o trabalho que te pagamos para fazer.

Florence devolveu o sorriso.

— Algo me diz que não vais contar a ninguém que nos encontrámos, muito menos à Agatha.

— Credo, esqueci-me de que trabalhas com a Agatha Hale. Pois, ela não iria aprovar este *encontro*. A bússola moral dessa senhora precisa desesperadamente de um pouco de *WD-40*.

Da boca de Florence soltou-se um riso transgressor, enviesado. Ouvir alguém, de um modo tão casual, fazer pouco de uma mulher que estava acima dela hierarquicamente, qualquer que fosse a medida, tanto pessoal como profissional, deixava-a meia zozna, com a cabeça a andar à roda.

— Muito bem, combinado — disse Simon, pousando a palma da mão ao de leve sobre a mesa. — A noite de hoje fica entre nós. Já que insistes...

— Ao anonimato — disse Florence, erguendo o copo.

Por baixo da mesa, Simon respondeu pondo a mão na coxa dela. Florence não reagiu. Os dedos dele foram deslizando, muito lentamente, para cima. Ficaram sentados, a olhar nos olhos um do outro, sem dizer nada, enquanto Simon a acariciava com o polegar. Ninguém reparou. A maioria das pessoas estava concentrada num televisor suspenso na parede, a ver futebol.

— Vamos embora — disse Simon, numa voz rouca.

Florence assentiu. Deixaram os copos ainda cheios sobre a mesa, e ele encaminhou-a para a saída pela mão. Lá fora, ela soltou um gratinho ao sentir uma

aragem gelada. Simon tirou o cachecol e pô-lo à volta do pescoço de Florence, dando duas voltas e terminando com um nó.

— Está melhor assim? — perguntou. Ela assentiu com a cabeça.

Caminharam praticamente a correr, de cabeças baixas por causa do vento, alguns quarteirões para norte até ao hotel Bowery, onde um porteiro estava entretido a espalhar no passeio sal que tirava de um frasco de plástico. Havia um sem-abrigo encostado ao edifício, fazendo chocalhar moedas dentro de um copo. Parecia o som de uma criança a tossir. Florence tentou perceber o que ele murmurava:

— Dizem que os homens não choram; os homens choram, os homens choram.

Lá dentro, o rececionista passou o cartão de crédito de Simon pela máquina de um modo tão descontraído como se fossem duas da tarde. *Então é assim que isto se faz*, pensou Florence. Sempre pensara que reservar um quarto de hotel por apenas algumas horas era algo que requeria óculos escuros e nomes falsos, uma cama que tremia quando se metiam moedas. Mas parecia que quatrocentos dólares por noite era uma muralha suficientemente eficaz contra essa sordidez.

Partilharam o elevador com outro hóspede, um homem de meia-idade com alguma dificuldade em manter-se direito. Simon sorriu para Florence, cúmplice. Tentou tocar-lhe. Ela devolveu o sorriso, mas abanou a cabeça.

O quarto deles estava escuro, a única luz provinha de dois apliques metalizados que havia junto à cama. Florence atravessou a divisão para ver a vista através das janelas amplas que preenchiam duas das paredes.

— Janelas de batente — disse ela, percorrendo com os dedos a superfície fria. Os dedos deixaram quatro rastos orvalhados na condensação.

— Anda cá — disse Simon, e ela foi.

Florence acordou na manhã seguinte animada por uma certa expectativa, como se a noite estivesse ainda por acontecer, e não no passado. Estava sozinha. Simon tinha deixado o hotel às quatro da manhã. Deitada na cama, ela tinha-o observado a recolher os seus pertences espalhados pelo quarto. O fato cinza-antracite, que ele pendurara no armário. A carteira, o telefone e as chaves dispostos de forma ordeira e metódica numa pilha habilidosa na mesa de cabeceira.

Ao abotoar a camisa, Simon levava de repente a mão ao colarinho e dissera:

— Merda, perdi uma palheta do colarinho!

Ela perguntara o que era uma palheta de colarinho, e ele erguera o olhar com um ar de espanto quase paternal.

— És adorável — dissera, sem explicar nada.

Florence estava à espera de algum embaraço, mas não houve nenhum. Ele conversou com ela amavelmente enquanto se ia vestindo, depois beijou-lhe a testa ao de leve e foi para casa ter com a mulher. Florence não se imaginava capaz de dormir com um homem casado, e tentou instigar em si alguma culpa. Mas, tal como o embaraço, e surpreendentemente, esse sentimento não existia.

Espreguiçou-se ao máximo na cama ampla. Era sábado, a hora de saída era até ao meio-dia e ela não tinha compromisso nenhum. Uma luz brilhante e radiosa inundou o quarto — era uma luz que parecia pertencer a uma estação do ano ou a uma cidade diferente. Roma, talvez.

Levantou-se e foi até à casa de banho. Tinha a maquilhagem esborratada em torno dos olhos, e os caracóis dos cabelos estavam de tal modo espetados que parecia terem apanhado um choque elétrico. Depois de ter tomado um duche, secou as miniaturas das garrafas de champô e amaciador para levar para casa.

Simon tinha-lhe dito que pedisse o pequeno-almoço, mas, quando ligou para a receção, disseram-lhe que a conta do quarto já tinha sido fechada e que teria de pagar com cartão de crédito.

— Deixe estar — disse ela, e desligou abruptamente.

Vestiu-se e sentou-se na cama. Não havia mais nada que pudesse fazer ali. Nem sequer tinha um livro. Caminhou até à porta e levou a mão à maçaneta. Depois regressou num instante à casa de banho e guardou o estojinho de costura no bolso.

De regresso a Astoria, Florence fechou a porta do apartamento e ficou imóvel, à escuta das colegas com quem partilhava casa. Tinha esperança de que tivessem saído. Encontrara Brianna e Sarah no Craigslist, alguns meses antes, e conhecia-as agora não muito melhor do que quando decidira ir viver com elas.

Abriu o frigorífico e tirou um iogurte magro que tinha «BRIANNA!!!» escrito a marcador. Já no quarto, optou por se sentar na cama e puxou o computador portátil para junto de si. Procurou «palheta de colarinho» no Google.

Uma palheta de colarinho é uma barra lisa e rígida, que pode ser feita de metal, de chifre, de barba de baleia, de madrepérola ou de plástico, e que se insere num bolso especialmente criado para o efeito que existe na parte inferior do colarinho das camisas dos

homens, com o intuito de o manter no sítio, estabilizando-o.

Florence pensou em bolsinhos no interior dos colarinhos das camisas. Pensou em homens como o Simon, que se preocupam com a estabilidade dos seus colarinhos. De um modo geral, os homens com quem dormia — empregados de bar ou funcionários de escritório com cargos menores que conhecia através do Tinder — eram, tal como ela, nova-iorquinos por adoção que pareciam tão perdidos quanto ela. O único tipo com quem saíra mais do que duas vezes desde que chegara à cidade tinha-lhe pedido cinquenta dólares emprestados no terceiro e último encontro. Ela tinha dúvidas de que também ele soubesse o que era uma palheta de colarinho.

Florence sabia que existia todo um outro mundo para lá do seu, um domínio que lhe era completamente desconhecido. De tempos a tempos, alguém agarrava nesse outro universo para o sacudir, fazendo tombar um pequeno fragmento que caía junto aos pés de Florence com um plim. Ela recolhia esses fragmentos como um entomólogo coleciona insetos raros para exibir num quadro. Eram pistas que um dia iriam dar origem a algo maior, ela ainda não sabia o quê. Um disfarce; uma resposta; uma vida.

Em seguida fez uma pesquisa sobre a mulher de Simon. Ingrid Thorne entrava geralmente como atriz principal em filmes independentes, com algumas incursões na Broadway. Não era o tipo de atriz cuja fotografia surgisse nas revistas *People* ou *InTouch* — a maioria dos leitores dessas publicações não saberia quem ela era —, mas tinha saído na capa da *Paper*, constatou Florence. Na entrevista tinham-na apelidado de «a grande senhora do cinema *avant-garde*».

O passado de Ingrid era uma incubadora muito improvável de alguma coisa que fosse *avant-garde*. Crescera numa cidade pequena e próspera do Connecticut, filha de um advogado bem-sucedido e de uma dona de casa. Na entrevista à *Paper*, Ingrid tinha-se referido ao seu estado natal como «Connecticut»: «Lá as pessoas veneram dois altares: o do *gin* e o da chita.» Ingrid e Simon viviam agora no Upper East Side, e os filhos andavam em colégios privados de renome, mas ainda assim ela conseguia fazer com que essas decisões parecessem arrojadas.

Ingrid já não era nova e não tinha uma beleza clássica, mas as suas feições tinham algo de complexo e fascinante. O rosto dela pedia para ser observado durante muito tempo, e era precisamente isso que Florence estava a fazer quando o telefone, pousado sobre a cama ao seu lado, começou a vibrar. Ela olhou de relance para o ecrã e observou a trepidação do aparelho sobre a colcha durante um instante, antes de atender.

— Olá, mãe.

— Escuta — começou a mãe, num tom de confiança. — O Keith disse-me ontem à noite que os *hedge funds* é que estão a dar.

Keith trabalhava no bar do restaurante da cadeia P.F. Chang onde a mãe estava empregada. Por motivos que Florence não conseguia compreender, todo o pessoal de serviço o considerava dotado de uma inteligência sobre-humana.

— Eu não tenho habilitações para isso — respondeu Florence.

— Acabaste o curso com a distinção *summa cum laude*! Sei que me achas uma

provinciana tonta, mas eu sei que *summa* quer dizer «a melhor». Não sei de que outras habilitações precisas.

— Mãe, eu não acho que tu sejas uma provinciana, mas...

— Ah, estou a ver... sou só tonta.

— Não, eu não disse isso. Mas sabes bem que não sou boa com números.

— Eu *não* sei, Florence, não sei mesmo. Na verdade, agora que falas nisso, lembro-me de que tu eras muito boa com números. *Muito* boa.

A voz da mãe dela tinha o ritmo caricaturado de um pregador ou de um pivô de televisão, uma afetação assimilada possivelmente pela quantidade de horas que ela passava a ouvir um e outro todas as semanas.

Florence ficou em silêncio durante um momento.

— Então acho que não *quero* trabalhar na banca. Gosto do meu emprego.

Isso não era totalmente verdade, mas ela tinha aprendido que a melhor forma de comunicar com a mãe era soar resoluta e evitar quaisquer ambiguidades. Os meios-termos davam à mãe margem de manobra.

— Gostas de ser pau mandado de alguém o dia todo? Eu fui um pau mandado durante vinte e seis anos por um motivo e um motivo apenas: para que a minha filha pudesse mandar à merda quem quisesse fazer *dela* pau mandado.

Florence suspirou.

— Desculpa, mãe.

— Não me peças desculpa a mim, querida. Foi Deus quem te deu o teu talento. Quando Ele te vê desperdiçá-lo, fica tão incomodado quanto eu.

— Está bem. Peço desculpa, Deus.

— Ah, isso não, Florence. Não te armes em engraçadinha com Ele. Com Ele, não.

Florence não disse nada. Passado um momento, a mãe perguntou:

— Quem é que te adora?

— Tu, mãe.

— Quem é a menina mais perfeita do mundo?

Florence olhou de relance para a porta para garantir que ninguém a iria ouvir.

— Sou eu — disse rapidamente.

— Isso mesmo.

Florence sabia que a mãe estaria a assentir veementemente do outro lado.

— Tu não és uma qualquer. Não te comportes como se o fosses. Isso seria desrespeitares-me a mim e desrespeitares o teu Criador.

— OK.

— Adoro-te, querida.

— Eu também.

Florence desligou o telefone e fechou os olhos. O elogio exagerado e extremamente impreciso que a mãe lhe fizera tivera o efeito oposto ao desejado, fazendo-a sentir-se completamente insignificante. Durante todo o período em que andara no secundário, a mãe mantivera a ilusão de que Florence era a rapariga mais bonita e mais popular da turma, quando na verdade ela era uma alma perdida, agarrada com unhas e dentes a um pequeno grupo de amigos que se

mantinha unido mais por uma questão de desespero comum do que por alguma afinidade em concreto. A única coisa que ela partilhava com a amiga mais próxima, Whitney, era a média de 20 valores.

— Não me *lês*? — Florence quisera gritar.

Por vezes desejava que a mãe fosse abertamente cruel; pelo menos assim Florence conseguiria cortar relações com ela sem se sentir culpada. Mas, ao invés disso, estavam presas numa eterna farsa: a mãe oferecia um alento que era escavado pela decepção, e Florence respondia com carinho e contrição que não sentia.

Vera Darrow tinha engravidado aos vinte e dois anos — não tão nova que justificasse olhares de espanto, mas certamente ainda sem maturidade suficiente para saber no que se estava a meter, como ela própria dizia a Florence com frequência. O homem responsável, um hóspede regular no hotel onde ela trabalhava na altura, não tinha querido ter nada que ver com o bebé, mas Vera tinha decidido prosseguir com a gravidez ainda assim. Aquela tinha sido, como dizia Vera a quem quisesse ouvir, a melhor decisão da vida dela: a sua vida começara ao mesmo tempo que a de Florence. Se bem que ela tivesse encontrado Deus durante a gravidez, por isso Ele também merecia algum crédito.

Uma colega de trabalho falara a Vera de uma igreja que tinha prestado auxílio a uma prima sua, também mãe solteira, e Vera tinha ido lá com uma expectativa vaga de regressar com um pacote de fraldas de oferta. Em vez disso, encontrou uma comunidade.

Desde a sua infância que Vera ouvia constantemente pedidos para sossegar, para se acalmar, para serenar. Ali, o seu entusiasmo encontrou um propósito. Era isso que dizia o clérigo Doug. Ele também a assegurou de que o bebé que trazia na barriga não era um pecado, mas sim uma dádiva preciosa de Deus.

Florence sabia que alguns membros da comunidade religiosa não consideravam a mãe dela tão devota quanto a própria dava a entender: Vera nunca escondeu o facto de que achava algumas partes da Bíblia duvidosas (como a ideia de que os mansos irão herdar tudo), e conseguia levar a discórdia a qualquer comité que integrasse. Mas quem a difamava ficaria surpreendido por perceber a real força da sua fé, mesmo que ela não se importasse muito com os pormenores. Acima de tudo, Vera acreditava com um fervor inquebrantável que Deus tinha planos grandiosos para o futuro da sua filha.

Durante a infância, Florence ouvira a mãe falar deste desígnio divino com a regularidade de uma história de embalar. Aceitou-o do mesmo modo que aceitava tudo o que vinha da mãe — de uma forma passiva e sem levantar questões. O ceticismo é uma aventura arriscada para filhos de famílias monoparentais.

Florence tinha deixado de acreditar em Deus durante o secundário, mas ainda achava que havia um destino grandioso traçado para ela. Esta noção tinha-lhe sido inculcada durante muito tempo. Desistir de acreditar nela agora seria como se lhe pedissem que não tivesse o cabelo loiro ou que não detestasse o sabor da mostarda.

O problema é que Florence e Vera tinham ideias muito diferentes sobre aquilo que constitui um futuro grandioso. Para Vera, isso seria apenas a melhor versão de uma vida que ela conseguisse conceber, portanto, na prática, a sua expectativa era

cerceada pelos limites da sua imaginação. Deus iria dar a Florence um bom emprego e um bom casamento. E, por sua vez, talvez Florence desse à mãe um bom apartamento.

Mas a palavra *grandioso* tinha despertado na filha algo muito mais arrojado e singular — algo que Vera não conseguia controlar. O que se veio a revelar foi que os horizontes de Florence conseguiam alargar-se de um modo superior aos da mãe.

Foi através dos livros que Florence começou a sentir que os limites impostos pelo universo da mãe a irritavam. Sempre fora uma leitora voraz, e tomou consciência de que um cargo numa empresa em Jacksonville ou em Tampa não era, na verdade, o suprasumo de uma existência. Havia algo mais.

Florence passara muito tempo na biblioteca, numa busca desenfreada de vidas que fossem diferentes da sua. Tinha predileção por histórias de mulheres fascinantes e trágicas, como Anna Karenina e Isabel Archer. Ainda assim, rapidamente o seu fascínio trocou as protagonistas das histórias pelas mulheres que as escreviam. Devorara os diários de Sylvia Plath e de Virginia Woolf, que eram muito mais fascinantes e trágicas do que quaisquer personagens por elas criadas.

Mas não havia dúvida de que a Bíblia de Florence fora *Slouching Towards Bethlehem*. Era sabido que Florence passara mais tempo *online* a ver fotografias de Joan Didion de óculos escuros e no seu *Corvette Stingray* do que propriamente a ler a sua obra, mas encontrara o seu rumo. Só tinha de se tornar escritora, e a sua alienação iria transformar-se magicamente numa prova do seu génio, ao invés de ser causa de embaraço.

Quando imaginava o futuro, via-se sentada a uma linda secretária, junto a uma janela, a escrever ao computador o seu próximo grande livro. Nunca conseguia vislumbrar as palavras no ecrã, mas sabia que eram fabulosas e que iriam conseguir demonstrar de uma vez por todas que ela era especial. Toda a gente iria reconhecer o nome Florence Darrow.

E quem trocaria *isso* por um bom apartamento?

A Forrester Books ocupava dois pisos de um edifício de escritórios em Hudson Street, na baixa de Manhattan. Não era um dos maiores grupos editoriais de Nova Iorque, mas tinha um certo prestígio de nicho que agradava os seus colaboradores. Na entrevista de emprego a que foi, um editor sénior dissera a Florence: «Não fazemos ficção comercial», como se isso fosse um eufemismo para pornografia infantil. (Corria o boato de que esse mesmo editor tinha rejeitado o manuscrito de *O Foxtrot do Mississípi*, quando o recebeu, mas isso nunca tinha sido confirmado.)

Na segunda-feira que se seguiu à festa de Natal, Florence entrou no edifício com os sentidos em alerta. A sua rotina habitual — fazer deslizar o cartão para abrir a cancela, acenar com a cabeça na direção do segurança — parecia ter um elemento de atuação dramática. Procurou Simon no ajuntamento de pessoas que aguardavam pelos elevadores, mas não o viu.

O seu posto de trabalho ficava no décimo terceiro andar: uma secretária rodeada por um amontoado de impressoras, armários de arquivo e mesas de outros assistentes que partilhavam o mesmo espaço. Os escritórios dos editores ocupavam todo o perímetro e impediam a luz natural de chegar ao centro. Enquanto esperava que o computador iniciasse, percebeu finalmente uma coisa: ninguém a estava a observar. A vida dela continuaria como se a noite de sexta-feira nunca tivesse acontecido.

Às onze horas, Agatha chegou apressada e esbracejou violentamente para se libertar do casaco. Era uma mulher baixa, tensa, com cerca de quarenta anos. O seu cabelo ficara grisalho demasiado cedo e tinha uma quantidade inesgotável de energia. Além disso, estava grávida de seis meses. Florence levantou-se para a ajudar.

— Credo, o que eu odeio a minha médica! Odeio mesmo! — afirmou. — Se não fosse tarde de mais, mudava.

Atirou o saco de pano para o chão junto à porta do escritório. Preso ao saco estava um crachá que dizia «Sê gentil».

— Oh, não. O que foi que ela fez desta vez?

Florence aprendera depressa que aquilo que Agatha queria de um assistente era alguém que simpatizasse com os seus problemas e que validasse as suas opiniões. Na verdade, Florence tinha por Agatha um fascínio inusitado, pois ela parecia corresponder na íntegra à ideia que as pessoas na terra dela tinham de uma nova-iorquina liberal. Agatha vivia com o marido, um advogado especializado em direito das migrações, em Park Slope. Ia às manifestações. Resistia. Chamava *películas* aos filmes.

— A sério, ela não consegue meter na cabecinha que eu não quero epidural! — Agatha irrompeu pelo seu exíguo escritório adentro, e Florence seguiu-a, arrastando com os pés a cadeira de rodízios até ao limiar da porta.

— Não quer epidural? Porquê?

Agatha instalou-se à secretária e fitou a assistente com uma expressão muito séria. Dizia frequentemente que era a mentora de Florence, mas raramente se

comportava como tal.

— Florence, a dor é uma condição da maternidade há milénios. É um ritual de passagem. Sabes, é como aqueles rapazes nas tribos africanas que têm de se ferir para serem considerados homens.

— Quais tribos?

— Ah, praticamente *todas*.

— Certo — disse Florence, hesitante.

— Ao suprimir a *dor sagrada*, a indústria médica está efetivamente a erodir a relação entre a mãe e a criança. É a dor que as une. Ser mãe é uma honra e um privilégio. A mulher tem de o merecer.

— Pois, acho que isso faz sentido — disse Florence. — Sabe, eu li algures que os piolhos-do-mar abrem eles próprios o caminho para fora do útero da mãe quando estão prontos para nascer. Comem as paredes do útero, vão comendo tudo o que está em redor dos órgãos e da carne e isso, e saem pela boca da progenitora. A mãe fica totalmente desfeita. Morre.

Agatha assentiu com a cabeça.

— Exatamente, Florence. Exatamente.

Florence escapou-se até à sua secretária e decidiu que aquela conversa iria ficar registada como uma vitória.

Quando passavam poucos minutos das quatro, Florence saiu para ir buscar um café ao Dunkin' Donuts da esquina. Ao sair do elevador, viu finalmente Simon, de relance. Estava ao telefone e preparava-se para entrar no edifício. Assim que a viu, sorriu e ergueu um dedo, indicando-lhe que esperasse.

— Sim, precisamente, estou completamente de acordo — disse ao telefone. Olhou para Florence e revirou os olhos. — Muito bem, Tim, agora tenho de ir. Falamos em breve.

Pôs o telefone no bolso interior do casaco e sorriu de modo afetado para Florence.

— Peço desculpa — olhou em volta. — Anda, vamos só aqui ao virar da esquina. — Indicou-lhe o caminho da saída, e caminharam até meio de uma ruela.

— Bem... aquilo é que foi uma noite — disse ele, forçando o riso. — Escuta, eu só quero confirmar que está tudo bem entre nós. Que tu estás bem com o que aconteceu. Não é uma coisa que eu faça com frequência, claro, mas não sei... — suspirou longamente e abanou a cabeça. — Há algo em ti, Florence... Fizeste-me quebrar as regras.

Florence abriu a boca para responder, mas Simon não a deixou falar:

— Dito isto... — estacou e experimentou mudar o tom de voz. — Dito isto, o que aconteceu foi um erro. Um erro meu. Cem por cento culpa minha. Assumo a responsabilidade total. Mas não pode voltar a acontecer. O respeito que te tenho é tanto, que não te posso pôr nessa posição.

— Simon — disse Florence —, eu não vou dizer que és um caso *MeToo*.

Simon riu-se num tom um nadinha elevado.

— Ah, ah! Bom, obrigado, obrigado por dizeres isso. Ah! Não, não me parece que seja propriamente um caso para *MeToo*. — Simon vislumbrou alguém atrás de

Florence, e lançou um sorriso e um aceno a essa pessoa. — Muito bem — disse ele, voltando a prestar-lhe atenção. — *OK*. Excelente. Obrigado.

Florence não disse nada.

— Então está tudo bem, não é?

— Está tudo bem, Simon.

Ele deu-lhe uma pancadinha no ombro.

— Boa, boa. E está tudo bem lá em cima? Estás a gostar de trabalhar para a Agatha?

Florence disse que sim.

— Boa, boa — repetiu Simon.

Separaram-se ao virar da esquina. Simon regressou ao edifício e Florence caminhou até ao café. Enquanto esperava na fila, repetiu mentalmente a conversa que tinham tido. Ela tinha-lhe dito a verdade. Estava tudo bem. Ela sabia que Simon era casado quando dormiu com ele. Sabia que era provável que aquela tivesse sido uma vez sem igual. O sexo em si nem sequer tinha sido grande coisa. Ele tinha-lhe tocado de um modo terno, amável, de um modo que a deixara ligeiramente revoltada. (Era uma pena, pensou, que até na infidelidade ele fornecasse como um homem casado.) Mas tinha de admitir que parte dela sentia uma pontinha de tristeza. Não que ela desejasse propriamente a companhia dele. Mas tinha apreciado estar na sua órbita, mesmo que apenas durante algumas horas. Tinha gostado do hotel Bowery. Tinha gostado das palhetas de colarinho dele. Tinha gostado de ter captado a atenção do marido de Ingrid Thorne.

Florence não foi a casa pelo Natal. Disse à mãe que os voos eram demasiado caros, ainda que houvesse tarifas na JetBlue a partir de setenta e cinco dólares.

No dia de Natal, apanhou o metro até ao hotel Bowery. O *lobby* — uma divisão ampla, extensa, totalmente aberta até à zona do terraço envidraçado — servia também de bar, mas a maioria das mesas estava vazia. Sentou-se num cadeirão gasto forrado a veludo amarelo e fez deslizar as mãos pelo tecido, para cima e para baixo. Quando a empregada de mesa chegou, Florence pediu um copo de *Glenlivet* que custava catorze dólares.

Pousou o livro — *Lancha Rápida*, de Renata Adler — e o caderno na mesa em frente dela, mas não abriu nenhum dos dois. Em vez disso, examinou cuidadosamente o ambiente que a rodeava. O hotel tinha o aspeto de um antigo posto avançado britânico nalguma colónia exótica: quadros cobertos de fuligem, chão de tijoleira, tapetes antigos. Havia coroas e grinaldas penduradas em honra da quadra.

A atenção dela pousou num homem mais velho, que envergava um fato completo e em cujo bolso da lapela despontava um lenço roxo. Estava a observá-la. Quando o olhar de ambos se cruzou, ele ergueu-se da cadeira com esforço e caminhou num passo arrastado até ela.

Aproximou-se dela. Cheirava a álcool e a água-de-colónia.

— Judia ou misantropa? — perguntou numa espécie de grunhido quebradiço.

Florence olhou para ele com aversão, mas não respondeu. Mantiveram os olhos postos um no outro, em silêncio. Ele foi o primeiro a quebrá-lo:

— Ah, não seja assim, querida. Não queria ofendê-la. Eu sou as duas coisas, sabe? Duas vezes melhor.

Soltou um riso seco que se transformou em tosse. Tirou o lenço do bolso e segurou-o em frente à boca. Qualquer coisa húmida escureceu as dobras do tecido.

A empregada que tinha servido Florence aproximou-se e pôs a mão nas costas do homem:

— Muito bem, vamos deixar esta senhora desfrutar da sua bebida em paz, sim?

Conduziu atenciosamente o homem de volta ao seu lugar junto à lareira enquanto ele murmurava:

— Ela não é senhora nenhuma. Nem pensar.

Florence terminou o *whiskey* de um trago e foi até à casa de banho. Observou o seu reflexo no espelho. Havia duas torneiras, uma para a água quente e uma para a água fria. Manteve a mão por baixo da torneira da água quente até não aguentar mais. Descobriu durante a faculdade que este ritual em particular era o melhor remédio para a raiva e para o desespero. Depois regressou à sua mesa, deixou lá uma nota de vinte e iniciou o caminho de regresso à estação de metro.

Vera passou o Natal com a sua melhor amiga, Gloria, e os dois filhos desta. Nessa noite, contou a Florence como tinha sido:

— Tenho a certeza de que não ficaram radiantes por terem uma chata como *eu* colada a eles o dia todo, mas é óbvio que a Gloria não me ia deixar passar o dia

sozinha. Não que eu te culpe por não teres vindo a casa. Mas, sabes, a Gloria nunca quer ver ninguém a sofrer. E a Grace, a filha mais velha dela! Nem vais acreditar. Está à frente da sucursal de Tampa da Gold Coast Realty. Do escritório todo! Já viste? Uma empresa que está no país todo! E *mais* quatro filhos.

*

— Tenho quase a certeza de que a Gold Coast Realty não é uma empresa de nível nacional — respondeu Florence. — Se tem *Gold Coast* no nome.

Vera exalou de forma audível.

— Tudo bem. Percebo que isso não seja suficientemente admirável, na tua opinião. Quatro filhos e um emprego com um salário anual de seis dígitos. E no meio disto tudo ainda teve tempo de me comprar um presente de Natal.

— Eu comprei-te um presente de Natal — atalhou Florence, num tom defensivo. Ela enviara à mãe os contos reunidos de Lydia Davis. Sabia que, muito provavelmente, a mãe não iria sequer abri-los, mas algo dentro dela ainda desejava com ardor que a mãe viesse a mudar. Sentir vergonha da mãe não era algo que lhe agradasse.

— Bom, querida, tu és da família, é claro que compraste. De qualquer maneira, nem imaginas o que ela me deu!

— O quê?

— Um espiralizador!

— Eu não sei o que isso é — a resposta de Florence chegou num tom desinteressado.

— Sabes, pois. Faz esparguete que não é *massa*!

— Garanto-te, mãe, que não sei o que é isso.

Vera voltou a suspirar.

— Está bem, querida, vou deixar-te regressar ao teu estilo de vida fabuloso em Nova Iorque.

Florence esfregou o rosto com a mão. Não queria tratar a mãe assim, mas tinha dificuldade em controlar-se.

— Desculpa, mãe. Tenho a certeza de que é um presente ótimo.

A mãe ficou satisfeita. Não tinha sido preciso grande esforço.

— É mesmo. Da próxima vez que vieres a casa, faça-te massa de curgete. Sabe ao mesmo que a massa de verdade. É incrível.

— Fixe.

— Ah! Sabes quem é que eu encontrei no outro dia? O Trevor! Uma simpatia de rapaz. Veio ter comigo de propósito para me dizer olá, no centro comercial.

Florence sentiu a sua contrição a evaporar.

— Mãe, tu desprezava-lo completamente.

Trevor tinha sido namorado de Florence durante o secundário, e a mãe dela sempre a incitara a terminar o namoro. Grande parte da razão pela qual ela se manteve com ele durante mais de dois anos tinha sido para negar essa satisfação

à mãe. A única coisa que ela e Trevor tinham em comum era a convicção — sentida de forma indubitável, mas raramente expressa — de serem ambos mais espertos do que toda a gente. Não era surpreendente que esse vínculo se viesse a revelar demasiado frágil para os manter unidos assim que deixaram a casa dos pais.

— Ah, não digas isso, nunca o desprezei — disse Vera. — Ainda assim, ele agora é um engenheiro todo importante na Verizon, e fartou-se de perguntar por ti. Não queria acreditar que estás em Nova Iorque.

— Mas aqui estou eu — disse Florence, num tom seco.

— Devias ligar-lhe.

— Para quê?

— Era simpático da tua parte, só isso.

Florence sabia que não era só isso, mas ficou-se por ali. Não morder o isco seria o seu verdadeiro presente de Natal para Vera.

— Está bem, mãe, talvez ligue. Gosto muito de ti. Feliz Natal.

— Eu ainda gosto mais de ti, minha querida.

O escritório da Forrester estava fechado entre o Natal e o Ano Novo, e Florence tinha planeado aproveitar esse período para trabalhar na sua escrita de ficção. Contudo, durante toda a semana foi perseguida pelo problema que tinha desde que se mudara para Nova Iorque há quase dois anos: não conseguia escrever. Nem uma palavra sequer.

Era a primeira vez que ela se defrontava com um bloqueio criativo. Depois de ter terminado o curso, ficara em Gainesville e trabalhara numa livraria para se dedicar à escrita por inteiro. Sempre que não estava na loja, estava sentada ao computador, a teclar freneticamente. Muitas vezes escrevia noite dentro, enquanto bebericava potes e mais potes de *noodles* de micro-ondas. Descobrira durante a faculdade Robert Coover e Donald Barthelme e Julio Cortázar. Ler estes autores fê-la sentir que podia avançar para um mundo diferente, onde as restrições da vida normal se desvaneciam, os laços entre causa e efeito eram cortados, e à sua frente havia apenas liberdade. Esta ideia pareceu-lhe empolgante — uma realidade na qual ela escrevia as regras.

Terminou durante esse período diversas histórias incomuns, perturbadoras. A sua favorita era a de uma mulher que foi devorando o marido aos poucos, ao longo de muitos anos, até o consumir por inteiro. Quando Vera a leu, assinalou aquilo que, para ela, era um erro fatídico de lógica:

— O marido não iria *reparar* que a mulher o estava a comer, e chamar o 112?

Durante este período de biscates pós-faculdade, a mãe tinha-a instado quase diariamente a procurar um emprego a sério. Praticamente dois anos mais tarde, depois de inúmeras respostas de rejeição de várias publicações literárias, Florence tinha obedecido à mãe. Enviara candidaturas para todas as vagas editoriais que encontrou e aceitou a primeira oferta que recebeu: a de assistente editorial na Forrester Books.

Pouco tempo depois, a sua produtividade cessou de forma abrupta. Conseguia localizar com precisão a origem deste problema: tinha sido numa saída à noite, durante a sua primeira semana em Nova Iorque. A maioria dos empregados mais

jovens da Forrester juntava-se nas sextas-feiras à noite para beber um copo no Red Lark, um bar junto à entrada para o Holland Tunnel. Era um local pouco limpo, onde os balcões peganhentos garantiam aos financeiros ricos que viviam em Tribeca que, apesar dos fatos e dos nutricionistas e dos quartos de brinquedos que tinham lá no alto dos seus apartamentos de luxo, ainda eram pessoas fixes. O pessoal mais jovem da Forrester ia lá porque os jarros custavam cinco dólares entre as cinco e as oito.

Na primeira sexta em que Florence foi, um grupo que se dirigia para o Red Lark estava reunido junto aos elevadores às seis horas, e ela e Lucy tinham-se aproximado silenciosamente das franjas. Por mais que Florence detestasse admiti-lo, sentia-se tão intimidada quanto Lucy. As novas colegas eram confiantes e ávidas leitoras. Sentiam-se em casa em festas literárias com escritores de renome. Usavam vestidos justos e joias *vintage*. No meio delas, Florence sentia-se uma impostora.

Amanda Lincoln era a líder, por autonegação. Crescera em Nova Iorque, filha de um colunista no *New York Times* e de uma agente literária de êxito que fazia parte da direção da Biblioteca Municipal. Depois de ter estudado em Dalton, tinha ido para Yale, e mais tarde fizera um estágio na *Paris Review*. Por outras palavras, o seu *pedigree* era imaculado. Muito provavelmente nunca na vida pusera um pé num local como Port Orange.

Depois de o grupo se ter instalado numa mesa grande, nas traseiras do bar, Amanda ergueu o copo e disse «Tchim-tchim!». Florence e Lucy entreolharam-se com alguma incerteza, mas murmuraram «Tchim-tchim!» com os restantes.

A assistente de Simon, Emily, uma jovem simpática do Midwest, voltou-se para as recém-chegadas, para as integrar no grupo:

— E vocês? São de onde?

— Amherst — respondeu Lucy, numa voz que mal se ouvia.

Amanda interrompeu:

— Andaste na escola lá? O meu irmão andou. Na Stewart Lincoln?

Lucy disse que sim com a cabeça, mas não ficou claro a que pergunta respondia, e não disse mais nada. Emily perguntou a Florence:

— E tu?

— Eu estudei na Universidade da Florida. Gainesville.

— Ah, que fixe — respondeu Emily. Todos os que estavam sentados à mesa assentiram com a cabeça, em solidariedade. Florence podia ter acabado de dizer que tinha cancro, dada a diplomacia exagerada da reação deles. Quase todos eles tinham frequentado universidades da Ivy League, ou suas equivalentes.

— Conheces a casa do Hemingway em Key West? — perguntou Fritz.

Florence abanou a cabeça.

— É incrível. Têm lá gatos com seis dedos nas patas que são descendentes do verdadeiro gato com seis dedos dele.

— Meu Deus, não me digas que ainda estamos a fingir que o Hemingway é relevante... — disse Amanda. — Isto é o quê? Uma aula de Inglês do nono ano?

Fritz revirou os olhos.

— Credo, Amanda, eu só disse que ele tinha um gato com seis dedos nas patas.

Um pouco mais tarde, quando já estavam na segunda rodada, um homem de meia-idade envergando uma *kurta* laranja passou por eles a vender rosas. Ao vê-lo, Amanda exclamou:

— Não há no mundo nada mais piroso do que uma rosa vermelha. Alguém devia dizer àquele homem para começar a vender peónias. Assim teria mais saída.

Todos se riram à exceção de Florence, que fitou Amanda em silêncio, ligeiramente surpreendida. Quem é que não gostava de rosas vermelhas? E, já agora, quem é que não gostava de Hemingway? Como é que esta rapariga, que era da mesma idade de Florence, conseguia defender opiniões tão blasfemas de um modo tão altivo?

E aquilo continuou. Durante o resto da noite, Amanda foi lançando referências culturais que, até ao momento em que Florence as procurou no Google mais tarde, mais pareciam uma série de sílabas desordenadas: Adorno, Pina Bausch, Koyaanisqatsi.

Na Florida, Florence estava habituada a ser a pessoa mais sofisticada nos seus círculos. Mas naquele bar encardido sentiu-se inadequada — estúpida, mesmo — pela primeira vez na vida. Tinha vivido alegremente até então, convencida de que sabia mais do que toda a gente, e de repente percebia que não sabia nada. Se a tivessem interrogado nessa manhã, ela teria dito que rosas vermelhas eram uma das coisas mais elegantes que ela podia imaginar. E nem sequer sabia que era possível difamar Hemingway.

No dia seguinte, olhou fixamente para a página em branco e sentiu algo estranho: medo. Se as rosas vermelhas eram pirosas, haveria mais coisas sobre as quais ela estivesse errada? Quantos outros erros embaraçosos iriam surgir no que quer que ela escrevesse? E, já agora, será que podia pensar sequer em escrever um romance sem ter lido Adorno primeiro?

Releu as suas histórias antigas e pareceram-lhe infantis e pesadas. Na verdade, sentiu-se grata por Amanda Lincoln, essa lambisgoia convencida, lhe ter mostrado o pouco que sabia antes de ela se ter humilhado a si própria.

A obtenção da grandeza parecia agora só mais uma hipótese entre tantas outras, ao invés de um plano divisado por Deus. Era perfeitamente possível que ela viesse a tornar-se editora, em vez de escritora. Ou que regressasse à Florida, para vender casas ou empréstimos bancários. Não havia garantias. Nada lhe era devido.

A sua individualidade escorregou por ela como um casaco se desprende das costas de uma cadeira. Florence já ultrapassara a rapariga que fora na Florida, mas como é que alguém constrói uma personalidade nova? Florence experimentou estados de espírito e personalidades como quem experimenta conjuntos de roupa. Num dia estava interessada em ser cruel. Noutro, queria ser objeto de veneração. Tinha muita fé no poder transformativo de umas botas novas, de um *eyeliner* líquido, e até — num dia terrível — de uma boina, como se a identidade pudesse ser absorvida de fora para dentro, como um penso de nicotina.

No dia em que encontrou Simon Reed na festa de Natal da Forrester, estava

em Nova Iorque há dois anos e ainda não tinha conseguido estabilizar um verdadeiro sentimento de si. Era um navio sem lastro, balouçando, descontrolado, nas ondas. Provavelmente tinha sido esta incerteza o que captara primeiro a atenção dele. Era um desses homens que não conseguem resistir ao apelo destas jovens de contornos incertos — porque ela não era certamente a única mulher de vinte e seis anos a atravessar um período de insegurança, tateando no escuro em busca da sua identidade.

Ele tinha seguramente consciência de que dormir com uma jovem assistente que trabalhava para ele poderia destruir tanto a sua carreira como a sua família. Porque o teria feito? Florence não se lisonjeava com ilusões sobre o seu próprio fascínio. Em vez disso, suspeitava de que ele sofresse de uma dependência crónica, não necessariamente de sexo, mas de se ver refletido nos olhos de mulheres jovens e inseguras — um homem poderoso, confiante, desejável. Além disso, era menos provável que uma mulher deste tipo levantasse ondas.

E ele tinha razão. Ela não levantara ondas nenhuma.

O escritório da Forrester reabriu a 2 de janeiro. Poucos dias depois, Agatha pediu a Florence que fosse entregar um saco cheio de livros que ela publicara recentemente a um autor que estava a tentar cativar. O escritor vivia na zona alta, no extremo leste da Eighty-Seventh Street. Era um dia surpreendentemente quente para janeiro, e Florence ficou contente por ter uma razão para se ausentar do escritório.

Depois de ter deixado os livros, não se apressou no caminho de regresso. Virou para sul e contornou todo o perímetro de um parque agradável que havia ao longo do East River.

Parou na Eighty-Fourth Street, onde havia uma multidão reunida do lado oposto da rua de uma mansão imponente. Eram todas mulheres, na sua maioria de pele escura. Uma envergava uma bata cinzenta de funcionária da limpeza por baixo do anoraque, como uma personagem numa peça de teatro. As poucas mulheres de pele clara que havia no grupo conversavam entre si ou olhavam para os telefones.

As portas de dupla folha da mansão abriram-se, e uma torrente de meninas vestindo saias vermelhas às pregas convergiu para a saída como uma ferida aberta. Florence leu a placa dourada sobre a porta: Escola Harwick. As filhas de Simon andavam ali — lera sobre isso no perfil da mulher dele que saíra na *Vanity Fair*. Voltou a olhar para o grupo de mães que aguardavam pelas filhas, desta vez com mais interesse, mas Ingrid não estava entre elas. Florence ficou a observar, empoleirada num banco do lado oposto da rua.

Na sua maioria, as crianças foram conduzidas a autocarros que já as aguardavam; não aqueles autocarros amarelos em que Florence andara na Florida, mas os que têm bancos estofados a veludilho e uma casa de banho ao fundo. Segundo uma professora entroncada que tinha um apito ao pescoço, nem sequer eram autocarros: eram carrinhas.

— A carrinha número um parte daqui a cinco minutos, meninas! — gritou.
— Vamos, vamos!

Foi só depois de as carrinhas se afastarem, de as amas e as mães dispersarem com os seus encargos, e de as professoras regressarem à escola, que Florence se ergueu e iniciou a sua caminhada até ao metro.

De novo no escritório, estava Florence a picar a sua salada empapada em molho, quando Agatha gritou:

— Florence!

Florence correu até à porta do gabinete de Agatha:

— Sim?

— Tens a certeza de que isto tem uma dose extra de grão?

Agatha apontou com o garfo, incrédula, para a taça que Florence lhe tinha ido buscar ao Sweetgreen que havia ao fundo do quarteirão.

— Hum... tenho.

Ela tinha-se esquecido, na verdade, de pedir a dose extra de grão.

— A Clara não está satisfeita com isto — disse Agatha. — A Clara precisa do grão dela. A Clara vai obrigar a mãe a reincidir no húmus, quando chegar a casa.

Florence assentiu com a cabeça e sorriu. Depois, quando Agatha parecia estar à espera de mais qualquer coisa, Florence perguntou:

— Desculpe, quem é a Clara?

— Será que me esqueci de te dizer? O Josh e eu decidimos finalmente o nome.

— Clara? É bonito.

Agatha sorriu.

— Acho que a mãe do Hitler se chamava assim — acrescentou Florence.

Agatha congelou. Um pedaço de alface ficou pendurado no seu garfo de plástico, a tremelicar.

— O quê?

Florence tentou retroceder.

— Ah, bem, na verdade penso que se escrevia com capa. Dado que era austríaca e tal... — Agatha continua a olhar fixamente para ela, atónita e perplexa. — Ou vai ser Klara com capa? Também acho que é bonito.

Agatha abanou a cabeça lentamente.

— Não... com cê.

Florence não disse nada durante alguns momentos. Depois afirmou:

— Pois, os desejos das grávidas são estranhíssimos. A minha mãe diz que não conseguia parar de comer filetes de peixe quando estava grávida de mim.

Agatha começou a assentir com a cabeça, devagar:

— Sim. — Este era um assunto que lhe agradava. — Sim, diz-se que se as grávidas comerem peixe, os bebés ficam mais espertos, principalmente se for salmão, só é preciso estar atenta aos níveis de mercúrio. Esta era certamente a razão pela qual ela tinha desejos de peixe. A Mãe Natureza sabe o que faz.

— Ou então ganhava comissão do McDonald's... — disse Florence, a rir.

— Do McDonald's?

— Filetes de peixe... Do McDonald's...

— Ah, pensei que estavas a dizer filetes de peixe em geral. Eu nunca fui ao McDonald's, na verdade.

— Não pode ser — respondeu Florence. — Claro que já foi.

Agatha abanou a cabeça com franqueza.

— É óbvio que já foi ao McDonald's. Toda a gente já foi ao McDonald's.

— Eu não. Sabes a quantidade de hormonas que há naquela carne?

Florence podia apostar que todas as pessoas dos Estados Unidos da América já tinham comido no McDonald's. Como é que Agatha podia desprezar tão facilmente uma coisa que milhões de pessoas faziam todos os dias, sem sequer ter provado, e, ao mesmo tempo, recusar uma anestesia epidural por causa de meia dúzia de rapazes africanos que se autoflagelavam com canas?

Antes da festa de Natal, nunca ocorrera a Florence que pudesse estar numa posição que lhe permitisse formar uma opinião acerca de Agatha. Era mais nova, tinha menos experiência, um salário inferior, não era casada, não tinha filhos. Não possuía nada daquilo que Agatha valorizava. Mas o tom depreciativo de Simon no

bar ao dizer o nome dela — Agatha Hale — tinha aberto uma porta e revelado algo ridículo sobre ela. Esta nova perspectiva era desnorteante. Se Florence não respeitava Agatha, o que estava a fazer? Por que razão trabalhava ali? Será que isto a iria ajudar a ser escritora?

«Infeliz a terra que precise de heróis», dissera Amanda. Mas infeliz era também a terra onde o único herói era Agatha Hale.

Agatha saiu às cinco nessa tarde, mas Florence ficou no escritório a acabar um relatório sobre um manuscrito que lhe tinha sido entregue alguns dias antes. Às sete e meia, altura em que estava a enviar as notas por *e-mail*, o telefone da sua secretária tocou. Era Simon, e ela percebeu pela excitação mal contida na sua voz que ele tinha estado a beber.

— Florence! Estás aí! O que é que estás a fazer, a trabalhar a estas horas?

— Hum, a trabalhar.

— Mas isso é absurdo! Não devias estar a mourejar a estas horas. Vem ter comigo. É óbvio que tenho de te convencer a ter juízo.

— Vou ter contigo agora?

— Vem ter comigo há cinco minutos. Vem ter comigo ontem. Vem tão depressa quanto essas lindas pernas permitirem.

Florence cerrou os lábios para conter um sorriso.

— Pensei que tinhas tanto respeito por mim que não podias pôr-me nessa posição.

— Isso não pareço eu a falar. Não, na verdade, eu não tenho respeito nenhum por ti. Eu desprezo-te de um modo total e absoluto. A ti e ao Idi Amin: é essa a minha lista. Deixa-me mostrar-te a falta de respeito que tenho por ti.

— Estás a falar a sério? Agora mesmo?

— Nunca falei tão a sério. Encontramo-nos no hotel Bowery daqui a trinta minutos. Faça a reserva do quarto em nome de Maud Dixon. Que tal? É fácil de lembrar.

Florence pousou o auscultador e levou a mão ao rosto. Sentia calor. Pegou no casaco e na mala e apressou-se a sair do escritório, com uma leve esperança de que alguém lhe perguntasse se tinha planos para essa noite. Se ela tivesse contado a Lucy sobre o seu primeiro encontro com Simon, teria adorado informá-la sobre o segundo, mas tinha guardado esse segredo para si, antecipando o juízo e o desânimo que Lucy teria tentado — sem êxito — dissimular na expressão do rosto.

Florence não poupou dinheiro e apanhou um táxi para chegar ao hotel antes de Simon. Como ficara prometido, havia uma reserva em nome de Maud Dixon. Já no quarto, sentou-se numa cadeira junto à janela e tentou parecer relaxada. Será que se devia despir? Não, isso seria ridículo. Cruzou e descruzou as pernas. Desejou ter uma roupa interior mais interessante.

Uma hora depois, Simon ainda não tinha chegado.

Florence foi buscar o bloco que trazia sempre na mala e começou a escrever uma história sobre uma jovem que está à espera do amante. Arrancou a página e atirou-a para o lixo. Às dez, deitou-se. Ligou o despertador do telemóvel para as

seis. Teria de apanhar o comboio para ir a casa mudar de roupa antes de ir para o escritório.

Algumas horas depois, foi acordada pelo telefone do quarto.

— Florence, peço imensa desculpa — sussurrou Simon do outro lado.

— O que aconteceu? — perguntou ela, sussurrando também, sem razão para tal.

— O pai da minha mulher teve um ataque cardíaco. Eu não tinha o teu número de telemóvel.

— Ele está bem?

— Quem, o Bill? Não. Morreu.

— Oh.

— Pois.

— Podes vir agora?

— Não, tenho de ficar aqui. Escuta, isto é uma loucura. Uma loucura absoluta. Peço imensa desculpa. Nunca te devia ter arrastado para isto.

— Não faz mal.

— Faz. Mas obrigado por dizeres isso.

Desligaram o telefone, e Florence sentiu de imediato que fizera figura de parva. Por que razão tinha perguntado se ele podia vir agora? Soara tão carente. Como a mãe dela.

Voltou a deitar-se e fitou o teto. Esforçou-se por sentir alguma compaixão por Ingrid, mas era difícil conseguir sentir pena de alguém que perdeu algo que ela nunca tivera.

Há uma diferença fundamental entre uma perda e uma ausência. No fim de contas, Florence nunca tinha merecido compaixão por ter crescido sem pai. Pelo contrário, ela achava que isso a tinha manchado, de certa forma, como se não fosse digna de o ter.

Sobre o pai, só sabia o nome, arrancado à mãe num Dia de Ação de Graças, depois de ela ter bebido três quartos de uma garrafa de vinho tinto. Ela tinha esperança de que fosse um nome grandioso, como Jonathan ou Robert. Mas não. Era Derek, que era tão grandioso como um prédio forrado a vinil. O que é que aquele capa estava a fazer ali, todo pomposo na sua nudez, sem um cê anteposto? Bill era um nome muito melhor para pai.

Levantou-se e tateou, no escuro, em busca do comando da televisão. Nem por sombras conseguiria adormecer agora. Passando em revista os filmes disponíveis, deu de caras com *Harbinger*, uma pequena produção independente, com alguns anos, com Ingrid no papel principal. Escolheu a opção de adicionar o custo do aluguer à conta do quarto e carregou no *play*. Quando Ingrid apareceu, Florence carregou no botão de pausa no momento em que a câmara mostrava um grande plano do seu rosto, com a boca rasgada num sorriso seráfico.

Florence observou a mulher no ecrã à sua frente. Não, o que ela sentia por Ingrid não era pena. Era algo muito, muito diferente de pena.

Na manhã seguinte, não se deu ao trabalho de ir a casa mudar de roupa. Foi para o escritório com a mesma que tinha usado no dia anterior. Tinha dúvidas de que alguém reparasse.

No metro, foi espreitar a conta de Instagram de Ingrid. A foto mais recente mostrava uma jarra com narcisos, banhada pela luz do sol. A legenda dizia «Raiva, raiva pela morte da luz». Florence pensou que Bill não se enraivecera assim tanto com a morte — um ataque cardíaco soava a morte súbita —, mas valorizou a atitude. A publicação já tinha mais de quatrocentos comentários e dois mil «likes». Carregou, a medo, no botão de «like», depois entrou em pânico e voltou atrás.

Ocorreu-lhe uma ideia. Talvez Ingrid fosse ela própria à escola buscar as crianças nesse dia. Estariam elas demasiado fragilizadas para irem de autocarro? Para irem de *carrinha*?

Quando Agatha chegou ao escritório, Florence disse-lhe que tinha uma consulta nessa tarde.

Agatha assentiu com a cabeça, distraída:

— Sem problema.

Florence chegou à Harwick School faltavam dez minutos para as três. Sentou-se no mesmo banco em frente à escola onde estivera sentada no dia anterior, a ler *The Driver's Seat*, de Muriel Spark.

Quando as portas da escola se abriram, pegou no telefone e observou uma imagem das filhas de Simon que encontrara *online*. Tinha sido tirada num evento de angariação de fundos para um abrigo de cães de rua que ocorrera no verão anterior em North Fork. Na imagem, Tabitha, a filha mais nova, tinha no colo um *chihuahua* escanzelado e com um ar receoso, e Chloe, a mais velha, fazia com os dedos o símbolo da paz. Atrás das meninas, Simon e Ingrid sorriam, abraçados, com um ar sereno. Florence fez *zoom* em cada um dos rostos na imagem.

Ergueu o olhar para perscrutar a multidão de alunos reunidos no exterior. Uma professora de aspeto jovem estava a tentar conduzir os adolescentes até aos autocarros que os aguardavam, mas proferia os avisos num tom demasiado brando e não tinha qualquer efeito na turba desordenada. Florence conseguiu localizar Chloe num aglomerado de raparigas reunidas em torno de um *iPhone*. Calculou que estivessem no sétimo ou no oitavo ano. Os gestos de Chloe eram expansivos, como os de uma atriz de teatro, mas era mais gordinha do que se imaginaria a filha de Ingrid. Florence usou o *zoom* da câmara do telefone para a ver melhor e, depois, dado que já tinha o telefone na mão, tirou uma fotografia. Captou a imagem de Chloe em pleno riso, com a boca escancarada de um modo grotesco. Florence pensou que era pouco bonito da parte da rapariga estar tão animada imediatamente após a morte do avô. Interrogou-se sobre o que diria Ingrid, caso a visse.

Mas Ingrid não apareceu. As raparigas apressaram-se a entrar na carrinha

número um, e Florence ficou à espera até esta arrancar e desaparecer.

O resto do mês de janeiro desenrolou-se numa série de dias amenos, soalheiros, como uma expiação da agrura do dezembro gelado. Florence agradeceu a moratória — interpretou-a como um aval ao facto de agora passar uma ou duas tardes por semana em frente à Harwick School. Se lhe perguntassem, não seria capaz de apresentar uma justificação válida para estas viagens à zona norte da cidade: só sabia que alguma coisa a atraía constantemente para ali. Às sextas, quando a hora de saída da escola era à uma e meia, Florence ia durante a sua hora de almoço, ainda que demorasse praticamente uma hora a lá chegar.

Nos outros dias, inventava consultas que justificassem a sua ausência do escritório.

Sentada ali, sentia-se quase como se fizesse parte daquela vida. Uma vida que, em termos práticos, era melhor do que a dela a todos os níveis. Reparou que nos pés que ainda estavam a crescer havia sapatos tipo sabrina que custavam duzentos dólares. Reparou que os professores se imiscuíam nos grupos de alunos, em amena cavaqueira. Florence nunca tivera esse tipo de proximidade com os professores. Nem sequer vira os professores dela em amena cavaqueira uns com os outros. Alguém cuspira na cara da sua professora do sétimo ano; acertara-lhe em cheio na vista. A professora nem ralhou ao miúdo. Saiu da sala e não regressou até ao fim do período.

Toda a área em torno da Harwick School parecia protegida de tudo o que é feio e vulgar no mundo. Quando se vinha embora, Florence sentia-se sempre purificada e com mais energia, como se tivesse acabado de respirar oxigénio em estado puro.

Mas a verdade, caso ela a conseguisse admitir, é que ia ali para ver Ingrid, que viera substituir por completo o marido enquanto alvo do fascínio de Florence. As palhetas de colarinho de Simon já não a seduziam. Ele era um homem vulgar, com fraquezas vulgares. Ingrid, por seu lado, era uma verdadeira artista: bastava-lhe tremelicar uma sobranceira no ecrã, verter uma lágrima, e alguém a milhares de quilómetros de distância, talvez até anos mais tarde, conseguia sentir qualquer coisa. A química interna dessa pessoa alterava-se por causa de Ingrid. Que poder, esse — o de conseguir impor uma nova realidade a um perfeito desconhecido. Dominá-lo dessa forma. Era precisamente isso que Florence queria fazer com a sua escrita.

Passara as últimas semanas a ver filmes com Ingrid Thorne na conta de Netflix da sua colega de casa e a estudar cuidadosamente as fotografias dela que havia na Internet. Ansiava por poder ver Ingrid ao vivo. Queria convencer-se de que aquela mulher era real, de carne e osso como ela, porque ela e Ingrid estavam inextricavelmente ligadas; Simon tinha, no fim de contas, escolhido ambas.

No início de fevereiro, a sua persistência deu frutos.

Em vez de entrarem numa das carrinhas paradas, como de costume, Chloe e Tabitha correram, radiantes, para os braços abertos da mãe. Florence inspirou fundo. Ingrid envergava umas calças pretas justas e uma blusa branca com pregas

complicadas. O cabelo tinha sido cortado curto recentemente; um corte caro, sem dúvida. O rosto dela exibia mais rugas do que no ecrã.

O trio caminhou para oeste, com Ingrid no centro. Tabitha dera a mão à mãe e abanava o braço para trás e para a frente, extremamente radiante. Florence seguiu-as, meio quarteirão atrás, do lado oposto da rua. Quando Ingrid e as meninas apanharam o autocarro M86 na York Street, Florence teve de correr para o conseguir apanhar também. Ao subir para o autocarro, tinha a respiração ofegante. Algumas pessoas voltaram-se para olhar para ela, mas Ingrid, não.

A família apeou-se em Lexington Street e entrou num consultório na Eighty-Seventh Street. Florence obrigou-se a esperar um minuto completo antes de entrar também.

— Em que posso ajudá-la? — Uma mulher com cerca de quarenta anos, com o cabelo loiro descolorado, sorriu-lhe, expectante, por detrás do balcão da receção.

Florence deu uma olhadela aos panfletos que havia à sua frente. Estava no consultório de um ortodontista.

— Hum... Tenho consulta com o doutor Carlson — disse Florence.

Carlson era o nome do dentista a que ela ia em miúda.

— Peço desculpa, mas não há aqui ninguém com esse nome.

— Ah! Hum... Importa-se que eu me sente só um minuto para procurar o *e-mail*? Tenho o nome aqui algures.

A rececionista sorriu e fez que sim com a cabeça.

Florence sentou-se em frente a Ingrid e às raparigas. Elas tinham-se calado por minutos durante o diálogo de Florence com a rececionista, mas Tabitha recomeçou a falar.

Florence foi olhando para o telefone enquanto ouvia a menina contar uma história aborrecida sobre a aula de ginástica.

Depois o telefone de Ingrid tocou e ela disse:

— Espera um pouco, pintainho, tenho de atender esta chamada. — Deslizou o dedo pelo ecrã do telemóvel: — Olá, David. — Florence conseguia ouvir uma vozinha muito abafada de homem a sair do aparelho. Depois Ingrid interrompeu-o: — Isso é absurdo. Isso não faço... Não... Não... Então vamos tentar encontrar outra pessoa... Aquela que entrou na série sobre os assassinos? Sim, é boa ideia. Muito bem, liga-me depois.

Ingrid desligou a chamada e suspirou. O olhar dela cruzou-se com o de Florence e disse, revirando os olhos:

— Peço desculpa.

— Não há problema — disse Florence, e acrescentou: — Tem uma família adorável.

— Obrigada — Ingrid respondeu com um sorriso agradado, e olhou para cada uma das filhas à vez.

Ao ver o sorriso perfeito e imaculado de Ingrid, Florence cerrou os lábios, sentindo de repente vergonha do seu sorriso torto. Ela nunca fora a um ortodontista. Forçou-se a levantar-se do sofá e a abandonar o conforto da sala de espera.

Lá fora estava quase escuro e começara a cair uma chuva fria. Sentiu-se tentada a esperar pela saída da família de Simon, para a seguir até casa, mas não queria que Ingrid pensasse que ela a estava a perseguir. Além do mais, tinha de regressar ao trabalho. Quando dissera a Agatha que ia ao dentista tratar uma cárie — alegara um exame de rotina aos dentes na semana anterior —, esta não recebera a notícia de uma forma tão serena como até aí. Agatha tinha uma certa tendência para ser passivo-agressiva, algo que Florence não compreendia: se já estava numa posição hierárquica superior, por que razão não usava isso para obter aquilo que queria? Em vez disso, tinha atirado com um manuscrito para cima da secretária de Florence antes de sair para almoçar e exigira saber a opinião dela até à manhã seguinte, acrescentando mordazmente que esperava que ela «*conseguisse* ter tempo».

Este aparato pretendia claramente que Florence se sentisse mal, ou que tivesse pelo menos um leve tremor de ansiedade. Mas ela não sentiu nada disso. Pelo contrário, sentiu-se oprimida pelas expectativas totalmente banais de Agatha — manda um *e-mail* a X, telefona a Y —, como se Florence fosse uma agentezeca qualquer. Florence sentia vontade de agarrar nessas expectativas e de as torcer, como a um dedo mindinho, até que estalassem.

Este não era o emprego, nem a vida, que ela queria — o que era precisamente aquilo que Vera lhe dizia há anos.

Florence pensara que aplacaria Vera depois de ter conseguido o emprego na Forrester. Mas, pelo contrário, a mãe perguntara, com excessiva ênfase nas sibilantes:

— *Assistente?* Como uma secretária?

Florence tentara explicar que as coisas funcionavam assim, que qualquer pessoa no mundo literário começava como assistente editorial, mas tudo isso se revelou inútil depois de a mãe perceber que a filha iria ganhar menos do que ela própria.

E desta forma a tensão entre mãe e filha continuara a aumentar de cada vez que conversavam. Florence sentia que estava metida num esquema Ponzi: Vera exigia um retorno imediato do seu investimento, e Florence ia pagando, o mais que podia, em pequenas prestações de afeto e de desculpas, ganhando tempo até conseguir reunir o capital que lhe estava a dever.

Mas talvez ela tivesse assimilado da mãe mais impaciência do que pensava.

Algumas semanas mais tarde, Florence estava no elevador a caminho do escritório quando Simon impediu a porta de se fechar no último instante. Ele hesitou por um momento ao vê-la, como se desejasse não ter conseguido apanhar o elevador, e depois Florence percebeu porquê. Ingrid estava com ele. Simon recompôs-se e disse:

— Olá, Florence. Está tudo bem?

— Tudo bem, obrigada — respondeu. Ingrid tinha no rosto o sorriso expectante de uma mulher que aguarda que a apresentem.

— Ótimo — disse Simon. — Já conheces a minha mulher? Florence, esta é a Ingrid Thorne. Ingrid, esta é a Florence Darrow, uma das nossas assistentes editoriais mais promissoras.

— Muito gosto — disse Ingrid, apertando-lhe a mão com bastante firmeza. Não parecia reconhecê-la do consultório do dentista. — Tenho uma camisa quase igual a essa.

— A sério? — Florence corou. Tinha-a comprado depois de ter visto a de Ingrid.

Simon aclarou a voz e disse como resposta a uma pergunta que ninguém fizera:

— Pois, muito bem, na verdade, a Ingrid está aqui para se encontrar com uma amiga tua. Amanda Lincoln.

— A Amanda?

— Passei-lhe uma cópia do manuscrito da Amanda, e ela pensou que talvez fosse interessante transformá-lo em filme. Para ver como se sai na produção.

— O manuscrito da Amanda?

— Não ouviste dizer? A Forrester acabou de comprar o primeiro romance da Amanda.

— A Amanda vendeu um romance? — Florence sentia-se a patinar no escuro, sem conseguir fincar os pés no chão.

— É uma sátira absolutamente genial sobre as normas sociais do Upper East Side — disse Ingrid. Pronunciava as palavras com uma afetação que denotava requinte. Florence fez um esforço por se lembrar de começar a falar assim. — É divertidíssimo.

Simon enlaçou a mulher pela cintura, ternurento, mas depois retirou o braço de forma abrupta. O *ping* do elevador alertou-os de que tinham chegado ao piso de Florence. Ela aproximou-se da porta e aguardou, impaciente, por que esta abrisse para fugir dali.

— Boa sorte — disse, esmorecida, ao sair.

— Obrigada! — O tom da voz de Ingrid era alegre, e falara ao mesmo tempo que Simon:

— Continua a trabalhar assim!

Florence foi direita à casa de banho para pessoas com mobilidade reduzida e trancou a porta. Abriu a torneira da água quente, esperou que estivesse a esquentar e pôs as mãos lá debaixo até a pele ficar completamente encarnada. O romance da

Amanda? Que porra de romance? Olhou para o espelho. Tinha os olhos marejados de lágrimas.

— *Não te atrevas* — disse para o seu reflexo. Encostou as palmas das mãos, muito quentes, aos olhos. Quando as retirou, as lágrimas tinham-se dissipado, e conseguira pôr um sorriso no rosto.

— Assim está melhor — disse.

A caminho da sua secretária, fez um desvio para passar pela mesa de Lucy, que estava encolhida em frente ao ecrã, a ver fotos de cães disponíveis para adoção no *site* petfinder.com.

— Devias adotar um e pronto — disse Florence nas costas dela.

Lucy deu um salto na cadeira e levou a mão ao peito:

— Credo, assustaste-me — disse.

— A sério, porque é que não arranjas um?

Lucy fitou Florence como se esta tivesse sugerido dar um pontapé valente num órfão.

— Oh, não. Não posso. Trabalho demasiado. Não seria justo para o animal.

Florence abanou a cabeça. Nunca conseguia compreender as pessoas que se negavam aquilo que queriam. O problema dela é que as coisas que ela queria estavam constantemente fora do seu alcance.

— Já ouviste falar do romance da Amanda? — Lucy assentiu com a cabeça. — Porque não me contaste?

— Pensei que irias ficar chateada. — Lucy não tinha interesse em tornar-se escritora, mas sabia que Florence, sim.

— Chateada! — exclamou Florence, mais alto do que tencionara. — Por que razão haveria de ficar chateada? Podes ter a certeza de que não é o *tipo* de livro que eu teria interesse em escrever.

Florence não sabia absolutamente nada sobre o livro.

— Não, claro que não. Parece ser superfoleiro.

— Parece? — Florence estava ansiosa por saber. — Já o leste?

— Não, mas o Sam leu.

— O Sam idiota ou o Sam ruivo?

— O ruivo.

Florence apressou-se a ir procurar Sam, que prometeu que lhe iria enviar o manuscrito por *e-mail*.

— Na verdade, não é péssimo.

— Foi o que ouvi dizer — respondeu Florence, amargurada.

Florence passou o dia a ler o manuscrito no seu computador. Quando acabou, eram dez da noite. Agatha já saíra há muitas horas, tal como toda a gente no seu piso. Florence desligou o computador, mas não começou a arrumar as coisas para se ir embora.

Sam tinha razão. Não era péssimo. Pior ainda — era bom.

Florence pressionou os olhos com as palmas das mãos até ver estrelas. Não era justo. Amanda já tinha tudo. Agora ia conseguir também ser uma autora com obra publicada? Aquilo que Florence desejava mais do que tudo? *E* ia trabalhar

com Ingrid Thorne? Imaginou Ingrid e Amanda a jantarem juntas, numa proximidade justificada pelo trabalho. A conversarem sobre arte e inspiração. A falarem sobre Brecht, ou o raio que o parta.

O que é que Florence tinha? Um quartinho minúsculo num apartamento merdoso em Astoria? Uma mentora que preferia falar sobre a sua doula do que sobre dramaturgos alemães? Um caso de uma noite com Simon Reed, que provavelmente preferia que aquilo nunca tivesse acontecido?

Houve qualquer coisa nesse último pensamento que fez o cérebro de Florence dar um clique. *Que provavelmente preferia que aquilo nunca tivesse acontecido.*

O rosto de Florence deixou escapar um sorriso. Olhou em volta, viu o escritório vazio e começou a rir em voz alta. Como é que ela não tinha pensado nisto antes?

É claro que Simon gostava que aquilo nunca tivesse acontecido. Mas tinha. Ele sabia que tinha acontecido, e ela sabia que tinha acontecido. Como é que ela não reconhecera o poder que isso lhe dava? Por que motivo é que deixara que ele pensasse que ela era descartável? Porque é que ela se achara descartável? O pobre Simon tinha entregado o jogo no momento em que lhe pusera a mão na perna, naquele bar manhoso.

Se ele podia publicar o romance da Amanda, também poderia publicar o livro dela. Ela podia *obrigá-lo* a fazer isso. Iria reunir todos os contos que já tinha escrito numa coletânea, e isso seria o seu manuscrito. Não era ideal, conseguir ser publicada através de chantagem, mas nada na vida é puro. Uma pessoa não deita fora um bilhete de lotaria premiado só porque está um bocadinho sujo por andar na carteira.

Florence apressou-se até casa. Ficou acordada até às três da manhã a fazer pequenas alterações nas histórias que escrevera em Gainesville. Ao lê-las pela primeira vez desde que Amanda a convencera da sua ignorância, ainda conseguia identificar as falhas, mas agora conseguia também ver algo que lhe escapara antes: a alegria pura que tinha sentido ao escrevê-las. As horas pareceram segundos a passar.

De início, quisera ser escritora para que toda a gente soubesse que Florence Darrow era um génio. Contudo, durante os anos que passara em Gainesville, aquilo que mais lhe agradara tinha sido o entusiasmo de deixar de ser Florence Darrow. Durante breves períodos de tempo, em frente ao computador, ela punha essa identidade para trás das costas e tornava-se quem quisesse. Era um pensamento incrível: se ela conseguisse fazer isto de um modo exemplar — viver a vida de outra pessoa —, a vida dela poderia, finalmente, valer alguma coisa.

No dia seguinte fazia frio e estava sol. Às nove e meia, quando ela sabia que Simon estaria no seu gabinete, mas antes que as reuniões que ele tinha durante a manhã tivessem começado, apanhou o elevador para o piso superior. Emily, a assistente de Simon, não gostou quando Florence pediu para falar com ele. Emily era amorosa — tinha sido ela a tentar incluir Florence e Lucy na conversa naquela primeira noite no Red Lark — mas, tal como muitas assistentes, achava que a sua importância era proporcional ao prestígio do chefe. Ainda assim, foi espreitar

diligentemente para dentro do gabinete de Simon e, ao regressar, disse a Florence que podia entrar.

— Bem, Florence, a que se deve esta honra? — perguntou ele, abrindo as mãos como um ilusionista sem nada a esconder.

Florence falou-lhe dos seus contos e entregou-lhe as páginas que imprimira nessa manhã.

— Dado que estás a aceitar propostas da casa... — disse.

Simon pousou cuidadosamente o manuscrito sobre a mesa e deu-lhe uma pancadinha ao de leve. Parecia aliviado por ser este o motivo da visita dela.

— Excelente! — disse ele. — Vou tentar começar a leitura neste fim de semana. Estou ansioso.

Florence ficou de pé em frente à mesa dele por um momento, sem saber o que fazer a seguir. Sorriam um para o outro, sem dizerem nada.

— Está bem, então — disse ela, e saiu.

Nessa noite, Florence não conseguiu dormir. Ia ser uma autora publicada!

Durante todo o fim de semana, imaginou-se a viver num apartamento lindo, com janelas de sacada, tapetes antigos e jarrões bojudos. Viu-se numa festa em que todos queriam conversar com ela. Imaginou-se vestida de preto e com as bochechas coradas, à luz das velas. Ouvia-se música *jazz*. Era inverno. Florence adorava o inverno; era o mais distante da Florida possível. Gostava de sair para a rua com três ou quatro camadas de roupa entre a pele e o ar cortante, de ver a respiração pairar no ar à sua frente. O manifesto da alma, costumava dizer o pastor Doug, da igreja da mãe, ainda que a temperatura em Port Orange raramente estivesse abaixo dos dez graus.

Na segunda-feira voltou ao gabinete de Simon, mas Emily informou-a de que ele estava numa reunião. Regressou à sua mesa, mas não se conseguia concentrar. Por fim, às cinco da tarde, chegou um *e-mail* de Simon. Florence leu-o de relance.

Tem algumas partes boas.

Tens talento, mas a tua escrita precisa de mais experiência de vida para lhe dar força.

Encontra a *tua* história.

Florence leu novamente o *e-mail*, na certeza de que lhe tinha escapado alguma coisa. Mas não havia mais nada. Ele dissera que não.

Florence estava sentada no parapeito da janela do seu quarto com os pés descalços pendurados para fora. Passava das duas da manhã, e as ruas lá em baixo estavam em silêncio, à exceção de uma fila intermitente de carros que percorria a Thirty-First Avenue. Florence bateu com os calcanhares contra a parede de tijolo rugoso e passou em revista as fotografias que tinha no telefone. Havia dezenas de imagens de Chloe e de Tabitha vestidas com o uniforme da escola, e algumas de Ingrid, tiradas no dia em que ela as fora buscar ao colégio. Florence fez *zoom* no rosto de Ingrid. Percebeu que as rugas que ela tinha em redor dos olhos eram rugas de expressão, causadas pelo sorriso.

Qual teria sido a anomalia algorítmica que lhe tinha dado vantagem sobre Ingrid Thorne, ainda que só por uma noite? O que é que Florence Darrow poderia dar a Simon que Ingrid não tivesse? Ela era fraca, desprovida de talento e patética. Era a antítese de Ingrid Thorne.

Bom, talvez tivesse sido por isso. Talvez Simon precisasse de uma folga. Tinha preferido papas de aveia a bife, só por uma noite. Tinha o maxilar cansado.

Que glutão, pensou Florence.

Conseguia, sem grande esforço, imaginar a vida dele. Dormir em lençóis engomados. Coleccionar primeiras edições. Pôr de lado gorjetas para o porteiro, por altura do Natal. Dormir com Ingrid. Dormir com Florence. Dormir com quem muito bem lhe apetecesse. A vida de Simon era exatamente como ele queria que fosse. Muito confortável. Muito organizada. Muito segura.

Ele nunca pensara que aquela noite — nem Florence, na verdade — viesse alterar o que quer que fosse na sua vida. E assim era. Ele ainda acordava de manhã nos seus lençóis engomados, junto à sua linda mulher. Tão... intocável. Imaculado.

Deu um gole no copo de *bourbon* que estava equilibrado no parapeito, ao seu lado. Ao engolir, sentiu que a bebida a aquecia por dentro, órgão a órgão, como se alguém percorresse as divisões de uma casa antiga acendendo as luzes.

Se eu conseguisse, ao menos, deixar-lhe uma pequena marca, pensou ela. *Nada de muito drástico. Só um arranhão na lente dos óculos, um lembrete irritante que o impedisse de ver a vida como algo inabalável e pristino e tranquilo. Um aviso para que se mostrasse grato por aquilo que tem.*

E, sem pensar duas vezes, anexou num *e-mail* para ele todas as fotos da sua família. Sorriu ao escrever a linha do assunto: *Tem algumas partes boas.*

Florence acordou na manhã seguinte com a sensação de que a pessoa que ela tinha sido até então caíra por inteiro, como uma unha do pé que se parte e é obrigada a ceder o seu lugar à unha nova que cresce por baixo. No seu lugar, estava agora alguém estranho e despojado, uma pessoa que se tinha vindo a formar ao longo de vários meses sem que ela se apercebesse sequer, até que a pressão se tornara demasiado forte para a conseguir conter.

Sentia-se com energia e com esperança, mas não estava iludida. Ela sabia que Simon não iria simplesmente mudar de ideias e publicar os contos. Isso era menos provável do que ele reencaminhar o *e-mail* dela para a secção de Recursos Humanos. Mas, para já, imaginar a expressão dele ao ver a mensagem era suficiente.

Assim que chegou ao escritório, percebeu qual tinha sido a opção dele. Havia no telefone uma luz vermelha a piscar que indicava uma mensagem de voz. Era o diretor de Recursos Humanos, a pedir que ela fosse ao seu escritório imediatamente. Três dias depois, um estafeta tocou à campainha do apartamento dela com uma notificação do tribunal. Florence não perdera só o emprego: Simon e Ingrid tinham interposto uma ação judicial contra ela.

Era natural que se sentisse envergonhada, ou com medo — não tinha quase poupanças nenhuma nem outros empregos em vista —, mas só sentia alívio e entusiasmo. Num momento de impulso, tinha aberto a pontapé uma saída de emergência no percurso de vida que tinha vindo a trilhar. Agora que estava do lado de fora, conseguia perceber o quão acanhado era.

Durante a faculdade, ela lera *O Imoralista* e sentira um arrebatamento de admiração quando Michel exprimiu o seu desdém pela «felicidade da lareira» — o conforto em vez da glória. Mas o trilho de uma vidinha simples e confortável era precisamente aquele que ela tinha vindo a percorrer. Uma vida como a de Agatha, basicamente. Ela queria algo maior, algo muito maior do que isso. Com um ato desmesurado, conseguira reapropriar-se da convicção de que havia algo maior à sua espera, algures. Só tinha de o alcançar.

Enviou as suas histórias editadas recentemente para dezenas de agências literárias. Estava convicta de que, com um agente ao seu lado, os editores iriam finalmente conseguir ver o seu talento. Consequira restaurar a fé que tinha no seu potencial. Que Deus seria cruel ao ponto de lhe dar aquela vontade de ser escritora, de tal modo profunda e inabalável, sem a dotar da habilidade para o conseguir fazer?

Procurou um advogado para perceber as implicações de abrir um processo por assédio sexual, mas a opinião dele foi que um júri não a iria ver com bons olhos.

— Pois, provavelmente, não — concordara, rindo por causa do desconforto dele.

Florence tinha 1100 dólares no banco, e devia 800 de renda no fim do mês. Ainda assim, não estava preocupada.

Era a primeira vez, desde os seus dezasseis anos, que estava sem emprego. E era

a primeira vez que se sentia livre do escrutínio da mãe; Florence ainda não lhe dissera que tinha sido despedida.

Não conseguia acreditar na felicidade que sentia. Estava, pela primeira vez, alinhada com o universo. Acreditava que o universo iria tomar conta dela. O destino iria intervir.

E assim foi.

Duas semanas depois de ter sido despedida, recebeu uma mensagem de voz de Greta, da Frost/Bollen, uma das melhores agências no ramo, que lhe pedia para devolver a chamada.

Antes de ligar, Florence respirou fundo várias vezes para aplacar qualquer sinal de desespero na voz. Greta atendeu o telefone num tom neutro, enrouquecido, que Florence tentou imitar ao explicar quem era.

— Obrigada por me ligar — disse Greta. — Telefonei-lhe porque um dos nossos autores está à procura de um assistente, e alguém falou em si.

Florence ficou surpreendida.

— Não me telefonou a respeito dos meus contos?

— Hã?

— Os contos que eu enviei?

— Ah, sim. Muito empolgantes; é também por isso que a estamos a contactar por causa deste cargo.

— Qual cargo?

— Antes de adiantar mais, vou pedir-lhe que mantenha sigilo sobre aquilo que lhe vou dizer.

— Claro.

— Conhece a escritora Maud Dixon?

— Está a brincar comigo?

— Não estou.

— Está a perguntar-me se eu quero ser assistente da Maud Dixon?

— Estou a perguntar-lhe se se quer *candidatar* ao cargo de assistente da Maud Dixon.

— Claro que sim.

— Ótimo — disse Greta, numa voz que parecia que nunca tinha achado nada ótimo na vida. — Antes de prosseguirmos, preciso de lhe fazer alguns avisos. Devido às circunstâncias extraordinárias — refiro-me, claro, ao anonimato da autora —, esta função tem várias limitações que lhe são próprias. Caso seja escolhida para a função, terá de assinar um acordo de confidencialidade. Este acordo irá impedi-la de revelar o verdadeiro nome da Maud Dixon, mas não só. Também ficará proibida de dizer que trabalhou com ela.

— OK.

Greta fez uma pausa antes de continuar.

— Eu quero garantir que compreende o que isto significa, Florence. Para o resto da sua vida, irá ter um buraco no currículo que, por motivos legais, nunca poderá justificar.

Florence estacou. A principal vantagem de se trabalhar como assistente de um

escritor era poder usar a sua rede de contactos para conseguir empregos posteriores, ou, com um pouco de sorte, publicar um livro. Sem isso, mais valia trabalhar a servir à mesa, onde ao menos se ganham gorjetas.

Mas seria preciso mais do que um acordo de confidencialidade para a fazer rejeitar uma oportunidade para aprender com um romancista de êxito e, talvez ainda mais importante do que isso, criar uma relação com o seu agente.

— Sem problema — respondeu.

— Muito bem. Então vou passar ao ponto seguinte. A autora não vive em Manhattan. Nesta fase do processo ainda não lhe posso dizer exatamente onde mora, mas ela ofereceu-se para disponibilizar alojamento ao candidato que assumir o cargo.

— Está bem.

— Está bem?

— Sim. Está bem.

Florence sabia — sabia mesmo — que o destino tinha intervindo para lhe enviar este emprego, que este era o próximo passo em direção ao corolário da grandeza que a aguardava. Greta poderia ter incluído mutilação física na lista de requisitos para o cargo e ainda assim Florence teria aceitado.

— Então pronto. Vou dar-lhe o endereço de *e-mail* para onde pode enviar o seu currículo. Tem uma caneta à mão?

No fim desse dia, Florence enviou o currículo e uma carta de apresentação ao assistente de Greta. No dia seguinte recebeu um telefonema para agendar uma videochamada com Maud Dixon.

— Está lá? Consegue ouvir-me?

— Consigo ouvi-la — respondeu Florence. — Mas não a vejo.

O seu próprio rosto via-se claramente numa janelinha no canto inferior do ecrã, mas o sítio onde estaria o de Maud estava em banco.

— Sim, bem... É essa a ideia do anonimato, não? — disse a voz do outro lado.

— Ah — Florence corou —, claro.

— Que luz é essa por trás de si? Mal consigo ver a sua cara.

Florence olhou para trás das costas. Tinha o candeeiro da secretária aceso. Desligou-o.

— Assim está melhor — disse Maud. — Que cabelo tão bonito, o seu.

Florence levou a mão ao topo da cabeça como que para garantir que ainda tinha a mesma trunfa encaracolada.

— Oh, obrigada.

— Então, conte-me coisas...

Florence fez o discurso que ensaiara sobre de onde vinha, sobre os escritores que estudara na universidade e de como tinha ido parar a Nova Iorque.

— Mas já não trabalha na Forrester? — perguntou Maud.

— Não. Concluí que já tinha aprendido tudo o que havia para aprender ali.

— Muito bem. E mais?

— Hum... Sou escritora. Ou, melhor, quero ser escritora.

— Isso é tudo muito bonito, mas eu não preciso de uma escritora. Preciso de uma assistente. Consegue transcrever texto a computador? Está disposta a cumprir tarefas aborrecidas? Consegue fazer investigação?

— Claro. Sim. A tudo isso.

— OK. E que mais me quer dizer sobre si?

Florence esforçou-se por pensar nalguma coisa que a fizesse sobressair.

— Hum... Fui criada por uma mãe solteira, como a Maud. — Apercebeu-se do erro que cometera. — Isto é, como a personagem do seu livro. Como a personagem Maud no livro que escreveu.

— Muito bem. E que mais?

— Não sei bem. Adorei o seu livro. Adorei a sua voz. Seria uma verdadeira honra poder aprender consigo. E ajudá-la em tudo aquilo que conseguir, naturalmente.

Houve um momento de pausa.

— E não se importaria de ir viver no meio do nada?

— Não me importaria de todo. Para dizer a verdade, estou um bocado farta de Nova Iorque.

— Sabe, uma vez ouvi um psicólogo comentar que sempre que um paciente usa a expressão «para dizer a verdade», é sinal de que está a mentir.

Florence riu-se, embaraçada.

— Eu não estou a mentir.

— Pois claro que não. Ainda que, pensando bem, um mentiroso fosse perfeito

para esta vaga, dado que não pode revelar a ninguém para quem trabalha.

Florence não sabia que tipo de jogo é que Maud estava a fazer, mas percebeu que não estava a conseguir acompanhá-la.

— Garanto-lhe que consigo guardar um segredo.

— Muito bem, já me deixou com vários aspetos sobre os quais refletir. A Greta irá entrar em contacto consigo.

Era só aquilo?

— Muito obrigada por me ter dado esta oportunidade — disse Florence, mas Maud já tinha desligado.

Florence fechou o computador e enterrou a cabeça nas mãos.

*

Na manhã seguinte, ainda estava na cama, às onze horas, quando o telefone tocou. Era Greta, que ligara para dizer que o lugar era dela, caso aceitasse.

— Está a falar a sério? — Não conseguiu evitar perguntar.

— Sim. Por que razão é que eu não estaria a falar a sério?

— Por nada, por nada. Muito obrigada. Eu aceito.

— Não quer pensar sobre o assunto?

— Não, obrigada.

— Muito bem. A Maud propôs o dia 18 de março como data de início. Esta data é boa para si? É bastante próxima.

Florence abriu a agenda no seu computador.

— Espere, na próxima segunda-feira?

— Com o tempo irá perceber que a Maud não é famosa pela sua paciência.

Florence fechou o computador.

— Tudo bem. Eu consigo começar no dia 18.

Combinaram um encontro para assinarem os papéis, alguns dias mais tarde.

Depois de ter desligado, Florence contemplou o quarto, atónita. Aquilo tinha mesmo acabado de acontecer?

Veio-lhe à memória uma fala de *O Fxxtrot do Mississípi*, quando Maud diz a Ruby, depois do assassinato: «Todas as pessoas nascem com uma quantidade diferente de vida em si, e consegue-se perceber quando a quantidade de alguém chegou ao fim. Àquele homem já não restava nada. Se eu não o tivesse matado, ele teria morrido de qualquer forma.»

Florence interrogou-se sobre se teria sido isso que Maud tinha visto nela: *vida*. A vontade de *viver em pleno*, a qualquer custo. No fim de contas, tinha sido precisamente isso que o emprego na Forrester lhe tinha deixado bem vincado: um medo atroz de ser insignificante e a noção de que uma pessoa pode descambar para uma existência banal e sem sentido sem sequer se aperceber.

Nesse momento, o telefone dela vibrou com uma mensagem da mãe: «Hoje dei o teu número de telefone ao Keith. Ele tem uma ideia mm boa para um livro!!!»

O telefone voltou a vibrar logo de seguida: «Duas palavras: Dragão. Cagador.»
Florence franziu o sobrolho.
Chegou uma terceira mensagem: «Caçador!!!! Cagador não.»
Florence desligou o telemóvel.

SEGUNDA PARTE

Florence estava na plataforma da estação ferroviária de Hudson e observou o comboio dela partir com mais ímpeto e violência do que imaginou que este seria capaz. Um monte de folhas e de embalagens vazias ergueu-se no seu rasto e voltou a pousar no chão com um suspiro. Florence cobriu o queixo com o cachecol. Estava mais frio ali do que no centro da cidade.

Protegendo os olhos da luminosidade intensa do sol de início de primavera, vislumbrou uma barreira de nuvens escuras a formar-se ao longe. Chuva. Pôs o saco de lona ao ombro e cambaleou ligeiramente por causa do peso. Lá dentro estava tudo o que ela possuía, menos a mobília. Tentara vender o colchão e a secretária no Craigslist, mas só se conseguira livrar deles depois de baixar o preço para zero.

Florence juntou-se à vaga de passageiros que partia em direção ao parque de estacionamento, o local onde combinara encontrar-se com Helen.

Helen. Era esse o nome verdadeiro de Maud Dixon: Helen Wilcox. Afinal não era mesmo um homem. Era uma mulher que, pelo menos segundo a investigação de Florence, não tinha historial de publicação, nem presença na Internet, nem nenhum vestígio de existência. Isto a não ser que fosse uma prodigiosa ginasta adolescente que vivia em La Jolla, na Califórnia.

Na semana anterior, Florence tinha-se encontrado com Greta no escritório da Frost/Bollen, que ficava num arranha-céus reluzente em Midtown. Greta era uma mulher imponente, perto dos setenta, com o cabelo grisalho pela altura do queixo, óculos de massa e uma postura impecável. Observara Florence em silêncio enquanto esta assinava um formulário fiscal, um contrato de trabalho e um termo de confidencialidade.

— Então e quantas pessoas é que sabem quem é Maud Dixon? — perguntou Florence quando Greta se levantou, indicando o fim da reunião.

Greta apontou com o dedo deformado para o seu próprio peito.

— Uma — virou o dedo para Florence. — Duas.

Florence ficou surpreendida.

— A Greta foi a única pessoa que soube durante todo este tempo?

— Que eu saiba, sim.

— Como é que é possível?

Greta sorriu friamente.

— Eu sou muito boa a guardar segredos.

— E a editora dela?

— Falam sobretudo por *e-mail*. A Deborah trata-a apenas por Maud. — Greta interrompeu o que estava a dizer. — A bem da verdade, tenho de admitir que não compreendo, por mais que me esforce, por que razão é que ela decidiu revelar-lhe a si, que é uma perfeita desconhecida, o segredo. Parece-me um plano que tem tudo para correr mal.

Florence não estava certa de como responder a isto.

— Eu não vou contar a ninguém.

— Espero bem que não. Acabou de assinar um documento que a proíbe legalmente de o fazer.

— Isso.

Apesar da frieza de Greta, Florence saíra do escritório da Frost//Bollen nesse dia cheia de entusiasmo. Ela sempre fora uma pessoa invulgarmente reservada — a exuberância da mãe tinha-a ensinado bastante cedo a criar espaços secretos dentro dela, onde pudesse estar sozinha e livre de escrutínio —, mas raramente era convidada a participar dos segredos de outras pessoas. Isto agora provocava nela um sentimento estranho — e inebriante — de poder. Pela sua natureza, todos os segredos têm em si a capacidade de destruir alguma coisa. Simon era prova disso.

Florence observou o parque de estacionamento. Tinha o sol nas costas, e a luz refletida naquele mar de cromados multiplicava-se em milhares de pequenas explosões que a impediam de ver. Todos os carros pareciam escuros e vazios. Para lá do estacionamento, havia alguns armazéns e edifícios abandonados, em vez da cidade pitoresca que Florence imaginara.

Passado pouco tempo, a porta do lado do condutor de um *Range Rover* verde e amassado abriu-se e apareceu uma mulher que fez menção de sair, mas deixou um dos pés dentro do carro. Tinha o cabelo loiro e curto, e um nariz comprido, volumoso, com uma protuberância ostensiva na zona do osso. Era um nariz que nunca poderia ter sido considerado giro, nem num bebé. O nariz era encimado por duas rugas de expressão entre as sobrancelhas que formavam um símbolo de aspas. A mulher usava um camisolão grosso de lã, como os dos pescadores, calças de ganga e um traço inesperado de batom vermelho-vivo nos lábios.

Helen protegeu os olhos com uma mão, o que lhe ensombrou o rosto. Com a outra mão, acenou a Florence. Florence devolveu o aceno e caminhou em direção ao automóvel.

— Olá, Florence — disse Helen, estendendo uma mão fria, de dedos compridos. Florence sorriu.

— Muito gosto em conhecê-la.

— Igualmente. Entra.

Helen girou o torso no lugar do condutor e observou Florence enquanto ela fechava a porta do carro e apertava o cinto de segurança. Florence sorriu, nervosa.

— Quantos anos tens? — perguntou Helen, por fim.

— Vinte e seis.

— Pareces mais nova. — Aquele comentário soava a uma acusação.

— Dizem-me isso muitas vezes.

— Sorte a tua.

Helen observou Florence durante outro momento, e de repente engatou a marcha-atrás e saiu do estacionamento.

Florence voltou o rosto para a janela e não disse nada. A intensidade do olhar fixo de Helen tinha-a deixado perturbada. Helen puxou pelo motor, e os edifícios em ruínas deram, de repente, lugar a uma autoestrada estreita, com duas faixas.

— A viagem demora cerca de dez minutos — disse Helen.

Florence tinha pesquisado o caminho: o Google estimara que iria demorar pelo

menos o dobro do tempo, mas ela compreendeu a discrepância assim que viu a velocidade a que Helen conduzia.

Viraram à direita, em direção à ponte que atravessava o rio Hudson. Florence reparou num painel que indicava uma «zona de espera para acompanhantes», mas resistiu ao impulso de fazer uma piada. Já tinha conseguido perceber que a mulher sentada ao seu lado não iria achar graça.

Quando atravessaram a ponte Rip Van Winkle, Florence olhou para baixo e viu os carris da linha do comboio no qual ela chegara a limitar a margem do rio.

— Cairo não fica bem em Hudson Valley — disse Helen, e continuou —, mas os agentes imobiliários gostam de dizer que sim. É mais em Catskills.

Pronunciou Cairo como *quei-ro*, e não como a cidade no Egito. Florence ficou contente por não ter sido ela a primeira a dizer o nome do local. Voltou a olhar de relance para o lugar do condutor. Helen estava a fumar um cigarro e ia batendo com dois dedos no volante, ao ritmo de uma canção de Lucinda Williams.

Florence olhou pela janela do seu lado e franziu o sobrolho quando passaram por uma sucata. Tinha imaginado um sítio mais agradável. Alguns minutos depois, passaram por um painel publicitário que anunciava A SUA FUTURA HABITAÇÃO, erguido sobre doze casas baratas e pré-fabricadas em blocos de cimento. Isto fê-la recordar-se da Florida mais do que qualquer coisa que ela vira em Nova Iorque até à data.

— O que é que motivou a sua vinda para aqui? — perguntou Florence.

— A solidão — respondeu Helen, sem se alongar.

Florence tentou pensar em qualquer outra coisa para dizer, mas nada lhe ocorreu. Os seus comentários anteriores tinham sido alvo de um exame tão cuidadoso — o que quer que dissesse iria indicar algo definitivo sobre o seu caráter e determinar o respeito que Helen iria ou não sentir por ela. Não conseguia decidir qual o tom adequado, nem o assunto. Tinha pensado dizer-lhe o quanto gostara de *O Fxxtrot do Mississípi*, mas essas palavras pareceram-lhe banais e ocas quando as ensaiou mentalmente. Helen, por seu lado, parecia satisfeita por continuar em silêncio.

Passado pouco tempo, as nuvens cobriram o céu, abafando o sol, e a luz adquiriu um tom bilioso. Florence viu um bando de pássaros pousar numa árvore apenas, como se uma rede a cobrisse. Algumas pingas grossas embateram no parabrisas ao mesmo tempo que Helen saiu da autoestrada e foi virando à esquerda e à direita até chegar a uma rua empedrada chamada Crestbill Road. Florence reconheceu o nome na morada que Greta lhe enviara alguns dias antes.

— Não vai durar muito tempo — disse Helen, e ligou os limpa-para-brisas. — Estas tempestades de primavera começam cheias de força, mas rapidamente se aborrecem e vão à vida delas. — E acrescentou com um relance para Florence: — Talvez tenham algumas semelhanças com os assistentes dos escritores.

— Ah, eu não faço tenção de ir à minha vida nos próximos tempos — garantiu Florence.

— E onde disseste às pessoas que ias?

— Como assim?

— Dado que não podias dizer a ninguém o emprego que tens. E eu acredito que não tenhas dito.

— Ah! Na verdade eu não disse nada a ninguém.

Helen ergueu as sobranceiras sem tirar os olhos da estrada.

— Não? Nem à tua família?

— Bom, só tenho a minha mãe. E ela pensa que eu ainda trabalho na editora.

— Não lhe disseste que saíste?

Florence encolheu os ombros. Não queria dizer nada que pudesse dar a entender o motivo da sua saída da Forrester. Helen insistiu:

— Não são muito próximas, é isso?

— Pois. Ela... Não sei explicar. Somos muito diferentes.

— Diferentes como?

Nunca ninguém lhe pedira de um modo tão direto que explicasse a relação que tinha com a mãe, e ela tinha dificuldade em encontrar as palavras certas. Por fim, disse:

— Sabe aquela mania que o Trump tem de falar constantemente em vencedores e vencidos?

Helen assentiu com a cabeça.

— A minha mãe também é assim. Está constantemente a catalogar o mundo de acordo com uma estrutura hierárquica muito rígida que criou na cabeça dela, e tem ideias muito fixas sobre o lugar que eu deveria ocupar. Todos os seus esforços, enquanto mãe, foram no sentido de me colocar num patamar suficientemente alto, e fica chateada quando acha que eu estou a sabotar esse investimento. Ela não consegue compreender que nós temos maneiras diferentes de catalogar o mundo, é só isso.

Helen não disse nada.

— Ela também votou no Trump — acrescentou Florence com um sorriso embaraçado —, caso não tenha sido óbvio.

— E tu, não, imagino...

— *Eu?* Credo, não! Está a falar a sério?

Helen encolheu os ombros.

— Como é que havia de saber?

— Não sou sociopata.

— Nem toda a gente que votou no Trump é sociopata.

Florence passara os dois últimos anos da sua vida rodeada de pessoas que defendiam precisamente o contrário.

— Aquilo que os liberais não são capazes de perceber — prosseguiu Helen — é que pessoas racionais e inteligentes são capazes de separar os seus defeitos pessoais dos seus planos de ação. É óbvio que ninguém vota nele para o cargo de melhor amigo.

— Então a Helen... — Florence mal conseguia acreditar que estava prestes a fazer esta pergunta. Os romancistas não votam em Trump! — Então a Helen... votou nele? — perguntou do modo mais calmo que conseguiu.

— Credo, não. Eu nunca voto.

— Ah.

Alguns minutos mais tarde, Helen virou à esquerda e entrou num longo caminho de acesso assinalado como propriedade privada. O trilho serpenteou pelo meio de um bosque denso durante quase quinhentos metros, até uma pequena casa de pedra com portadas verdes. No telhado, um catavento periclitante de cobre balouçava ao vento. A casa era totalmente diferente daquelas habitações térreas e feias pelas quais tinham passado no caminho.

— Foi construída em 1848 — disse Helen, vendo o olhar embasbacado de Florence. — Comprei-a há dois anos, quando comecei a receber os *royalties* de *O Foxtrot do Mississípi*.

A chuva caía desalmadamente, fustigando as roseiras que revestiam o alpendre. Helen disse a Florence que deixasse o saco na bagageira, e correram ambas para a porta da casa.

No alpendre coberto, Florence usou a manga para limpar o rosto ao mesmo tempo que Helen enfiava, com algum esforço, uma chave na velha fechadura. A porta abriu-se com um rangido, e Florence foi inundada por uma claridade imensa. As paredes, os tetos, o chão — todo o interior da casa, até onde se via — tinha sido pintado de branco, um branco denso, lácteo.

A entrada desembocava num pequeno vestíbulo. Havia uma mesa antiga de madeira encostada a uma parede, onde se amontoavam chaves e correspondência. Debaixo dessa mesa estavam dois pares de botas enlameadas. Pela porta que havia do lado esquerdo, Florence conseguiu vislumbrar uma sala de jantar. Helen conduziu-a pela outra porta para a sala de estar. Atirou com a mala para cima de um grande sofá coberto com uma colcha de linho. Um cinzeiro completamente cheio estava precariamente equilibrado no braço do sofá. Em frente do sofá havia uma otomana repleta de livros e uma lareira em tijolo com algumas brasas a fumar. Helen atirou outro pau para a fogueira, e uma nuvem de cinza e de fumo ergueu-se em protesto.

— Pronto, é isto — disse.

A mãe de Florence gostava de imaginar uma vida repleta de diamantes e dourados para a filha. Mas esta, *esta* era a vida que Florence desejava. Uma chávena de chá de porcelana azul e branca cheia de cascas de tangerina. Um emaranhado de ranúnculos brancos num jarro de loiça no parapeito da janela. Amanda tinha posto um dia uma jarra com flores daquelas na sua secretária. Toda aquela casa parecia um quadro de Vermeer. E estava *frio*. Rajadas de vento gelado faziam chocalhar as vidraças das janelas. Alguém dissera a Florence que o vidro é na verdade um líquido que solidifica muito lentamente, demora uma eternidade; é por isso que nas casas antigas as janelas são sempre mais grossas na base do que no topo. Seria isso verdade? Florence não queria saber. Do mesmo modo que não conseguia compreender a razão pela qual as pessoas estavam tão determinadas em descobrir a identidade de Maud Dixon, também não conseguia perceber a necessidade de explicar tudo, de transformar a poesia em factos. A poesia não era melhor? Por que razão se transformava algo belo em algo corriqueiro?

Helen levou Florence a visitar o resto do andar de baixo: uma sala de jantar

com uma mesa comprida repleta de livros e um computador portátil, um pequeno quarto de visitas com duas camas individuais cobertas por colchas de tons desmaiados, e uma cozinha com um lava-loiça antigo e enorme, de aspeto rústico. Helen pegou no jarro de uma máquina de café de filtro da marca *Mr. Coffee*, bastante amassada, que estava sobre a bancada e encheu duas canecas.

— Lá em cima há só o meu quarto, o escritório e alguns quartos livres — disse, apontando para cima. Pousou uma das canecas na bancada em frente a Florence sem oferecer leite ou açúcar. — Vais ficar na antiga garagem, que fica nas traseiras da casa. Não é nada de especial, mas espero que sirva.

Florence disse que estava certa de que serviria. Deu um gole no café e observou a chuva a escorrer pelo vidro. Tudo o que se via para lá da janela era um campo verde-acinzentado com algumas manchas indefinidas em tons de castanho.

Quando a chuva abrandou, Florence foi à bagageira buscar o saco e encontrou-se com Helen nas traseiras da casa. Seguiram um caminho de lajes de xisto cinzento cravadas no musgo.

— A pessoa que viveu aqui antes de mim era arborista — disse Helen. — Fez cruzamentos entre várias destas árvores. Por isso tenho algumas espécies raras por aqui: metade uma coisa, metade outra.

Florence observou uma das árvores a que Helen se referia. Não parecia uma espécie híbrida, mas sim duas árvores enxertadas de forma violenta.

Helen continuou a descrição do espaço.

— Ali há uma pequena horta com legumes, que eu me esforço por não destruir, e por trás daqueles pinheiros fica o meu maior e mais obscuro segredo — voltou-se para Florence com um sorriso de troça —, *a pilha de compostagem*. E antes que digas qualquer coisa, sim, eu sei que me transformei no mais absoluto *cliché* da *hippie* de Hudson Valley.

Florence sorriu, como sabia que era suposto fazer.

Chegaram à antiga garagem, que ficava a cerca de cem metros da casa principal. Para lá da garagem, uma fileira densa de arvoredos assinalava o início do bosque. A porta de entrada ficou presa quando Helen tentou abri-la, mas ela resolveu rapidamente o problema com um pontapé no canto inferior.

— Depois resolvo isto — disse ela. E logo a seguir: — Na verdade, é muito provável que não o faça, mas há coisas piores na vida do que uma porta empenada, não há?

Florence assentiu com a cabeça e entrou depois de Helen. O rés do chão da casa era um espaço aberto, com uma zona de estar e uma *kitchenette* num dos cantos. Havia um telefone de disco, cor-de-rosa, pendurado na parede ao lado do frigorífico. Ao espreitar a casa de banho, Florence viu uma banheira antiga, bastante funda. Uns degraus de madeira, mais parecidos com um escadote do que com uma escadaria, levavam às águas-furtadas, onde ficava o quarto. Florence adorou a casa. Nunca na vida tivera o seu próprio espaço — o seu próprio *edifício* — e este deu-lhe de imediato a sensação de ser o certo, como nunca tinha sentido.

Helen deixou-a para que se instalasse e disse-lhe que fosse ter com ela por volta das sete horas, para beberem um copo antes do jantar. Florence começou de

imediatamente a tirar as coisas do saco. Sempre fora muito organizada. Não conseguia ir dormir sem ter os sapatos bem arrumados, lado a lado, no armário.

Só demorou vinte minutos a guardar todos os seus pertences e a arrumar o saco de lona por baixo da cama. Sentou-se no sofá e abriu o caderno novinho em folha que comprara nessa manhã na estação Grand Central. Estava destinado ao grande romance que tinha planeado escrever enquanto morasse ali. Precisava de uma tela mais vasta do que a dos contos, decidira. Ficou a olhar para a página em branco durante alguns minutos. Escreveu a data e «Cairo, Nova Iorque» no topo da página. Depois de mais alguns minutos, fechou o caderno com um suspiro exasperado.

Bem, teria mais que dizer em breve. Depois de ter conhecido Helen Wilcox, tinha dúvidas de que a sua vida voltasse a ser monótona.

Decidiu abrir um livro, em vez de tentar escrever — andava há um mês a arrastar-se na leitura de Proust, fingindo estar a gostar mais do que era verdade —, mas rapidamente fechou esse livro também. Sentia-se agitada e sem saber o que fazer. Pensou em telefonar a Lucy, mas não tinha respondido a nenhuma mensagem da amiga desde que fora despedida. Florence não tinha querido ouvir as palavras de compaixão da amiga; preferira que a balança do poder permanecesse como costumava estar, claramente a pender para o seu lado. Além disso, nem sequer poderia gabar-se do seu novo emprego.

Se estivesse na cidade, talvez tivesse saído para dar uma volta ou acabado por ficar a conversar com Brianna e com Sarah na sala. Percebeu nesse momento a dimensão total do seu isolamento. Fechou os olhos e ficou à escuta. Apenas silêncio. Estava completamente sozinha.

Quando faltavam cinco minutos para as sete, Florence bateu ao de leve à porta da casa. Como não houve resposta, abriu a porta e entrou. Ouvia-se música na cozinha, por isso ela dirigiu-se para lá.

Helen tinha posto um avental por cima da roupa e estava a beber um copo de vinho enquanto fumava um cigarro e cortava tomate, parando de vez em quando para conduzir a orquestra com a faca que tinha na mão.

— Olá — disse Florence.

Helen voltou-se e cantou:

— *La tua sorte è già compitaaaaaa* — num tom alto e rouco, arrastando a última sílaba. Terminou com um trago de vinho. — Gostas de ópera?

— Hã... Não sei bem.

Na verdade, Florence só ouvia música clássica nos anúncios a carros.

— Ah, é divinal. Divinal! Eu vi o *Il Trovatore* no Met, o ano passado. Da próxima vez que for, levo-te. Toma, um copo de vinho.

— Obrigada. — Florence aceitou o copo que lhe era oferecido e tentou esconder a alegria que se apoderava dela quando pensava em poder assistir a um espetáculo de ópera com Maud Dixon. — Posso ajudá-la a preparar o jantar?

— Não, eu sou completamente obcecada por manter as coisas sob controlo na cozinha. — Ergueu um tomate-cereja entre o polegar e o indicador. — Sabes como se chama isto em francês? Corações de pombo. Não é fabuloso? Não descreve precisamente a forma que têm? Nunca mais vais conseguir olhar para um pombo sem imaginar o coraçãozinho em forma de tomate a bater no seu peito inchado.

— Às vezes a minha mãe diz que há pessoas que têm coração de pombo — disse Florence. — Pessoas que ela considera fracas.

— Pessoas com coração de pombo — repetiu Helen, apontando para ela com a ponta da faca. — É uma boa imagem. Talvez a roube. Recorda-me, tu cresceste no Sul? Todas as melhores expressões têm origem no Sul.

— Cresci na Florida. Nem cá nem lá.

— Sem problema. Cá e lá estão sobrevalorizados.

— Talvez.

Helen parou de cortar o tomate para dizer:

— É verdade. Não pertencer a nenhum dos lados dá-nos um verdadeiro poder. Conseguimos ver as coisas com mais clareza.

O que quer que estava dentro do forno estalou tão alto que Florence estremeceu.

— É o frango. Não és vegetariana, pois não? — Florence disse que não com a cabeça. — Graças a Deus! — exclamou Helen, e continuou com os movimentos rápidos da faca.

— E instalaste-te sem problemas?

— Sim, obrigada.

— Ainda bem. Amanhã começamos a trabalhar.

— O novo livro está a correr bem?

O rosto de Helen tornou-se sombrio.

— Vai andando — respondeu, de um modo vago.

— É uma sequela de *O Foxtrot do Mississípi*?

— Não. A história de Ruby e de Maud está oficialmente *finis*. — Helen ergueu a mão e simulou cortar o pescoço.

— Oh... — Florence sentiu o seu entusiasmo esmorecer um pouco. Tal como a maioria dos fãs de *O Foxtrot do Mississípi*, ela queria saber o que acontecia a seguir. — As pessoas vão ter uma desilusão.

— Pois, a minha agente diz-me isso diariamente. Ao que parece, estou a *dever* um final aos leitores.

Helen revirou os olhos.

— Não concorda?

Helen riu-se.

— Que lhes devo alguma coisa? Claro que não! Eu não devo nadinha a ninguém. Ela só quer que eu escreva uma sequela porque iria render mais dinheiro.

Tirou o frango do forno e trinchou-o com habilidade, colocando um peito e uma perna em cada prato. Levou os pratos para a mesa com a garrafa de vinho e uma saladeira. Fez um gesto para que Florence se sentasse. Florence perguntou quando poderia ler o trabalho mais recente.

— Em breve. Amanhã, talvez. Isto se conseguires decifrar a minha letra péssima, de galinha a esgaravatar, fruto de uma educação numa escola pública no Mississípi. — Disse que escrevia as primeiras versões em blocos de notas, daqueles de folhas amarelas, pautadas, à mão. Uma das tarefas de Florence seria passá-las para computador. — Já escrevi cerca de um quarto da minha primeira versão. Assim que comecei a escrever, percebi que este livro iria exigir muito mais pesquisa do que o primeiro. É aqui que tu entras. A história passa-se em Marrocos. Já lá foste? — Florence abanou a cabeça. — Há alguns autores que escreveram sobre Marrocos com mestria. Tahar Ben Jelloun e Paul Bowles, por exemplo.

— Desculpe, não li nada deles. Mas posso fazê-lo.

— Não tens de pedir desculpa. Vou dar-te uma lista de livros que será conveniente leres. Na verdade, vamos começar pela não ficção. Esquece o Ben Jelloun e o Bowles: seriam mais uma distração do que outra coisa.

— O livro é sobre quê?

— Ainda estou a afinar uma série de pormenores. Mas conta a história de uma mulher americana que deixa tudo para se mudar para Marrocos e trabalhar para uma velha amiga de infância. A partir daí, naturalmente, há uma série de reveses.

Helen sorriu. Florence, mais relaxada por causa do vinho, aproveitou a deixa:

— Queria dizer-lhe que adoro a forma como escreve sobre as relações entre mulheres.

Aquela era a frase que ensaiara mentalmente durante a viagem de carro desde a estação. Assim que acabou de a proferir, recebeu que tivesse soado tão banal como

temera na altura.

— Bem, isso é só porque não tenho grande interesse nos homens — riu-se Helen.

Caiu sobre elas um silêncio pesado.

— Não quero com isto dizer que seja lésbica — clarificou Helen. — Eu durmo com homens. Às vezes. Mas não estou interessada em manter um relacionamento com eles. Nunca encontrei nenhum que fosse... fascinante do mesmo modo que considero as mulheres fascinantes. Os homens são objetos rombos. Não têm *nuances* nenhuma. Um dos homens com quem saí... — continuou. — Tínhamos ido passar o fim de semana fora. No hotel, apercebi-me de que ele não fazia a mínima ideia de como dar gorjetas: não sabia quanto devia dar a quem nos ajudou com as malas, nem a quem nos limpou o quarto, nem ao porteiro. Passou o tempo todo a perguntar-me quanto devia dar, e quando, e a quem. Achei aquilo tão desconcertante. Percebi que nunca conseguiria estar com um homem que não sabe dar gorjetas. Mas depois, mais tarde, percebi que também não conseguia estar com um homem que desse gorjetas com facilidade e com gosto. Que presunção! Que satisfação! Então quem é que sobra?

— Talvez haja uma categoria intermédia, no que diz respeito às gorjetas? — arriscou Florence.

— Não. Não existe categoria intermédia de nada.

Florence conseguiu pensar em inúmeras categorias intermédias — toda a Humanidade lhe parecia uma categoria intermédia —, mas não disse nada.

— Categorias intermédias são para pessoas sofríveis — disse Helen, como se conseguisse ler os pensamentos de Florence.

Passado pouco tempo, nos pratos restavam apenas os ossos engordurados e os ligamentos da carne. Mas elas ficaram à mesa a terminar o vinho. A conversa perdera parte do formalismo inicial. Ouvia-se o zumbido ritmado dos grilos lá fora.

— Não a incomoda que ninguém saiba que foi a Helen? — perguntou Florence, quando não conseguiu resistir mais. — Que foi a Helen quem escreveu *O Foxtrot do Mississípi*?

— *Bene vixit, bene qui latuit.*

Florence assentiu com a cabeça e depois disse:

— Desculpe, o que quer dizer?

— É latim. Um verso de Ovídio. Significa: «Bem vive aquele que está bem escondido.»

— Oh.

Helen riu-se da atrapalhação de Florence:

— Não faças caso; estou a ser abstrusa sem necessidade. A resposta mais curta é *não*, não me importo que ninguém saiba que fui eu que escrevi *O Foxtrot do Mississípi*.

— Mas porquê? Qual a razão deste secretismo todo?

Helen acendeu um cigarro e desviou o olhar na direção da janela.

— Parece-te uma ideia tonta? A mim, não. Mas eu era nova. Escrevi *O Foxtrot*

quando tinha vinte e poucos anos. A tua idade, imagino.

Florence teve de interromper:

— Mas, espere. Só tem... trinta e três? Trinta e quatro?

Helen riu-se.

— Lá se foram as boas-maneiras. Tenho trinta e dois.

Florence ficou surpreendida; Helen parecia mais velha. Mas, agora que pensava nisso, havia muitos aspetos em *O Foxtrot do Mississípi* que a recordavam da sua própria adolescência. Alguns dos colegas de Maud e de Ruby tinham telemóveis; Bush era o presidente. Esta constatação trouxe com ela um sentimento de desânimo em relação à sua imperfeição; ela não estava nem perto de ter uma história para contar, muito menos um *bestseller*. Talvez fosse por isso que Helen lhe parecia mais velha; tinha alcançado muito mais.

— De qualquer forma — Helen prosseguiu, alheada do desconforto de Florence —, eu estava a viver em Jackson nessa altura, trabalhava como revisora numa editora de livros escolares. Escrevi-o quase por inteiro durante a minha hora de almoço. O que é mais incrível é que aquilo que eu mais queria era ir viver para Nova Iorque e tornar-me uma escritora famosa... mas com aquele livro, não. Aquele foi um livro que eu tive mesmo de escrever. Tive de o arrancar de mim para conseguir continuar a viver. — Voltou a olhar para Florence. — Sabes como é que uma pessoa se consegue livrar de uma ténia? — Florence abanou a cabeça. — Fechas-te num quarto sem luz, completamente às escuras, e ergues um copo com leite quente em frente do rosto. Depois a cabeça da ténia espreita pelo teu nariz, e tu tens de a agarrar o mais depressa que conseguires para a puxares. O meu processo de escrita de *O Foxtrot do Mississípi* foi exatamente assim: violento, doloroso, grotesco. Mas, em última análise, apaziguador.

»Eu não queria chegar a Nova Iorque com uma ligação a esse livro. Queria um novo começo, uma folha em branco. Queria ir para um sítio qualquer onde ninguém soubesse nada sobre Hindsville, no Mississípi.

Florence reparou no nome da cidade.

— Eu pensei que podia usar um pseudónimo para escrever esse livro e depois mudava-me para Nova Iorque e ia ter uma estreia brilhante como Helen Wilcox. Tinha um plano grandioso de escrever um romance gigante, uma saga multigeracional sobre uma família que atravessa o Oeste norte-americano no início do século xix. Mas, por mais voltas que desse para tentar começá-lo, faltavam-me sempre as palavras. Não consegui fugir à minha própria história.

Helen arrastou a cadeira com brusquidão e dirigiu-se a um armário que ficava ao lado do frigorífico. Tirou uma garrafa de *whiskey* e dois copos. Serviu-os desajeitadamente, entornando um pouco na bancada, e entregou um a Florence.

— Em todo o caso — continuou —, eu nunca previ o êxito que *O Foxtrot do Mississípi* iria ter. Não conseguia imaginar que uma pessoa sequer estivesse interessada naquele cantinho do país, quanto mais milhões. Enviei o manuscrito para agentes principalmente para poder deixar de olhar para ele, para me ver livre daquilo. Quando a Greta Frost me respondeu, eu ia caindo de costas.

»Mais tarde, quando o livro começou efetivamente a vender muito bem, a

Greta pagou-me um avanço ridículo para que eu escrevesse um segundo livro, isto com base em nada de nada: uma página com um resumo do enredo do qual eu mal me lembro. Isto já foi há mais de um ano. E é claro que eles pagam pelo nome Maud Dixon. É ela que tem o público. Se eu me chegasse à frente e admitisse quem sou, iria estragar tudo. As pessoas acham que querem a verdade, mas ficam sempre desiludidas. A verdade é invariavelmente menos interessante do que o mistério. Acredita, eu tentei convencer a Greta a deixar-me publicar com o meu nome verdadeiro, mas ela tem razão: não faz sentido nenhum. Estou presa a Maud Dixon para o resto da vida.

— E de onde é que veio o nome? — perguntou Florence.

Helen sacudiu a cinza do cigarro para dentro do prato.

— Do poema «Maud», de Tennyson. Já o leste? — Florence abanou a cabeça.

— Devias. É maravilhoso. É uma história de amor com uma mensagem subliminar negra e invulgar. Ele descreve Maud como «mácula imaculada, gelo temperado, nulidade esplêndida». Eu adoro isso.

— E Dixon?

— Da minha colega de quarto na faculdade. Era o primeiro apelido dela. — Helen encolheu os ombros. — Eu não a suportava, na verdade.

— E manteve-se em contacto com a Ruby, desde que se veio embora?

Helen fez um sorriso amplo, sem mostrar os dentes, um sorriso que Florence viria a reconhecer com mestria.

— Florence, é só um romance.

Já passava das onze quando terminaram as bebidas. Helen recusou a oferta de Florence para lavar a loiça.

— Bom descanso — disse ela, ao mesmo tempo que apagava um cigarro que tinha a ponta manchada de batom.

— Igualmente — respondeu Florence, contente por ter encontrado uma oportunidade para usar esta palavra. Tinha admirado o seu tom sofisticado quando Helen a usara na estação.

Florence caminhou até à sua casa ligeiramente embriagada. A meio caminho, na quietude da noite, olhou para trás. Havia luz em todas as janelas da casa principal, e Helen estava de pé junto ao lava-loiças. Tinha voltado a ligar a música e conduzia de novo a orquestra.

Florence sorriu: Helen era tudo aquilo que ela queria ser, e tinha-lhe sido dada a oportunidade de a examinar bem de perto. Florence prometeu a si mesma que não a iria desperdiçar.

Florence acordou às seis. Tomou um duche e deu um breve passeio pelo bosque que ficava para lá da casa, enquanto amanhecia. Quando regressou a sua casa, apercebeu-se de que a mãe lhe deixara uma nova mensagem de voz no telemóvel, que ignorou. Às nove dirigiu-se para a casa principal, onde Helen estava sentada à mesa da sala de jantar a ler o jornal.

— Há café na cafeteira — disse ela, sem erguer o olhar.

Quando Florence regressou com uma caneca cheia, Helen empurrou com o pé uma cadeira que estava à sua frente.

— Muito bem — disse. — Um batismo de fogo: eu tenho mais de cem *e-mails* para responder, e o que isto quer dizer, na prática, é que tu tens mais de cem *e-mails* para responder.

A maioria das mensagens, explicou, eram da Frost/Bollen: ou de Greta ou da sua assistente, Lauren. Eram convites para entrevistas e conferências, respostas a cartas de leitores, e por aí fora. Helen abriu o computador portátil que estava sobre a mesa e entrou na conta maud.dixon.writer@gmail.com. Depois fez girar o teclado para que ficasse em frente de Florence.

— Anda, respondemos ao primeiro as duas.

Florence abriu o *e-mail* mais recente. Era de Greta:

Olá, M.

Como estão a correr as coisas com a Florence?

Florence deu um riso nervoso.

— Se calhar é melhor escolher outro? — sugeriu.

— Toda a minha correspondência é responsabilidade tua — respondeu Helen.
— Toda.

— OK. — Florence aproximou os dedos do teclado, depois estacou e perguntou: — Espere. Ela chamou-lhe M. M de Maud?

— Sim. Não queríamos ter nada cuja segurança pudesse ser comprometida e que estabelecesse uma ligação entre o meu nome verdadeiro e a agente de Maud Dixon. Todo o cuidado é pouco. De qualquer modo, já estamos muito habituadas.

— Mas convém que eu assine os *e-mails* que envio, certo?

— Na verdade não tinha pensado nisso. Sim, não deve haver problema. O mais importante é que nunca uses o meu nome verdadeiro. Agora escreve.

Florence escreveu uma resposta no tom profissional e desapaixonado que Agatha lhe ensinara a usar.

Olá, Greta,

Está tudo a correr bem. Agradeço a tua preocupação.

Cumprimentos,

Florence

Olhou inquisitivamente para Helen, que leu a mensagem e revirou os olhos. Puxou o computador de volta para si e substituiu o que Florence escrevera por:

Entendemo-nos às mil maravilhas.

Carregou no «enviar» e virou-se novamente para Florence.

— Uma coisa que tens de saber: eu abomino moderação.

Além da correspondência de Helen, as tarefas de Florence incluíam auxílio à pesquisa e passar a computador os rascunhos por editar. Helen entregou-lhe uma pilha de páginas cobertas de gatafunhos numa letra grande e cheia de voltas.

— Tenho vindo a guardar isto para ti — disse. — Escrever ao computador aborrece-me de morte.

— Sem problema — disse Florence. Pôs as folhas junto ao computador e tentou não olhar para elas enquanto Helen continuava a falar.

Havia uma mulher que vinha uma vez por semana para fazer a limpeza e ir às compras, mas o resto da gestão da sua vida diária era da responsabilidade de Florence. Isso incluía pagar as contas: cartões de crédito, telefone, Internet, prestações do banco, tudo e mais alguma coisa, concluiu Florence. Helen entregou-lhe as senhas e dados de acesso às contas bancárias com uma descontração que denotava ingenuidade profunda ou confiança total. Florence decidiu escolher a segunda hipótese.

— Eu não gosto de me enredar no mundo exterior — explicou Helen. — Se não fosse tão inconveniente, seria uma verdadeira eremita. Além do mais, sou péssima com coisas logísticas. Uma vez marquei um voo não só para o dia errado, mas para o ano errado também. Deixo as letras pequeninas para quem tem a mente acanhada.

Florence olhou para Helen para ver se esta compreendia o insulto que acabara de lançar à sua nova assistente, mas Helen prosseguiu a lição.

Helen tinha outra conta do Gmail com o seu nome verdadeiro, à qual mostrou a Florence como aceder para poder gerir as diferentes contas associadas a ela. Florence deu uma vista de olhos pela lista de mensagens e viu principalmente confirmações de encomendas da Amazon, atualizações enviadas pelo banco e mensagens diárias com resumos das notícias do *New York Times*.

Às dez, Helen subiu para o escritório com o seu café e disse a Florence para começar a responder aos *e-mails* enviados para Maud Dixon. Florence abriu a mensagem mais recente. Fora enviada por Greta na manhã do dia anterior.

Olá, M.

A Deborah não me larga por causa do livro n.º 2. O que é que lhe posso dizer? Devíamos mesmo dar-lhes uma prova de boa-fé. Um primeiro capítulo. Um resumo com mais pormenores. Um cronograma. *Qualquer coisa*. Temos de falar sobre isto. Liga-me.

G.

Florence olhou em volta, sentindo-se culpada. Tinha a sensação de que Helen não queria que ela tivesse lido esta mensagem. Fechou-a rapidamente e marcou-a como «não lida». A mensagem seguinte também era de Greta, mas mais do género das que Helen lhe dissera que iria receber.

M:

A NPR quer-te no programa *Fresh Air*. Podes participar a partir daí. Podemos tentar usar aquele modulador de voz que eles têm. O que é que achas? Seria ótimo para recordar as pessoas do nome Maud Dixon — principalmente dado que o segundo livro vai sair tanto tempo depois do primeiro. Diz-me o que te parece. G.

Florence pensou que Greta tinha alguma razão, mas Helen tinha deixado tudo muito claro: a resposta seria sempre não. Concentrou-se para tentar falar pela voz de Helen e esquecer tudo aquilo que aprendera sobre as regras de cortesia profissional. Escreveu:

Greta,

A regra de não dar entrevistas mantém-se, sem exceções.

Sobrevoou com a seta do rato o botão «enviar», mas não carregou. Não foi capaz. Não conseguia enviar aquele *e-mail* a Greta Frost. Apagou aquilo que tinha escrito e em vez disso escreveu:

Olá, Greta

Infelizmente, a Helen não irá dar a entrevista à NPR. Espero que compreenda.

Com os melhores cumprimentos,

Florence

Carregou no botão de enviar. Quando regressou à caixa de entrada, o *e-mail* anterior de Greta — aquele sobre o segundo livro — tinha desaparecido. Florence olhou para o teto. Provavelmente Helen teria acabado de o apagar. Será que ela tinha outro computador no piso de cima?

*

Durante as horas que se seguiram, Florence limpou afincadamente os *e-mails* que Maud Dixon tinha em atraso. Permitiu-se apenas uma distração: entrar na conta Morgan Stanley de Helen. Os olhos dela nem queriam acreditar quando viram o saldo: pouco mais de três milhões de dólares. Florence sabia que *O Foxtrot do Mississippi* devia ter rendido perto disso, principalmente depois da venda dos direitos à televisão, mas ver efetivamente os números era outra coisa. Os míseros centavos que surgiam no fim tornavam o valor total muito mais real. Florence tentou pensar naquilo que faria com tanto dinheiro, mas a imaginação dela não colaborou. Só conseguia pensar que faria precisamente aquilo que Helen tinha feito: comprar uma casa, isolar-se do resto do mundo, cultivar tomate.

Às duas da tarde, Helen ainda não tinha descido. Florence preparou uma sanduíche com peru que encontrou no frigorífico, acabou o café e lavou a cafeteira. Quando regressou à sua secretária improvisada na mesa de refeições da sala de jantar, permitiu-se finalmente pegar nas páginas manuscritas que Helen lhe deixara.

Aqui estava ele. O próximo romance de Maud Dixon.

No topo da primeira página, Helen tinha rabiscado aquilo que Florence assumiu ser o título do capítulo, «A Era dos Monstros». Passou os olhos pelo restante texto, e percebeu de imediato que mal conseguia decifrar a caligrafia de Helen. Esforçou a vista para tentar ler a primeira frase:

Durante a noite o vento qualquer coisa e o tempo qualquer coisa, trazendo um céu qualquer coisa e...

Virou a página e também esta estava repleta de palavras que ela não conseguia decifrar:

Pôs-se à escuta, qualquer coisa se teria sido qualquer coisa: só ouvia o som interminável do mar a bater nas

rochas, tão afastado que parecia qualquer coisa encostado a qualquer coisa. Abriu os olhos.

O quarto estava banhado num radioso luar. Vinha de qualquer coisa, mas iluminava todas as qualquer coisa por cima da água. Saindo da cama, dirigiu-se à porta que dava para o qualquer coisa, só para se certificar de que estava fechada.

Florence pousou o manuscrito e mordeu a unha. Não sabia bem o que fazer. Transcrever aquele texto seria como jogar ao jogo do Cadáver Esquisito. Levantou-se e caminhou até às escadas. Helen ainda não a convidara a subir ao primeiro piso. Subiu apenas até metade da escadaria, de modo a conseguir ver parte do andar de cima. Todas as portas estavam abertas, exceto uma. Florence imaginou que essa fosse a do escritório de Helen. Continuou a subir, tremendo de cada vez que a madeira estalava, e encostou o ouvido à porta. Não ouviu nada, até que soou um estrondo repentino vindo de lá de dentro. Florence deu um salto. Parecia que algo muito pesado tinha sido atirado com força. Florence aguardou mais alguns segundos, e depois deu meia-volta e começou a afastar-se, em direção às escadas, sem fazer barulho.

Nesse momento, a porta abriu-se e Helen surgiu na ombreira. Parecia estar furiosa.

— O que é que estás a fazer aqui em cima?

— Desculpe, eu...

— Não pensei que fosse preciso dizer isto, mas parece que me enganei: não me interrompas quando estou a trabalhar. Tenho muita dificuldade em voltar a concentrar-me.

— Peço imensa desculpa. Vou voltar lá para baixo.

— Bem, já me interrompeste, por isso mais vale dizeres ao que vieste.

— É a sua caligrafia — disse Florence, mostrando a pilha de folhas. — Estou a ter alguma dificuldade em ler algumas partes.

— Oh, por amor de Deus! — Helen tirou-lhe as folhas da mão com brusquidão. Enquanto Helen olhava para as folhas, Florence espreitou para o escritório por trás dela e viu uma estante embutida na parede cheia até ao cimo e um tapete de aspeto turco bastante gasto.

— O que é que não consegues perceber?

Florence apontou com o dedo.

— Esta, e esta. E esta.

— Aqui diz *luminoso*. E isto: isto é só um «e» comercial.

— E esta? — perguntou Florence, apontando para outro gatafunho.

Helen aproximou o rosto da página e depois voltou a folha na direção da luz. Pouco tempo depois, exalou e devolveu o monte de folhas a Florence.

— Não sei, Florence. Tenta perceber o que lá está. Escreve a tua melhor hipótese e sublinha a palavra, ou isso. Depois eu tento perceber melhor.

Helen fechou a porta com força enquanto Florence repetia as suas desculpas. Florence regressou, pesarosa, à mesa da sala de jantar. Sentia-se ridícula. Olhou para a última palavra que Helen não conseguira descortinar. Começava com um pê, era só o que conseguia perceber. Voltou a ler a frase:

Mas quando ouvia as palavras «de força» serem usadas em relação a si, apesar de corresponderem à verdade e não terem intenção depreciativa, ela sentia-se imediatamente uma fera qualquer coisa, e essa sensação não lhe

agradou.

Florence bateu ao de leve com o dedo no lábio inferior. Predatória? Sim. Assentiu com a cabeça, resoluta. Escreveu essa palavra no documento digital do manuscrito e sublinhou-a, rezando para que tivesse feito a escolha certa — não só porque estava desejosa de ter a aprovação de Helen, mas também porque, percebeu então, ela a aterrorizava um pouco.

Durante os dias que se seguiram, Helen e Florence estabeleceram o seu ritmo. Florence chegava à casa principal entre as nove e as dez. Bebiam normalmente um café as duas, enquanto planeavam o dia. Caso contrário, Florence encontraria um bilhete na bancada da cozinha com uma lista das suas tarefas. Por norma, havia texto para passar a computador e correspondência à qual responder. Helen também queria que Florence lesse vários livros sobre a história e a cultura marroquinas, e que escrevesse um resumo daquilo que aprendera.

Helen emprestara o carro a Florence em duas ocasiões: para ir até Hudson buscar um livro do qual ela precisava e algumas garrafas do vinho de Châteauneuf-du-Pape que ela gostava de beber. De ambas as vezes Helen dissera a Florence que demorasse o tempo que quisesse e que aproveitasse o passeio.

Florence apercebeu-se de que Hudson propriamente dita era tão encantadora e pitoresca como ela tinha imaginado; só depois de se atravessar a ponte de regresso a Cairo é que as coisas começavam a ter um aspeto mais manhoso. A rua principal de Hudson, que tinham contornado na viagem de chegada, estava repleta de padarias, lojas de decoração de interiores e restaurantes soalheiros.

No entanto, na sua segunda visita, Florence começou a descortinar algum artificialismo no encanto da cidade. Parecia estar feita para pessoas que querem ter a experiência de viver no campo sem sentirem que deixaram Brooklyn. Além disso, o preço das toalhas de mesa com padrões em *batik* e dos objetos de arte *vintage* em madeira que aquelas butiques vendiam ficava muito acima das suas possibilidades. Conseguia perceber a razão por que Helen escolhera assentar em Cairo, que estava menos em voga.

Helen raramente ia à cidade. Na maioria dos dias, não saía de casa. Só duas semanas depois de ter começado a trabalhar ali é que Florence ficou sozinha pela primeira vez. Helen não dissera aonde ia, apenas que se iria ausentar durante algumas horas.

Alguns minutos depois de o carro de Helen se ter afastado, Florence fez uma coisa que desejara fazer desde que chegara: subiu furtivamente até ao primeiro piso e entrou no escritório de Helen. Havia uma janela de cada lado e o sol tornava visíveis os grãos de pó que havia no ar. Florence sentou-se na cadeira de Helen. A cadeira era forrada a cabedal de tom mostarda, com nervuras, e estava puída pelo uso. Florence deslizou a mão sobre o tampo de madeira gasta da secretária. Abriu a gaveta de cima e encontrou um computador portátil. Olhou rapidamente para trás, na direção da porta, tirou-o para fora e abriu a tampa. O ecrã iluminou-se, mas surgiu uma janela que pedia uma senha. Florence fechou-o rapidamente e pô-lo de volta no seu lugar. Recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Fingiu que aquele escritório era dela. Que tudo o que ela tinha para fazer era ficar sentada nesta divisão maravilhosa e escrever o que lhe apetecesse.

De repente, ouviu-se uma pancada vinda do andar de baixo e Florence largou a fugir, empurrando a cadeira de volta ao seu lugar. Cá em baixo, percebeu que o som tinha sido apenas a porta a bater com o vento. Apressou-se a subir novamente

para garantir que o escritório estava exatamente como o tinha encontrado.

Esta incursão interrompida ao piso de cima não bastou para saciar a sua curiosidade. Na verdade, dera-lhe alento. Florence vasculhou as mensagens de *e-mail* de Helen, em busca de qualquer coisa privada. Por fim, na terceira página, encontrou uma mensagem com «*Turandot?*» no assunto. Abriu-a.

Helen,

O que lhe parece a Turandot no dia 5 de abril? Sei que ainda no ano passado a vimos, mas dizem que esta produção é incrível. Diga-me qualquer coisa.

Sylvie

Florence fez uma pesquisa no Google pelo nome no endereço de *e-mail*: Sylvie Daloud. Pertencia a uma arquiteta que vivia em Nova Iorque. Florence procurou mais mensagens dela na caixa de entrada. Encontrou dezenas, quase todas sobre espetáculos de ópera. As respostas de Helen eram sempre tão educadas e tão formais quanto as de Sylvie. Afinal, nem sempre abominava a moderação, pensou Florence.

Florence teve de recuar no tempo na lista de mensagens até ao mês de novembro para conseguir encontrar um *e-mail* privado que não fosse de Sylvie.

Helen!!! Espero que esta conta seja tua. Acabei de encontrar a Daphne e ela deu-me o teu endereço de *e-mail*, mas disse que há anos que não o usa. Como estás?? Casada? Com filhos? Onde moras? Eu ainda moro em Jackson, casei-me com o Tim. Temos duas miúdas fantásticas e aguardamos a chegada de uma terceira. Digamos que o Tim sabe mais sobre princesas da Disney do que alguma vez imaginou, LOL. Prontos! Só queria dizer olá. Costumo estar com o grupo todo e apercebemo-nos de que não te vemos há que séculos. Vens cá de visita, às vezes? Nós terminámos agora as obras de ampliação da casa (nem te conto — ainda não recuperei completamente), por isso temos um quarto de visitas à tua espera...

Beijos e abraços,

Tori

Florence foi à pasta de *e-mails* enviados. Helen nunca chegara a responder e Tori não insistira. Florence pensou que era natural que Helen não quisesse manter o contacto com alguém que usava, sem pejo, «prontos» na sua correspondência.

Analizou o histórico de pesquisas de Helen e encontrou uma série de termos aparentemente aleatórios: Creme modelador *KissKiss* da Guerlain, tom vermelho-paixão. Como substituir um passaporte perdido no estrangeiro. Estatuto de liberdade condicional no Mississípi. Um restaurante num sítio chamado Semat, em Marrocos. A conta de LinkedIn e a página de Instagram da própria Florence. Ela corou ao ver isso. Sentia-se aterrorizada ao imaginar Helen a olhar para a sua conta de Instagram, que mal chegava aos trinta seguidores e tinha principalmente fotografias de cães que encontrava na rua e citações de livros que andava a ler.

Mas é claro que Helen tinha pesquisado informação sobre ela antes de a contratar. Além do mais, Helen não estava numa posição que lhe permitisse ridicularizar o tamanho da rede social de Florence; para lá daqueles *e-mails* de Sylvie e de Tori, Helen não parecia ter amigos nenhuns. O telefone fixo tocara apenas duas vezes desde a chegada de Florence. Da primeira vez, tinha sido uma chamada de *telemarketing*. Da segunda era Greta, e Helen pedira a Florence que

dissesse que ela não estava em casa.

Alguns dias depois da tentativa falhada de falar com Helen, Greta ligou diretamente para Florence.

— Fico contente de saber que já se entendem tão bem — disse Greta.

— Entendemos, sim, obrigada — respondeu Florence, ainda sem saber o motivo pelo qual Greta lhe telefonara para o telemóvel.

— E agradeço a tua diligência na resposta a todos aqueles *e-mails* antigos da minha equipa. Sei que não é propriamente uma tarefa desafiante, mas precisa de ser feita.

— De nada — disse Florence, a medo. A deferência com que Greta se dirigia a ela não surgira de todo na primeira reunião que tinham tido.

— Escuta, então, eu queria dizer-te que li os teus contos e acho que tens muito potencial. Acredito que ainda não estão *exatamente* no ponto, mas nós podemos trabalhar neles em conjunto, se estiveres interessada.

Nós?

Greta prosseguiu:

— Como sabes, coletâneas de contos, principalmente de autores desconhecidos, são extraordinariamente difíceis de vender, mas isso não quer dizer que seja impossível.

— Eu sei — Florence apressou-se a explicar. — A minha intenção é escrever um romance. É isso que vou fazer enquanto estiver por aqui a trabalhar para a Helen.

— Magnífico. Talvez queiras enviar-me uma primeira versão, quando a tiveres.

— A sério?

— Claro. Liga para a Lauren e marquem uma reunião para conversarmos quando achares que estás pronta. Mas, olha, Florence, há uma coisa que podes fazer por mim em troca.

Florence franziu o sobrolho. O que é que *ela* teria para oferecer a Greta Frost?

— Eu não tenho dúvidas de que o romance que a Helen está a escrever vai ser brilhante, mas ela tem sido extraordinariamente reservada, e isso está a dificultar muito o meu trabalho.

»Eu sei que este livro requer muito mais investigação do que o anterior, o que justifica parcialmente a necessidade de ter uma assistente. Mas ela não me diz quanta investigação, nem que tipo de investigação, nem quanto tempo vai demorar, nem sequer *aquilo* que está a pesquisar. Não sei quase nada. Percebo que a Helen considere aborrecidas algumas partes do trabalho de um autor — escrever ao computador, dar entrevistas, tudo o que é *marketing* — e de uma maneira geral não me importo que ela se dedique à escrita e a mais nada, mas *alguém* tem de se ocupar dos outros pormenores menos estimulantes. Compreendes?

— Acho que sim...

— O que eu estou a dizer é que gostaria que tu te juntasses a mim nas tarefas que dizem respeito à estratégia. Sei que isto será muito útil para a tua futura carreira.

— No que diz respeito à estratégia?

— No fundo, aquilo que *nós* podemos fazer para tornar este livro um êxito, para além do que está escrito nas folhas. A comunicação com a editora da Helen e com as outras partes interessadas; definir a melhor data de entrega e de lançamento; desenhar um plano de *marketing*. Por exemplo, seria perfeito se o lançamento do segundo livro coincidissem com a estreia da minissérie *O Fxxtrot do Mississípi*. Mas é óbvio que, para conseguir fazer o que quer que seja, eu preciso de saber qual é o tema do segundo livro, e quanto é que ela já escreveu. É aqui que tu entras.

Florence não disse nada.

— Eu não te pediria isto se não fosse para proveito da Helen, claro. — A voz de Greta era maviosa.

Florence tentou ganhar tempo.

— Bom, eu ainda não sei grande coisa. Só li um capítulo ou dois.

— Não faz mal. Porque é que não me envias aquilo que já tens passado a computador?

Florence mordeu o lábio.

— Hum... Eu não sei se me sinto bem a fazer isso.

— OK. Esquece isso. Fazemos uma coisa mais informal. Dizes-me as linhas gerais do enredo?

Florence baixou o tom de voz.

— A Helen está lá em cima neste momento. Talvez consiga ouvir.

— Ah, estou a ver. — Greta fez uma pausa. — Já sei, e se me telefonares hoje à noite? Também podemos conversar sobre o teu romance. Isto não é só em benefício da Helen. Eu imagino que tu não queiras trabalhar como assistente de um autor para sempre...

Florence não era tonta. Percebia que Greta a estava a usar. Mas isso não alterava o facto de que ela tinha razão: bem vistas as coisas, a ajuda que Greta *podia* dar a Florence era mais valiosa do que a de Helen. E, de qualquer das formas, Greta e Helen tinham o mesmo objetivo.

— Pode contar comigo — disse por fim.

— Excelente. Eu sabia que tu és uma mulher inteligente. Sabes, fazes-me lembrar a Helen na altura em que eu a conheci. Ela falou-te desses tempos?

— Ela disse que enviou o manuscrito para dezenas de agentes e que não queria acreditar na sua sorte quando a Greta a aceitou.

Greta soltou uma risada curta.

— Pois, imagino que seja essa a versão que ela conta. A verdade é ligeiramente mais complexa. Eu comecei por lhe responder por escrito a dizer que a história dela era extraordinariamente forte e bem contada, mas que, em última análise, era demasiado crua e pouco depurada. Também lhe disse que eu por norma não aceitava este tipo de texto; havia outros agentes mais indicados. Penso que até cheguei a sugerir alguns nomes.

»Algumas semanas depois, ouvi a minha assistente, a Rachel (isto foi antes da Lauren), a discutir veementemente com uma pessoa à porta do meu escritório. Saí para ver o que se passava e deparei com uma mulher de olhar penetrante e com o

sotaque sulista mais cerrado que eu alguma vez ouvira; de início até pensei que estivesse a fingir. Esta mulher — que era a Helen, claro — repetia sem cessar que tinha uma reunião marcada e que não se ia embora sem falar comigo.

»A Rachel explicou o que tinha acontecido: a Helen tinha ligado no início da semana, fingindo que trabalhava para um cliente meu que é bastante famoso, e marcara uma reunião em nome desse autor. Depois apareceu ela, convencida de que a deixariam entrar mesmo assim.

»Bom, imagino que a confiança dela era justificada, dado que eu acabei por convidá-la a entrar. Fi-lo principalmente porque percebi que a Rachel estava a entrar em pânico.

»A Helen pousou o manuscrito na minha secretária e disse-me que o tinha revisto com base na minha opinião, e que gostaria que eu o voltasse a ler. Depois instalou-se pesadamente numa cadeira e disse — ainda consigo recordar-me do sotaque dela ao dizê-lo — «Eu espero».

»Eu não sabia se me devia rir ou chamar o segurança. Resumindo, consegui por fim que ela saísse do meu escritório com uma promessa de que iria lê-lo durante o fim de semana, coisa que fiz, claro, e acabei por aceitá-la como cliente. Como sabes, a Helen pode ser bastante... convincente. Na verdade, vejo parte dessa garra e dessa ambição em ti.

— Obrigada — disse Florence, sem saber se aquilo era um elogio ou não. Preferia ser conhecida pelo seu talento do que pela sua ambição.

— Escuta, então, volta a dar uma olhadela ao manuscrito durante esta tarde, e liga-me para o telemóvel esta noite. Eu fico sempre acordada até tarde.

Florence anuiu, sentindo um misto de euforia e vergonha.

Nessa noite, Florence esforçou-se para que as suas respostas não desiludissem Greta. Ela só lera parte da obra, e muitos dos capítulos nem sequer estavam por ordem cronológica.

— Acho que ela escreveu perto de... não sei... sessenta páginas? — disse. — A história é sobre uma mulher que viaja para Marrocos para trabalhar para uma amiga de infância. Até agora, não aconteceu grande coisa. Mas eu acho que vai acontecer uma coisa pérfida. O tom é muito negro e ominoso. Sinto que ela está a preparar alguma, só que não faço ideia do que seja. Penso que talvez nem ela saiba o quê. Fica muito frustrada durante os períodos em que está a escrever. Consigo ouvi-la a atirar coisas no escritório e a praguejar.

— Bom, a Helen nunca foi propriamente uma pessoa serena.

— Os grandes escritores raramente o são. — Greta fez uma pausa. — Não lhe afagues demasiado o ego, Florence. Não a ajuda nada. — Em seguida, alterou o tom. — E como tens passado tu por esses lados, já agora? Acredita que sei que trabalhar com a Helen pode ser bastante difícil. Nem consigo imaginar o que será viver com ela, principalmente aí, no meio do nada.

— Na verdade — respondeu Florence —, eu gosto muito.

Estava a dizer a verdade. O isolamento era um alívio. Florence crescera num apartamento onde a porta da frente estava sempre a abrir-se ou a fechar-se com estrondo. A mãe tinha permanentemente o televisor ou o rádio ligado, ou ambos.

E nunca estava calada. Cantava, trauteava, falava com os seus botões, falava com Florence, falava ao telefone, falava com o rádio, com o televisor, com os vizinhos, com as visitas habituais. E aquilo de que ela falava mais era a filha, a sua filha extraordinária.

O santuário de Florence tinha sido a pequena casa de banho de ambas, uma divisão forrada a azulejos azul-turquesa e atafulhada de produtos de beleza de Vera. Ali, Florence gostava de tomar longos banhos. Deitava-se com a cabeça submersa e os joelhos fletidos, a apreciar o silêncio envolvente, estremecendo ligeiramente ao ritmo do seu coração.

Aqui, no meio da floresta, o silêncio estava sempre presente, exceto quando Helen punha música a tocar. Mas o som da ópera não incomodava Florence como o rádio da mãe fizera, com os anúncios de venda de carros e as rubricas de trânsito e os locutores cáusticos. Quando muito, a ópera era uma espécie de silêncio muito ruidoso.

Florence sentia-se fascinada pela relação que Helen tinha com a ópera. Como é que ela, natural de Hindsville, no Mississípi — com uma população de 3200 pessoas (ela fora ao Google pesquisar) —, se tornara alguém que sabe trechos de Verdi? Ou que sabe como se diz tomate em francês?

Ao chegar a Nova Iorque, Florence tinha-se sentido deslumbrada pela quantidade de informação difusa, esotérica e verdadeiramente estranha que parecia do conhecimento de todos menos dela. Tentara procurar informação *online*, mas a quantidade de factos e opiniões que a Internet oferecia — e o espírito combativo e caótico dessa ferramenta — foi avassalador. Ela não queria a opinião de toda a gente. Ela queria a opinião *certa*. Queria saber que as rosas vermelhas são pirosas. Queria saber a dicção correta e seguir as normas sociais. Pessoas como Amanda Lincoln e Ingrid Thorne nunca iriam perceber as inúmeras vantagens que possuem em relação às outras. Era assim que a ordem social se mantinha. Quem crescesse numa família em que os pais liam Philip Roth e iam ao teatro e ensinavam às crianças como pousar o garfo e a faca depois de terminar a refeição podia criticar os outros como sendo incultos ou mal-educados, e isto tinha o mesmo efeito que dizer que estes eram *white trash*, mas sem os mesmos laivos de classismo. Mas se a tua mãe usava roupa justa e se besuntava com óleo autobronzeador e pensava que Philip Roth era uma loja de móveis baratos em Jacksonville, o que é que isso dizia sobre ti? E se quisesses uma vida diferente? Como é que se ia de A para B? Como é que uma pessoa se podia tornar alguém que *pertencia* ao grupo B?

Florence não sabia.

Mas Helen sabia. De certo modo, conseguira aprender as regras.

Florence reuniu finalmente coragem para perguntar a Helen como é que tinha feito, sem estar certa de que ela fosse compreender a pergunta ou, caso a compreendesse, se a ofenderia. Mas Helen respondeu com sinceridade.

— Do modo mais expectável possível — respondeu. — Observei com muita atenção e depois encarnei esse papel. Se fingires alguma coisa durante muito tempo, tudo se pode tornar natural em ti. E com isto quero dizer natural mesmo.

Eu não ia ouvir ópera nem beber vinho caro se não desfrutasse verdadeiramente disso.

Florence recordou-se de um breve período durante a sua infância em que a mãe decidira que a filha devia ser atriz. Tinha-a inscrito em aulas de representação e arrastado para inúmeras audições.

Florence odiara quase tudo nesse universo — os jogos ridículos que faziam nas aulas, a teatralidade exagerada das outras crianças, a atenção —, mas adorara fingir que era outra pessoa. Punha de parte todas as suas excentricidades e tornava-se límpida e pura e vazia. Foi então que percebeu pela primeira vez que se podia tornar uma pessoa nova. Uma pessoa melhor.

Agora que vivia praticamente isolada na zona norte do estado de Nova Iorque, Florence começava a completar com êxito a primeira parte desse processo: a demolição. As interações com os outros tinham sido sempre os alicerces sobre os quais ela construía a sua identidade. Como essas interações se tinham reduzido a quase nada, a antiga Florence, sem ter um escape através do qual se expressar, parecia desintegrar-se de dia para dia.

Ela até incentivava este processo. Deitou fora todas as roupas que Helen não usaria, o que na prática esvaziou grande parte do seu guarda-roupa. Não havia dúvida quanto às peças de cores berrantes ou com folhos. Salvo raras exceções, Helen vestia peças de linhas sóbrias em tons de azul-escuro, preto e branco. Às vezes usava ao pescoço um lenço com um padrão discreto, ou uma joia artística, mas na maioria dos dias não usava adereços. Florence não podia comprar as marcas que Helen usava, mas encomendou imitações nos *sites* da Zara e da H&M. Fez uma pesquisa pelo histórico de encomendas que Helen comprara na Amazon e fez uma lista com os livros que Helen adquirira e os filmes a que assistira.

Concebeu uma espécie de programa de desenvolvimento pessoal. Até pediu a Helen que a ensinasse a cozinhar.

Sentia um desejo premente de desaparecer, de se desvanecer no ecrã para depois regressar, triunfante, com um aspeto novo. Não queria ter testemunhas durante este processo. Seria como mostrar a alguém uma versão inacabada de algo que escrevera, algo que ela — ao contrário de Helen — nunca faria.

Na primeira lição de culinária de Florence cozinham *coq au vin*.

As duas mulheres estavam lado a lado na cozinha, com o sol pálido do fim de março a entrar, lânguido, pela janela. Helen tinha servido um copo de vinho tinto para cada uma, apesar de serem apenas quatro da tarde.

— Muito bem, onde está o nosso lindo galito? — perguntou Helen. — Vamos dar-lhe um banhinho.

Florence foi buscar o frango ao frigorífico e pô-lo com esforço dentro do lava-loiça. Estremeceu ao sentir os ossos do animal sob a pele.

— Ele parece estar vivo — disse, e apercebeu-se de que também já o estava a tratar por «ele».

— Tens sorte de não estar. A minha avó pôs-me a cortar pescoços a frangos desde os meus oito anos.

Florence olhou para Helen, incrédula; isso parecia algo que podia ter

acontecido numa casa de campo no Mississípi em 1945, não em 1995. Mas Helen não deu mostras de ter dito aquilo a brincar.

Florence depositou o animal escorregadio sobre a tábua de trincar, e Helen pegou numa faca grande, afiada, com um cabo preto e gasto.

— Temos de o cortar aos bocados — disse ela. — Primeiro tens de cortar a pele que liga a perna ao resto do corpo e depois é só... — Torceu com tal força a perna do frango que esta se separou do corpo com um estalido. — Toma, separa tu a outra.

Entregou a faca a Florence.

Florence cortou a pele, mas, quando puxou pela perna, não aconteceu nada.

— *Puxa* com força — ordenou Helen. — Com delicadezas, não vais a lado nenhum.

— Talvez chegue a meio caminho... — respondeu Florence, a brincar.

— Fogo, e quem no seu perfeito juízo é que quer isso? — perguntou Helen, ao mesmo tempo que punha as mãos húmidas e frias sobre as de Florence e separava violentamente o osso da articulação.

Florence repetiu o processo com as asas, depois Helen lançou-se ao corpo do animal, desprendendo com algumas facadas audíveis o peito das costas, e cortando-o em dois. Colocou todos os pedaços do frango numa tigela grande, lavou as mãos, e começou a despejar diretamente sobre a carne o vinho da garrafa que tinham aberto para beber.

— Quanto vinho é que usou? — perguntou Florence, pegando na caneta para tirar notas.

— Não sei. Quantas vezes é que a garrafa gargarejou? Três?

Florence escreveu, insegura, «três gargarejos». Imaginou que aquilo não seria lá muito útil, caso um dia quisesse fazer um *coq au vin* sozinha.

Helen foi buscar um ramo de tomilho e fê-lo deslizar entre o polegar e o indicador, para que as pequenas folhas caíssem na taça.

— Espere, quanto tomilho é que pôs? — perguntou Florence.

Helen revirou os olhos.

— Um ponto três gramas. — Florence começou a escrever. — Florence. Estou a brincar. Não pesei as ervas.

Florence pousou a caneta sobre a bancada e fechou o bloco de notas, sentindo-se tonta. Mas como é que se esperava que aprendesse, se Helen fazia tudo de improviso? Ela precisava de alguma estrutura.

— Não segue mesmo receita nenhuma?

— Não consigo ler nenhuma até ao fim. «Caramelize a cebola até esta ficar alourada e com uma *consistência suave*. Faça um puré *acetinado*.» — Helen revirou novamente os olhos. — Soam tão pretensiosas, mesmo quando tentam ser tradicionais e terra a terra. Se me voltarem a dizer para servir o prato principal com um bom pão, de côdea estaladiça, e uma noz de manteiga, acho que não aguento. Por norma, olho para a lista de ingredientes e para as instruções de relance, e depois vou fazendo à minha maneira. Se fizer asneira, fiz. Acho que as pessoas têm demasiado medo de errar. Não é errado ter um plano e fazer alguma

pesquisa, mas quando chega a hora de meter as mãos na massa, então, por amor de Deus, há que *fazê-lo*.

Florence, numa tentativa de mostrar que estava à altura dos desafios, pegou na faca e cortou de forma brusca um cogumelo ao meio. Fez uma pequena pausa e depois lançou-se ao resto dos cogumelos, num frenesim agitado. De repente, havia sangue por toda a parte. Florence ergueu o dedo, surpreendida. Tinha feito um corte profundo e comprido, mesmo por cima da falange.

Helen rebentou a rir.

— Credo, eu não sabia que ias seguir o meu conselho tão à risca. — Atirou o rolo de cozinha a Florence. — Precisas de um penso rápido?

Florence observou o dedo. O sangue já tinha empapado o maço de folhas de rolo de cozinha que ela estava a pressionar sobre a ferida. Era mais do que óbvio que precisava de um penso, ou até de levar pontos.

— Talvez? — respondeu.

— Acho que tenho alguns pensos no armário da casa de banho lá de cima. Grita, se não conseguires achá-los.

— A casa de banho do seu quarto? — Florence ainda não tinha sido convidada a subir ao primeiro andar.

— É a única casa de banho que há lá em cima.

Ao chegar ao piso superior, Florence empurrou a porta do quarto de Helen a medo. Ainda se sentia nervosa por poder ter interpretado mal as indicações de Helen. As paredes estavam pintadas de azul muito escuro, quase negro. Havia outro tapete gasto, em tons de laranja e com um aspeto árabe, em frente a uma lareira. Na cama de casal, um edredão branco e espesso tinha sido puxado para cima e alisado às três pancadas. Florence caminhou em bicos de pés até à mesa de cabeceira de Helen. Havia uns óculos de ver ao perto sobre uma pilha de livros e um bloco de notas com folhas amarelas, pautadas. O bloco não tinha nada escrito, mas Florence conseguiu detetar as leves indentações que a caneta de Helen marcara na página anterior. O livro no topo da pilha era a tradução que Emily Wilson fizera da *Odisseia*.

Florence caminhou até à casa de banho e abriu o armário dos remédios. Viu a embalagem dos pensos rápidos, mas a sua mão foi direita à caixa de comprimidos que estava ao lado. Segundo o rótulo, continha cápsulas de 5 miligramas de clonazepam. Florence reconheceu o nome do medicamento; era o que Lucy tomava para a ansiedade. Ficou surpreendida. Helen não parecia uma pessoa nervosa. Pôs rapidamente a caixa no lugar e tratou de aplicar um penso no dedo ensanguentado.

Quando Florence regressou à cozinha, uma panela azul da marca *Le Creuset* fervia lentamente no forno e Helen estava sentada à mesa a beber o seu copo de vinho. Helen bateu ao de leve com a mão sobre o assento ao seu lado.

— A tua mãe não cozinha? — perguntou, depois de Florence se ter sentado.

Florence abanou a cabeça.

— Ela trabalha num restaurante. Diz que não conseguiria passar nem um minuto do seu tempo livre enfiada noutra cozinha.

— Então o que é que costumavas comer em criança?

— Não sei. Muita comida congelada, daquela para emagrecer, imagino. A minha mãe está sempre a fazer dieta.

— Comida para emagrecer? — Helen fez uma careta. — Isso é terrível.

— O frango assado não é assim tão mau — balbuciou Florence.

— Ah, Florence... — O sorriso de Helen roçava o dó. — Tenho a certeza de que é mau. Tenho a certeza de que é mesmo muito mau.

Florence tentou não estremecer quando Helen lhe deu umas pancadinhas na mão magoada.

Quando chegou a hora de jantar, Florence espreitou para dentro da panela do *coq au vin* e conseguiu ver vários cogumelos, sobre os quais ela sangrara profusamente, a flutuar. Interrogou-se sobre se Helen se teria dado ao trabalho de os lavar antes de os meter na panela. Também se apercebeu de que não fazia a mínima ideia de como preparar um *coq au vin*.

Na primeira semana de abril, a cerejeira que se via da janela de Florence deu flor, e ela conheceu por fim um dos vizinhos de Helen. Tinha adquirido o hábito de dar um passeio pela floresta que ficava nas traseiras da casa, ao fim da tarde, antes de jantar. Apesar de se estender apenas ao longo de algumas dezenas de hectares, a floresta parecia-lhe infundável. Sempre que, pelo pôr do sol, cruzava o limiar do campo relvado para se embrenhar no arvoredo sombrio, o seu coração palpitava de receio. No seu íntimo, perguntava-se por vezes se iria conseguir encontrar a saída. Mas adorava estar ali, totalmente só, descobrindo a mesma paisagem que um colono do século xviii teria encontrado. Certo dia, descobrira um pacote de *Cheetos* no meio da terra e sentira-se tão assustada e tão consternada como se tivesse deparado com um cadáver.

A sua vida na Florida sempre fora claustrofóbica. O apartamento pequeno. As salas de aula lúgubres. Até os locais que, talvez, no passado, há muitos séculos, conseguiam proporcionar alguma sensação de espaço estavam arruinados hoje em dia. O porto atafalhado de barcos, as praias repletas de pessoas.

E Nova Iorque tinha sido ainda pior.

O único sítio onde ela conseguira alguma vez ter uma noção da beleza e da imensidão do mundo era nos livros. Durante o ensino preparatório, vivera obcecada com *O Senhor dos Anéis*. Adorava desaparecer num universo totalmente diferente do dela. Era em parte por causa disso que desejava tornar-se escritora. Queria ter essa imensidão na palma da mão. Queria modelar mundos inteiros que obedecessem à sua visão.

Nesse fresco fim de tarde de abril, durante o seu passeio habitual, Florence sentiu um restolhar atrás de si. Parou para escutar com atenção. Ao início ouviu apenas o som da sua respiração ofegante, mas depois conseguiu discernir o ritmo entrecortado de outro fôlego, seguido de passadas fortes que aumentavam de intensidade. Ordenou ao seu corpo que corresse, ou que se escondesse, mas ficou paralisada. Foi como num daqueles pesadelos em que estamos a ser perseguidos por qualquer coisa, mas depois ficamos colados ao chão, incapazes de alterar o nosso destino. Florence estava aterrorizada.

Foi nesse momento que, do meio de um arbusto que havia à sua frente, saltou um vulto amarelado que veio logo direito a ela. Florence ergueu as mãos para se proteger, e a sua garganta soltou um gemido involuntário.

Era um *golden retriever*.

Correu para ela numa excitação, com a cauda a abanar de tal forma que o fazia resvalar a cada meia dúzia de passos. Felicíssimo, o cão enfiou o focinho por entre as pernas dela. A cauda continuava a mover-se de um lado para o outro em movimentos amplos, erguendo folhas e pequenos paus que havia no chão.

Florence respirou fundo e riu-se de um modo tão ruidoso e tão aliviado que parecia desvairada. Esticou os braços para lhe fazer festas atrás das orelhas.

Um homem dos seus sessenta anos apareceu a correr atrás do cão.

— *Bentley!* Senta, *Bentley!* — gritou. — Peço imensa desculpa, menina. Para

baixo, *Bentley*.

Florence fez sinal de que as desculpas eram escusadas. Acariciou a cabeça e o pescoço do cão vigorosamente. O cão ergueu o olhar para o céu, muito satisfeito.

— Parece que ele gosta de si — disse o homem, parando junto a ela. Vestia uma camisola de golfe azul e calções com bolsos. A respiração dele ainda ofegava um pouco. Tinha na mão um daqueles brinquedos de plástico para atirar bolas de ténis a grandes distâncias. — O *Bentley* consegue cheirar uma pessoa que goste de cães a quilómetros.

— Olá, *Bentley* — disse Florence, em voz baixa. — Olá, amiguinho.

O homem observou-os por um momento, com um sorriso de enlevo. Depois perguntou:

— Está a morar na casa antiga ao fundo da rua? — Moveu a cabeça na direção da casa de Helen. Florence disse que sim. — Ela não a avisou sobre o grande perigo que é o *Bentley*? — perguntou ele, a rir.

— Não, nunca me falou dele.

O *Bentley* estava a lamber-lhe as mãos com a sua língua áspera e húmida.

— Ele entrou no jardim dela uma ou duas vezes, e ela passou-se completamente. Agora, sempre que a vê, esconde logo a cauda entre as pernas.

Florence sentiu-se na obrigação de defender Helen.

— Talvez ela não goste de cães.

— Ah, pois, claramente não gosta de cães. Mas aceita receber pessoas que gostam de cães, e isso já vale alguma coisa. A menina é a segunda pessoa no espaço de vários meses por quem o *Bentley* fica malquinho de todo.

Florence fitou o homem, surpreendida:

— A segunda pessoa? Quem foi a primeira?

— Ah, não sei... Se calhar já foi há mais tempo, agora que penso nisso. Lembro-me claramente de haver neve no chão.

Bentley estacou de repente e espetou as orelhas. Um segundo mais tarde, desapareceu atrás dos arbustos tão depressa quanto chegara.

— Pronto, lá vai ele outra vez — disse o homem, abanando a cabeça.

Partiu na peugada do cão e acenou um adeus a Florence.

Mais tarde, ao jantar, Florence falou desse encontro a Helen e perguntou-lhe quem fora o outro visitante.

— Não faço ideia — disse Helen. — Deve ter sido alguém que ficou noutra casa. Aqui não esteve ninguém.

— Ah.

— Credo, aquele cão é um terror.

— O *Bentley*? Foi tão querido.

— Dizes isso porque ele não desfez as tuas roseiras.

Subitamente, o silêncio foi interrompido por um som que parecia um grito de mulher. Florence olhou para Helen, alarmada.

— O que foi isto?

Helen encolheu os ombros.

— Provavelmente é só um animal qualquer.

— *Provavelmente?*

Florence aproximou-se da janela e olhou lá para fora. Só conseguiu vislumbrar o reflexo distorcido do seu próprio corpo. Florence disse:

— Vou só espreitar.

Saiu de casa. A noite estava fria. Depois da claridade que havia no interior da habitação, era o equivalente a cobrir-se com um manto negro. Aproximou-se do limite do caminho que dava acesso à casa e observou através da escuridão. Ouviu novamente o grito e caminhou na sua direção.

No chão estava uma coruja, que olhou para ela com o pânico estampado nos seus grandes olhos amarelos, cujas pupilas pareciam gotas líquidas de tinta. Não estava a sangrar nem mostrava sinais de estar ferida. Voltou a piar, insistentemente.

Florence regressou à casa.

— É uma coruja — disse. — Não está bem. Tem uma toalha ou qualquer coisa que eu possa usar?

— Usar para quê?

— Para a trazer para dentro. Sabe se há algum veterinário a quem possamos ligar?

— Não vais trazer essa coisa para dentro de minha casa.

— Eu acho que ela pode morrer, se não a ajudarmos.

— Acontece muita vez. Quando comem ratos que ingeriram veneno.

— O quê? Isso é horrível.

— Tão horrível como encontrares excremento de rato na tua almofada — respondeu Helen com um dos seus sorrisos implacáveis, sem mostrar os dentes.

Florence olhou para Helen com intensidade.

— Oh, por amor de Deus, Florence! É uma coruja — disse Helen, exasperada.

— Eu já sinto dificuldade em reunir empatia suficiente para abarcar as pessoas que conheço. Todos os dias nos pedem que tenhamos compaixão pelos refugiados da Síria e pelos homossexuais na Tchetchénia e pelos muçulmanos no Myanmar. É de mais. A mente humana não foi feita para assimilar tanto sofrimento. Foi feita para produzir empatia suficiente para abarcar a sua pequena comunidade. Por isso não me peças que gaste as minhas escassas reservas de empatia numa coruja!

— OK, peço desculpa — disse Florence baixinho. Voltou a sentar-se. Depois disse: — Mas eu sinto que esta coruja faz parte da nossa comunidade. Está mesmo *aqui*.

Fez um gesto hesitante na direção da porta.

— Não percebeste o que eu disse, Florence. Eu não falei de nenhuma comunidade real. Não sabes? Nós matámo-los a todos. A minha comunidade sou *eu*. E eu não devo absolutamente nada a ninguém que esteja do lado de fora: seja pessoa, ave ou outra coisa qualquer.

Florence foi apanhada de surpresa. Seria aquilo uma coisa que alguém conseguia efetivamente decidir? Não dever absolutamente nada a ninguém? Ela nunca conseguia perceber quando é que Helen estava a marcar uma posição apenas para animar uma conversa ou acreditava verdadeiramente naquilo que estava a

dizer.

Tentou imaginar como seria a sua vida se abdicasse de toda a responsabilidade. Não conseguiu. E, passados alguns minutos, os gritos cessaram.

Em meados de abril, quando já estava naquele trabalho há cerca de um mês, Florence começou a fazer uma coisa que sabia muito, muito bem que não era boa ideia.

Quanto mais avançava na leitura do novo romance, menos impressionada se sentia. As frases estavam bem escritas e o enredo era empolgante, mas, apesar disso, faltava-lhe o brilho e o ânimo de *O Foxtrot do Mississippi*.

Quando o primeiro romance saiu, Florence ainda trabalhava na livraria em Gainesville. Um colega tinha-lhe passado o livro com uma reverência absoluta, como se do diário de adolescente de Cristo se tratasse. Mais tarde, já na Forrester, Amanda tinha conseguido resumir com mestria os sentimentos de Florence em relação a Maud Dixon: «Era capaz de a matar.»

Elas sentiam inveja, claro: a inveja é um corolário natural da ambição.

Florence tinha ficado absolutamente siderada com a confiança e com a vivacidade da escrita. Tentara escrever algumas das frases do livro, porque lera que Didion fizera isso com Hemingway. Sentira-se transfigurada, como se até então tivesse escrito com dedos que sofrem de artrite, e tivesse nesse momento encontrado a cura.

Mas ao passar a computador o rascunho manuscrito do segundo romance de Helen, não sentiu nada disso. De facto, pensou — com uma satisfação diferente —: *eu* podia ter escrito isto.

Foi assim que tudo começou.

Quando não conseguia decifrar uma palavra que Helen tivesse escrito, começou a tornar-se mais rápida e mais convicta a decidir. A princípio, era apenas no sentido de evitar outro encontro medonho como aquele que tivera no primeiro dia, quando subiu ao escritório de Helen. Mas rapidamente aquilo se tornou no que mais gostava de fazer, na sua função. De cada vez que escolhia uma palavra para incluir na versão digital do manuscrito, o seu coração acelerava um pouco. Sentia que estava a colaborar na escrita, ao invés de ser apenas a assistente de Helen.

A partir daí, tornou-se mais ousada. Começou a acrescentar palavras que sabia não serem as que Helen tinha escrito. Mas essas palavras tornavam o livro *melhor*, sem dúvida alguma. É claro que, se reparasse, Helen iria concordar com ela. Talvez até agradecesse a Florence.

Mas Helen não reparou. Sempre que acabava de passar a computador mais uma parte do rascunho de Helen, Florence gravava uma nova versão no disco e enviava esse ficheiro para Helen por *e-mail*. Supunha que Helen revisse esse texto para o voltar a editar, mas ela nunca lhe enviara nada que fosse preciso mudar nem nunca comentara nada acerca das alterações que Florence fizera. Florence começou a achar que as suas palavras poderiam mesmo acabar por ser publicadas.

Certa manhã, mal Florence acabara de escrever uma palavra — *catastrófico* — que dificilmente se parecia com o rabisco na página do original, ouviu o som de pneus sobre a gravilha do caminho de acesso à casa. Sentiu um certo alvoroço.

Nunca tinham recebido visitas.

Levantou-se e espreitou pela janela da sala de jantar. Era um carro da polícia. Por momentos, teve o receio disparatado de que tivessem descoberto o que ela estava a fazer ao manuscrito de Helen. Quando ouviu os passos de Helen a descer a escada, Florence apressou-se a ir ter com ela. Ainda se sentia culpada de alguma coisa.

— Está aqui a polícia — disse Florence.

— O que é que fizeste? — perguntou Helen. — Assaltaste uma garrafeira?

Helen caminhou calmamente até à porta e saiu de mansinho no momento exato em que se ouviu a porta do carro da polícia a fechar.

Florence esticou o pescoço para conseguir ver melhor através da janela. Um polícia corpulento de aspeto pálido e cabelo ralo estava a ajeitar as calças na cintura antes de caminhar, gingão e com um ar autoritário — tão autoritário quanto alguém que caminha a gingar consegue —, em direção a Helen. Ela estava ao fundo das escadas, a proteger o rosto da luz do sol, tal como da primeira vez que Florence a vira.

Florence não conseguiu ouvir a conversa. O homem apontou para a casa. Helen elevou as sobranceiras e riu-se serenamente. Depois voltou-se e apontou para a casa também. Ao fazer isto, apercebeu-se do rosto de Florence, colado ao vidro, e o seu olhar deteve-se nela por um momento. Florence deu um passo atrás. Voltou a sentar-se à mesa e tentou mostrar-se concentrada no trabalho.

Alguns minutos depois, Helen regressou.

— Está tudo bem? — perguntou Florence.

— Meu Deus, se é *isto* que os meus impostos pagam, mais valia esconder o dinheiro nas ilhas Caimão.

— O que é que ele disse?

— Ah, uma parvoíce qualquer sobre multas por excesso de velocidade.

— Veio até sua casa por causa de multas por excesso de velocidade?

— Bem, a verdade é que eu tenho mesmo muitas.

Florence lembrou-se da viagem desde a estação. Era natural.

— Quer que eu trate disso?

— Hã? Não, não é preciso. Eu consigo. Acho que as enfiei numa gaveta da secretária, algures.

Florence, sentindo uma aflição inusitada, apagou a palavra *catastrófico* letra por letra.

Nessa noite, ao jantar, depois da visita do polícia, Helen fitou Florence depois de ter pousado o garfo e a faca.

— Florence — disse ela —, tenho andado para te perguntar uma coisa.

Florence ficou paralisada. Tinha sido apanhada; já o sabia.

Por que raio tinha decidido mexer no manuscrito de Helen? Tinha sido uma ideia péssima.

A sua timidez e insegurança tinham-na de tal forma presa, que por vezes rebentava num impulso autodestrutivo que ditava um comportamento imprudente. Tinha sido esse impulso que a fizera enviar aquelas fotografias a Simon. Ela não o conseguia controlar.

Florence tinha na boca um pedaço de cordeiro, sensaborão e muito mastigado, que era incapaz de engolir. Tinha sido ela a estufar a carne, sob orientação de Helen, nessa tarde. Levou o guardanapo à boca e, em silêncio, conseguiu cuspir.

— Tens passaporte? — Florence não estava à espera daquela pergunta. Abanou a cabeça. — Consegues arranjar um?

— Sim. Porquê?

Helen compôs uma garfada de proporções perfeitas, com um bocadinho de cordeiro, de arroz e de tomate estufado. Ajeitou-a com a faca e com o garfo. Mastigou lenta e ponderadamente. Era uma encenação, Florence não tinha dúvidas, destinada a fazê-la esperar.

— Pensei que talvez gostasses de te juntar a mim numa viagem de investigação a Marrocos. Terias interesse nisso?

Florence demorou um instante a conseguir reagir.

— Sim, claro.

Um imenso alívio apoderou-se dela.

— Excelente. Podes ir tratar do passaporte na segunda-feira, e vê se o consegues depressa. Eu pago o que for preciso, naturalmente.

— Porquê? Quando está a pensar ir?

— Assim que possível. Não consigo avançar com o romance, e acho que estar lá vai ajudar. Além disso, estou a ficar um bocado farta de estar sempre metida no meio das vacas. Tu não?

Florence não respondeu. Na verdade, nunca se sentira tão feliz. Acordava todos os dias com o quarto inundado por uma luz rosada, filtrada pela cerejeira, e pensava que tinha encontrado por fim o local a que pertencia.

— Quer que veja de voos?

— Sim, faz isso. Hoje é quê? Sábado? Vamos no fim da próxima semana, talvez quarta ou quinta, se houver disponibilidade.

— Espere, daqui a *quatro* dias?

— Porque não? Esperar para quê? Podemos voar para Marraquexe e depois ir de carro até Semat no dia seguinte.

Semat era a pequena cidade costeira onde o romance de Helen se passava.

— Quer que marque hotéis também?

— Reserva um hotel que te pareça bom em Marraquexe, mas os hotéis em Semat são um bocado manhosos. Vê se há casas de campo para alugar. Uma que seja agradável.

— Por quanto tempo?

— Que tal... duas semanas?

Florence anuiu com a cabeça.

Nesse momento, o telefone de Florence vibrou sobre a mesa, junto a ela. Florence olhou para o ecrã. Era mais uma mensagem da mãe: «LIGA-ME!» Desde que se mudara para a casa de Helen, Florence adquirira o hábito de esperar dois ou três dias antes de devolver as chamadas da mãe. Agora que conhecia mulheres como Helen Wilcox e Greta Frost, os defeitos da mãe pareciam-lhe ainda mais notórios.

— Desculpe — disse Florence, e virou o telefone para baixo.

— Podes atender.

— Prefiro não o fazer. É só a minha mãe.

— Está tudo bem? Podes contar-me o que quiseses. Eu tenho alguma experiência com problemas de família.

— Não, está tudo bem. Não aconteceu nada. Eu... Bom, a princípio eu evitava falar com ela porque não queria dizer-lhe que tinha saído da Forrester. E depois comecei a aperceber-me de que me sentia muito mais contente quando não falava com ela.

Florence deixou escapar um risinho suave, desconfortável. Helen anuiu.

— Eu estive numa situação semelhante quando saí de Hindsville. Tentei manter-me em contacto com a família, mas era sempre uma espécie de peso que me puxava para baixo e impedia de andar em frente. A minha mãe já tinha morrido, mas o meu pai e a minha avó ficaram ambos muito magoados com a minha partida. Achavam que me tinha tornado uma rapariga da cidade, cheia de manias. E isto em Oxford, no Mississípi, acreditas? Quero dizer, não tinha propriamente fugido para Paris! E eles continuaram a insistir, a insistir, sempre a insistir em que eu voltasse atrás. Era sempre a mesma coisa, quando falava com eles. Por isso, por fim, deixei-me disso.

— Deixou-se disso?

— Deixei de telefonar. Deixei de escrever. Deixei de lá ir. E foi como se me saísse um peso de cima. Senti-me libertada. E foi então que consegui, por fim, escrever *O Fxxtrot do Mississípi*. Quando deixei de me preocupar com aquilo que eles iriam pensar. Deixei de me preocupar com eles todos. Surgiu um espaço aberto, amplo, que eu consegui preencher com outras coisas. As palavras jorraram de mim numa torrente.

Florence pensou na paralisia que a assolava de cada vez que tentava escrever alguma coisa. Será que o problema era *Vera*?

— Escreve o que te digo — disse Helen, gesticulando com o garfo. — Cortar relações com eles foi a melhor decisão que eu podia ter tomado. Não seria a escritora que sou hoje se não o tivesse feito.

Nessa noite, Florence ficou deitada na cama a observar o teto, que ficava a

pouco mais de um metro do seu rosto naquele quarto em mezanino, no sótão.

Seria capaz? Seria capaz de cortar relações com a mãe? De a excluir da sua vida?

Aquilo que ela dissera a Helen era verdade — sentia-se mais contente desde que deixara de falar com ela com tanta frequência. A distância tinha dado a Florence a capacidade de perceber que cada conversa com a mãe a fazia sentir-se ansiosa e incompetente.

Era quase como se, aos olhos da mãe, existissem duas Florences diferentes: a Florence em potencial, a extraordinária, que Vera adorava, e a Florence real, que cerceava constantemente a esperança e os sonhos de Vera. Talvez fosse esta a razão pela qual a mãe nunca fora muito afetuosa com ela. A linguagem que a mãe usava era terna — repleta de termos como «querida» e «doce» —, mas sempre tratara também os clientes por «querido», mesmo quando a gerência lhe pediu que parasse de o fazer. E aqueles «Quem é que te adora?» vazios eram piores do que não dizer nada.

O que queria era conseguir provar à mãe que *esta* Florence, a pessoa que ela realmente era, podia ser extraordinária à sua maneira: como escritora, como artista. Estava cansada de que a fizessem sentir que falhava na obtenção daquilo que a mãe tinha como ideal para ela.

Talvez isto fosse um teste. Se ela conseguisse afastar-se da mãe, a sua recompensa seria igual à de Helen: um desbloqueio. Uma libertação violenta do seu talento, uma torrente de genialidade. A sua versão de *O Fxxtrot do Mississípi*.

«Escreve o que te digo», dissera Helen. «Não seria a escritora que sou hoje se não o tivesse feito.»

Florence olhou para o telefone, cuja luz brilhava na escuridão do quarto. Apertou-o por breves instantes nas mãos, como se de um amuleto se tratasse. Depois escreveu uma mensagem para a mãe: *Vou sair do país por uns tempos, em trabalho. Não vou estar contactável enquanto estiver fora.* Não era nada definitivo, disse para os seus botões. Só uma separação de teste.

Quase imediatamente após ter enviado a mensagem, a mãe telefonou-lhe. Florence tirou o som do telefone e depois desligou o aparelho.

Era segunda-feira à tarde. Florence estava à porta do Dunkin' Donuts que ficava apenas a um quarteirão dos escritórios da Forrester, a morder a palhinha do seu café com gelo. Viera de comboio até Manhattan. O sítio mais próximo onde se conseguia obter rapidamente um passaporte ficava em Hudson Street — que, por coincidência, era mesmo em frente ao edifício da Forrester.

Segundo a ordem judicial interposta por Simon, Florence tinha de se manter a 150 metros de distância, pelo menos, mas este era um risco que, segundo a própria, valia a pena correr.

Observou o edifício e tentou descobrir a janela de Simon. Os 150 metros seriam em linha reta? O escritório dele ficava no décimo quarto andar, por isso a subida de elevador iria cobrir pelo menos um terço dessa distância.

— Florence? — Voltou-se. Amanda Lincoln caminhava na sua direção com um sorriso de espanto. — Bem me parecia que eras tu. O que estás aqui a fazer? Voltaste para a Forrester?

— Não. Tenho uma reunião aqui perto — respondeu Florence de imediato. Apontou de um modo vago para oeste. A única coisa que ficava a oeste da Forrester era um armazém da UPS, apercebeu-se então.

— Então ainda estás a viver em Nova Iorque? Desapareceste de tal maneira que pensámos que te tivesses isso embora.

Amanda estava claramente à cata de mexericos que pudesse relatar, ofegante, aos seus colegas lá em cima («Nem vão acreditar se eu vos disser quem é que acabei de encontrar!»). Florence não conseguia imaginar o que se dissera acerca dela depois de ter sido despedida. Sabia que a história das fotografias tinha sido tornada pública porque Lucy fizera uma vaga referência a isso numa das suas mensagens de voz.

— Não. Agora moro perto de Hudson. Adoro! É um verdadeiro alívio sair daqui. Para dizer a verdade, sempre achei que aquilo que se diz de Nova Iorque é um pouco exagerado. — E depois acrescentou, audaciosa: — Devias vir visitar-me.

— Seria ótimo.

Ficaram em silêncio, sem desviar o olhar. Ambas sabiam que a sugestão era absurda. Nunca tinham sido amigas. Estavam a medir forças.

Florence foi a primeira a ceder:

— Eu não te posso receber, infelizmente. Vivo numa casa de hóspedes que pertence a uma espécie de mestre que tenho, e é bastante pequena.

— Isso parece incrível. Tenho de arranjar um mestre com uma casa de hóspedes — disse Amanda, a rir. — Como é que o conheceste?

— É uma mulher.

— Ah, desculpa. Imaginei outra coisa.

Florence sentiu um formigueiro nos dedos e um calor súbito nas entranhas, sensações que conhecia tão bem. Desejava ardentemente humilhar Amanda. Fazê-la sentir-se ridícula. Era muito provável que Amanda nunca se tivesse sentido

ridícula na vida. Florence enterrou as unhas da mão esquerda na palma da mão. As unhas não estavam suficientemente compridas.

— Tenho de ir — disse Florence. — Vou chegar atrasada.

— Oh, que pena. Bem, foi mesmo bom encontrar-te!

Amanda aproximou-se para lhe dar um beijo na face, e Florence retribuiu desastradamente com um abraço. Acabou por enfiar o cabelo de Amanda na boca.

Mais tarde, na fila para tirar o passaporte, recapitulou os pormenores do encontro. Amanda podia denunciá-la à polícia, por infringir a ordem judicial. Ou dizer a Simon. Pois, seria isso que ela iria fazer. Florence imaginou que podia dizer que não era verdade. De qualquer das formas, iria sair do país passados poucos dias.

O sítio mais remoto onde tinha ido era Los Angeles, onde participara numa audição quando tinha nove anos. A mãe voara com ela para lá num desvario de excitação, e no regresso tinha-se mostrado morta de desgosto.

Florence sentia que também ela iria agora regressar uma pessoa diferente, que esta viagem a iria mudar para sempre. Se representarmos uma mudança num gráfico, nunca é uma curva suave; tem subidas e paragens abruptas, momentos absolutamente planos e outros de declive. E nos períodos que se seguem ao desaparecimento de uma identidade antiga, mas antes do surgimento de uma nova, existe uma certa impunidade. É como se nada tivesse realmente valor. Não somos bem nós próprios. Não somos bem pessoa nenhuma. O tempo de *Florence* estava a esgotar-se, o tempo enquanto pessoa que ela era naquele momento. Era um pensamento agradável. Estava farta de si mesma até aos cabelos. Este era um dos problemas de viver sempre ensimesmada: o mundo exterior nunca fazia barulho suficiente para conseguir abafar o seu constante monólogo interior. A mesma porcaria, dia após dia. Será que ela gosta de mim? Estou com bom aspeto? Será que algum dia vou ser feliz? Será que algum dia vou ter êxito? Era como se estivesse há anos a ouvir sempre a mesma canção. Isso não era usado como método de tortura?

— Florence Darrow?

Era o homem que recebera o seu formulário e fotografia vinte minutos antes. Florence não o ouviu. Estava empoleirada num banco de madeira a observar uma senhora idosa a preencher o formulário para obtenção do passaporte. A mulher escrevia muito lentamente, com a mão a tremer. Florence teve um desejo súbito de lhe arrancar a caneta das mãos cheias de artrite e de a atirar para o outro lado da sala. *Esta velha acabada!*, pensou Florence. *Como é que ela vai conseguir passar pela alfândega e pela segurança se não consegue sequer preencher uma merda de formulário?* O corpo de Florence estava rígido com uma fúria inesperada. Havia algo na fragilidade daquela mulher que lhe parecia ofensivo.

Obrigou-se a desviar o olhar e a respirar fundo lentamente, várias vezes. Sabia por experiência que esta fúria iria passar. Tentou libertar a sua mente de Simon e de Amanda e daquela velha que nem sequer conhecia.

— Florence Darrow?

Fez um esforço por regressar à Terra e responder:

TERCEIRA PARTE

Aterraram em Marraquexe com uma pancada violenta, e o avião derrapou e girou sobre si mesmo, o que foi bastante assustador. A viagem durara mais de dezasseis horas: de Nova Iorque voaram para Lisboa, e de Lisboa para Marraquexe. Helen tinha vindo em classe executiva, e Florence em turística.

Enquanto o avião deslizava em direção ao terminal, o pequeno homem árabe que vinha sentado ao lado de Florence voltou-se para ela e disse:

— Está a ver o vento nas árvores, ali? — Debruçou-se sobre ela e encostou um dedo, cuja unha estava impecavelmente arranjada, à janela de plástico do avião. — É o *chergui*. Vem do Saara. Por norma não chega tão cedo.

— O que é que faz?

— Traz calor e pó. — O homem sorriu. — E, se perguntar à minha avó, ela diz que traz azar.

O avião parou a alguma distância do terminal, de onde dois homens arrastaram uma escadaria desengonçada. Mal Florence desembarcou, sentiu-o — o *chergui*. Fez com que o seu cabelo lhe fustigasse o rosto e lhe entrasse na boca. O rugido do vento acompanhou o som dos motores do avião a esmorecer. O calor e o barulho súbitos deixaram Florence desnorteada. Helen, pelo contrário, parecia revigorada pelas rajadas quentes e violentas. Os olhos dela brilhavam, e lançou a Florence um sorriso alucinado.

— *Bonjour, l'aventure!* — gritou na direção do vento.

Na pista, dois homens de uniforme militar e barretes verdes, carregando armas automáticas, seguiram a fila de passageiros com um ar aborrecido. Havia dois terminais. Do lado direito ficava um edifício antigo, cor-de-rosa, com dois pisos. Este exibia um letreiro instável onde se lia AEROPORT MARRAKECH MENARA em francês e em árabe. Ao lado havia uma construção nova, reluzente, um rasgo de plástico branco e brilhante como uma mesa do Ikea, com uma fachada em latão trabalhado.

Foram conduzidas até ao segundo edifício, onde os tapetes caleidoscópicos e as superfícies polidas pareciam saídos de um centro de congressos no interior dos Estados Unidos da América. Florence ficou desiludida. Estava à espera de algo mais exótico.

Florence nunca saíra de casa na companhia de Helen antes de terem chegado ao aeroporto JFK. Lá, a impaciência e ocasional severidade do temperamento de Helen, às quais Florence já se habituara, manifestaram-se de forma física pela primeira vez. Helen parecia um tiro de caçadeira a furar multidões, e Florence seguia atrás dela, evitando correr. Esta eficiência agressiva era, na verdade, um alívio para Florence, que se instalou comodamente no papel de alguém que estava à guarda de Helen. Para já, iria fazer um intervalo de toda a responsabilidade. Manteve o olhar nas costas de Helen e bloqueou tudo o resto.

Em Marraquexe, Helen investiu novamente para conseguir ultrapassar a multidão que se acotovelava à saída do avião. Mas no átrio imenso havia uma grande fila que serpenteava ao longo de várias centenas de pessoas. A fila

engrossava nalgumas zonas onde estavam famílias ou grupos organizados, como se a serpente tivesse engolido vários ratos inteiros. Helen estacou ao ver a multidão, depois mudou de direção e foi direita a uma mulher de uniforme.

— Estou grávida — disse, em inglês, sem acrescentar mais nada.

A mulher olhou durante meio segundo para a barriga lisa de Helen e depois disse:

— Claro.

Encaminhou-as para uma fila mais pequena, onde ficaram rodeadas por pessoas com carrinhos de bebé e cadeiras de rodas e muletas. Florence lançou um olhar rápido às pessoas que iriam ficar à espera durante uma hora, talvez duas, na fila maior. Sentiu-se feliz por não estar entre elas. Já não queria ser refreada por uma obsessão trivial por regras. Isso agora parecia-lhe vagamente patético e típico das classes baixas.

Florence tinha contratado um motorista através do hotel, e encontraram-no à saída da recolha de bagagem, segurando na mão um letreiro que dizia WILCOCK. Envergava uma túnica comprida, multicolorida, e umas calças de ganga pretas e uns ténis *Reebok* pretos também. Disse que se chamava Hamza e levou-as até um *Fiat* de modelo antigo que estava no estacionamento. Mais uma vez, Florence ficou desiludida. Mas, na verdade, de que é que ela estava à espera? De um camelo?

O carro avançou lentamente ao longo de estradas de aspeto moderno, de painéis publicitários iluminados — muitos dos quais em inglês — e de rotundas onde o trânsito fluía de modo ordeiro e havia canteiros arranjadinhos no centro. Passaram por vários edifícios grandes, pintados com cores garridas, exibindo letreiros em néon e repuxos elaborados. Parecia Las Vegas.

Por fim, aproximaram-se da muralha que circundava a medina — a cidade velha — e a Marraquexe que surge nos guias de viagem surgiu diante delas. Hamza disse-lhes que a muralha tinha sido erigida no século xii. A argila tinha um tom ocre, quente, que brilhava à luz do sol da tarde. A muralha tinha vários buracos grandes, alguns dos quais suportados por escoras. Florence lera que Marraquexe era conhecida por Cidade Vermelha porque os seus edifícios originais tinham sido construídos com a argila avermelhada que existia nas planícies em volta; mais tarde, o Governo exigira que as construções modernas fossem pintadas da mesma cor.

Atravessaram Bab El Jdid, uma das portas mais movimentadas que dá acesso à medina, e diante delas ergueu-se o imponente minarete da mesquita Koutoubia, com a sua ornamentação extraordinária e com os seus quatro globos em cobre, sobrepostos, visíveis de qualquer ponto da cidade. Na pesquisa que fizera, Florence ficara a saber que depois de a mesquita original ter sido construída ali durante o século xii, todo o edifício fora demolido e reerguido para ser alinhado corretamente com Meca. Florence também sabia que o hotel onde iam ficar não era longe dali.

As ruas nesta zona eram mais caóticas do que as autoestradas modernas que ficavam do lado de fora da muralha, mas os carros, os burros, as carroças puxadas a

cavalo e as motoretas desviavam-se uns dos outros sem incidentes. Florence espreitou pela janela. As casas tinham uma beleza delicada que estava totalmente omissa nas construções da Florida ou até de Nova Iorque. Os entalhes geométricos e os azulejos coloridos tinham um ar imensamente complexo e trabalhado. Florence adorou o romantismo que isso denotava, ao preferir aquilo que é mágico àquilo que é prático. As palmeiras riscavam as fachadas com sombras oblíquas.

Passados cerca de dez minutos, Hamza parou o carro num cruzamento movimentado e puxou o travão de mão.

— O que é que está a fazer? — perguntou Florence.

— É aqui — respondeu ele.

Florence olhou em volta. Tinham passado por várias ruas pitorescas a caminho dali, mas esta não era uma delas. Ouvia-se música muito alta vinda de um restaurante na esquina. A loja ao lado vendia pneus e baterias de automóvel. Havia cerca de uma dúzia de homens espojados numa cadeira de plástico brancas que estavam à beira da estrada; chamar àquilo passeio seria um exagero.

— Que sítio encantador — resmungou Helen.

— Não — disse Florence, enquanto abanava a cabeça. — Não. — Desdobrou a folha que tinha a reserva do hotel e voltou a mostrá-la a Hamza. Ela tinha escolhido o hotel depois de horas de pesquisa. Segundo o TripAdvisor, era um «oásis escondido, repleto de encanto marroquino». — Riad Belsa — disse, espetando o dedo na folha. — Um oásis escondido, repleto de encanto marroquino.

— Sim — respondeu ele, amavelmente. — É um hotel muito agradável.

Saiu do carro e caminhou até ao porta-bagagens. Entregou as malas a um homem alto e magro que estava de pé junto ao carro. Esse homem, por sua vez, atirou as malas para dentro de um carrinho de mão que estava ao seu lado e começou a empurrá-lo na direção de uma viela estreita e mal iluminada.

— Espere — disse Florence, mas foi inútil.

— O carro não pode ir até lá — explicou Hamza, paciente. — Este homem irá convosco o resto do caminho.

— Isto não me cheira bem... — disse baixinho para Helen, que encolheu os ombros e tirou da carteira uma gorjeta para dar a Hamza.

— Não deve haver problema. Ele tinha o nome do hotel escrito no uniforme.

Florence, reticente, seguiu Helen ao longo da viela escura.

— Isto pode ser muito má ideia — sussurrou.

— O pânico é um desperdício de energia, Florence.

Foram atrás do homem com o carrinho de mão através do labirinto. Cada mudança de direção revelava outra ruela obscura, vazia à exceção de alguns gatos magricelas que se roçavam pelas paredes. Florence tentou encontrar placas com os nomes das ruas, mas nenhum dos becos parecia estar assinalado. Elas nunca seriam capazes de sair dali.

Nesse momento, da mesquita Koutoubia soou o chamamento para a oração. Florence achou que parecia um gemido triste e lamentoso. Olhou para cima, mas percebeu que as paredes eram demasiado altas e próximas umas das outras para se

conseguir ver o minarete.

Por fim, entraram num beco sem saída e viram uma porta de madeira muito trabalhada com uma placa dourada que indicava o Riad Belsa. Florence reconheceu a entrada das fotografias no TripAdvisor. O homem tocou a uma aldraba grande, e uma mulher robusta, com um lenço na cabeça, abriu a porta com um sorriso. Cumprimentou-as calorosamente, com um «*Salaam alaikum*, boa tarde, *bienvenues*», e levou-as através de um pequeno pátio para um segundo pátio, maior, no centro do qual havia uma fonte murmurante. O pátio estava repleto de árvores de fruto, com citrinos e romãs, cujos ramos viçosos tombavam quase até ao chão. O chão e as paredes resplandeciam com azulejos negros, vermelhos e verdes. A mulher indicou-lhes que se sentassem a uma mesa sob uma latada e depois regressou com um prato de tâmaras e dois pequenos copos de leite aromatizado com água de flor de laranjeira. Florence olhou em volta, aliviada.

Pouco depois chegou um homem de fato completo, que se sentou à mesa com elas.

— Boa tarde — disse ele num inglês de sotaque britânico. Tinha-se penteado de tal forma que o pente abria sulcos visíveis no seu cabelo negro e brilhante. — Bem-vindas ao Riad Belsa. O meu nome é Brahim. Sou o gerente do hotel.

Perguntou-lhes de onde eram naturais e como tinha sido a viagem. Depois disse:

— Peço desculpa, mas temos de passar às formalidades, se não se importam. Depois poderão desfrutar da vossa visita sem preocupações. — Fez deslizar sobre a mesa duas tiras de papel. — Precisamos de alguma informação para a polícia. Somos obrigados a preencher estes papéis diariamente, acerca dos hóspedes que chegaram. Tomámos a liberdade de preencher a maior parte dos vossos dados de acordo com as informações da reserva, mas ficaram a faltar a profissão e a assinatura: aqui e aqui.

Florence examinou o formulário. Tinha o título *Bulletin Individuel d'Hotel*, e o seu nome, morada e número de passaporte já lá estavam.

— Posso perguntar qual a ocupação das senhoras? — perguntou Brahim.

Helen e Florence responderam «escritora» e «assistente» ao mesmo tempo.

— Assistente, isso é muito bom — disse Brahim, anuindo com a cabeça na direção de Florence. — Mas faça-me um favor — disse, ao mesmo tempo que se virava para Helen —, não ponha escritora. Irá despertar o interesse da polícia. Irão pensar que está a escrever artigos políticos ou matérias que não favorecem o nosso país. Vão pedir-me que lhes diga onde foram, o que é que fotografaram. Vai ser uma grande dor de cabeça, garanto-lhe. Ponha só «vendas» ou «gestora», por favor. Isso será melhor.

Helen parecia encantada com a farsa necessária.

— Gestora, então — disse ela. — O que é que eu hei de gerir? Uma fábrica?

— Gestora é suficiente — contrapôs Brahim, com amabilidade.

— Produzimos rodas dentadas, principalmente — prosseguiu Helen, quase histérica. — Para motores de barcos. Toda e qualquer embarcação que se faça ao mar. Se vai ao mar, nós damos-lhe asas... com rodas dentadas. Talvez tenhamos de

melhorar este *slogan*... O que é que achas, Florence?

Florence sorriu a medo. Não estava habituada a ver aquele lado galhofeiro de Helen.

— Gestora é suficiente — repetiu Brahim. — E vejo que vão ficar connosco apenas uma noite? — perguntou, depois de consultar o *iPad*.

Elas assentiram com a cabeça. No dia seguinte iriam de carro para Semat, que ficava a oeste.

— Nesse caso, posso sugerir um itinerário para o curto período em que ficarão connosco? El Badi é um palácio em ruínas que fica perto daqui. Bastante magnífico. Vale bem a pena a visita. E têm de dar um passeio curto pelos *souks*. Nós teremos todo o gosto em dar-vos uma lista dos vendedores mais respeitáveis. Peles, joias, tudo aquilo que desejem.

— Hum... Talvez — hesitou Helen. Florence sabia que ela não gostava que lhe dissessem o que fazer; percebera isso ao sugerir um desvio à cordilheira do Atlas, como parte da viagem até à costa. Helen olhara fixamente para ela durante alguns segundos, que se revelaram muito incómodos, e depois saíra da sala.

— Garanto-lhe que não há perigo nenhum — disse Brahim, que interpretara mal a renitência de Helen. — Há dezenas de polícias à paisana nos mercados com a única missão de proteger os turistas. Fingem ser bêbedos, tipos marginais, estão encostados às paredes, sentados pelo chão, mas assim que veem qualquer coisa... atacam! — As palmas de Brahim ecoaram nos quatro cantos do pátio.

Florence arqueou as sobrancelhas:

— A sério?

— Sim, sim. Toda a gente em Marraquexe finge ser quem não é — acrescentou Brahim, piscando o olho.

— Acho que agora vamos para o quarto — anunciou Helen, erguendo-se. Parecia ter perdido subitamente todo o entusiasmo. Florence teve de fazer um esforço por se recordar de que Helen não tinha muito mais experiência em voos de longa distância do que ela. Passava pouco das quatro da tarde em Marraquexe, e elas estavam acordadas há mais de vinte horas. Toda a curiosidade que sentiam em relação àquela cidade tinha sido abafada pelo cansaço e pelo *jet lag*.

— Claro, Madame.

Brahim mostrou-lhes como chegar ao primeiro piso, através de umas escadas em caracol.

— Este é um *riad* tradicional marroquino — explicou. — Foi construído em torno do jardim no piso térreo.

Na galeria, Florence espreitou sobre o gradeamento em ferro forjado para o pátio lá em baixo, banhado pelo sol do fim de tarde. Os quartos ficavam em frente um ao outro, separados pelo vão.

Pararam primeiro em frente ao quarto de Helen. Combinaram encontrar-se no piso inferior às sete horas, para jantar.

Em seguida, Brahim levou Florence até ao seu quarto. Ao cruzar a ombreira, que era abobadada, Florence reparou que na porta havia um gancho circular em ferro, igual a um segundo que estava preso à moldura. Parecia algo que se podia

usar para impedir alguém de sair, caso se enfiasse um bastão ou o cabo de uma vassoura através dos dois.

Florence interrogou-se durante breves instantes por que razão alguém teria posto aquilo ali, mas estava demasiado cansada para se importar. Só queria dormir; se alguém a quisesse prender ali, que o fizesse.

Florence acordou com dor de cabeça e um sabor amargo na boca seca. Fez um esforço tremendo para dissipar o nevoeiro denso em que se sentia. Os lençóis estavam enrodilhados e húmidos. Consequia sentir os efeitos secundários da adrenalina que lhe corria nas veias. Tentou recordar-se dos sonhos que tivera, mas a memória fugiu-lhe como um peixe veloz. Tinha corrido muito, pensou. Alguém a perseguia.

Esforçou-se por se sentar na cama e esfregou o rosto vigorosamente. Olhou para o telefone. Dizia que eram seis e catorze da manhã. Como era possível? Ela tinha mesmo dormido catorze horas? Levantou-se com dificuldade e caminhou até à casa de banho. Sentia as pernas entorpecidas. Molhou a cara com água fria vezes sem conta.

A pouco e pouco, a realidade do espaço à sua volta começou a desenhar-se com mais clareza. Estava em Marraquexe. Tinha combinado encontrar-se com Helen para jantar na noite anterior, mas adormecera. E hoje iam de carro para Semat.

Florence tomou um duche e vestiu a primeira coisa que lhe veio à mão no topo do seu saco de lona: calças de ganga e uma *T-shirt* amarrotada. Já fora do quarto, encostou a orelha à porta do quarto de Helen, mas não conseguiu ouvir nada. Espreitou sobre o gradeamento para o pátio lá em baixo. Viu Helen sentada a uma mesa debaixo de uma laranjeira, com um café à sua frente. Tinha um vestido de linho impecavelmente engomado e sandálias em pele que se apertavam com umas fitas em torno dos tornozelos.

Florence sentou-se pesadamente em frente dela.

— Pensei que tivesses morrido — disse Helen, animada.

— Também eu.

— Isso teria arruinado os meus planos.

— Ah, ah!

— Café — disse Helen, e apontou para um samovar em prata que estava numa mesa de *buffet*, à sombra.

Quando Florence regressou com uma chávena, desculpou-se:

— Não sei o que aconteceu. Acabou por ir jantar sozinha?

Helen ignorou a pergunta.

— Pensei que hoje, antes de sairmos de Marraquexe, podíamos passar por El Badi. Voltei a conversar com o Brahim esta manhã e deve ser mesmo espetacular. El Badi significa «o incomparável»; não é fabuloso? Ao que parece, é um dos noventa e nove nomes de Alá. Isto faz-me sentir bastante pobre, tendo em conta que só tenho dois. Vamos logo a seguir ao pequeno-almoço, depois podes ir buscar o carro.

Durante o planeamento da viagem, Florence sugerira que contratassem um motorista para as levar a Semat, mas Helen insistira em alugar um carro.

— Os árabes não sabem conduzir — dissera no mesmo tom factual com que alguém diz «eu cresci em Boise».

Depois do pequeno-almoço, regressaram aos quartos para ir buscar algumas

coisas e voltaram a encontrar-se no corredor. Helen entregou a sua carteira, o telefone e o maço de tabaco a Florence, e disse:

— Importas-te? Não me apetece carregar pesos.

— Claro que não.

Florence enfiou as coisas de Helen na sua mala de mão, que já estava a abarrotar. Demoraram algum tempo a encontrar a saída do labirinto sombrio que rodeava o hotel. As paredes das casas que ladeavam as ruas eram demasiado altas para permitir que o sol entrasse, e tão próximas umas das outras que Florence conseguia tocar em ambas ao mesmo tempo. Alguns edifícios, reparou Florence ao inspecioná-los de perto, estavam cobertos por uma película sintética que imitava pedra.

Brahim garantira que o palácio El Badi ficava a uma curta distância do hotel, mas elas não contaram com o tempo que iriam demorar a orientar-se. Por fim, conseguiram chegar ao cruzamento principal onde o motorista as deixara no dia anterior, de onde partiam ruas mais largas e mais movimentadas. Carros, motos, peões e burros, todos competiam por algum espaço. Os burros tinham um aspeto escanzelado e miserável, e puxavam quase sempre carroças semelhantes onde seguiam materiais de construção: sacos de cimento, tijolos e verguinhas que arrastavam no chão e deixavam um rasto na poeira atrás delas. Alguns táxis, velhas carrinhas *Mercedes* amareladas, modelos dos anos oitenta, paravam para lhes oferecer boleia, mas elas faziam com a mão sinal de que seguissem caminho e continuavam a andar. Passavam poucos minutos das nove e já estava calor. Florence desejou não ter vestido calças.

Muitas das lojas pelas quais passavam tinham disposto os seus produtos no exterior, e também estas coisas se amontoavam nas ruas apinhadas, numa mistura insólita entre o exótico e o prosaico: tartarugas vivas, meias embrulhadas em plástico, guarda-chuvas de criança, sacas com pigmentos e especiarias e feijões, fraldas, óculos de sol, pilhas de carne crua resplandecente. Tudo isto era vigiado por homens morenos que vestiam jilabas. Um gato passou por elas a correr com uma cabeça de pássaro na boca.

Quando chegaram a El Badi, Florence estava cheia de calor e muito enervada. Pagaram setenta *dirhans* (cerca de sete dólares americanos) para entrar e deram por si num complexo enorme, aberto, que estava extraordinariamente silencioso e tranquilo. O palácio tinha acabado de abrir, e elas eram as primeiras pessoas a entrar, tirando os guardas.

Florence leu o folheto que lhe fora entregue com o bilhete e resumiu o seu conteúdo para Helen:

— O palácio foi mandado construir pelo sultão em 1578. As obras terminaram quinze anos depois. Cem anos mais tarde, um novo sultão mandou que fosse deitado abaixo e usou os materiais para construir uma casa para ele em Menkes; não, perdão, Meknes, que fica no norte.

Helen arrancou o folheto da mão de Florence e começou a usá-lo como leque:

— Está aqui um calor dos infernos — disse.

— É o *chergui* — respondeu Florence.

Helen afastou-se e caminhou em direção a um jardim ligeiramente abaixo do nível do chão que ficava no centro do pátio. Florence refugiou-se junto às paredes altas, onde havia uma réstia de sombra. Passou as mãos pela superfície áspera da parede, pontilhada pelo mesmo tipo de buracos grandes que as muralhas da medina. No entanto, aqui os buracos estavam repletos de pombos amontoados uns nos outros — centenas deles. Os arrulhos dos pássaros tinham o mesmo efeito calmante e intempestivo de uma canção de embalar num filme de terror. Alguns pedaços de palha seca flutuaram até ao chão junto a Florence. Ela olhou para cima. Várias cegonhas imponentes olhavam-na desde o alto dos seus ninhos macios, que iam perdendo fiapos, no topo da muralha. Havia fezes de pássaro por toda a parte.

Florence desceu por uma escadaria íngreme que dava acesso a uma série de salas destruídas, sem telhado, com o chão em laje rachada. O som dos pássaros era ali ainda mais ensurdecedor. Encontrou um recanto na parede que lhe permitiu abrigar-se do sol e encostou o rosto à superfície da pedra. Estava surpreendentemente fresca. Momentos mais tarde, chegou outro turista. A presença de Florence não se notava de imediato. Foi só depois de se ter aproximado mais que o homem a viu, e deu um salto.

— Credo! — exclamou. — Assustou-me.

— Peço desculpa — disse Florence, caminhando em direção à luz.

— Está a esconder-se de alguém?

— Só do sol.

— Pois, hoje está agressivo. — O homem tinha o sotaque e a boca com dentes salientes típicos de um inglês. — É uma visita de lazer?

— Nem por isso — respondeu Florence. — De trabalho.

— Ah, sim? Deixe-me adivinhar... — Olhou-a lentamente de cima a baixo.

— É estudante de arqueologia — asseverou, ao mesmo tempo que esticava um indicador longo e magro na sua direção.

— Romancista — disse Florence.

O homem elevou as sobrancelhas.

— Ah, muito bem — disse ele. — Formidável.

Depois de ter mentido, Florence sentiu-se como quando, ao tomar banho no mar, passava do ponto em que ainda conseguia fugir às ondas para aquele onde a profundidade da água era tanta que a única coisa a fazer era enfrentá-las de frente. Receou, por mais absurdo que isso fosse, que o homem comesse a interrogá-la.

Afastou-se rapidamente dele e subiu as escadas de volta à luminosidade. Atravessou o complexo, passou pelo jardim afundado onde havia laranjeiras e pela piscina coberta de algas. Do lado oposto àquele de onde tinha vindo, encontrou outra escadaria que dava acesso a um piso inferior. Desceu-a e foi dar a uma galeria de corredores estreitos onde não havia ninguém. Entrou numa sala com vitrinas que expunham correntes e grilhetas de pescoço antigas. Nas paredes havia fotografias desbotadas, a preto e branco, de prisioneiros encolhidos em desespero. Florence apressou-se a regressar à luz do dia.

Viu Helen à sombra, a descascar uma laranja pequena. As suas pulseiras de resina chocalhavam ao compasso do movimento.

— Onde arranjou a laranja? — perguntou Florence.

Helen apontou com o queixo na direção das laranjeiras no jardim afundado.

— Tirou uma dali?

Helen encolheu os ombros.

— E então? São para quem? Para as cegonhas?

Florence observou, com inveja, o sumo de laranja que escorria pelo pulso de Helen, mas faltava-lhe audácia para colher uma. Olhou de relance para um dos seguranças, um rapaz com vinte e poucos anos e com a pele cheia de marcas de acne, que estava absorto no telemóvel. Pareceu pressentir que o observavam e ergueu o olhar. Florence voltou-lhe as costas rapidamente.

— Já está despachada? — perguntou.

Helen retirou um carço da boca e ergueu-o à luz do Sol, prendendo-o entre o polegar e o indicador, antes de lhe dar um piparote para longe.

— Sim, vamos fazer-nos ao caminho — respondeu.

Separaram-se à entrada do palácio e combinaram encontrar-se daí a uma hora no cruzamento principal que ficava perto do hotel.

— Ah, espera! Preciso das minhas coisas — disse Helen, voltando para trás.

Florence tirou da mala o telefone, a carteira e os cigarros dela, e passou-lhos para a mão. Helen enfiou o telefone e o maço de tabaco no bolso do vestido, mas abriu a carteira para tirar a carta de condução. Entregou-a a Florence.

— Isto é para quê?

— Para o aluguer do carro. Imagino que precisem de ver que o nome na carta de condução corresponde ao do cartão de crédito com o qual se fez a reserva.

Florence olhou para a fotografia na carta de condução. Revirou o documento e observou a forma como o holograma refletia a luz do sol.

— Acha que passo por si?

Tinham ambas cabelo loiro e estatura pequena, mas Florence nunca se atrevera a tentar encontrar semelhanças mais fortes.

— Vamos ver, não é?

Florence começou a caminhar em direção a oeste, afastando-se do sol. O local de recolha do carro ficava fora das muralhas da medina. Brahim dissera-lhe que iria demorar cerca de vinte minutos a pé.

— Atravesse a praça Jemaa el-Fnaa — sugerira ele, apontando para o local no mapa que assinalara. — É um dos locais mais famosos de Marraquexe. Era lá que se fuzilavam os prisioneiros. Depois, as cabeças deles eram... — Estalou os dedos algumas vezes. — Qual é a palavra? Como nos cachorros-quentes... Come-se isso com os cachorros-quentes... São compridos e verdes e estaladiços...

— *Pickles*? — arriscou Florence, a medo.

— *Pickles*! É mesmo isso! As cabeças deles eram transformadas em *pickles* e penduradas nos portões da cidade. Como um aviso.

— Oh...

— E também pode pintar as mãos com *benna*, muito bonito.

A praça Jemaa el-Fnaa afinal não era uma praça quadrangular. Era um terreiro vasto, irregular, com o Café de France ao fundo. Ela e Helen tinham-na atravessado nessa manhã, quando ainda estava vazia, sem saber o que era. A praça estava neste momento a começar a encher-se de vida. Dispostas sobre mesas cobertas com lonas e guarda-sóis, pilhas de laranjas aguardavam que as espremessem. Um velho de voz roufenha tinha em seu redor uma plateia muito atenta de turistas de máquina fotográfica a tiracolo. Florence calculou que fosse um dos contadores de histórias sobre os quais tinha lido. Havia ainda mais turistas sentados à sombra, enquanto lhes adornavam as mãos e os pulsos com padrões intrincados.

Um homem aproximou-se dela carregando sobre a cabeça uma cobra negra, fininha, e tentou pô-la nos ombros de Florence.

— Não, obrigada — disse ela, desviando-se.

O homem insistiu.

— Não — repetiu Florence, mais resoluta.

O homem riu-se.

— Não tenha medo.

Florence irritou-se. Ela não tinha medo. Seria essa a única razão aceitável para se recusar uma cobra à volta do pescoço? Desviou-se e continuou a caminhar. O riso do homem ecoou, dissonante, nas suas costas.

Era aqui, por fim, que se encontrava o exotismo de Marraquexe, ainda que fosse um exotismo atenuado para agradar aos turistas, mas Florence já não tinha interesse. Sentia calor. Estava cansada.

Chegou ao limite da medina. Em frente a um dos portões havia um edifício imponente, ladeado por três guardas envergando uniformes de cores diferentes. Florence pegou no telefone para o fotografar, e os guardas começaram todos a gritar com ela ao mesmo tempo. Um deles começou a atravessar a rua na sua direção, ainda a gritar. Vários transeuntes se voltaram para ver o que se passava. Florence sentiu o sangue subir-lhe às bochechas e voltou a guardar o telemóvel na

mala. Ergueu as mãos como quem pede desculpa, e o guarda voltou para trás. Uma mulher passou por ela, com uma *burka* que a cobria da cabeça aos pés, e Florence percebeu pelo reflexo da luz nos seus óculos que a mulher a inspecionava. Florence afastou-se rapidamente e pisou um monte de algo que suspeitou ser excremento de burro.

Demorou meia hora a encontrar a agência de aluguer de carros, e quando lá chegou, tinha uma enorme camada de pó em cima. A poeira colava-se-lhe à pele transpirada e ficava presa às pestanas. Até entre os dentes conseguia sentir grãos de areia.

— *De l'eau?* — pediu ao adolescente magricela que estava atrás do balcão, com o francês que estudara na universidade a entaramelar-se na língua. Fez com as mãos o gesto de beber. — Água?

O rapaz abanou a cabeça com um ar pesaroso. Florence suspirou e entregou-lhe a folha com a confirmação da reserva.

— *Un moment* — disse o rapaz, e desapareceu por trás de uma porta em contraplacado estalado.

Encostadas à parede havia duas cadeiras desdobráveis. Florence sentou-se numa e encostou a cabeça para trás. Sobre a sua cabeça, agitava-se uma ventoinha.

O rapaz regressou com um homem que a saudou em inglês. Florence entregou-lhe a carta de condução de Helen. O homem olhou de relance para o documento e pô-lo em cima do balcão, fazendo-o deslizar até Florence.

— Venha — disse.

Florence seguiu-o e saíram pela porta da frente. As sandálias plastificadas do homem faziam muito barulho ao bater nas plantas dos pés. Tinha os calcanhares fendidos por marcas profundas de secura extrema.

A garagem ficava na porta ao lado. O homem levou-a até junto de um *Ford Fiesta* e fez um gesto magnífico.

— Novo em folha — disse, batendo ao de leve no tejadilho.

Florence agradeceu. O homem desviou-se e ficou a observá-la enquanto ela entrava no carro. Florence ligou o ar condicionado no máximo. Ao início, o ar era quente e fétido, como hálito humano, mas rapidamente começou a arrefecer e a secar o suor na sua pele. Também começou a dissipar a confusão mental, exacerbada pelo calor, à qual Florence estava presa desde que acordara. O homem do escritório ainda ali estava, a olhar para ela. Florence engatou a marcha-atrás e, ao fazer a manobra e mergulhar na loucura que era o trânsito lá fora, por pouco não atropelava uma velhinha.

Quando Florence apareceu, finalmente, quinze minutos depois da hora marcada, Helen estava no cruzamento junto ao mesmo homem com o mesmo carrinho de mão com as malas delas lá dentro. Tinha um chapéu de palha de aba larga, que pôs sobre os joelhos ao entrar no carro.

— É novo? — perguntou Florence, apontando para o chapéu.

— Sim, comprei-o a caminho do hotel. Quarenta *dirhans*. O Brahim tinha razão: o *souk* é incrível.

Florence anuiu com a cabeça e sorriu. Apoiou por breves momentos a cabeça no encosto do assento. Todo o seu corpo estava tenso. Não tinha compreendido nenhum dos sinais de trânsito no caminho até ali. Quase chocara com uma charrete com dois turistas assustados lá dentro. O funcionário do hotel fechou a bagageira do carro e deu uma leve pancada na chapa. Florence não se mexeu.

— Vamos, Florence. — Helen estalou os dedos, talvez de uma forma jocosa, mas provavelmente não.

— Desculpe — respondeu Florence, endireitando as costas.

Pôs as mãos no volante e engatou a primeira.

Depois de uma hora e pouco de viagem, o ar condicionado pifou. Helen chegou-se à frente e deu algumas pancadas na saída de ar, depois encostou-se violentamente às costas do assento e fechou os olhos. Ainda faltavam duas horas.

Florence desligou o ar condicionado estragado e abriu as janelas. O vento assobiou com força ao entrar no carro, e os cabelos delas giraram e rodopiaram como se estivessem debaixo de água.

Florence deu uma guinada ao de leve quando um camião as ultrapassou.

— Credo, Florence, cuidado! — disse Helen.

Helen ainda levava os olhos fechados, e não tinha posto o cinto de segurança. Nunca o fazia. Florence interrogou-se sobre o que aconteceria caso travasse a fundo. Era provável que a cabeça de Helen embatesse no painel do carro como uma bola de futebol.

Não havia muitos carros na estrada. Pôs o pé no acelerador e observou a agulha do velocímetro a subir. Rapidamente surgiu uma curva, e Florence teve de reduzir a velocidade. Helen abriu os olhos e ligou o rádio. O sol tinha descido um pouco, e os raios de luz bruxuleavam através das árvores. Helen acendeu um cigarro. Não podia pôr a mão de fora da janela, porque o vento lhe arrancaria o cigarro dos dedos. Florence sentiu o fumo a arranhar-lhe a garganta.

Viajaram durante mais uma hora em silêncio. À medida que se iam afastando, a paisagem ia ficando mais seca e mais poeirenta. Florence tinha lido que Marraquexe era, na verdade, um oásis no deserto. Aqui, em plena autoestrada, não havia a opulência nem o colorido da cidade. O calor e o rumorejar cantante das rodas sobre o asfalto deixaram-nas numa espécie de transe. Só depois de perceberem que o vento que entrava no carro parecia diferente é que começaram a sair dele. A temperatura descera alguns graus e o ar parecia mais fresco e mais límpido. Florence pensou conseguir sentir o cheiro do mar. A paisagem que as

rodeava estava a ficar mais verde, também. Florence olhou de relance para o mapa que tinha no telefone. Percebeu que já só faltavam dez ou quinze quilómetros para chegarem a Semat.

A estrada aproximou-se de uma ravina alta e continuou ao longo do limite da escarpa. Lá em baixo, as águas do Atlântico agitavam-se em rasgos de espuma. A luz do sol refletia-se na superfície, à distância. Era difícil acreditar que aquela era a mesma massa de água junto à qual Florence crescera. Este oceano deve ter achado os armazéns de telhado plano na Florida muito aborrecidos, pensou Florence, depois de ter visto as muralhas e os minaretes de Marrocos.

A estrada à beira da falésia mal tinha largura suficiente para duas faixas e, por vezes, quando um carro ou uma mota se aproximavam velozmente delas, vindos da direção contrária, Florence via-se obrigada a abrandar de tal maneira que quase parava o carro. Estava sempre a passar as palmas das mãos pelo estofado do assento, para secar o suor.

Um camião com uma cobertura de lona aproximou-se do para-choques traseiro, e a sua buzina lançou um silvo penetrante e enfurecido. Acabou por ultrapassar o carro delas, conseguindo por um triz regressar à faixa da direita antes de um carro que vinha da esquerda surgir, veloz, depois de uma curva. A batalha de buzinas que se seguiu criou um tal estridor dentro da cabeça de Florence que esta sentiu dificuldade em concentrar-se.

Por fim a estrada afastou-se do precipício, e pouco tempo depois Florence virou à esquerda para uma rua estreita cujo nome correspondia ao que estava escrito no papel do arrendamento. Florence inspirou profundamente pelas narinas ao subir a rua. Cheirava a terra molhada.

A rua era uma subida íngreme. Logo depois, surgiu uma casa branca com uma risca azul-forte — outro *riad*, percebeu Florence. A casa erguia-se, isolada, no topo da ladeira inclinada. Passaram por uma rocha que tinha sido pintada de branco e onde se lia, a azul, VILLA DES GRENADES.

«*Des Grenades?*», perguntara Florence aquando da reserva. «Como em granadas de guerra?»

«*Grenade* é romã em francês», explicara Helen.

Entraram na propriedade, através do portão, e Florence estacionou junto ao caminho de acesso à casa. Recostou-se no assento. Todo o seu corpo estava peganhento.

Da casa emergiu uma mulher robusta de cabelo grisalho, com cerca de sessenta anos. Percorreu a distância que as separava com alguma dificuldade. Helen e Florence saíram do carro para a cumprimentar.

A mulher deu um passo em frente e apertou a mão de Florence.

— *Bonjour, mesdames, bienvenues* — disse.

— Fala inglês? — respondeu Helen.

— Sim, pouco — disse ela, com um sorriso envergonhado.

Disse que o seu nome era Amina e explicou que trabalhava na Villa des Grenades há mais de vinte anos. Seria ela a responsável pela cozinha, pelas compras e pela limpeza. Se precisassem de qualquer coisa, era só pedir. Vivia

mesmo ao fundo da rua, disse, apontando para um local pouco preciso no sopé da colina. Amina tentou pegar nas malas, mas Florence insistiu em ser ela a levá-las.

Ao entrar na casa, Florence sentiu-se invadida pelo pânico. No chão faltavam pedaços grandes de azulejo, e havia bolor em cada canto. Plantas trepadeiras entravam pelas janelas, ganhando terreno ao longo de paredes e tetos. Manchas acastanhadas assinalavam o local por onde as plantas tinham passado. Estas marcas eram visíveis mesmo depois de as plantas terem sido arrancadas à força. Ao ver estas manchas, Florence recordou-se de casa e do rasto peganhento das lesmas.

No andar de cima, as paredes e o chão também estavam em mau estado, mas pelo menos os lençóis pareciam limpos e havia água quente e fria. Tal como no hotel, o primeiro piso tinha uma abertura ao centro, com vista para o pátio soalheiro do piso térreo.

Por trás da casa estendia-se um grande terraço que dava acesso a uma pequena piscina ladeada de palmeiras cujos fiapos soltos nos troncos davam às árvores a aparência de terem sido apanhadas a tirar a roupa. A piscina só tinha água até três terços da altura e estava coberta por uma camada espessa de limos. Vários bichos atravessavam, confiantes, a superfície da água. Junto à borda havia três espreguiçadeiras meio desfeitas assentes sobre montinhos de lascas de plástico que cobriam o chão. Amina apontou para uma pilha de toalhas limpas, impecavelmente dobradas, que havia numa mesa de apoio, o que fez com que Helen se risse.

— Eu vou telefonar para a agência — disse Florence. — Vamos ver se há outros alojamentos disponíveis. Eu juro que as fotos do *site* não tinham este aspeto.

Helen também tinha visto as imagens e tinha aprovado a escolha de Florence.

Mas Helen disse apenas:

— Esta serve. Serve perfeitamente.

Helen queria dedicar a tarde à escrita, por isso instalaram-se na sala grande e bem iluminada do rés do chão, que dava acesso tanto ao terraço das traseiras como ao pátio em laje que havia no centro do edifício. Helen escrevia com movimentos rápidos, frenéticos. A caneta corria desvairada sobre a folha e por vezes abria sulcos no papel.

Florence observava-a a partir de um sofá do lado oposto da sala. Também ela tinha um caderno no colo e uma caneta na mão, mas não tinha escrito nada.

Uma frase, disse para os seus botões. *Escreve só uma frase.*

Escreveu: *Eu sou*.

A segunda frase mais curta em inglês.

Eu sou... o quê? Eu sou o quê?

Voltou a pôr a tampa na caneta. Olhou novamente para Helen, que franzia o sobrolho, concentrada.

Florence bateu com o caderno na mesa que tinha em frente, o que lhe valeu um olhar reprovador da parte de Helen, depois levantou-se e saiu para o terraço. Recostou-se numa das espreguiçadeiras e fechou os olhos. Eram quase sete da tarde, mas o ar ainda estava quente. Escutou o restolhar das folhas das palmeiras e

o chilrear dos pássaros.

Sentiu que tinha sido enganada. Ela tinha desistido da mãe, não tinha? Por que motivo não era ainda capaz de escrever? Onde estava a grande torrente de palavras que lhe tinha sido prometida? Ou seria essa recompensa exclusiva de Helen?

A estridência do canto dos pássaros começou a irritá-la. Voltou para dentro e abriu o computador, que instalara numa secretária em madeira talhada que havia num canto da sala, para espreitar os *e-mails* de Helen.

Havia algumas mensagens de Lauren, a assistente de Greta, mas nada urgente. E uma mensagem pessoal no endereço de Helen Wilcox.

— Recebeu um *e-mail* de Sylvie Daloud — disse.

Helen olhou para ela e abriu e fechou os olhos algumas vezes.

— Desculpa, o quê? Eu estava completamente noutra.

— Recebeu um *e-mail* de Sylvie Daloud. Diz que vai renovar a assinatura para a próxima temporada do Met e quer saber se a Helen está interessada em fazer coincidir as datas dos bilhetes para alguns espetáculos.

Helen pousou o caderno e a caneta na mesa ao seu lado.

— OK, eu respondo mais tarde.

Florence anuiu com a cabeça e fechou o computador.

— Helen, eu sei que esta pergunta é tonta, mas... como é que escolhe aquilo que vai escrever?

Helen franziu o sobrolho.

— Como é que escolho aquilo que vou escrever? Acho que é mais ao contrário. Quando escrevi *O Foxtrot do Mississípi*, eu não tinha decidido tornar-me escritora e procurado um enredo. Eu tinha uma história que precisava de ser contada, por isso escrevi-a.

— Oh — disse Florence, desiludida, apesar de não estar completamente certa de ter compreendido o que Helen dissera: será que ela tinha uma história *em mente*, ou uma história que acontecera mesmo? Bem, Florence não tinha uma coisa nem outra, por isso não interessava. — E agora? — acrescentou. — O processo é o mesmo, neste segundo livro?

— Bem... não. Não é exatamente o mesmo. — Helen fez uma pausa tão longa que Florence pensou que ela não ia dizer mais nada. E então Helen disse: — Às vezes tens de criar a tua própria história.

— Como assim?

— Todas as histórias têm de ter por base a realidade, caso contrário não parecem autênticas. Mas é óbvio que a realidade é maleável.

— Será?

— Como é que podes ter dúvidas? É claro que é. Tu tomas decisões. Tu ages. Isto — fez um gesto que abarcava tudo à sua volta —, viajar, é uma forma de mudar a tua realidade.

— Talvez — respondeu Florence. Admitiu que ela *alterara* a sua realidade. Se não tivesse enviado aquelas fotografias a Simon, não estaria em Marrocos com Helen. Seria isso uma história? Talvez a sua viagem desde Florida até Marrocos,

passando por Nova Iorque, fosse suficiente para criar um enredo. O que sabia ela sobre mulheres que devoravam os maridos? Ela conhecia a sua própria vida. E talvez esta estivesse finalmente a tornar-se interessante o suficiente para poder escrever sobre ela.

Amina serviu o jantar no terraço das traseiras, entre as palmeiras cujas folhas ondulavam com a brisa. Tinham comprado uma garrafa de *whiskey* na loja *duty-free* do aeroporto de Lisboa, e cada uma encheu um copo grande.

Amina trouxe pratos e mais pratos com comida — sopa *harira* com grão-de-bico e lentilhas, puré de abóbora com especiarias, beringela esmagada, um prato com azeitonas em azeite, um pão de sésamo achatado, que Florence achou que parecia a base de um *muffin* inglês, e, por fim, uma *tagine* fumegante com cordeiro e ameixas. Elas tiveram de manter os guardanapos entalados por baixo dos pratos enquanto comiam para evitar que o vento os levasse. A lua brilhava no céu, muito nítida, em quarto crescente.

— Caramba, não achaste El Badi lindíssimo? — perguntou Helen, servindo de mais *whiskey* ambos os copos.

— Não sei se diria lindíssimo. Está em ruínas.

— Mas consegues imaginar o aspeto que deve ter tido no seu auge. A escala de tudo aquilo; o exagero puro. Trezentos e sessenta quartos. Mármore vindo de Itália. Ouro do Sudão. Que projeto aquele! Olha que faz uma bela campanha contra a democracia.

— Como assim?

— Bem, é óbvio que um edifício assim nunca poderia ser construído num regime democrático. Tal como as pirâmides do Egito, ou Versalhes. Mas não gostamos que existam? Não gostamos de ver as incríveis e grandiosas proezas de que o Homem é capaz quando age sem limitações? Eu acredito que a democracia seja *justa* — Helen fez o símbolo das aspas com os dedos ao dizer isto —, mas porque é que a justiça tem de ser sempre um objetivo? E a grandeza? Às vezes não se pode ter as duas coisas.

— Não sei. Há que dizer que a igualdade é um valor importante...

— Todos os valores são importantes, Florence. Mas quando todas as pessoas são iguais, todas são substituíveis. Fica tudo completamente igual.

Florence não sabia o que responder a isto.

— Diz-me uma coisa, Florence. Quando eras miúda, achavas mesmo que as pessoas que estavam à tua volta eram iguais a ti?

Florence encolheu os ombros, sem se comprometer.

— Não achavas, Florence. Eu conheço-te. Achavas-te melhor que elas. — Helen fez uma pausa. — E eu acho que tinhas razão.

— Talvez — murmurou Florence. Deu mais um gole no *whiskey* e voltou o rosto para o lado, para esconder o sorriso.

— Acredita em mim, Florence — prosseguiu Helen. — Se passares a vida à procura de justiça, vais ter uma desilusão. A justiça não existe. E se existisse, seria uma chatice. Não deixaria espaço para as surpresas. Mas se procurares a grandeza: a beleza, a arte, a transcendência, então, sim, serás recompensada. É por *isso* que

vale a pena viver. — Helen pousou o copo com brusquidão, entornando parte da bebida na mesa. — Tenho a certeza de que há pessoas no meu passado que não acham justo que a minha vida se tenha tornado naquilo que é hoje. E, quem sabe, talvez não seja. Mas quero que compreendas uma coisa: eu não mudaria nada daquilo que fiz. Nada de nada.

Florence adorava quando Helen falava com ela assim, como para uma discípula condigna. Sentia-se encantada com o facto de Helen a ter trazido como acompanhante naquela viagem. É certo que tinha vindo na qualidade de assistente, mas na verdade não havia assim tanto para fazer. Helen estava a gastar muito dinheiro apenas para a ter ali a escrever ao computador uma hora por dia. Era possível, pensou Florence, que Helen quisesse apenas a sua companhia. Que Helen *gostasse* dela.

— Helen — começou, antes de se conseguir conter. Estava a sentir-se audaz.

Helen cantarolava por entre os dentes e tamborilava ao de leve na mesa. Ergueu o olhar.

— Hã?

— Que partes é que são verdade?

— Que partes de quê?

— De *O Foxtrot do Mississípi*.

Helen disse que não com a cabeça.

— O que é que isso importa? Nunca consegui compreender a obsessão que as pessoas têm com «os factos reais».

— Pois, não sei. — Florence encolheu os ombros. — Não vai mudar nada, claro. Eu só queria saber.

Helen fitou Florence durante um momento sem dizer nada. Florence receou ter ido longe de mais. Depois, Helen disse:

— Ah, que se lixe. Não é que tu vás contar isto a alguém...

— Claro que não.

Helen olhou para ela com um sorriso divertido, que durou pouco.

— A Ruby — disse por fim.

Florence aguardou que Helen acrescentasse qualquer coisa. Ela não o fez.

— A Ruby *o quê*? A Ruby é real?

Helen acenou com a cabeça lentamente.

— A Ruby é real. O nome é que não. — Fez um sorriso rasgado. — Credo, detesto o nome Ruby. Não sei o que me passou pela cabeça. Não lhe fica nada bem.

— Qual é o nome real?

Helen sorriu de um modo alheado, sonhador.

— Jenny. Era a minha melhor amiga. — Fez uma pausa para acender um cigarro. — O meu pai, como poderás ter percebido pelo livro, era um patife inútil, e a minha mãe era apenas, não sei, como se não existisse. Era uma mulher derrotada. Acho que estava só à espera de morrer. Coisa que aconteceu quando eu tinha oito anos. Por isso só havia a Jenny. Eu e a Jenny. — Helen suspirou. — E depois ela matou aquele homem, e acabou tudo. — Estalou os dedos. — A nossa

amizade. A infância. Tudo. O meu mundo desmoronou-se por completo.

— O assassinato é real? — perguntou Florence, com os olhos muito abertos.

— Bem, com aqueles pormenores, não. Ele não era um tipo qualquer que estava de passagem; vivia lá há mais tempo do que nós. Depois, quando a Jenny fez quinze anos, ele desenvolveu um fascínio obsessivo por ela. Andava sempre atrás dela, convidava-a para sair, esperava por ela à porta de casa. Por fim, ela fartou-se. Deu-lhe um tiro com a caçadeira do pai.

— Que horror.

Helen fez um olhar surpreendido.

— Achas? Para te dizer a verdade, eu nunca me senti horrorizada. Longe disso. Senti-me... o quê? Senti-me orgulhosa. Com alguma inveja também, talvez. Ela chegou a limites inauditos nos nossos círculos. Contou-me mais tarde que, depois de ter decidido matá-lo, mas ainda antes de ter premido o gatilho, tudo em seu redor se intensificou: os seus sentidos, as suas emoções, tudo. Conseguiu ouvir os seus pulmões a inflar, conseguia ouvir o seu sangue a pulsar dentro das veias. E sentiu uma força imensa a percorrer-lhe o corpo todo, como uma corrente elétrica. E eu não sabia o que isso era; não conseguia compreendê-la de todo. Era como se ela tivesse ganhado acesso a um clube que não me aceitava como membro. Senti-me uma impostora. Eu vivia a fingir que era adulta, que sabia tudo, que conseguia ser fria e cínica. Mas ela estava noutro nível. Ela era realmente assim. E isso intimidava-me. Deixei de conseguir seguir-lhe os passos. Ela cruzara uma fronteira que era impossível para mim. Tinha-me deixado para trás.

Helen, absorta, esticou a mão e bateu a mesa, em busca do maço de tabaco. Tirou um cigarro e acendeu-o usando aquele que tinha na mão. Florence ficou calada, esperançosa de que Helen continuasse a falar, mas ela não o fez. Helen limitou-se a fumar e a olhar em frente.

— O que é feito dela?

— Apanhou vinte e cinco anos.

— Mas no livro...

— No romance.

— Isso, no romance. No romance, foi a Helen. A personagem Maud é que é a assassina.

Helen acenou com a mão.

— Ah, isso foi para melhorar a história. Bom, também pode ter sido em parte por causa da inveja. Eu quis tentar obter uma pálida versão da experiência que ela tinha tido.

— E então a Jenny ainda lá está?

— Onde?

— Na prisão.

Os olhos de Helen voltaram a focar-se. Florence pusera um fim ao arrebatamento.

— Sim, claro. — Em seguida, Helen respirou fundo e abriu muito os olhos.

— Muito bem — disse ela, pondo de facto um ponto final à conversa —, esta conversa tomou um rumo que eu não esperava! — Solto um riso breve e pôs as

mãos sobre as coxas, para se erguer. — E agora esta carcaça velha tem de ir dormir. Até amanhã! Vamos até ao centro da cidade, explorar?

Florence aquiesceu com a cabeça.

Quando chegou ao limiar da porta, Helen voltou-se para trás:

— Não tenho de te recordar de que isto fica entre nós, pois não?

Florence abanou a cabeça.

— Linda menina. — Helen fez uma pausa. — Fico feliz que tenhas vindo, Florence.

Depois desapareceu no interior da casa sem esperar por resposta.

O emaranhado de trepadeiras na janela filtrava a luz da aurora, projetando sombras ondulantes na parede ao lado dela. Florence olhou para o relógio. Passava pouco das oito. Sentou-se na cama e pousou os pés no chão de terracota, muito fresco.

No andar de baixo, Amina servira o pequeno-almoço no terraço. Havia brioche frescos num cesto coberto por um pano imaculado. Manteiga numa pequena forma e três tipos de doce. Uma taça de mel tão espesso que a colher de madeira lá dentro se aguentava na vertical. Havia também pratos com ameixas, amêndoas, bagos de romã e rodela de laranja-da-baía. Três jarros diferentes com sumo.

Florence sentou-se e assustou um passarinho pequeno, parecido com um pardal, que estava a debicar no cesto do pão. O pássaro esvoaçou e pousou numa cadeira ali perto.

— Desculpa, amiguinho — disse ela, atirando-lhe um bocadinho de brioche. As penas dos pássaros pesam mais do que o seu esqueleto, recordava-se de ter aprendido nalgum lado.

Helen desceu passado pouco tempo. Parou junto à entrada e voltou o rosto para o sol.

— Meu Deus, isto sabe tão bem — disse ela.

Comeram lentamente e falaram muito pouco. Estavam ambas com uma leve resaca. Depois do pequeno-almoço, Florence ligou o computador na sala para ver os *e-mails*.

— Tem uma mensagem nova da Greta — disse em voz alta para Helen, que ainda estava no terraço, fumando um cigarro e com o olhar no horizonte.

— O que é que diz? — perguntou ela sem se voltar.

— Espera que a viagem esteja a correr bem, blá blá blá, e quer falar consigo sobre uma coisa quando tiver dois minutos.

— Sobre quê?

— Não diz. Pede só para lhe ligar.

— OK.

— Quer que eu responda?

— Não. Eu ligo-lhe daqui a pouco.

Florence entrou na sua conta de *e-mail* pessoal. Só tinha uma mensagem nova, da mãe. Leu-a de relance. Antes de fechar a janela do *browser*, conseguiu vislumbrar a palavra *traição*.

Saíram por volta das dez. À porta, Helen voltou a entregar os seus pertences a Florence.

— Vai levar o passaporte? — perguntou Florence.

— Lição de vida: no estrangeiro, traz sempre o passaporte contigo. Nunca sabes o que vai acontecer. Além do mais, eu não confio naquela mulher.

— Na Amina? — perguntou Florence, a rir. — Por favor...

— Não confundas ingenuidade com compaixão. E estou a falar da tua. Não

sabes nada sobre aquela mulher.

Florence revirou os olhos, mas ainda assim regressou rapidamente ao quarto para ir buscar o passaporte.

Semat propriamente dita ficava a cerca de quinze minutos de carro, na direção oposta àquela de onde tinham vindo. A cidade concentrava-se numa colina sobranceira à costa e estava cercada por muralhas da mesma tonalidade que a areia das praias. Estas muralhas serviam de barreira à ventania que vinha do mar e que chicoteava as águas revoltas, trazendo consigo um pouco de espuma das ondas. Dentro da medina, onde havia poucos carros, conseguia distinguir-se um amontoado de edifícios brancos contra o azul brilhante do céu. A cidade fora fundada por berberes no século i, e nos séculos que se seguiram tinha sido ocupada pelos romanos, pelos portugueses e pelos franceses. Os guias de viagem chamam-lhe vila piscatória, mas agora a sua economia dependia principalmente do turismo, sobrevivendo à custa dos poucos turistas que escapavam às estâncias mais populares em Essaouira e Agadir.

Florence estacionou o carro nas imediações da Praça Hassan II, perto do centro de Semat, em frente a um edifício com uma porta abobadada pintada de azul-vivo. Para um lado ficava o porto e a praia; para o outro, a cidade. Assim que saíram do carro, Florence sentiu que pisava um terreno arenoso. Olhou para o chão. Era areia da praia, que o vento trazia até ali. Perguntou se podiam parar no *souk*; desde que vira o chapéu de Helen que tinha ficado com vontade de ir às compras. Dentro do mercado, que era uma versão em miniatura do de Marraquexe, a luz do sol ondulava por entre os toldos de junco suspensos sobre as bancas. Várias mesas exibiam pilhas altas de especiarias; Florence viu letreiros que indicavam açafraão, cominhos e pimentão. Noutras havia *tagines* coloridas, dispostas em filas alinhadas. Caminhou até junto de um homem que vendia bolsas em pele trabalhada. Atrás dele, a companheira estava a fazer entalhes numa aba de couro, com uma faca. Florence pegou numa mala rígida, pequena, e abriu-a.

— Duzentos *dirhans* — disse o homem atrás da banca. — Vinte dólares.

Florence observou a mala de todos os ângulos. Voltou-se para Helen para lhe perguntar o que achava, mas ela estava um pouco afastada, a observar um homem que depenava uma galinha morta.

— OK — respondeu ao homem. — Fico com ela.

Tirou o dinheiro da carteira.

Transferiu o conteúdo da mala antiga para a nova, que pôs ao ombro. Estava contente por ter adquirido uma recordação daquela viagem. Imaginou-se a receber elogios pela mala, e a dizer às pessoas onde a tinha encontrado. Caminhou até junto de Helen, que estava agora a inspecionar as *tagines*, e mostrou-lhe a compra.

— Gosta?

— Quanto pagaste?

— Vinte dólares.

— E o preço original?

— Foi esse. Vinte dólares pareceu-me uma pechincha.

— Não regateaste?

Florence encolheu os ombros.

— Ele deve precisar do dinheiro mais do que eu.

— Isso não interessa. Eles respeitam as pessoas que sabem negociar. Agora ele tem mais uma razão para pensar que todos os americanos são pessoas moles, a quem se comem as papas na cabeça.

Por momentos, Florence sentiu-se exasperada pela determinação de Helen em fazê-la sentir-se tola.

— Precisamente — insistiu. — E não seria errado induzi-lo em erro?

Helen soltou uma gargalhada gutural e relutante.

Saíram do mercado e passaram novamente pela Praça Hassan II, em direção ao porto. Vendedores grelhavam peixe em bancas ao longo de toda a rua. Vagas de fumo erguiam-se no ar antes de serem dissipadas pelo vento. Havia dezenas, talvez centenas, de barcos a flutuar na água, na sua maioria botes desconjuntados pintados de azul-forte que pertenciam a pescadores solitários, ainda que também existissem alguns navios grandes de madeira e meia dúzia de iates pequenos e pouco bonitos. De certa forma, este cenário recordou Florence da sua casa. Quando andava no secundário, ela e sua amiga Whitney costumavam entrar à socapa nos barcos que estavam ancorados no porto. Não era possível entrar mesmo lá dentro, mas dava para se deitarem no convés e fingirem que o barco lhes pertencia.

Deparam-se com um homem que esbofeteava incessantemente um polvo que estava no chão. Pararam para o observar.

— O que é que ele está a fazer?

— Está a torná-lo mais tenro — respondeu Helen. — O polvo é demasiado rijo para se comer se não se lhe der alguma pancada antes.

Almoçaram cá fora, numa marisqueira junto ao porto, para evitarem voltar a subir até ao centro. A brisa que vinha do mar parecia arrastar consigo uma massa de ar quente, pesado. Pediram polvo acabado de pescar, ou pelo menos vendido como tal, com vegetais grelhados e duas garrafas da cerveja local, *Casablanca*. À medida que o sol foi chegando ao seu ápex, a sombra do guarda-sol girou, e o lugar de Helen deixou de estar à sombra. Ela pediu a Florence que trocassem de lugar.

— Tu és mais nova, a tua pele tolera melhor o sol — disse ela.

Florence franziu o sobrolho quando ouviu esta justificação: só tinha menos seis anos. Mas depois lembrou-se de que não estaria ali se não fosse Helen, e levantou-se rapidamente.

À torreira do sol, Florence sentiu-se esmorecer. Encostou a garrafa da cerveja à testa e ao pescoço. Mal conseguia olhar para o polvo. Pensou no animal a ser espancado até à morte no chão. Afastou o prato.

— Não vais comer? — perguntou Helen. Florence abanou a cabeça. Helen puxou o prato para si. — Estou cheia de fome.

Quando terminou a refeição, Helen acendeu um cigarro e sacudi a cinza para cima do resto dos tentáculos que deixara no prato. Florence desviou o olhar, enojada.

A subida no caminho de regresso à praça, com um calor abrasador, pareceu

mais íngreme do que Florence se recordava. Lembrou-se de que tinha querido comprar um chapéu.

— Está um calor dos infernos — disse, ofegante.

— O quê? — perguntou Helen.

— Nada.

Florence não se lembrara de deixar o carro à sombra, e tiveram de usar o tecido dos vestidos como pegas para conseguirem tocar nos puxadores das portas. O ar condicionado continuava sem funcionar.

Nessa tarde, refugiaram-se ambas nos quartos. Florence tentou dormir uma sesta, mas teve um sono agitado e acordou mais cansada do que antes de se ter deitado. Saíram para jantar às oito e meia. Florence tinha um vestido branco, de algodão, e umas sandálias de couro pelas quais perdera a cabeça, em Hudson, que combinavam com a sua mala nova. Tinha a pele da face avermelhada por causa do sol.

Bateu à porta de Helen:

— Está pronta?

— Só um minuto — soou a voz de Helen através da porta. — Estou só a acabar uma coisa.

Florence ouviu o som de uma gaveta a bater com força, e depois Helen abriu a porta. Tinha um vestido azul-escuro abotoado à frente, e sobre os ombros um lenço às riscas azuis e brancas.

— Vamos fazer-nos ao caminho — disse ela, com a beata do cigarro, quase no fim, pendurada no canto da boca. O quarto tresandava a tabaco. Lá se ia a cláusula de não fumadores no contrato de arrendamento, pensou Florence.

Quando chegaram ao corredor, Helen atirou a beata por cima do gradeamento. Tinha os dedos manchados de tinta. A beata deu uma queda de perto de cinco metros e aterrou no chão de azulejo lá em baixo. Florence fez uma careta ao pensar em Amina a curvar-se para apanhar a beata do chão, mais tarde. À saída, Helen entregou mais uma vez os seus pertences a Florence.

A temperatura noturna era quase tão elevada como a diurna. O aroma do jasmim pairava no ar. Conduziram com as janelas abertas e o ar do mar a fustigar-lhes o rosto. Dirigiam-se para um restaurante nas montanhas, a norte de Semat, uma recomendação de um amigo de Helen.

Qual amigo?, tivera Florence vontade de perguntar, mas não se atreveu.

— Ainda não me explicou qual o tipo de investigação que quer que eu faça para o livro — afirmou em vez de fazer a pergunta.

— Hã? — respondeu Helen, observando a paisagem.

— O que quero saber é se quer que eu faça alguma coisa enquanto aqui estivermos... Quer que vá falar com alguém? Que visite algum local? Não sei exatamente aquilo que quer que eu faça.

— Ah, nada de sistemático. Quero sentir a pulsação deste sítio, só isso.

Ouvia-se o motor do carro em esforço por causa da subida. Tanto a cidade como a Villa des Grenades iam diminuindo de tamanho no espelho retrovisor. A estrada seguia sempre junto à costa, mesmo quando começou a subir, primeiro

três metros, depois seis, depois nove, sempre com o Atlântico revoltoso lá ao fundo. Florence apertou o volante com força. Encostou o carro mais à direita, afastando-se o mais possível do precipício.

— Esta estrada é bastante traiçoeira, não é? — disse Helen.

Florence anuiu apenas com a cabeça, sem tirar os olhos da estrada. Não quisera revelar os nervos que sentia; supusera que Helen faria pouco dela por causa disso.

Quinze minutos mais tarde, chegaram em segurança ao restaurante. Florence friccionou um nó que sentia no músculo junto ao ombro, ao mesmo tempo que Helen puxava a porta para entrar, lutando contra o vento.

O restaurante estava vazio à exceção de outros dois comensais, um casal britânico com cerca de sessenta anos que já estava na sobremesa.

Foram recebidas com amabilidade:

— *Bienvenues*, bem-vindas — disse o anfitrião.

— Dois *whiskeys* — disse Helen em resposta, erguendo dois dedos.

Foi só depois de ter marcado a viagem que Florence se apercebeu de que iriam perder o Ramadão por muito pouco. Teria sido uma verdadeira tragédia se Helen não tivesse podido beber álcool.

Foram conduzidas até à mesa por um empregado que parecia ter perto de noventa anos. Alguns minutos mais tarde, chegaram as bebidas. Vinham servidas em copos marcados com dedadas gordurentas.

— Em Roma... — disse Florence, encolhendo os ombros e pegando no copo.

— ...apanha salmonela — completou Helen.

Fizeram um brinde.

— A novos começos — disse Helen.

Deram ambas um gole demorado.

Helen pedira a especialidade da casa para ambas, carne de camelo, mas, quando a comida chegou à mesa, Florence sentiu-se enjoada ao ver a pilha de carne que lhe tinham posto no prato. Estava a sentir os efeitos do sol e do calor, e pressentia que já bebera demasiado com o estômago vazio. Da coluna sobranceira à mesa saía música árabe, com tons metálicos, e esta parecia estar a aumentar de volume, pulsando em conluio com as luzes.

Helen falava, mas parecia muito distante. Tudo parecia muito distante. Florence sentia que toda a sua identidade, toda a sua consciência, tinha encolhido até ficar do tamanho de uma pedrinha que chocalhava dentro do seu crânio. O seu interior parecia-lhe obscuro e imenso, o mundo exterior demasiado longínquo para ter importância, como um filme projetado num ecrã ao longe. A carne no seu prato parecia transpirar. Continuamos a transpirar depois de morrer? Não, não, as unhas e o cabelo é que continuam. A crescer.

A música diminuiu de intensidade. Tudo ficou mais silencioso. Como se estivessem debaixo de água. Os sons foram engolidos pela água. Florence sentiu-se embalada por uma corrente forte, arrastada pelas ondas, resgatada por uns braços fortes, depois arrastada novamente, e durante esse tempo todo a voz de Helen continuou a soar, profunda e pulsante, como a canção de uma baleia, como um eco, como uma sombra transformada em som, como se tudo aquilo já tivesse sido

dito antes, mas voltasse a ser repetido com um significado mais profundo e mais rico, até desaparecer completamente e só restarem as ondas. A bater, suaves, suaves, suaves...

QUARTA PARTE

— Madame Weel-cock?

Quando Florence voltou a despertar, estava mais lúcida. Tinha tido um acidente de carro, recordava-se de o médico ter dito isso. E também se recordava de que ele a tinha tratado por Madame Wilcox. O que queria isso dizer? Onde estaria Helen? Talvez noutra cama, noutro quarto, a ser tratado por Madame Darrow?

Quando a enfermeira regressou, Florence perguntou:

— A mulher que estava comigo no carro? Ela está aqui?

A enfermeira olhou para ela sem parecer compreender.

— Há outra pessoa americana neste hospital? Uma mulher?

Esforçou-se por encontrar algum vocabulário básico de francês nos confins nebulosos do seu cérebro.

— *Autres américaines? Ici? A l'hôpital?*

A enfermeira abanou a cabeça.

— *Il n'y a que vous.*

Estava sozinha.

— Vinha uma mulher no carro comigo. Sabe o que lhe aconteceu? *L'autre femme?*

A enfermeira sorriu, sem poder ajudar, e encolheu os ombros.

— Alguém me veio ver? *Quelqu'un visite... hã... moi?*

A enfermeira voltou a dizer que não com a cabeça.

— *Personne* — disse, e saiu do quarto.

Florence fitou o teto. Ninguém. Ninguém a viera ver.

Voltou-se na direção da janela e reparou, pela primeira vez, num saco de plástico amachucado sobre a mesa de cabeceira. Esticou-se para o alcançar e sentiu uma dor lancinante na zona das costelas. Com um esgar de sofrimento, depositou o saco no colo.

Lá dentro estavam as roupas que vestira na noite anterior: o vestido branco, a sua roupa interior e a mala que comprara nessa manhã. Estava tudo empapado. Dentro da bolsinha com fecho que havia no interior da mala estavam as coisas de Helen: o passaporte, a carteira e o telefone, bem como o maço de tabaco, totalmente encharcado. Bom, isto explicava por que razão toda a gente lhe chamava Madame Wilcox. Não havia mais nada na mala. A sua carteira e o seu passaporte tinham desaparecido.

Florence tentou ligar o telemóvel de Helen. Não funcionava.

Florence acordou de rompante. Estava sem fôlego e o seu coração batia demasiado depressa. Foi quando esfregou os olhos que se apercebeu de que havia outra pessoa no quarto. Era o homem de uniforme que ela vira quando acordara pela primeira vez no hospital. Aquele que a enfermeira tinha mandado embora. Por que razão ele só aparecia quando ela estava a dormir? Era como uma figura que ela invocava em sonhos.

— Madame Weel-cock — disse ele. — Lembra-se de mim? O meu nome é Hamid Idrissi. Pertengo à Gendarmerie Royale. É importante que eu agora tenho respostas sobre o acidente. — O inglês dele tinha algumas falhas, mas ainda assim era melhor do que Florence estava à espera, para um polícia numa cidade pequena em Marrocos.

Florence olhou em volta, na esperança de que a enfermeira aparecesse para lhe conceder novo adiamento, mas não chegou ninguém. Anuiu com a cabeça em resposta.

O homem vasculhou os bolsos até encontrar um pequeno bloco de notas de cor creme, no qual pegou juntamente com uma caneta mordida. Os movimentos dele eram secos e ligeiramente abruptos, como se as suas articulações fossem novas em folha e ele ainda se estivesse a habituar a elas.

— O primeiro. Lembra-se do que aconteceu ontem à noite? — Florence disse que não com a cabeça. Idrissi recuou algumas folhas no seu bloco e disse: — O seu carro saiu da Rua Badr e entrou no mar por volta das vinte e duas horas e trinta minutos. Por sorte, houve um pescador que ainda estava a trabalhar àquela hora e viu tudo. Ele conseguiu retirá-la do carro e trazê-la para terra firme. Deu entrada no hospital às vinte e três horas. Inconsciente.

Um sorriso nada apropriado surgiu de repente e instalou-se no rosto de Florence. Pensou que o polícia estaria a gozar com ela.

— O meu carro caiu no mar? — perguntou, incrédula. — E alguém me resgatou enquanto o carro se afundava?

— Foi isso que aconteceu, sim.

Florence continuava a olhar para o homem, à espera do remate da piada. Ele fitou-a sem pestanejar. O olhar dele denotava desconfiança e cansaço. O sorriso de Florence esmoreceu. Tinha alguma dificuldade em processar aquela informação. Não lhe parecia possível que uma coisa daquelas tivesse acontecido e ela não tivesse qualquer memória disso. Aquele tinha sido, sem dúvida alguma, o momento mais dramático da sua vida, e ela não se tinha apercebido dele. Típico.

Aquela estrada, a Rue Badr, era por onde tinham passado para chegar ao restaurante. Ela recordava-se de que a berma tinha simplesmente desaparecido da face da Terra. Parecia inacreditável que, apenas algumas horas mais tarde, o *Ford Fiesta* delas, endiabrado, se tivesse atirado para o abismo e mergulhado nas águas profundas.

Tentou imaginar o carro em pleno voo, com ambas lá dentro, a meio caminho entre a terra e o mar. Ter-se-iam apercebido do que estava a acontecer?

E, mais importante do que isso, onde estava Helen?

Fez tensão de perguntar isso mesmo, mas o polícia interrompeu-a:

— Madame, qual é a última coisa de que se lembra dessa noite?

Florence tentou recordar-se. A carne de camelo. A música de tom metálico.

— O jantar — respondeu. — No restaurante.

— Que restaurante?

— Um nas colinas. Dar Amal? Qualquer coisa do género?

O polícia escreveu isso no seu bloco.

— E bebeu álcool?

Florence fez um esforço por se manter imóvel.

— Perdão?

— Bebeu álcool ao jantar? — Florence não respondeu. Estaria ele a sugerir que *ela* era culpada pelo acidente? A expressão dele não revelava nada. — Madame Weel-cock?

— Não me consigo lembrar — respondeu por fim. — Não me consigo lembrar, desculpe. — Florence abanou a cabeça.

— Está consciente de que em Marrocos é ilegal conduzir depois de beber álcool? Mesmo que seja só um álcool?

Florence lembrava-se dos dois copos de *whiskey*, sujos de dedadas. Do bem que lhe soubera aquele primeiro gole depois da camada de nervos que tinha sido conduzir até ali. E mais? O que é que tinha acontecido depois do primeiro copo? Não se lembrava. Uma branca completa.

Regressou a pergunta sem resposta: onde estaria Helen?

E outras: por que razão Helen não a tinha ido ver? Porque ainda tinha o passaporte e a carteira dela na mala? Haveria alguma possibilidade de Helen não estar no carro? É óbvio que teriam regressado juntas do restaurante.

Onde estaria Helen, então?

A mente dela contornou esta questão, lentamente. Mesmo quando surgia uma resposta, Florence continuava a procurar alternativas, como se mais alguns minutos de incerteza pudessem alterar o resultado final.

O polícia continuava a fitá-la em busca de respostas. Seria possível? Será que Helen tinha morrido no acidente?

— Madame Weel-cock, vou voltar a perguntar: está consciente de que em Marrocos é ilegal conduzir depois de beber álcool?

Florence obrigou-se a responder.

— Eu sei. Como sabia que iria conduzir até casa, não terei bebido nada.

Ele anuiu com a cabeça, lentamente, enquanto a observava.

— Então...

Florence queria fazer uma pergunta, mas não sabia qual. Por que razão não teria ele mencionado a existência de uma segunda pessoa no carro?

— Espere, mas quem... Quem é que me salvou?

— Um pescador.

— Quem?

— Quer saber o nome dele?

— O nome dele? Acho que sim. Tenho de lhe agradecer, não?

O polícia esfregou as têmporas. Escreveu um nome e um número de telefone numa página em branco, arrancou-a e entregou-a a Florence.

— Duvido que ele fale inglês... — avisou.

Florence pôs o papel sobre a cama sem olhar para ele e fechou os olhos com força. Ao fazê-lo, conseguiu ver, como que projetada no interior das suas pálpebras, a imagem de Helen a bater, desesperada, nas janelas do carro, observando desamparada o salvamento de Florence. Teria sido assim? Teria o pescador abandonado Helen? Será que ele não a tinha visto? Ou será que só tinha tido força ou tempo para salvar uma das duas, e tinha-a escolhido a ela? Meu Deus, que erro! Ele tinha escolhido a pessoa errada.

Abanou a cabeça para expulsar da sua mente a imagem de Helen a afogar-se. Se ela tivesse matado Helen, estaria certamente consciente disso.

Ou não?

Sentia que a sua convicção vacilava. Recordou-se de que não tinha comido nada ao almoço nem ao jantar do dia anterior. Talvez ela se tivesse embebedado mesmo e atirado com o carro para o abismo. Era a única explicação que fazia sentido. Se não tivesse acontecido mais nada, Helen estaria certamente ali com ela, como paciente ou como acompanhante que, por milagre, escapara ilesa ao acidente.

Florence sentiu as lágrimas a arder nos olhos, e abriu e fechou várias vezes as pálpebras para as impedir de correr.

O polícia descruzou a perna e voltou a cruzá-la, e perguntou de onde é que ela era natural.

— O quê? — perguntou Florence, surpreendida por uma pergunta tão simples.

— De onde é?

— Dos Estados Unidos.

O polícia continuou a fazer uma série de perguntas complacentes. Há quanto tempo estava em Marrocos? Onde estava alojada? Qual o motivo da sua visita?

— Pesquisa — respondeu ela.

Ele ergueu o olhar severamente, ao ouvir esta resposta.

— É jornalista?

— Não — respondeu ela de imediato, assustada pelo tom da voz dele. — Não. É para um livro. De ficção.

Esta resposta pareceu acalmá-lo.

— É romancista?

Florence olhou para baixo, para as suas mãos. Anuiu com a cabeça.

O polícia esteve com ela cerca de meia hora, sem nunca mencionar Helen. Por fim, quando se levantou para sair, disse:

— Teve muita sorte. — O tom era de acusação. Quando ele se voltou para desviar a cortina, Florence disse:

— Espere!

O polícia olhou para trás.

— E o carro? — perguntou ela. — Foi resgatado?

— O que é «resgatado»?

— Tiraram-no da água?

— Sim, claro. Mas não tem arranjo. — Falava como se Florence fosse uma criança. — O motor está encharcado. Não tem vidro da frente.

— Não, não era isso... — Florence fez uma pausa.

O carro não tinha vidro da frente. O impacto deve tê-lo destruído. E Helen, que nunca usava cinto de segurança...

O polícia continuava a fitá-la atentamente.

— Então não havia nada... mais nada no carro?

— O quê?

Florence fez uma pausa.

— Os meus sapatos — disse por fim. — Faltam os meus sapatos. Foram caros.

Idrissi dilatou as narinas. Retirou o telefone do bolso e fez uma chamada, durante a qual falou muito depressa em árabe. Quando desligou, disse a Florence:

— Não há sapatos. Mas encontraram um lenço.

— Um lenço?

— Sim. Um lenço com riscas azuis e brancas. Tinha vestido alguma coisa desse género?

Na sua memória, Florence viu Helen a atirar a beata do cigarro por cima do gradeamento, fazendo com que o lenço às riscas lhe escorregasse dos ombros.

— Sim, é meu — sussurrou Florence.

— OK, vamos buscá-lo para si.

— Obrigada.

Florence fitou, resoluta, o cobertor leve que lhe cobria as pernas. Queria que ele se fosse embora. E ele assim fez, arrastando com força a cortina.

Florence forçou-se a respirar com mais calma.

Ele não sabia que havia outra pessoa no carro. Ele não sabia que ela tinha matado alguém. Ele não sabia. Talvez Helen tivesse apenas... flutuado para outro local.

Florence cobriu o rosto com as mãos. Ficou assim durante vários minutos, até se aperceber de que aquilo que estava a fazer era uma espécie de encenação, e de que não tinha público. Voltou a pousar as mãos sobre a cama.

Na manhã seguinte, uma enfermeira trouxe a Florence uns formulários para ela assinar; ia ter alta. Os formulários estavam escritos em árabe, mas Florence não quis saber. Escreveu em letra de máquina o nome Helen Wilcox onde a enfermeira assinalou e rabiscou uma assinatura ilegível na linha abaixo.

E assim, sem mais nem menos, a hipótese que Florence tivera de lhes dizer que não era Helen Wilcox eclipsou-se.

As suas pernas quase cederam sob o peso do corpo quando se levantou. A enfermeira ajudou-a a caminhar até uma casa de banho partilhada que havia no corredor. Era pequena e estava imunda. Florence sentiu-se, pela primeira vez, grata pela algália que usara até então.

Vestiu-se rapidamente, fazendo um esforço por evitar a poça de água salobra no chão de cimento. Depois, ficou um bom pedaço a olhar-se ao espelho. Tinha o rosto inchado e pálido. Uma sensação estranha, de dissociação, apoderou-se dela. Era como se o espelho fosse, na verdade, uma janela ou um retrato de outra pessoa. Recordou-se dos tempos da faculdade, de como, quando havia alguém que tombava de bêbedo, os amigos lhe pintavam a cara a marcador. Sentia-se como se lhe tivessem feito isso: lhe tivessem pintado no rosto nódoas negras e manchas de sangue com maquilhagem usada no cinema, enquanto ela dormia.

Mas é claro que os ferimentos eram reais. Estava toda dorida e esfolada. O tecido do vestido, enrijecido pelo sal da água do mar, arranhava-lhe a pele ao roçar nas lesões que tinha no corpo. A ligadura que lhe enfaixava o tronco arrepanhava-lhe a pele macerada.

Abriu a torneira da água quente no lavatório e pôs as mãos sob o jato irregular. Passaram vários minutos e a água não chegou acima de uma temperatura tépida asquerosa. Fechou a torneira, frustrada.

Antes de a deixarem sair, trouxeram-lhe a conta. O valor era noventa dólares. Pagou com o cartão de crédito de Helen. Em seguida, chegou Idrissi, o polícia, para lhe dar boleia até à Villa des Grenades. Preferia ter apanhado um táxi, mas não queria levantar suspeitas. Quem é que, estando inocente, recusa boleia de um polícia? Principalmente se não tiver sapatos.

Já no carro, Florence perguntou-lhe:

— Estou em apuros?

— Como eu disse, é ilegal beber álcool e conduzir.

— Mas porque é que acham que eu bebi álcool? Fizeram o teste do balão?

— O que é isso?

— Existe alguma prova de que eu bebi?

— No restaurante dizem que sim.

— Falou com eles?

— Claro que falei com eles.

Florence mudou de posição no assento. Sentia-se muito desconfortável. O cinto de segurança estava a magoar-lhe as costelas.

— O que vai acontecer? — perguntou.

O carro em frente do deles parou de repente, e Idrissi buzinou com força. Em seguida pôs a cabeça de fora da janela e gritou, furioso, para o outro condutor. Quando o carro voltou a andar, recostou-se no assento e respirou fundo. Nos semáforos seguintes, virou-se para Florence e respondeu:

— O que vai acontecer? Provavelmente, nada. O turismo é importante para o país. Compreende?

Florence anuiu com a cabeça. Sentia-se envergonhada, como sabia que fora intenção dele.

— O meu sobrinho esteve preso seis meses por essa razão. Mas o meu sobrinho não é americano, claro.

— Lamento — disse Florence de um modo pouco convincente. Não lhe perguntou, mas interrogou-se sobre a razão por que ele não tinha sido capaz de usar as suas ligações na polícia para evitar que o sobrinho fosse preso. Talvez esse tipo de coisas não acontecesse em Marrocos.

— Fala inglês muito bem — disse ela, esperando que o elogio o amaciasse.

— Sim, fui escolhido para a nova *brigade touristique* — respondeu ele, cerrando os dentes. — Polícia. Só para turistas.

— Parabéns — disse Florence, a medo.

Idrissi fez um som de troca e pisou o acelerador com mais força.

Quando chegaram à casa, Amina começou a descer o caminho de acesso em direção ao carro. Ao ver um polícia ao volante, estacou. Ele acenou com a cabeça na direção dela. Ela fitou-o, imóvel.

Quando Florence levou a mão ao manípulo da porta, Idrissi perguntou, de rompante:

— Onde está a sua amiga?

Florence virou o tronco para o encarar.

— Qual amiga? — perguntou sem vacilar. Pareceu-lhe vislumbrar um leve sorriso no rosto dele, como se tivesse esperado muito tempo para lhe atirar aquela pergunta.

— Aquela com quem jantou no Dar Amal.

Claro. Ele tinha falado com as pessoas do restaurante.

Florence interrogou-se sobre se seria demasiado tarde para pôr tudo em pratos limpos; para lhe falar do *whiskey* e do lenço e do buraco negro na sua memória. Abriu a boca para falar e fechou-a logo em seguida.

— Veio de táxi para casa, mais cedo — respondeu num tom de voz tão baixinho que Idrissi teve de se aproximar dela para a conseguir ouvir.

— Porquê?

— Não se estava a sentir bem.

— E foram as pessoas do restaurante que chamaram o táxi?

Florence abanou a cabeça.

— Ela usou o telemóvel dela.

— E onde é que ela está, agora? Não a foi visitar ao hospital?

Florence encolheu os ombros.

— A ideia dela era regressar a Marraquexe na manhã seguinte. Imagino que

tenha ido na mesma. Provavelmente nem sequer soube que houve um acidente.

Idrissi fitou-a sem dizer nada.

Florence esticou a mão, a medo, na direção da porta do carro. Ao ver que Idrissi não a tentou impedir, abriu a porta e saiu do carro.

Quando começou a afastar-se, Idrissi abriu a janela do lado do passageiro e gritou:

— Madame Weel-cock?

Florence voltou-se.

— Avise-me se planear deixar Semat.

Entregou-lhe um cartão de visita pela janela. Florence pôs o cartão na mala, que ainda estava húmida, e depois caminhou cuidadosamente ao longo do caminho de acesso à casa, descalça, até junto de Amina. As duas mulheres ficaram a ver o carro de Idrissi descer a colina.

Assim que o carro deixou de se ver, Amina voltou-se para ela e apontou para as escoriações e para o gesso no seu pulso:

— Está bem? — perguntou.

— Estou bem — a resposta tranquilizou-a.

Florence sentiu um imenso alívio por estar num local familiar. Sentia-se grata pela amabilidade daquela mulher, que contrastava de forma chocante com a raiva e as suspeitas de Idrissi.

Seguiu os passos da mulher e entrou em casa. Foi direita ao andar de cima. Tinha o corpo dorido e precisava de se deitar. Mas, antes de ir para o seu quarto, quis investigar o de Helen. Todas as roupas de Helen estavam penduradas no roupeiro. As joias dela estavam espalhadas em cima da cómoda. Até a escova de dentes estava no sítio, num copo junto ao lavatório. Tudo dava a entender que a dona daqueles objetos iria regressar a qualquer momento. Florence tinha-se agarrado à ténue esperança de que Helen tivesse mesmo abandonado Semat sozinha, mas percebia agora que essa ideia tinha sido uma tolice. Helen não teria partido sem as roupas, sem a escova de dentes, sem o passaporte.

Florence passou a mão ao de leve pelos vestidos que estavam pendurados no roupeiro. Os cabides responderam com um tilintar subtil.

Sentou-se pesadamente sobre a cama de Helen e retirou da mala a medicação para as dores que lhe tinham dado no hospital. Engoliu dois comprimidos de hidrocodona dando um gole num copo de água meio vazio que estava ali há dois dias. O corpo dela tombou para trás. Ficou a observar as sombras que havia no teto. Mentir à polícia tinha sido um erro. Mas não lhes podia ter dito que havia mais alguém no carro. Se um turista conduzia bêbedo, eles até podiam assobiar para o lado, mas não seria seguramente assim caso isso implicasse a morte de uma pessoa. Homicídio involuntário era homicídio.

Além disso, de que serviria contar-lhes? Não havia dúvidas de que Helen tinha desaparecido. Não estaria certamente agarrada a um destroço de um navio, à espera de ser salva. Helen tinha morrido. Nada podia alterar isso.

Florence tentou refletir sobre tudo o que isso implicava. Ela nunca mais ia ver Helen. Tinha perdido o emprego e a casa onde morava. Ninguém iria voltar a ler

uma frase escrita por Maud Dixon.

Florence esperou pelas lágrimas. Mas estava a começar a sentir o efeito do analgésico e a mente dela estava turva. A realidade parecia cada vez mais distante.

O pensamento dela regressava sempre ao corpo de Helen. Onde estaria agora? Florence sabia que, por causa das notícias sensacionalistas a que a mãe gostava de assistir na Florida, depois de alguns dias dentro de água os corpos se tornam impossíveis de identificar, inchados pela água e desfeitos pelos peixes. Também sabia que para algumas culturas — para a maioria das culturas — a preparação dos cadáveres é de extrema importância, mas isso ela nunca compreendera muito bem, e suspeitava de que Helen também não teria concordado com esse sentimentalismo todo. Os mortos estavam mortos. Esses rituais eram apenas uma panaceia para os vivos.

Deitou-se de lado e observou o quarto de Helen. Era muito maior do que o dela.

Sem pensar em mais nada, adormeceu.

Florence passou o dia seguinte na cama. Mesmo que as dores não a impedissem de se levantar e de tentar fazer o que quer que fosse, a ansiedade apoderara-se dela, paralisando-a. *O que é que ela tinha feito?* Seria possível que, no espaço de sessenta horas, ela tivesse matado a chefe — uma das romancistas mais famosas nos Estados Unidos da América — e mentido à polícia acerca disso? Era como se aquilo tivesse acontecido a outra pessoa.

Tentou, vezes sem conta, recordar-se da noite do acidente. Fechou os olhos e conseguiu ver o caminho de carro até ao restaurante, os *whiskeys*, a carne de camelo.

E depois?

Não conseguia prosseguir a narrativa. Tentou ganhar balanço com o início da história, para tentar chegar mais à frente no ponto em que a sua memória se desligava. Carro. *Whiskey*. Camelo. Carro. *Whiskey*. Camelo. *E depois?* Depois... nada.

Não se lembrava de nada.

Ela tinha bebido assim tanto? Já lhe acontecera apagar-se por causa do álcool, mas isso não lhe acontecia há anos. Desde a faculdade. A verdade é que ela bebera álcool sem ter nada no estômago. Que estupidez.

Voltou a fechar os olhos. *Carro. Whiskey. Camelo.*

E, de repente, lembrou-se de uma torrente de água. Seria a imaginação dela a trabalhar? Não. A memória regressou — água fria, a subir muito depressa.

E havia mais: uma mão a agarrar-lhe o braço com força. A mão de quem? Do pescador?

Abriu os olhos e arregaçou a manga para observar o braço. A maioria da parte superior do seu corpo estava azulada, mas pareceu-lhe ver quatro pequenas nódoas negras — cada uma do tamanho da cabeça de um dedo — que se distinguiam do resto.

Nesse momento, Amina bateu à porta.

— Entre — respondeu Florence, com a voz embargada.

A mulher trouxe um tabuleiro com torradas e ovos. Regressou um minuto depois com um grande bule de latão, e serviu um chá de menta a Florence. Teria sido mais fácil servi-lo na cozinha, mas Florence apreciou o cerimonial em torno da bebida. A mãe dela raramente tinha conseguido tirar um dia de folga para cuidar da filha quando ela estava doente, e naquele momento ela apreciou os cuidados de Amina.

Amina observou-a, satisfeita, enquanto ela bebericava o chá adocicado:

— A sua amiga foi-se embora? — perguntou.

Florence não lhe tinha dito nada acerca da troca de quartos ou do que acontecera a Helen. Nem sequer lhe tinha explicado o motivo dos ferimentos. Podia justificar esse lapso com a confusão mental causada pela medicação, mas a verdade é que não conseguia sequer imaginar o que seria ter Amina a olhar para ela do mesmo modo que o polícia. Acenou com a cabeça que sim.

— Vai voltar?

— Não creio. Regressou a Marraquexe.

— Sem levar... — Amina fez um gesto amplo com o braço em redor do quarto, que estava repleto de coisas que pertenciam a Helen.

— Levou algumas coisas num saco pequeno. Eu levo o resto quando me for embora.

Amina anuiu com a cabeça.

Florence passou a maior parte do dia a dormir. Acordava frequentemente em pânico, desorientada. Talvez tivesse sofrido uma intoxicação alimentar, pensou a determinado ponto, ansiosa por encontrar uma justificação que lhe retirasse dos ombros o peso da responsabilidade. Talvez Helen a tivesse obrigado a beber em excesso. Não havia dúvida de que ela cometia excessos com o vinho, nos Estados Unidos.

Por fim, ao cair da noite, Florence esticou o braço e tomou uma dose dupla de analgésico. Quando voltou a despertar, já era de manhã.

O calor tinha-se adensado durante a noite, e Florence conseguia sentir-lhe o peso sobre o corpo, como se tivesse outro cobertor em cima. Já estariam perto de trinta graus. Destapou-se, encostou duas almofadas à cabeceira da cama e deslizou muito suavemente com o corpo até ficar sentada. Estava dorida, mas a dor já não era lancinante. Esticou a mão para chegar ao telefone, mas depois lembrou-se de que já o tinha. Olhou para os analgésicos na mesa de cabeceira, mas decidiu que não ia tomar nenhum. O dia anterior tinha sido um remoinho de confusão e frustração e paranoia, sentimentos em parte alimentados pela medicação para as dores, ela não tinha dúvidas. Não podia repetir o erro.

Sentada ali, no quarto quente e luminoso, conseguia sentir o acre do cheiro que emanava do seu corpo. Não tomava banho há mais de dois dias. O seu próprio odor era profundo, grotesco — carne que marinou nas suas próprias excreções. *O esforço que temos de despender para dissimular o nosso próprio cheiro*, pensou.

Caminhou, com as pernas ainda inseguras, até à casa de banho de Helen e tomou um duche demorado. Tentou ao máximo manter o braço que tinha o gesso afastado do jato do chuveiro. A pele arranhada ardia-lhe, mas, estranhamente, esta era uma sensação que a revigorava. A dor física obrigava-a a focar-se no seu corpo. Neste momento ela queria evitar estar presa dentro da sua cabeça.

Em seguida, ainda enrolada na toalha, aplicou um creme hidratante espesso que estava num frasco de vidro sobre a bancada. Penteou o cabelo para trás e observou o seu rosto no espelho.

Conseguia perceber como a tinham confundido com Helen no hospital, pelo menos em comparação com a fotografia que ela tinha no passaporte empapado. As principais características coincidiam: magra, cabelo loiro, olhos castanhos. E o seu rosto estava inchado e com nódoas negras, o que dissimulava grande parte da sua individualidade. Recordou-se de um conselho que Helen lhe dera uma vez: só precisas de facultar um ou dois pormenores sobre o aspeto físico de uma personagem. Isso é suficiente para que o leitor construa a imagem dela dentro da sua cabeça. Tudo o mais é distração.

Florence vestiu roupa interior de Helen, de seda cinzenta. Abriu a porta do roupeiro e escolheu um vestido de linho bege, com botões de chifre de cima a baixo. No pulso pôs algumas pulseiras que pertenciam a Helen.

Lembrou-se de repente de que Helen tinha no pulso várias pulseiras pesadas, na noite do acidente. Teria ela tentado sair do carro a nado? Teriam sido as pulseiras a impedi-lo?

Bateu ao de leve nas bochechas. *Não interessa*, disse para si mesma. *Não interessa. Não te deixes novamente arrastar para uma torrente interminável de perguntas.*

Desceu até ao terraço e comeu com apetite. Barrou os brioches com quantidades generosas de manteiga e de doce, e pediu a Amina que lhe fizesse ovos estrelados. Bebeu três chávenas de café com leite. Em seguida, refastelou-se numa das espreguiçadeiras. Amina trouxe-lhe água fresca com folhas de menta e rodela de limão. Ainda antes de Florence pousar o copo, já este escorria. Florence fechou os olhos e sentiu o peso do calor sobre si.

Helen tinha morrido.

Deu uma volta completa a este pensamento, como se o estivesse a observar à luz, a inspecioná-lo de todos os ângulos. Helen tinha morrido.

Esperou, novamente, sentir alguma coisa: sofrimento, talvez culpa. Mas não sentiu nada.

A morte é o acontecimento mais transformativo na vida de qualquer pessoa, pensou. *Ainda assim, quando ocorre, já não tem significado nenhum para a pessoa em questão. Dessa pessoa já não resta nada. Nesse momento, a importância desse acontecimento fragmenta-se e dispersa-se. O seu impacto distribui-se pelos que sobrevivem.*

E quem eram eles, no caso de Helen? A mãe dela morrera, e ela tinha-se afastado da restante família. E quem mais? A editora? Segundo o que Helen dizia, elas não eram amigas. Greta? Talvez se ressentisse por perder uma cliente, mas é perfeitamente normal ter de lidar com uma desilusão profissional.

Na verdade, a única pessoa de quem se poderia ter alguma pena era dela própria. Tinha sido ela a ficar ferida, abandonada num país estrangeiro, subitamente desempregada, sem casa, sem a sua mentora... tudo de uma vez.

E, mesmo assim, ela não sentia nada. Não sentia pena, não sentia arrependimento, nada.

E a ausência destas emoções, de quaisquer emoções, na verdade, permitia-lhe ver tudo aquilo que acontecera de uma forma muito nítida. E aquilo que ela achava mais interessante em tudo isto, mesmo muito interessante, era o facto de ninguém saber de nada. Ela era a única pessoa no mundo a saber que Helen Wilcox tinha morrido.

É possível que quando ouviu o agente Idrissi sussurrar o nome Madame Weelcock ao seu ouvido, parte de Florence já soubesse o que ia fazer. Ou talvez tivesse sido antes — talvez na primeira vez em que entrara na casa de Helen, fria e totalmente pintada de branco, cinco semanas atrás, e vira os ranúnculos no parapeito, a lareira acesa. Mas é quase certo que naquela manhã em que deu por si em Semat, à mercê de um sol escaldante numa manhã excessivamente quente, já não tivesse dúvidas nenhuma.

Ia tornar-se Helen Wilcox.

E porque não? A identidade de Helen estava mesmo ali, disponível, como uma casa enorme, vazia. Ao passo que ela vivia numa barraca minúscula, feia, de nome Florence. Por que motivo não se mudava para a mansão abandonada? Havia alguma razão para deixar que esta ruísse? Ela podia mudar-se para lá, fazer alguns trabalhos de manutenção. Limpar as caleiras, limpar o chão, garantir que as coisas se mantinham como devia ser.

E já tinha as chaves; isso era o mais incrível. Ela *sabia* ser Helen. Tinha mais experiência nas burocracias rasteiras da vida de Helen do que a própria Helen — vivia na casa dela e pagava as contas dela e escrevia os *e-mails* dela. As fotografias do passaporte e da carta de condução de Helen eram pequenas e estavam desatualizadas, escondidas por hologramas e, ainda por cima, danificadas pela água. A característica mais evidente no rosto de Helen era o alto proeminente que tinha na cana do nariz, mas este não era propriamente visível em fotografias tiradas de frente. Além do mais, quem é que olha com atenção para estas fotografias?

Lembrou-se de que nem sequer tinha o seu passaporte; este tinha, tal como Helen, sido arrastado pela corrente. Numa situação normal, iria à embaixada pedir um novo, mas as situações normais nunca lhe tinham trazido nada de bom, em toda a sua vida. Além disso, por que razão é que ela iria voltar a precisar do passaporte de Florence Darrow?

Florence não conseguiu conter um risinho abafado; soltou um suspiro breve, baixinho. Esta situação era de tal modo bizarra e improvável que *tinha* de ter sido orquestrada por um poder superior, talvez mesmo aquilo que a mãe lhe prometera ao longo de todos aqueles anos. Era *esta* a sua oportunidade de atingir a grandeza. Bastava-lhe ocupar a vaga que Helen deixara livre. Tudo isto dependia apenas de não dizer a ninguém que Helen tinha morrido.

Florence tapou os olhos com o antebraço. Ficou muito quieta durante alguns minutos.

Sentia-se leve, leve nos ossos, leve na alma. Todas aquelas dúvidas e inseguranças, toda a sua ansiedade, as suas companheiras inseparáveis — essas pertenciam a Florence Darrow, e ela podia, finalmente, libertar-se delas. Já não precisava constantemente de tentar mudar. Mudar? Que treta! As pessoas não mudam. Podem passar anos a alterar os seus hábitos, dando passos e mais passos na esperança de conseguir alterar o rumo das suas vidas, mas isso nunca funciona.

Não. Basta saber quando é a altura certa para acabar com os prejuízos. E Florence Darrow era, sem sombra de dúvida, uma aposta perdida. Não tinha ninguém. Não publicara nada. O que é que valeria a pena preservar? Ela ia livrar-se de tudo. Ia sacudir a sua capa de Florence Darrow com um movimento certo e vestir-se de Helen Wilcox. Uma vida extraordinária. A vida de uma artista; uma escritora.

E Maud! Ainda nem sequer tinha pensado em Maud Dixon! Estava a obter duas identidades pelo preço de uma. Helen Wilcox e Maud Dixon.

Ela podia ser Maud Dixon.

Não podia?

Nunca iria poder revelar-se publicamente como Maud Dixon, isto é, Helen Wilcox — isso iria incitar um escrutínio excessivo —, mas poderia certamente publicar prosa escrita por si sob o nome Maud Dixon. O contrato para o livro seguinte já estava assinado; ela só tinha de acabar de o escrever. Na verdade, Greta ainda não tinha lido o princípio da história, sequer; ela podia escrevê-la toda. Assim poderia finalmente ver o seu trabalho publicado. E não seria apenas uma palavra aqui e outra ali, como se divertira a fazer em Cairo; seria um livro inteiro. *O dela*. Nem sequer se importava com o facto de não ir sair com o nome dela. «Florence Darrow» já lhe parecia uma relíquia do passado. Não sentia ligação nenhuma a esse nome. E estava certa de que, graças ao nome Maud Dixon, os leitores iriam finalmente reconhecer o seu talento. A imagem pública é o mais importante — quantas vezes Agatha lhe dissera isto?

Helen estava certa: a fama não importava; era uma questão de orgulho. *Ela* iria saber que as frases que todos iriam ler eram dela.

Mas talvez um dia, daqui a muitos anos, o mundo descobrisse que ela era Maud Dixon...

Sacudiu a cabeça. Calma. Estava a exagerar. Forçou-se a respirar fundo. Precisava de traçar um plano para o futuro imediato.

Ficaria em Marrocos até ao fim do período que tinham marcado — mais uma semana. Não queria fazer nada que levantasse qualquer tipo de suspeita. Iria comportar-se como se estivesse tudo dentro dos parâmetros normais. E depois? Depois iria para casa, para a casa de Helen. *A sua* casa. Iria ocupar o quarto principal. Acender a lareira. Ler todos os livros que forravam as paredes do escritório de Helen. Aprender a cozinhar. Cultivar tomate.

Teria dinheiro para não precisar de voltar a trabalhar, principalmente se vivesse de um modo tão frugal quanto Helen. Poderia dedicar todo o seu tempo à escrita. Poderia escrever no andar de cima, no belíssimo escritório de Helen. Iria ouvir ópera e esperar por que a sua genialidade fluísse. Era óbvio que esta só precisava de um ambiente propício. Claro que não se atrevera a sair da casca naquele quatinho minúsculo e sombrio em Astoria, rodeada por mobília barata do Ikea e embalagens de iogurte vazias.

Sentiu um afluxo súbito de energia. Sim, sim! Estava finalmente a alcançar aquilo que lhe era devido.

Florence fora tão cautelosa ao longo de toda a sua vida, trabalhando no duro e cumprindo sempre as regras, porque sabia que isso lhe dava mais hipóteses de

conseguir sair da Florida — e de se afastar de Vera. E tinha funcionado. A sua diligência tinha-a levado primeiro até Gainesville, depois à Forrester e, por fim, até Helen.

Tinha sido apenas nos últimos meses — começando com o primeiro encontro com Simon — que ela começara a forçar aquelas limitações autoimpostas. As regras anteriores, decidira algures a meio do caminho, já não se aplicavam.

Helen tinha-lhe dito um dia — referindo-se à escrita dela, ainda que isto também se pudesse aplicar à forma como ela vivia a vida — que o mais importante é fazer sempre avançar o enredo. É importante manter o impulso. De um modo geral, dissera ela, as mulheres têm tendência para perder muito tempo a avaliar as consequências; quando finalmente se conseguem decidir, os homens já estão no terreno, a criar alianças, a cruzar linhas de batalha, a partir tudo.

Os erros, dissera Helen, podem sempre ser reescritos.

Muito bem. Florence iria agir também. Iria partir tudo e, se fosse preciso, colaria mais tarde os cacos.

Sorriu. Sim, este plano era bom. Este plano era muito bom.

Depois levantou-se e sacudi algumas folhas secas que se tinham colado às costas do vestido. Foi procurar Amina à cozinha e pediu-lhe que lhe chamasse um táxi. Tinha estado de molho muito tempo. Muito mais tempo do que os dois dias que tinham passado desde o acidente. Tinha estado confinada durante vinte e seis anos, presa na vida pequenina e limitada de Florence Darrow.

— Está a sentir-se melhor? — perguntou Amina.

Florence sorriu:

— Muito melhor.

O táxi levou-a até ao topo norte da praia, que se estendia num longo areal em forma de meia-lua. Esta praia ficava bastante perto, para sul, do porto onde ela e Helen tinham visto o pescador espancar o polvo, apenas quatro dias antes.

Florence aproximou-se do topo da escadaria irregular que dava acesso ao areal e observou o oceano. A ondulação ia e vinha em vagas baixinhas, constantes, como bolas de gelado que se formam com a passagem da colher. O vento fustigava a areia, criando pequenos montículos aqui e ali, que erguia antes de atirar para longe. Ao fundo das escadas, sentados ao sol e cobertos com mantas coloridas, estavam três camelos. Junto deles dormitava um homem, de trela na mão.

Florence não ia à praia há anos. A última vez tinha sido na Florida, quando andava na faculdade. Tinha ido nadar sozinha e fora picada por uma alforreca. Coxeara até ao areal, e uma mulher que estava na praia molhara uma toalha com água *Evian* bem fresca e usara a toalha empapada como emplastro, encostando-a à sua pele inflamada.

«As alforrecas são, na verdade, noventa e cinco por cento água», dissera Florence, sabedora e atordoada pela dor, à mulher.

«E como é que se consegue saber qual a água que lhes pertence e qual a que pertence ao oceano?», perguntara a mulher. Tinha sido uma boa pergunta.

Florence tirou as sandálias e caminhou pela areia. Quando chegou a um local com menos gente, estendeu a toalha puída que trouxera de casa e enterrou os cantos na areia, para que não voasse. O tecido ondulou e puxou pelas amarras, mas aguentou-se.

Mesmo com a barreira da toalha, conseguia sentir o calor que emanava da areia. Não havia nuvens no céu — apenas alguns rastos de aviões que já tinham desaparecido há muito. Tirou a roupa para ficar de biquíni — um biquíni preto de Helen — e caminhou até à beira-mar. A água estava mais fria do que ela imaginara. Molhou-se até à cintura. Sentia um desejo enorme de mergulhar, mas o médico tinha-lhe dito que não podia molhar o gesso. Como é que ela ia tirar aquilo? Teria de ir ao médico em Nova Iorque. Pôs a cabeça debaixo de água, erguendo o braço para manter o pulso partido a salvo. Quando emergiu, sentia-se revigorada.

Ao caminhar de regresso à toalha, algumas pessoas voltaram-se para observar as nódoas negras que lhe cobriam a barriga e o peito. Todas desviaram rapidamente o olhar, envergonhadas, como se ela estivesse a cometer uma indecência ao expor de forma tão audaz a fragilidade do corpo humano. Florence usara maquilhagem de Helen para cobrir o melhor possível as marcas que tinha no rosto, mas não havia grande coisa a fazer acerca do corpo. Tirou *A Odisseia* do saco e deitou-se cuidadosamente de barriga para baixo. Mas, em vez de ler, deixou que a cabeça lhe tombasse sobre os braços. A pele dela já estava quente outra vez, e cheirava ao creme de Helen. Fechou os olhos e inspirou esse aroma profundo, almiscarado.

Não estava certa de ter ou não adormecido quando sentiu uma sombra encobrir-lhe a face. Abriu os olhos. Uma rapariga com cerca de vinte anos estava

debruçada sobre ela. Tinha um telemóvel enfiado na parte de baixo do biquíni cor de laranja, que descaía, e a tatuagem de um golfinho na barriga.

— Olá — disse a rapariga. Mordiscava o lábio inferior, que estava gretado e inchado.

Florence observou-a sem dizer nada.

— Peço desculpa, eu sei que isto é chato, mas importas-te de me pôr protetor nas costas?

Florence olhou fixamente para ela mais um pouco.

— Como é que sabias que eu falo inglês?

— Pelo livro.

Florence olhou para a prova incriminatória.

— Ah...

— Importas-te?

A rapariga brandiu um frasco engordurado de protetor solar.

Florence ergueu-se com esforço, com um esgar de dor. Contemplou as raízes escuras no cabelo da rapariga, a barriga pouco firme, as borbulhas que lhe pintalgavam o peito. Abanou a cabeça.

— Não me parece.

A rapariga deu um risinho inseguro.

— O quê?

— Não quero pôr protetor nas tuas costas.

— Oh... — O sorriso dela esmoreceu, mas não se desfez por completo. — *OK*.

— Começou a afastar-se, mas o seu olhar curioso reparou nas marcas que Florence tinha no tronco. — Eh, lá! O que é que te aconteceu?

A rapariga acocorou-se e aproximou os dedos das escoriações. Ficou a poucos centímetros da pele, tremendo ao de leve.

Florence franziu o sobrolho. As feridas dela tinham invertido os pesos nos pratos da balança. Era algo quase primordial: ela era um animal ferido, logo, não era uma ameaça credível. Para esta rapariga, os ferimentos eram um convite, uma fraqueza física que tornava irrelevante qualquer etiqueta social ou hierarquia abstrata.

— Tive um acidente de carro — disse Florence, tentando pôr fim à conversa.

A rapariga esbugalhou os olhos.

— Foste *tu*?

— Como assim? Já sabias do acidente?

— O carro que se despistou na Rue Badr? *Ya*, toda a gente ouviu falar. Foi superassustador?

Florence não conseguiu conter o riso. *Superassustador?*

— Não me lembro, sequer — respondeu.

— Conheço a maioria dos expatriados que aqui estão. É uma cidade pequena e já cá estou há algum tempo. Mas nunca ninguém ouviu falar de ti. Supomos que deves ter acabado de chegar. O teu nome é Helen qualquer coisa, certo?

Florence estacou. Bom, teria de começar por algum lado.

— Isso mesmo — respondeu. — Helen. Helen Wilcox.

— Eu sou a Meg. Acabaste de chegar?

Florence anuiu.

— Então bem-vinda! Se tiveres alguma pergunta, ou isso, basta dizer, porque eu sou quase uma autóctone honorária, é o que toda a gente diz.

Meg, que ainda estava de cócoras, sentou-se pesadamente aos pés da pequena toalha de Florence.

— E estás de férias?

— Mais ou menos. De férias e em trabalho.

— Como assim?

— Vim fazer trabalho de pesquisa. Para um romance.

— Não posso, a sério? És escritora? Isso é tão fixe! Eu adoro ler. Vivia obcecada com o Harry Potter quando era miúda. Tipo, *obcecada*. Tinha o cachecol, os óculos, tudo... — enumerou, observando Florence, à espera da reação dela. — A varinha... — acrescentou, de um modo sugestivo.

— Fixe — respondeu Florence passado um bocado.

Meg anuiu entusiasmaticamente. Depois, sem avisar, levantou-se com um grande espalhafato, causando uma tempestade de areia.

— Fumas?

— Sim — respondeu Florence, com veemência. Pusera um maço de tabaco de Helen no saco, nessa manhã. A ideia de fumar um cigarro com este calor deixava-a enjoada, mas parecera-lhe útil trazê-los consigo, como um talismã, do mesmo modo que os atores usam uma bengala ou um cachimbo para encarnar as personagens.

Meg foi até à sua toalha, parto dali, e começou a vasculhar num saco de pano sujo. Regressou, triunfante, com um charro na mão.

— Oh — disse Florence.

Ela nunca fumara erva na vida, um sinal embaraçoso do estatuto que detinha na escola secundária e da inexistência de amigos durante o período da faculdade. Ainda assim, aceitou o charro de Meg e segurou-o delicadamente entre o polegar e o indicador. Porque não? *Bonjour, l'aventure*.

Meg deu-lhe um isqueiro. Florence encostou a chama a uma ponta do charro e chupou com força na outra ponta, como tinha visto nos filmes. Teve imediatamente um ataque de tosse. Devolveu o charro a Meg, com os olhos marejados de lágrimas.

— Pois, o *kif* daqui é poderoso — disse Meg, a rir.

— *Kif*?

— O haxixe.

— Pois, não é exatamente aquilo a que estou habituada.

— Deve fumar, tipo, erva do Harry Potter.

Florence riu-se.

— Isso nem sequer faz sentido.

Voltou a deitar-se na toalha e cobriu o rosto com o braço. Sentiu que o corpo de Meg voltava a tombar pesadamente aos seus pés.

— Então e de onde é que és? — perguntou Meg.

— De Nova Iorque. — Em seguida acrescentou: — Mas nasci no Mississípi.

— A sério? Não tens sotaque quase nenhum.

— Vim-me embora há muito tempo.

— Ah.

— E tu?

— Toledo. No Ohio.

Não havia nenhuma resposta óbvia a dar. A areia parecia balançar sob o corpo de Florence como uma cama de rede. Florence sentiu-se a ser embalada até ficar completamente descontraída. Há muitos meses que não se sentia tão tranquila.

Ouviu-se um pássaro cantar várias vezes, ao longe.

— Adoro estes pássaros que parecem corujas a piar — disse Meg, divagando.

— As corujas, queres tu dizer?

Meg rebentou a rir violentamente.

— Então é isso que são? São mesmo corujas?

Florence não respondeu. Não sabia de que é que Meg estava a falar. A voz dela soava muito distante.

Meg continuava a repetir a mesma palavra, fazendo variar a entoação:

— Coruja. Cruja. Cruja. Que palavra tão esquisita. Tem duas ou três sílabas? Nem consigo perceber.

— O quê? — Florence perdera o fio à meada.

— Duas, acho eu. Cru. Ja. Cru. Ja.

A sensação de bem-estar que inundara Florence desapareceu. Abriu os olhos e olhou para a rapariga ao seu lado. Quando Meg se ria, o golfinho tatuado na barriga dela parecia estar a ter uma apoplexia. E os pelos nos dedos dos pés dela pareciam patas reviradas de um mosquito. Florence sentiu-se despida e pouco limpa. Queria ir para casa. Queria estar no quarto de Helen, rodeada de objetos de Helen. Este não era o tipo de pessoa de quem Helen se aproximaria. Isto não fazia sentido nenhum.

Levantou-se de rompante e recolheu as suas coisas:

— Tenho de me ir embora — disse.

Puxou a toalha com brusquidão. O corpo de Meg rolou, indolente como um tronco, pela areia.

— Está bem — respondeu ela, animada. — Mas, olha, podias vir à festa hoje à noite.

— Qual festa?

— Bem, não é uma *festa-festa*. Mas há um encontro de expatriados numa casa particular. Um monte de pessoas, tipo, superinteressantes, criativas. Acho que ias gostar.

Florence não se interrogou como é que Meg poderia saber do que ela gostaria ou não. Sentiu-se apenas lisonjeada que alguém se lembrasse de a convidar para alguma coisa. Imaginou-se rodeada de poetas e artistas envergando túnicas coloridas, entre lanternas de latão onde flamejavam velas acesas.

— Sim — respondeu, anuindo. — Gostava *muito*.

Florence explicou que não tinha carro, e Meg ofereceu-se para a apanhar na

Villa des Grenades às oito.

Florence caminhou rapidamente pela areia escaldante até à estrada. Tinha planeado ir almoçar ao centro, mas acabou por entrar no primeiro restaurante que viu, uma verdadeira armadilha para turistas que prometia servir «cachorros-quentes à americana». Bebeu uma *Coca-Cola* e esperou pelo táxi que lhe chamaram para a levar até casa. Observou os cachorros-quentes a rolar no seu molho gordurento e pensou em cabeças decepadas preservadas em frascos.

Florence levou a mão à boca. Estava sentada à mesa da sala de jantar, ainda com a roupa de praia, húmida e coberta de areia, a olhar fixamente para um *e-mail* de Greta Frost. Leu a mensagem várias vezes, mas o conteúdo não se alterou:

Olá, M. Quero saber como estão as coisas. Liga-me. Quero falar sobre a TPR em pormenor. G.

Florence tentou extrair algum sentido oculto das palavras exibidas no ecrã. Não conseguiu encontrar nenhum. Pesquisou TPR no Google. O resultado foi o símbolo das ações de uma grande marca de roupa ou a sigla para um método infantil de ensino de línguas. Nenhum destes fazia sentido naquele contexto. Florence tamborilou no teclado durante um momento. Depois carregou no botão de Responder e escreveu:

Infelizmente adoeci. Tenho uma intoxicação alimentar grave.

Releu o que escrevera e apagou-o de imediato. Em vez disso, enviou o seguinte:

Hoje não posso falar — comi um bocado de polvo que era pútrido de cima a baixo. Conclusão: estou a aprender mais sobre retretes marroquinas do que imaginei ser possível...

M.

O som da mensagem de resposta a chegar fez-se ouvir pouco depois:

Que pena. Desejo-te rápidas melhoras. Vai dando notícias.

Florence limpou o ecrã do computador, que estava manchado, e fechou a tampa do aparelho lentamente. Já estava. Tinha começado a ser Helen Wilcox com alguém de maior monta. A farsa tinha começado. Ela sabia que revelar-se a Greta seria inevitável, mas por agora só queria adiar esse momento o mais possível, pelo menos até ter uma noção mais clara de como poderia lidar com ela.

Greta era o maior obstáculo nos seus planos. Ela interagira com Helen frequentemente, estava muito interessada no progresso do livro, e já queria falar com ela por telefone.

Florence imaginou que talvez pudesse convencê-la a compactuar com o plano. Era certo que Greta teria um grande interesse profissional em manter vivo e de boa saúde o nome de Maud Dixon. Mas seria esse interesse suficientemente grande para a fazer ignorar a morte de alguém com quem ela trabalhara — e bem — durante três anos? Para ser cúmplice num crime de roubo de identidade? Era difícil de prever. Como poderia Florence abordar o assunto, sequer, sem admitir aquilo que tinha feito? Era uma proposta que não admitia meias-verdades. Bem, havia outras formas que não a colaboração. Florence tinha tempo. E tinha alternativas. De uma coisa estava absolutamente certa: agora que este presente lhe tinha sido oferecido, não ia deixar que ninguém — *ninguém* — lho tirasse.

Nessa tarde, Florence dormiu profundamente durante um bom bocado. Quando se levantou para tomar um duche, já o Sol se estava a pôr. No momento em que se maquilhava, Amina bateu à porta ao de leve.

— Entre! — disse Florence, sem sair da casa de banho.

Amina ficou imóvel junto à ombreira da porta. Tinha nas mãos, dobrado, o lenço azul e branco de Helen. Florence estacou, com o aplicador do rímel em riste.

— Onde é que arranjou isso?

— *Le gendarme* — respondeu Amina. O polícia.

— O Idrissi? Ele está aqui?

— Já saiu. A senhora estava a dormir — acrescentou Amina, com um ar incomodado. — Perguntou pela sua amiga. Quando é que ela regressou a casa, quando é que ela se foi embora.

— E o que é que lhe disse?

— A verdade. Eu não fico noites aqui.

— Muito bem — respondeu Florence, baixinho. — Obrigada.

Amina não deu sinal nenhum de que a tinha ouvido. Depositou o lenço sobre a cama e alisou uma prega nos lençóis. Nesse momento, a campainha tocou e Florence estremeceu. Olhou para o relógio. Faltavam poucos minutos para as oito. Devia ser a Meg.

Amina desceu para abrir a porta. Florence fez o mesmo alguns minutos mais tarde e viu Meg no pátio, a olhar para o telefone. Ao ver Florence, exclamou:

— Uau, estás mesmo elegante!

Florence vestira um vestido de seda e umas alpercatas. Nos lábios pusera o batom vermelho que Helen usava sempre. Ao ver o seu próprio reflexo no espelho, parecera-lhe ter uma máscara posta. Nem se reconhecera. Erguera um braço e acenara, para verificar se o reflexo lhe devolvia o aceno.

— Obrigada — respondeu. — Tu também.

Meg tinha uns calções de ganga feitos de umas calças que rasgara e uma blusa bordada pirosinha.

Lá fora, Florence subiu para o lugar do pendura da motoreta *Honda*, que tinha um aspeto tudo menos seguro, e abraçou, a medo, a barriga pouco firme de Meg. Agarrou, sem fazer muita força, o gesso que tinha no pulso esquerdo com a mão direita.

— Vais bem aí atrás? — perguntou Meg.

— Lindamente. *Bonjour, l'aventure!*

A Villa des Grenades ficava numa rua estreita, tortuosa. Vista de cima, devia parecer uma madeixa de cabelo enrolada no chão. O som de esforço do motor da lambreta ia aumentando e diminuindo conforme faziam as curvas. Florence apercebeu-se de que estava a desfrutar do passeio, do equilíbrio precário da lambreta ao curvar. Recordou-se da sensação de puxar pelo motor do carro na viagem até Semat, quando imaginara a cabeça de Helen a embater no painel do carro como uma bola de futebol. Abanou a cabeça para afastar essa memória.

Cerca de quinze minutos depois, Meg entrou no estacionamento de um prédio moderno, sem grande encanto, que ficava colado às muralhas da medina, do lado de fora. Contou a Florence que quatro australianos tinham arrendado um apartamento ali, e que diferentes expatriados iam entrando e saindo a cada duas ou três semanas. Eram na sua maioria *kitesurfers*, que vinham para aproveitar o vento. Meg tocou à campainha do intercomunicador, que fez soar uma melodia alegre.

— *Ya?* — Ouviu-se através do intercomunicador.

— Sou eu — cantarolou Meg, deixando uma mancha de *gloss* labial no aparelho.

Houve uma pausa e, depois, em resposta:

— Eu quem?

Meg riu-se e disse:

— A Meg!

Revirou os olhos e olhou para Florence com bonomia. Parecia o tipo de mulher que está habituada a que se esqueçam dela. Passado algum tempo, o intercomunicador emitiu um ruído e a porta destrancou-se com um som abafado. Enquanto subiam as escadas até ao terceiro piso, Florence perguntou a Meg quantos anos tinha.

— Vou fazer vinte e dois em setembro. Porquê, quantos anos tens tu?

Florence decidiu optar por um número que ficasse a meio caminho entre a idade dela e a de Helen.

— Vinte e nove.

Ao chegarem ao patamar do terceiro piso, um tipo loiro, vestindo uns calções de praia e mais nada, abriu-lhes a porta. Voltou-lhes as costas e regressou à sala sem abrir a boca. Florence caminhou atrás de Meg e entrou também na sala. A desilusão dela agigantou-se ao observar o cenário envolvente. Na sala estavam umas oito, talvez nove pessoas. No centro da sala havia um sofá de pele, enorme, modular, cheio de remendos feitos com fita adesiva. A mesa, absolutamente reles, estava coberta de cinzeiros sujos e latas de cerveja vazias. Ninguém estava vestido com túnicas coloridas. Não havia lanternas.

— Olá, pessoal! — disse Meg, animada. Caminhou pela sala e apresentou Florence a cada pessoa com uma formalidade que a ocasião não merecia. — A Helen é escritora — repetia sempre. — Romancista.

A maior parte dos convivas tinha a mesma expressão entediada, impassível, que o tipo que lhes abrira a porta, mas Florence reparou com agrado que essa máscara de indiferença parecia desfazer-se um pouco quando Meg a apresentava como escritora. Os olhos das pessoas pareciam brilhar ligeiramente: mesmo que não fosse por respeito, pelo menos por curiosidade.

— Eu também sou escritora — revelou uma rapariga escanzelada, vestida com a parte de cima de um biquíni, ao mesmo tempo que chupava um cigarro eletrónico. — Quero dizer, para já é só um blogue de viagens, mas espero vir a publicá-lo em livro.

— Ah, excelente — disse Florence.

— *Ya*, por isso, se tiveres dicas sobre como encontrar um agente ou isso...

Florence sorriu, sentindo-se magnânima.

— Claro que sim.

— E tu escreves o quê? Eu já li algo publicado por ti?

— Bem, eu não sei o que já leste.

A rapariga sorriu e abanou a cabeça.

— Desculpa, foi uma pergunta muito estúpida. O que é que escreveste?

Florence interrogou-se sobre como responderia Helen a esta questão. Tinha sido tão raro ver Helen interagir com outras pessoas. Talvez ela não revelasse a ninguém que era escritora. Mas agora já era demasiado tarde.

— Para dizer a verdade — respondeu —, eu tenho um pseudónimo. E não gosto de dizer qual é.

O tipo que lhes abriu a porta ergueu o olhar do cigarro que estava a enrolar e exclamou:

— Credo, não me digas que és a Maud Dixon!

Florence soltou um riso forçado.

— Quem me dera!

— Oh, meu Deus, eu adoooro a Maud Dixon — disse uma rapariga americana de tez bronzeada que estava no sofá. Voltou-se para o rapaz sobre cujo colo tinha as pernas: — Jay, eu não passo a vida a falar dela? — Ele não deu mostras de ter ouvido a pergunta. A rapariga abanou as pernas: — Môr, eu não passo a vida a falar daquela assassina... tipo... labrega?

— Hum-hum... — respondeu Jay. Estava a olhar para o telemóvel.

— Eu vou-te *apunbalar*! — disse alegremente a rapariga e fingiu que lhe espetava uma faca no estômago.

— Para com isso! — disse ele, anestesiado.

Meg regressou da cozinha com duas garrafas de *Casablanca*, e instalaram-se em duas cadeiras brancas de plástico que estavam na varanda, com vista para o parque de estacionamento.

— É isto! — disse Meg, entusiasmada.

— É isto... — concordou Florence, menos entusiasmada.

— É fixe!

— Hum...

— Conta-me como é que te tornaste escritora.

— Não sei. Eu sempre escrevi. E depois um dia acho que tive sorte.

— Isso é tão fixe. Eu adorava ser escritora.

— E escreves?

— Nem por isso. O meu cérebro é muito lado esquerdo. Tipo, todo lógico e isso tudo...

— Então, qual é o teu plano de vida?

— Não sei. Os meus pais querem muito que eu regresse à faculdade. Mas eu não sei se é a minha cena. Talvez queira representar...

— Cinema? Ou teatro?

— *Ya*, acho que ia gostar de cinema. Não sei. Também posso trabalhar numa seguradora, fazer contas. O meu pai faz isso.

— Então queres ser atriz ou trabalhar numa seguradora. São profissões muito diferentes.

— É, não é? — respondeu Meg, com os olhos muito abertos. Foi buscar um cigarro a um maço que estava sobre a mesa e ofereceu-o a Florence, que recusou com a cabeça. — Porque é que assinas os livros com outro nome?

Florence tentou recordar-se da resposta que Helen dera quando ela lhe

perguntara o mesmo. Ela tinha falado de... ténias?

— É difícil de explicar — foi tudo o que conseguiu dizer.

Meg assentiu com a cabeça.

— *Ya*.

Um dos residentes no apartamento entrou na varanda de um modo gingão. Disse que se chamava Nick. Era alto e bronzeado. Seria extraordinariamente atraente se não fossem as rastas enormes e loiras, que pareciam não incomodar ninguém a não ser Florence.

— Orientas-me um desses, Meg? — perguntou.

Florence pensou ter visto Meg corar ligeiramente ao passar-lhe o maço de tabaco. Ele tinha sido a primeira pessoa na festa a dizer o nome dela.

Depois de ter acendido o cigarro, Nick voltou-se para Florence e perguntou:

— Então tu és a mulher indomável que se atirou da Rue Badr há uns dias?

— Parece que sim.

— Sabes, se o que queres é emoção, posso emprestar-te a minha prancha.

Florence sorriu.

— Vou pensar nisso.

Nick abanou a cabeça.

— Agora fora de brincadeiras, aquela estrada é um perigo. Eu espatifei a minha acelera naquelas colinas há umas semanas.

— Já houve, tipo, quatro acidentes ali este ano — disse Meg, juntando-se à conversa.

Florence sentiu-se animada ao saber aquilo. Talvez ela não tivesse tido culpa, afinal de contas.

— Como é que vocês souberam que tinha havido um acidente? — perguntou.

— Eu li no *Le Matin*.

— Falas francês? — perguntou Florence, surpreendida.

— *Un peu* — respondeu ele num sotaque terrível.

— Vou buscar outra cerveja — disse Meg. — Querem uma?

Nick e Florence abanaram a cabeça. Nick instalou-se na cadeira que Meg deixara vaga e esfregou a parte de trás do pescoço.

— Então és escritora? — Florence anuiu com a cabeça. — Que fixe.

Nick lembrava-lhe alguém seu conhecido, mas Florence não conseguia precisar quem.

— E tu? — perguntou ela. — O que fazes?

— Ainda estou a estudar.

— A sério? Pareces mais velho.

— Tenho vinte e quatro. Estive uns anos parado. Vou terminar o curso na Universidade da Califórnia, em San Diego, neste outono.

— E depois?

Florence não sabia por que razão decidira comportar-se como uma orientadora profissional. A verdade é que ela não saberia o que fazer numa situação destas — rodeada de desconhecidos numa festinha medíocre num país estrangeiro —, mesmo que não estivesse a fingir ser outra pessoa.

— Provavelmente vou entrar no ramo imobiliário. O Steve, o meu irmão mais velho, é agente imobiliário e ganha uma *pipa de massa*.

— Isso é o que a minha mãe me está sempre a dizer para fazer.

— Ah, sim?

— Sim. A filha de uma amiga dela é uma agente qualquer de topo, em Tampa, e tem um marido e quatro filhos e um daqueles cartões de visita com a fotografia dela, estás a ver? Mas eu acho que me matava, se a minha vida fosse assim.

— Porquê? Isso não me parece mau de todo. Alguns putos, uma casa ao pé da praia...

— Mas é tão insignificante. É assim, tipo, oitenta anos a ir e vir do supermercado de carro. Não podemos ambicionar algo maior?

— Sem ofensa, mas por que razão é que ser escritor é melhor do que isso?

— Porque é que é melhor ser artista?

— *Ya*. Por que razão é que isso é melhor do que ajudar alguém a encontrar uma casa? Isto é uma coisa real.

— A arte é real.

— Eu preferia ter uma casa a ter uma história para ler.

— OK, mas deixa de pensar no consumidor por um segundo. E a tua vida? Achas mesmo que te vais sentir realizado se passares grande parte da tua vida a mostrar casas a pessoas? É esse o teu objetivo de vida?

— Bom, o meu objetivo de vida é só, tipo, ser boa pessoa.

Florence olhou Nick nos olhos para perceber se ele estava a falar a sério. Estava.

— Pois, suponho que isso também seja importante — murmurou.

Nick sacudiu a cabeça.

— Deixa-me explicar, eu não estou a dizer que acho que toda a gente deve ter esse propósito. Acho incrível que penses sobre estas coisas e que tenhas encontrado a tua paixão. Só estou a dizer que nenhum percurso é intrinsecamente melhor ou pior do que outro, sabes?

Florence arqueou uma sobrancelha cética, e Nick riu-se. Olhou de relance para a porta de correr envidraçada que dava acesso à sala.

— OK — sussurrou ele baixinho —, não digas a ninguém, mas há ali dentro algumas raparigas que só querem ser, tipo, *influencers* do Instagram, e sim, eu admito que talvez esse percurso seja *ligeiramente* menos nobre que o de Gandhi, por exemplo.

Florence riu-se.

— Bem, eu tenho para aí uns sete seguidores no Instagram, por isso não te preocupes, não estou em risco de fazer carreira assim.

Nick anuiu, entusiasmado.

— Estás a ver? É mesmo isso que estou a dizer. Que se lixe aquilo que os outros pensam sobre ti, não é? Que se lixem os *likes* e os *comentários* e as *poses* constantes.

— Exato — concordou Florence, apesar de estar perfeitamente ciente de que passava a maior parte do tempo preocupada com aquilo que os outros pudessem pensar dela.

Mas Helen não era assim.

Florence aproximou-se dele e tirou-lhe o cigarro aceso da mão.

— E o que é que te trouxe até Semat? — perguntou, dando uma passa longa.

— O vento.

— Também fazes *kitesurf*?

— *Ya*. E tu?

Florence riu-se.

— Não. Claramente, não.

— Eu estava a falar a sério, há bocado. Devias experimentar. Eu ensino-te, se quiseres.

Florence inclinou a cabeça.

— Vou pensar nisso.

Interrogou-se sobre se Helen aceitaria esta oferta ou se se acharia demasiado superior para tal. O problema de tentar imaginar aquilo que Helen faria em cada situação era que Florence sempre a achara altamente imprevisível.

Bem, ela também sabia ser imprevisível. Pôs a mão sobre a coxa de Nick.

— Vem cá — disse.

Quinze minutos depois, o corpo de Florence estava montado no dele, ambos sobre um colchão descoberto e com um saco-cama sujo enrolado aos pés. Ela desabotoou-lhe a camisa violentamente. Ele ergueu o tronco e apertou-lhe o rosto entre as mãos.

— És linda — disse-lhe.

Ela empurrou-o e o corpo dele voltou a tombar.

— Diz o meu nome — disse ela.

— Helen — arfou ele.

— Outra vez.

— *Helen*.

Florence mergulhou o último pedacinho do seu *croissant* num pequeno frasco de compota e pô-lo na boca. Encheu a chávena com o que restava de café na prensa francesa. Depois acendeu um cigarro do maço que trouxera do quarto de Helen. Bateu a cinza no rebordo do prato. Sorriu ao ver a marca de batom vermelho no filtro.

Ao observar o gesto que vira Helen fazer vezes sem conta, tinha a sensação de que estava na verdade a olhar para a mão de Helen. Era desconcertante. Deu mais uma baforada. Pareceu-lhe que conseguia sentir o fumo queimar-lhe os pulmões, transformando-a em Helen de dentro para fora. Depois as tonturas apoderaram-se dela e apagou o cigarro na compota.

A noite passada fora emocionante. O sexo, não: em termos gerais, Nick estava demasiado pedrado e era demasiado molengão. Mas toda a noite em si fora uma revelação. Ela tinha sido Helen. Tinha mesmo sido ela.

Aquilo que a desapontara naquele cenário, inicialmente — a pobreza do espaço, a falta de encanto da companhia —, revelara-se na verdade o ambiente perfeito para ela incubar o seu novo eu. No fim de contas, o desdém sempre fora um trampolim muito útil para a confiança, e era isso que lhe era requerido agora. Algo próximo da húbri, ao invés da sua habitual barafunda de insegurança e vulnerabilidade. No meio das Helens Wilcox e das Amandas Lincoln desta vida, Florence estava habituada a sentir-se pequena e inconveniente. Mas, na noite anterior, tivera a sensação de que Meg e Nick e aquela rapariga que lhe pedira conselhos tinham de facto ficado impressionados com ela. Desta vez, tinha tido o poder nas mãos.

Helen adorava o poder. Não o poder físico; esse era irrelevante. O poder emocional, o poder psicológico — nesse, era bem versada. Helen gostava do exercício do poder da mesma forma que um músico ou um bailarino tem um prazer real, absoluto, no seu ofício. Nas conversas, era Helen quem ditava o rumo e o tom. Sonegava constantemente informação sem nenhuma razão aparente, e adorava surpreender Florence com afirmações bizarras. Até *O Foxtrot do Mississípi* era, no fundo, uma exploração do tema do poder: de início o poder que o devasso Frank detém sobre Ruby, e depois o de Maud, quando ela lho arranca num único ato violento.

As tentativas que Florence fizera de dominar as dinâmicas de poder interpessoal tinham, na sua maioria, saído goradas. As amizades que mantivera durante o ensino básico e secundário tinham por base pouco mais do que um receio partilhado de alheamento absoluto. Na faculdade, fizera amigos nas aulas de Inglês, mas não criara laços especialmente estreitos com ninguém. Sempre sentira necessidade de se isolar depois de passar algumas horas na companhia de alguém.

Aqui tinha, então, um local onde praticar uma nova forma de estar no mundo; uma maneira de se relacionar com as pessoas não enquanto suplicante, mas como objeto da súplica delas.

Só o facto de se apresentar com um nome diferente, um nome que ela associava a um magnetismo e a uma força tais, já tinha alterado completamente o curso da sua existência. Sentia-se... transfigurada. Mesmo na companhia de pessoas sem importância, pessoas que não sabiam que Helen era uma escritora mundialmente famosa; mesmo quando estava sozinha, sentada no banco traseiro do táxi que a levou a casa. Disfarçada de Helen, sentia-se de facto mais imperiosa, mais interessante, mais condigna em todos os aspetos. Curiosamente, sentia-se mais próxima de *si mesma* — mais próxima da mulher que sempre suspeitara estar escondida dentro de si.

Até tinha seduzido Nick, só para ver se era capaz. Ela, que nunca tinha passado de ser a presa, e, mesmo isso, raramente.

Deu um gole no sumo de laranja e bochechou, para se livrar do sabor a nicotina que tinha na boca. Passou da mesa do pequeno-almoço para a secretária que estava no interior da habitação, onde se encontrava o computador. Havia um novo *e-mail* de Greta, desta vez na sua conta pessoal:

Olá, Florence,

Como está a Maud hoje? Achas que ela consegue falar ao telefone? Não a quero incomodar quando está doente, mas acabei de saber que a TPR quer publicar a entrevista na edição de outono, por isso começa a ficar apertado.

Fez-se luz na cabeça de Florence: TPR era *The Paris Review*, a publicação literária trimestral, famosa por publicar extensas entrevistas com autores famosos.

Na mensagem anterior, Greta escrevera que queria falar sobre a TPR «em pormenor». Será que isso significava que Helen aceitara dar uma entrevista? Florence franziu o sobrolho. Isso não fazia sentido nenhum. Helen não sentia necessidade de justificar aquilo que fazia. Não era esse tipo de pessoa. Será que ela iria usar o seu nome verdadeiro, revelar a sua identidade? A *Paris Review* já publicara uma entrevista anónima — usando apenas o pseudónimo do autor —, mas só uma vez.

Fez uma pesquisa rápida nos *e-mails* de Helen; nenhum outro mencionava *The Paris Review*. Subiu as escadas e vasculhou o quarto de Helen em busca do seu computador pessoal; conseguira vislumbrá-lo na bagagem de mão dela quando estavam no aeroporto. Encontrou-o rapidamente, dentro da gaveta da mesinha de cabeceira, mas, quando o abriu, foi barrada pelo mesmo pedido de senha que impedira as suas investigações em Cairo. Florence lançou algumas débeis tentativas: *FoxtrotMississippi, Jenny, Ruby*. Nenhuma funcionou.

Regressou ao computador da sala e escreveu a Greta:

A Maud ainda está doente, infelizmente. Mas o que me disse é que mudou de ideias em relação à entrevista.

Não havia forma de aceitar a entrevista.

Poucos segundos depois, ouviu a notificação de uma nova mensagem. Florence olhou para o relógio. Eram cinco da manhã em Nova Iorque. E era domingo.

Florence, podes ligar-me?

Florence fletiu o maxilar. Detestava falar ao telefone. Não havia tempo para

planear nem depurar aquilo que se ia dizer. Talvez fosse essa a razão pela qual as outras pessoas gostavam de o fazer; Greta não parecia ser o tipo de pessoa que retocava aquilo que dizia. Florence caminhou, contrariada, até à cozinha, onde estava o telefone fixo, e ligou para o número que Greta incluía no *e-mail*.

— Olá, Florence — atendeu a voz rouca e familiar.

— Olá, Greta. É cedo aí.

— Ah, eu nunca me levanto depois das cinco. Uma das benesses de envelhecer. Então, o que é que se passa com a Helen?

— Comeu polvo estragado.

— E nem sequer pode falar ao telefone?

— Na verdade, ela não saiu da casa de banho nas últimas vinte e quatro horas.

— Isso não augura nada de bom. Já falaste com um médico?

— Sim, claro. Disse apenas para garantir que ela não desidrata.

— Vinte e quatro horas é muito tempo para estar assim tão mal. Acho que deves pensar em regressar a Marraquexe. Posso ligar para o hospital de lá e dizer-lhes que vão a caminho. Imagino que o hospital daí não seja muito melhor do que os hospitais de campanha da Guerra Civil.

— Não é assim tão mau...

— Já lá foste?

— Ah... Pois... Levei lá a Helen ontem.

— E?

— Foi lá que nos disseram para garantir que ela não desidratava.

— Hum... — Houve uma longa pausa. — Disseste qualquer coisa sobre a Helen ter mudado de ideias em relação à entrevista para a *Paris Review*...

— Sim. Ela disse que mudou de ideias. Já não quer dar a entrevista.

— Isso é muito interessante... — Greta fez novamente uma pausa. — Sabes, ela não tinha aceitado dar a entrevista, sequer. Eu ainda estava a tentar convencê-la de que era uma boa ideia. Por isso parece-me que ela não mudou de ideias. Se é que estou a perceber bem as coisas...

Bolas.

— Ah, a sério?

— A sério.

— Que estranho! Talvez ela se tenha enganado. Não está propriamente com a cabeça no lugar, sabe... Está meio delirante.

— Hum... — Outra pausa. — Escuta, Florence, estou preocupada. Estás a dizer que a Helen está delirante, não pode vir ao telefone, não saiu da casa de banho. Tudo isto é muito sério. Peço-te que regreses a Marraquexe e procures tratamento. A Lauren pode tratar de tudo. Posso enviar um carro para vos ir buscar hoje mesmo.

— Não... Eu acredito que ela vá melhorar. Posso perguntar-lhe, mas ela tem sido bastante inflexível em relação a continuar aqui e terminar a investigação.

— Pelo que dizes, parece-me que talvez a Helen não esteja apta a tomar esse tipo de decisões. Escuta, Florence, tu és uma rapariga jovem, e eu sei que a Helen consegue ser ameaçadora. Mas é mais importante garantir que ela recebe os

cuidados de que precisa e que recupera... mesmo que isso implique levar com o mau génio dela durante algumas horas.

— Claro, eu sei disso. Vou pensar, está bem?

— Está bem. Volto a ligar esta tarde, para saber como estão as coisas. Ah, pois, lembrei-me agora de outra coisa: tentei ligar para ambos os vossos telemóveis e nenhum funciona.

— Pois, a rede é péssima, aqui.

— Então é este o número para o qual devo ligar?

— Sim, este é o da rede fixa.

— Ótimo. Até logo.

*

Florence bateu com o auscultador com toda a força na base do telefone. Merda. O que é que ela iria dizer a Greta daí a algumas horas, ou daí a alguns dias, quando ainda não conseguisse fazer aparecer Helen?

«Olá, Greta, na verdade eu *matei* a Helen, ups! E então agora posso ser eu a Maud Dixon, ou quê?»

Perfeito.

Florence sentou-se na praia e enterrou os pés na areia. O vento que fustigara tudo e todos, ininterruptamente, desde que ela chegara, tinha desaparecido de repente, sem explicação. O ar em redor dela estava inerte e denso. Não havia alívio possível contra a investida implacável do sol.

Tentou pensar noutra coisa que não o telefonema de Greta. Queria recuperar aquela excitação com que acordara; o prazer eletrizante de ser Helen. Não lhe agradara ter de voltar a ser Florence para falar com Greta. Isso deixara uma marca. Uma espécie de nódoa peganhenta e desconfortável que ela gostava de poder eliminar. Queria a leveza de volta, a confiança, a força.

Agarrou num punhado de areia e deixou-a deslizar por entre os dedos. Tinha a pele rosada por causa do sol. Nas camadas inferiores, as nódoas negras estavam a passar de um tom roxo para um amarelo-esverdeado. Deixou que a areia lhe caísse sobre as pernas, cobrindo-as.

Depois do telefonema, tinha ido em busca do artigo que saíra no *Le Matin* e feito um esforço para o traduzir. Tinha apenas algumas linhas. Uma turista de Nova Iorque chamada Helen Wilcox tinha sofrido um despiste na Rue Badr às dez da noite de sábado. Por sorte, um pescador da zona tinha tido problemas com o motor do barco e ainda estava na água, tendo ouvido o som do carro a cair no mar. Conseguiu chegar à viatura antes de esta se ter afundado e puxou a Sra. Wilcox através da janela aberta. Ela dera entrada no hospital com ferimentos ligeiros e iria recuperar em breve. Este era já o quinto acidente na Rue Badr este ano. Duas pessoas tinham falecido num acidente naquela mesma rua um ano antes.

Florence fechou o computador, frustrada. Não lera nada que não lhe tivessem já dito. A sua memória ainda era um buraco negro e estava aterrada com a possibilidade de o agente Idrissi conseguir unir os pontos antes dela. Se isso acontecesse, não seria apenas a sua nova vida como Helen Wilcox que estaria arruinada: a sua vida anterior também.

Levantou-se e sacudi a areia do corpo. Reparou num grupo meio disperso de *kitesurfers* lá mais ao fundo no areal. Guardou os seus pertences no saco e começou a caminhar na direção deles. Conforme se ia aproximando, alguns membros do grupo viraram-se para olhar para ela, mas não detiveram o olhar durante muito tempo. O seu aspeto não se adequava ao ambiente da praia: a luz do Sol refletia-se de um modo quase agressivo na sua pele branca, e mal conseguia encher a parte de cima do biquíni de Helen.

Viu que Nick estava sentado numa toalha do tamanho de um individual de mesa. Tinha o fato aberto até à cintura, e a parte de cima estava atrás dele, sobre a areia, como se fosse uma sombra. Lambia furiosamente um gelado de água encarnado, prestes a derreter.

— Olá — disse ela, pondo-se à sua frente.

Nick olhou para cima e sorriu, satisfeito:

— Olha quem é ela! — Fez uma breve pausa, o tempo suficiente para o gelado

que pingava lhe escorrer pelo braço. — Merda — disse ele, e dobrou-se para lambar a pele que ia desde o cotovelo até ao pulso.

Florence percebeu finalmente quem é que Nick lhe fazia lembrar: *Bentley*, o *golden retriever* do vizinho de Helen.

— O que é que estás a fazer? — perguntou ela.

— Nada de especial. O mar está uma sopa. — Nick apontou para a água praticamente lisa.

Florence olhou também e acenou com a cabeça, pensativa.

Nick atirou o resto do gelado para a areia.

— Credo, aquela coisa estava a comer-me vivo! — Limpou as mãos ao fato e sorriu para Florence: — E o que é que tu estás a fazer?

— Nada de especial. Estava a ler, mas está demasiado calor para ficar na praia. Pensei em ir dar uma volta pela cidade. — Fez uma pausa e acrescentou: — Queres vir?

Nick ficou claramente radiante.

— Sim, vamos a isso.

Tirou logo o fato e vasculhou a pequena mochila em busca de uma *T-shirt* amarfanhada. Quando puxou por ela, veio um livro atrás. Florence pegou no livro e leu o título na capa: *O Céu Que Nos Protege*, de Paul Bowles.

— Estás a ler isto?

— Acabei mesmo agora. Empresto-to, se quiseres. É espetacular.

Florence tentou disfarçar o seu espanto. Não pensara que Nick fosse o tipo de homem que lia um livro de um autor que Helen elogiara tanto. Ela estivera para comprar um livro de Paul Bowles antes da viagem, mas Helen tinha-lhe dado tanto trabalho de investigação que não chegara a fazê-lo. Virou o livro e leu a sinopse na contracapa. Era sobre um grupo de três americanos que atravessam o deserto no Norte de África na década de 1940. Este era o primeiro livro de Bowles e tinha tido um enorme sucesso. Leu as primeiras frases. Ele tinha razão; era um bom livro.

— Estás pronta? — perguntou Nick.

Florence anuiu com a cabeça e devolveu-lhe o livro.

— Até logo — disse Nick ao grupo, quando se afastaram.

Caminharam lentamente ao longo do areal. Nick ia a explicar qualquer coisa sobre o *kitesurf*, mas Florence não estava a ouvi-lo. Deixava a sua mente vagar.

Subiram a colina e atravessaram a Praça Hassan II, em direção ao centro. Ao chegarem à estrada movimentada que circundava a muralha da medina, Nick esticou o braço bronzeado e com pelos alourados para evitar que Florence se atravessasse à frente de uma fila de motas. Ela ergueu os olhos para ele e sorriu.

Quando atravessaram a estrada, um rosto familiar captou abruptamente a atenção de Florence. Plantado em frente a um edifício ornamentado, com as costas muito direitas, estava Idrissi, o polícia do hospital.

O ritmo da respiração de Florence alterou-se. Disse para os seus botões que não havia razões para ter medo. Para o agente, ela não passava de uma turista tonta que tinha escapado às consequências de conduzir embriagada e de destruir o carro

de aluguer só porque tinha a sorte de ter dólares americanos na carteira. Mas lembrou-se da forma como ele olhara para ela no carro, ao perguntar pela sua amiga do restaurante. Ele suspeitava de alguma coisa.

E não teria razões para isso? Ela estava a esconder alguma coisa. A recordação do telefonema de Greta voltou, num ataque de inquietação. Florence tentou afastar esse pensamento. A cabeça de Idrissi girou lentamente, observando a multidão. Florence encostou-se à muralha de um modo instintivo.

— O que foi? — perguntou Nick.

— Nada. Pareceu-me ter visto um rato.

— És adorável — disse ele, puxando-a para si e dando-lhe um beijo. Ele sabia a protetor solar e a sabor artificial de morango.

— Vamos ver o que há aqui — disse ela, entrando no *souk*.

Dentro do mercado estava mais fresco e mais escuro. As partículas de pó reluziam nos feixes de luz que conseguiam atravessar as brechas do teto descuidado.

— Que tal?

Florence voltou-se. Nick estava junto a uma banca de onde pendiam tecidos coloridos, segurando uma túnica azul comprida em frente ao corpo.

Florence riu-se:

— Não.

O vendedor aproximou-se deles.

— É um cafetã — disse ele. — Para mulheres. — Retirou uma túnica negra de uma pilha. — Este, para homens. Experimenta.

O homem começou a tentar vestir a túnica a Nick. Nick abanou as mãos e disse:

— Não, não, obrigado. — Mas era inútil. Já estava quase vestido. O homem passou as mãos pelo tecido para retirar os vincos. — E agora, isto — disse, enrolando uma faixa de tecido cinzento que pôs sobre a cabeça de Nick. Um turbante. Nick ficou atrapalhado, de braços abertos. Olhou para Florence.

— Que tal?

Florence riu-se e abanou a cabeça.

— Não. *Nunca* na vida.

— Sim, sim, eu faço foto — disse o homem, esticando a mão para que lhe dessem um telefone.

Florence abriu as mãos, incapaz de satisfazer o pedido:

— Eu não tenho telefone.

O homem voltou-se para Nick.

— Está no meu bolso.

O homem meteu as mãos nos bolsos da túnica — eram apenas aberturas, feitas para que se conseguisse chegar aos bolsos das calças.

— Ah, que fixe! — exclamou Nick — São abertos!

Florence riu-se outra vez.

O vendedor tirou uma fotografia escura e tremida dos dois, a olhar um para o outro num ataque de riso. Em seguida, depois de Nick se ter contorcido para

despir a túnica e de ter desenrolado o turbante, ergueu o cafetã azul que escolhera inicialmente e perguntou ao homem:

— Quanto?

— Para a senhora bonita? Faço 200 *dirbans*.

— Não, não é preciso — disse Florence a Nick. — Não tens de comprar isso para mim.

— Temos de comprar *alguma coisa*.

— Não, não temos. Tenho a certeza de que ele faz isto cinquenta vezes por dia.

Mas Nick já estava a puxar do dinheiro. Ofereceu ao vendedor 150 *dirbans*, que ele aceitou com um aceno de cabeça. Em seguida, deu-lhe um saco de plástico com o seu novo cafetã.

— Obrigada — disse Florence, embaraçada.

— Não me agradeças. Só o comprei para ti para que mo possas emprestar.

Florence revirou os olhos, tentando disfarçar o seu agrado. Mas Nick já estava com a mão enfiada numa saca de feijão que havia na banca seguinte.

Florence caminhou até uma banca que vendia peixe, e observou o peixeiro enquanto ele retirava a pele e as espinhas a um peixe prateado com movimentos rápidos e hábeis da faca. Recordou-se do modo como Helen desossara o frango durante a sua lição de culinária. O homem atirou os pedaços do peixe, que já não eram um peixe, mas apenas peixe, para um monte. Uma mosca atacou-o de imediato e começou a amassá-lo com os seus braços finos e os seus cotovelos delicados.

Florence embrenhou-se no mercado. Os artigos ali à venda eram semelhantes aos que ela vira em Marraquexe, uma mistura entre o pitoresco e o prático.

De repente, sentiu uma mão prender-lhe o braço e voltou-se. Era um homem pequeno, envelhecido, que a puxava pela saia na direção de uma banca com joias de prata.

— Ametista — sussurrou o velho. — Muito boa qualidade. Muito linda.

Florence libertou o braço.

— Não, obrigada.

O homem deu mais um passo na direção dela.

— Ali só imitações. Aqui verdadeiro.

— Não — disse ela, com mais veemência. Afastou-se rapidamente dele, dobrando a esquina de um beco estreito que se afastava da artéria principal, onde havia ainda menos luz. Deparou com um grupo de homens sentados em bancos rasteiros, a beber uma bebida que fumegava nas taças. Os homens ergueram o olhar na direção de Florence e depois desviaram-no, desinteressados. Florence passou a mão por uma fileira de chinelos de couro de tons vivos. Emanavam um aroma morno e abafado, como um animal molhado. O coração de Florence batia apressado, embora ela não soubesse porquê.

Subitamente, sentiu outra vez a mão do velho na sua pele, fazendo-a voltar-se. Deu um puxão com o braço e voltou-se para o encarar.

— Florence!

Deu um passo atrás e tropeçou no chão irregular. Fitou o rosto à sua frente, os

dentes demasiados grandes, o polo rosa-vivo, o cabelo alisado a ferro.

— Whitney?

Era uma antiga amiga sua da Florida, que a olhava com os olhos muito abertos, absolutamente espantada. Estacaram ambas um momento, desconfortáveis, até que se aproximaram num abraço. Whitney media um metro e oitenta desde o sétimo ano, e Florence teve de se pôr em bicos dos pés para a conseguir abraçar. Não via Whitney desde o fim do secundário, e tinham apenas trocado meia dúzia de mensagens desde essa altura. Depois de ter ido viver para Nova Iorque, Florence deixara de lhe responder. O sorriso de Whitney não parecia esconder ressentimento algum, mas talvez o tivesse apenas posto de parte para corresponder ao acaso feliz de um encontro assim.

— Oh, meu Deus! — exclamou Whitney. — Que coincidência incrível!

— O que é que estás aqui a fazer?

Whitney sobressaltou-se.

— O que é que te aconteceu? — perguntou, apontando para o gesso e para o rosto de Florence, que ainda mostrava marcas do acidente. — Estás bem?

— Foi só um toquezinho com o carro. Não foi tão mau como parece.

— Lamento muito.

— O que é que estás aqui a fazer? — perguntou Florence novamente, com a voz ligeiramente tremida. A ameaça dos encontros recentes com Idrissi e com Greta, até com o homem da ametista, tinham-na deixado em ebulição. Teve de fazer um esforço por se recordar de que Whitney era apenas Whitney. A mesma rapariga que se esganiçara a cantar a canção principal do *High School Musical* quatro anos seguidos no espetáculo de talentos. Da inesperada posição estratégica de uma pessoa que a conhecera em criança, Florence viu-se a si mesma com um rasgo repentino de terror. Mas este dissipou-se tão depressa quanto chegara.

— Estou de férias com uma colega da faculdade — respondeu Whitney. — Chegámos esta manhã a Semat. Estivemos alguns dias na cordilheira do Atlas.

Whitney fora uma aluna esforçada durante o secundário, mas nunca tinha sido tão boa quanto Florence, que ainda tinha entalado na garganta o facto de o pai de Whitney — o dentista de Florence — ter coberto o custo total da Universidade de Emory para a filha, enquanto Florence fora empurrada para a Universidade da Florida como toda a gente.

— E tu? O que é que *tu* estás aqui a fazer? — perguntou Whitney.

— A trabalhar, mais ou menos.

— A sério? O que é que fazes?

— Eu... Bom, é uma longa história. Estou a fazer investigação.

— Que fixe! Ainda trabalhas em edição?

— Sim, sim.

— Isso é ótimo. Fico tão feliz por ti. Sempre adoraste livros.

Florence já tinha reparado que as pessoas que não sentiam pela literatura o mesmo que ela — que a literatura era, tal como a biologia ou como a física, um dos princípios condutores da existência — a consideravam pouco mais do que uma coleção de objetos reais: os livros. Será que essas pessoas achavam que o poder

da música podia ser reduzido ao aspeto e ao toque de uma corda de violino? Era verdade que Florence adorava livros, o cheiro da encadernação, a aspereza das páginas... Mas isso não era nada comparado com a magnitude daquilo que eles encerravam.

— E tu? — perguntou Florence. — O que tens feito?

— Sou gestora de projetos na Verizon, em Tampa. Tentei viver em Atlanta durante uns tempos, mas senti a falta de praia e da minha família. E a Verizon é só, tipo, o melhor sítio para se trabalhar.

Florence lembrou-se de que a maior fraqueza social de Whitney, durante o secundário, fora o seu entusiasmo desmedido, isto numa altura em que a maioria das pessoas preferia partir uma perna a demonstrar qualquer tipo de exaltação.

De repente, Whitney fechou os olhos e respirou fundo. Aproximou-se e pegou na mão de Florence. Sempre tivera o hábito de tocar nas pessoas.

— Na verdade, Florence, posso dizer-te uma coisa? Eu acho que isto foi o destino, encontrar-te aqui, porque há uma coisa que ando para te contar há meses.

Florence não conseguia imaginar o que Whitney poderia ter para lhe contar, depois de seis anos de contacto praticamente nulo.

— Eu e o Trevor estamos juntos — disse ela muito depressa.

Florence fez um esforço por não sorrir.

— Isso é ótimo, Whitney. Não me importo nada. A sério. O nosso namoro foi há muito tempo. Parece que foi noutra vida, quando éramos pessoas diferentes.

Whitney respirou fundo.

— Oh, meu Deus, estou tão aliviada! Sentíamo-nos ambos muito, muito culpados.

Florence conseguia acreditar que Whitney estivesse preocupada, mas duvidava de que Trevor, cujas paixões suas conhecidas na altura eram o *Minecraft* e a Ayn Rand, sentisse grandes remorsos.

— Olá, *babe*.

Viraram-se as duas. Era Nick, apertando um saco de curcuma laranja-viva com a sua manápula enorme.

— Olá — disse Florence a medo, apercebendo-se subitamente do aperto em que estava.

— Olá. Eu sou o Nick — disse ele a Whitney, quando Florence falhou na apresentação.

— Eu sou a Whitney. Sou amiga de infância da...

— A Whitney e eu somos amigas de infância! — interrompeu Florence, falando alto.

— Oh, uau! — respondeu Nick. — O mundo é pequeno.

— A Whitney está a viajar por Marrocos com uma amiga da faculdade.

— Espetacular.

— Tem sido *superespetacular* — disse Whitney.

Florence olhou em volta.

— Ela está aqui?

— A Amy? Não. Está exausta, no hotel. Deitámo-nos muito tarde, ontem à

noite.

— Fiiiixe — respondeu Nick.

Instalou-se o silêncio.

— Bem, vocês têm de vir ter connosco hoje à noite — disse Nick, voltando-se para Florence. — Não achas, *babe*?

Florence franziu o sobrolho. Aquela história do *babe* tinha começado cedo.

— Pois, mas parece que a Whitney precisa de uma noite calma — respondeu.

— Eu gostaria muito, na verdade — disse Whitney. — Vai ser bom pôr a conversa em dia. Só preciso de perguntar à Amy quando ela acordar. — Sacou do telefone — Ainda tens o mesmo número?

Florence abanou a cabeça. Obter um prefixo da área de Nova Iorque tinha sido uma das primeiras coisas que ela tinha feito depois da mudança. Deu-lhe o número que começava por 917, e Whitney anotou-o no telefone dela.

— Espera, mas tu não tens o teu telefone — interrompeu Nick.

— Ah, pois é. — Voltou-se para Whitney. — Perdi-o no acidente.

— Vou dar-te o meu — disse Nick, inserindo o seu número no telefone de Whitney.

— Excelente. Eu ligo-te quando souber dos nossos planos. Acho que a Amy já marcou mesa para o jantar, mas, se lhe apetecer, vamos ter convosco depois. — Voltou a pegar nas mãos de Florence e olhou-a nos olhos. — Não imaginas o feliz que estou por te ter encontrado.

— OK — disse Florence, pouco convencida.

Depois de Whitney se ter ido embora, Nick voltou-se para ela e perguntou:

— O que foi? Não gostas dela?

— Não é isso, gosto. É só... não sei. Fiquei surpreendida de a encontrar, foi só isso.

Nick deu-lhe a mão e saíram do mercado em direção ao sol do meio-dia. De repente, Florence ouviu atrás de si uma voz que agora lhe era familiar:

— Madame Weel-cock.

Florence virou-se.

Idrissi estava plantado mesmo junto à porta de entrada do mercado. Será que a tinha visto entrar? Estaria à sua espera?

— Fico contente por ver que está melhor — disse ele.

— Obrigada — conseguiu Florence dizer. Ainda estava desorientada por causa do encontro com Whitney. Isto era a última coisa de que ela precisava agora.

Nick ia olhando de Florence para o polícia e vice-versa.

— Olá, eu sou o Nick — disse para Idrissi, estendendo a mão.

Idrissi olhou de relance para ele, ignorando o cumprimento, antes de se voltar novamente para Florence.

— E então? Recebeu notícias da sua amiga?

Florence protegeu o olhar da luz do sol. Qual seria a resposta mais acertada? Dizer que sim era mais arriscado, seria mais uma mentira para engendrar e defender, mas dizer que não iria apenas reforçar as suas suspeitas acerca desta misteriosa mulher que tinha desaparecido.

Por fim acenou que sim com a cabeça.

— Sim. Está em Marraquexe. Tal como pensei.

Idrissi olhou para ela, inquisitivo.

— Muito bem — disse num tom ríspido. — Sabe, é interessante: não tenho tido êxito na identificação do táxi que a foi buscar ao Dar Amal naquela noite.

— E isso é relevante? — perguntou Florence. — Ela regressou a Marraquexe. Está bem.

— Estou apenas a juntar as peças. O trabalho da polícia não é só perseguições e tiroteios — disse ele, com um sorriso que praticava pouco. — Tem o número de telefone dela? Seria útil se eu pudesse falar com ela.

— O número dela? Hã... Comigo, não. Estava no meu telemóvel, que perdi no acidente.

— Talvez o tenha na casa, então? Se já falou com ela?...

— Hã... Talvez. Mas na verdade foi ela que me ligou. Para a rede fixa.

— Bom, isso facilita tudo. Eu vou verificar o registo de chamadas.

Florence empalideceu.

— Certo. — Sentia o sol a queimar-lhe a cabeça. — Na verdade, ainda não me estou a sentir a cem por cento — disse bruscamente. — Ia mesmo a caminho de casa para descansar.

Voltou as costas a Idrissi e caminhou em direção à estrada movimentada, obrigando uma motoreta a desviar-se dela, ao mesmo tempo que o condutor gritava algo ininteligível.

Nick agarrou-lhe no braço e conduziu-a até ao outro lado da estrada em segurança.

— O que foi aquilo? — perguntou quando chegaram ao outro lado. — Que amizade é aquela?

— Ele não é meu amigo! — exclamou Florence.

— Não, a amiga de quem ele estava a falar.

— Ah! Eu viajei com uma pessoa durante algum tempo, mas ela regressou a Marraquexe. Agora este polícia que investigou o acidente está completamente obcecado com ela. Não sei porquê. Foi apenas um acidente, mas ele não para de me perseguir. — A voz de Florence roçava agora o histerismo. — Não sei que mais lhe posso dizer. Não me lembro de nada!

Nick pôs a mão no braço dela, para a serenar.

— Vá, vá... Relaxa. Escuta, os polícias aqui são todos reconhecidamente corruptos. Ele só deve estar chateado por tu ainda não o teres tentado subornar.

Florence parou de andar.

— A sério? Isso é verdade?

— Sim. O Liam deu quarenta dólares ao polícia que o apanhou com um saquinho de erva, e o problema desapareceu logo.

— Ah...

Florence olhou novamente para Idrissi, que a observava lá atrás. Seria tudo aquilo um mal-entendido? Conseguiria ela resolver tudo naquele momento?

Florence abriu a carteira para ver quanto dinheiro tinha. Ainda restavam quase

mil e quinhentos *dirhans* do dinheiro de Helen. Retirou duas notas e fechou-as no punho. Voltou a atravessar a rua e, ao ver que Idrissi a examinava, sorriu de um modo desconfortável.

— Olá outra vez — disse quando o alcançou. Ele assentiu com a cabeça. — Só lhe queria dizer que agradeço muito a sua ajuda depois do acidente: o facto de me ter levado até casa e devolvido o lenço e tudo. E agora todo o seu esforço na investigação. Muito obrigada.

Atrapalhada, abriu a palma da mão que tinha as notas, amarfanhadas agora numa bola empapada. Devia ser assim que o amante de Helen se sentia, pensou, a tentar dar gorjetas ao pessoal do hotel sob o olhar de escrutínio dela.

O olhar de Idrissi desceu até à mão de Florence e depois voltou a subir até ao seu rosto. Não se mexeu.

— Isto é para si — disse ela, esticando o braço. — Para lhe agradecer.

— O meu inglês não é tão bom como eu desejaria — disse ele passado algum tempo. — É a isto que se chama um suborno? — Sorriu, desconsolado. — É esta a palavra?

— Não, de maneira nenhuma! É só um presente. Ou... aquilo que quiser que seja.

— Então costuma dar presentes destes aos polícias na América?

— Claro. Às vezes.

Florence sentiu o sangue afluir às bochechas.

— Ah, sim? Pensei que fosse ilegal, lá. Tal como aqui, claro.

— É ilegal? Não sabia. — Florence enfiou as notas na mala. — Desculpe. Só queria...

— Agradecer? — Idrissi terminou a frase dela enquanto sorria. Florence disse que sim com a cabeça. — Ou talvez queira que eu pare de investigar o acidente.

— Não, nada disso. Quer dizer, ainda haverá alguma coisa por apurar? Parece-me tudo bastante óbvio.

Isto era descaradamente mentira. Não havia nada naquela noite que fizesse algum sentido para Florence.

— Parece-lhe óbvio, Madame Weel-cock? Pois para mim não é óbvio por que razão a senhora e a sua amiga não saíram juntas do restaurante; não é óbvio não conseguir encontrar o táxi que transportou a sua amiga até casa; não é óbvio ela ter desaparecido no dia a seguir ao acidente; e não é óbvio que a senhora não me ponha simplesmente em contacto com ela para dissipar estas dúvidas.

— Peço desculpa. Não queria ofendê-lo — disse Florence baixinho, e virou costas.

Apressou-se a regressar para junto de Nick, que sorria de forma encorajadora.

— Tudo resolvido? — perguntou ele.

Florence esboçou um sorriso forçado.

— Tudo resolvido.

Algumas horas depois, Florence estava na banheira, com o braço engessado pousado no rebordo. Mergulhou durante alguns instantes e deixou que o cabelo flutuasse, etéreo, em torno do seu rosto, antes de emergir para respirar. Tinha a vaga esperança de que estar debaixo de água desencadeasse mais recordações do acidente. Os poucos instantes que conseguira recuperar — a mão que lhe agarrou no braço, a torrente de água fria — estavam a tornar-se menos nítidos, e não o contrário.

Entretanto, os seus problemas continuavam a aumentar.

O desafio mais premente ocorreria daí a algumas horas, quando Whitney chegasse ao apartamento de Nick. Whitney não dera o seu número de telefone a Nick, nem dissera em que hotel estava hospedada, por isso Florence não tinha forma de entrar em contacto com ela para cancelar o encontro. Pensara em pedir a Nick que dissesse a Whitney que ela estava indisposta, mas mesmo isso iria implicar que conversassem ambos sobre ela, usando nomes diferentes. Nick iria perceber que o seu nome era Florence Darrow, e Whitney iria descobrir que ela estava a usar o nome Helen Wilcox.

Florence passara a tarde a avaliar as consequências de tudo isto. Será que iria mesmo ser o fim do mundo? Ela era bem capaz de inventar uma explicação suficientemente plausível. Talvez ela usasse um nome falso nesta viagem para «deixar tudo para trás». Era uma desculpa meio esfarrapada, mas nem Nick nem Whitney tinham motivos para suspeitar de algo mais perverso.

O problema é que havia outras pessoas que tinham motivos para tal. Ou que começavam a tê-los. Idrissi estava a desmontar lentamente as mentiras dela, e Greta mostrava-se cada vez mais impaciente por falar com Helen. Enquanto continuasse a ser acossada nessas duas frentes, não podia arriscar e deixar que alguém — mesmo tão insignificante quanto Nick ou Whitney — soubesse que Florence Darrow e Helen Wilcox eram agora a mesma pessoa.

Desejou poder andar para a frente na linha do tempo, e imaginou-se dentro de algumas semanas ou meses — o que quer que demorasse —, quando estivesse tudo resolvido. Quando estivesse instalada na casa de Helen, a escrever e a tratar do jardim e a cozinhar, e Florence Darrow fosse apenas alguém do passado. Mas tinha de perceber como iria conseguir passar do presente para esse futuro.

Secou-se e vestiu o roupão de Helen. Florence nunca na vida pensara que viria a ter — muito menos em viagem — um roupão de seda. Aproximou-se do roupeiro e passou a mão pelas roupas penduradas. Escolheu um vestido creme com um motivo bordado a vermelho e encostou-o ao corpo. O vermelho condizia na perfeição com o tom do batom de Helen.

Vestiu-se e maquilhou-se na perfeição, usando o espelho da casa de banho. Quando estava a apertar as sandálias, o telefone tocou. Pouco depois, Amina bateu à porta.

— Sim? — perguntou Florence, agastada.

Amina espreitou pela porta entreaberta.

— É a Madame Greta Frost. Ao telefone.

— Pode dizer-lhe que não estou em casa, se faz favor?

Um problema de cada vez.

— Sim, claro, Madame.

Fechou a porta com cuidado e Florence ouviu-a descer as escadas.

Nick chegou para a vir buscar pouco depois.

Ao entrar no salão da casa, o rosto dele revelou a constatação de que ele e Florence viajavam com orçamentos muito diferentes.

— Esta casa é toda para ti? É enorme!

Florence encolheu os ombros.

— Custa pouco mais do que um hotel. Olha, tem bolor por toda a parte.

— Ainda assim... Isto é incrivelmente melhor do que o nosso apartamento.

Florence não podia discordar. Ele pediu para ver a casa e ela fez-lhe a vontade, evitando apenas o quarto que ocupara antes do acidente. Florence só lá voltara uma vez, para ir buscar a escova de dentes.

— Este sítio é de mais — disse Nick, no fim da visita.

Florence teve uma ideia.

— Queres ficar aqui, em vez de irmos?

— A sério? Sim, claro. Digo aos outros?

Florence encolheu os ombros.

— Claro. O que preferires.

— Ah, e devíamos avisar a Whitney. Ela mandou uma mensagem, é verdade. Ela e a amiga vão lá ter por volta das dez.

Florence sorriu sem vontade.

— Ótimo. Mantemos o plano inicial, então. Podemos vir para aqui amanhã à noite, se quiseres.

Nick assentiu com a cabeça.

— OK, boa. *Ya*, o Liam mandou vir uma piza e tudo.

A piza estava seca e intragável. Florence ia mordiscando a fatia dela, absorta. De cada vez que o intercomunicador tocava, ela apurava o ouvido para ver quem chegara. Até agora, nada de Whitney. Deu um gole na cerveja — estava morna e sem gás, sabia já mais à lata que a continha do que à bebida em si. Tinha-a aberto havia mais de uma hora. Esta noite precisava de se manter alerta. E não só esta noite. Iria precisar de se manter alerta para o resto da vida. De ser tão arguta quanto Helen. Já não se podia permitir nenhuma fraqueza nem indecisão. Os deslizes com Greta e com Idrissi nos últimos dias tinham servido um propósito bem claro: fazê-la perceber que as coisas tinham de mudar. Ela *nunca* podia baixar a guarda. Obter uma identidade nova era como receber um transplante; iria ter de tomar medicamentos de profilaxia de rejeição o resto da vida.

Às dez e meia, a campainha tocou pela enésima vez e Florence ouviu a voz animada de Whitney a anunciar-se através do intercomunicador. Pôs-se de pé num salto e foi à cozinha. Agarrou em dois copos de plástico e encheu-os de *vodka* com *Sprite*. Depois retirou do bolso um papel e desdobrou-o cuidadosamente. Lá dentro havia um montinho de pó branco — três comprimidos de hidrocodona

que esmagara anteriormente, em casa, usando a tampa do boião do creme de rosto de Helen como almofariz.

Drogando Whitney, esperava conseguir que a noite terminasse cedo e, enquanto isso não acontecesse, ela parecesse totalmente fora de si, para que quaisquer referências a «Florence Darrow» fossem postas de parte como conversa maluca de quem bebeu de mais. Sabia que estava a exagerar na prudência, mas queria garantir que a sua nova identidade se mantinha totalmente pura. Ela era Helen Wilcox; não podia haver dúvidas acerca disso.

Despejou o pó numa das bebidas e mexeu-a vigorosamente com uma faca. Deitou fora o papel, atirou a faca para o lava-loiças e levou as bebidas até à entrada. Nick estava à porta a receber Whitney e a amiga.

— Tchim-tchim! — gritou Florence como boas-vindas. Entregou os copos às raparigas. Elas ficaram ambas surpreendidas, mas aceitaram-nos ainda assim.

— Está bem, está bem... — disse Whitney a rir. — Parece que hoje é mesmo a valer.

— Estamos de férias! — gritou Florence, novamente demasiado alto.

— Isso mesmo! Esta é a minha amiga Amy, já agora... — Whitney apontou para a morena de porte atlético ao seu lado. Depois voltou-se para Amy e disse, apontando para Florence: — E esta...

— Oh, vamos deixar-nos de formalidades! — interrompeu Florence. — São uma maçada. Chama-me Cleópatra! Chama-me rainha Isabel!

Nick, Whitney e Amy olharam para ela com uma preocupação evidente. Ninguém disse nada. Por fim, Nick quebrou o gelo.

— Estás bem, *babe*? — perguntou, aproximando-se.

— Estou, *babe*! Estamos numa festa! Toca a beber! — Apontou, em seguida, com a sua lata de cerveja para as bebidas de todos e deu outro gole na cerveja morna. Os restantes ergueram também os copos.

Whitney fez uma careta. Florence esperou que fosse por causa da *vodka*, e não pelo sabor dos comprimidos. Mas Whitney disse apenas:

— Florence, nem pareces tu!

— Passou muito tempo, Whit. Sou uma mulher nova.

— Estou a ver que sim.

Florence baixou o tom de voz e aproximou-se dela:

— Na verdade, achas que posso falar contigo a sós um minuto?

— Hã... claro que sim. — Whitney olhou de relance para Amy: — Ficas bem?

— Não te preocupes, Whit, eu gosto de *vodka* muuuito mais do que tu.

— Oh, obrigada.

— Não tens de agradecer.

Florence levou Whitney até ao quarto de Nick e fechou a porta. Olhou para o colchão que ela e Nick tinham partilhado na noite anterior. Com as luzes acesas tinha um aspeto ainda mais nojento. Sentou-se na cama, ainda assim, e fez sinal a Whitney para que se juntasse a ela. Whitney acorrou-se, pouco à vontade.

Florence tinha receio de encetar esta conversa, mas decidira que não havia

alternativa. Tinha resolvido que seria preciso manter Whitney afastada do grupo durante dez minutos, pelo menos, para que os comprimidos fizessem efeito. Queria que Whitney estivesse já bastante incapaz quando saísse do quarto.

— Então, eu sei que antes disse que não me importava com o facto de tu e o Trevor serem um casal, mas não consegui deixar de pensar nisso a tarde toda. E a verdade é que estou muito chateada.

Whitney levou as mãos à cara e abanou a cabeça.

— Eu sabia...

Florence mordeu o interior da bochecha numa tentativa de combater a vontade que sentia de se rir na cara de Whitney ou de lhe dar uma estalada. Trevor sempre cheirara a piza pré-congelada. Ele chorara depois de lhe ter tirado a virgindade; e não tinham sido só meia dúzia de lágrimas, mas um pranto verdadeiro e sentido. Também lhe dissera que estudar Inglês na faculdade seria «um verdadeiro desperdício». Não, ela não tinha passado os últimos oito anos a pensar no Trevor Gilpin.

— Podes contar-me como começou? — perguntou Florence. Whitney deu um gole na bebida.

— Bom, ele também trabalha na Verizon, sabias?

— Acho que a minha mãe me disse, sim.

— É engenheiro de sistemas.

Whitney olhou para Florence, para ver a reação dela ao cargo do namorado.

— OK.

Florence não sabia o que fazia um engenheiro de sistemas, nem tinha particular interesse em saber.

— É uma área supercompetitiva.

— Deve ser...

Whitney acenou com a cabeça e deu mais um gole. Depois contou-lhe a história da relação deles: o encontro no ginásio da empresa. A quantidade de coisas que tinham em comum. O facto de estarem a pensar adotar um gato.

Florence detestava gatos.

— Será que me consegues perdoar? — concluiu Whitney. — Violei a regra número um da amizade...

Florence suspeitava de que tinha sido ela a violar a regra número um da amizade, ao terminar de forma unilateral a dita amizade, mas não disse nada. Esfregou os olhos, franziu a testa e desviou o olhar para a janela.

— Oh, meu Deus, sou uma pessoa horrível — disse Whitney. — O que posso fazer para remediar as coisas?

Whitney mordiscava o rebordo do copo de plástico. Florence espreitou para dentro do copo: estava meio vazio.

— Vais casar com ele? — perguntou Florence, sem saber o que mais perguntar para continuar a conversa.

Florence apercebeu-se de que Whitney tentava conter um sorriso que lhe aflorava a boca grande.

— Não sei — respondeu ela. — Espero que sim... Desculpa, é terrível

admitir isto?

Florence não sabia se iria aguentar muito mais tempo aquela conversa da treta.

— Sabes que mais? Fico feliz por vocês. A sério. Vamos fazer um brinde a ti e ao Trevor.

— Mesmo?

— Claro, já somos todos adultos.

Florence ergueu a cerveja e encostou-a ao copo de Whitney. Whitney deu mais um gole. Florence fez-lhe um sinal com a mão para que continuasse a beber:

— Estamos a celebrar! Bebe, bebe!

Whitney deu um gole gigante, depois riu e cuspiu-se um bocadinho. Limpou os lábios com as costas da mão.

— És uma boa amiga, Florence.

O discurso de Whitney adquirira um tom arrastado. A maneira como disse *Florence* soava a *Florche*.

— Falando em amigos — disse Florence, animada —, a Amy já deve estar preocupada por eu te ter raptado. Vamos ter com eles.

Whitney cambaleou ligeiramente quando se ergueu. Florence amparou-a e perguntou:

— És capaz?

— Souuuuuu, souuuuuu.

Florence tirou-lhe a bebida das mãos.

— Anda, deixa-me ficar com o copo. Acho que já não precisas de mais.

Deitou o resto da bebida pela janela, depois olhou para o fundo do copo. Parte do pó tinha solidificado numa espécie de massa esbranquiçada. Deitou também o copo pela janela. Encaminhou Whitney de regresso à sala, segurando-lhe na mão. Nick e Amy não estavam lá. Foi dar com eles na cozinha, a rir junto ao lava-loiça.

— Olá — disse Amy, animada, mas o seu sorriso desfez-se quando reparou na expressão mortíça de Whitney.

— Eh lá! Estás a sentir-te bem, Whit?

— Ah, beeeem...

Amy lançou um olhar inquisitivo a Florence.

— Bebeu a *vodka* de um trago... — disse Florence. — Desculpa, não devia ter preparado bebidas tão fortes.

Amy pegou na mão de Whitney e olhou-a nos olhos, bem perto:

— Whit?

Os olhos de Whitney não conseguiam focar-se na amiga. Sorriu, mas porque não foi capaz de manter os lábios esticados acabou por ficar de boca aberta, com uma expressão frouxa.

— Pronto — disse Amy. — Parece que vamos ter de ir já embora... Isto depois de uns incríveis dez minutos de loucura. Que rapidez, Whit! — Voltou-se para Nick: — Desculpa, importas-te de nos chamar um táxi? Eu não tenho chamadas internacionais no meu tarifário de telemóvel.

Nick sacou do telefone.

— Claro.

— Estamos no Riad Lotus. — Voltou-se para Florence: — Desculpa, ela não costuma ser assim.

— Oh, todos temos o direito de perder um bocadinho a cabeça quando estamos de férias... — respondeu Florence.

— Cinco minutos — disse Nick, voltando a pôr o telefone no bolso.

Desceram os três para ajudar Whitney nas escadas e a entrar no carro. Assim que se sentou no táxi, Whitney deitou a cabeça no colo da amiga. Amy fez-lhe festinhas no cabelo e voltou a pedir desculpa a Florence.

— Não há problema nenhum. Acontece aos melhores...

— Vocês são muito amáveis. Obrigada mais uma vez.

Quando o carro se afastou, Nick pôs o braço sobre os ombros de Florence e puxou-a para si.

Mais tarde, Florence estava deitada sobre o braço de Nick enquanto este lhe massajava levemente as costas com a outra mão.

— Posso perguntar-te uma coisa? — perguntou ele baixinho.

— Hum-hum...

— A Amy chamou-te sempre Florence. — Ela abriu os olhos. — E ficou um bocado baralhada quando eu usei o nome Helen para me referir a ti.

Ficaram ambos em silêncio durante alguns instantes. Ela reparou que Nick deixara de lhe fazer festinhas nas costas.

Por fim, ela disse:

— Em miúda, todos me chamavam Florence. Só comecei a usar Helen na faculdade. É o meu nome do meio.

Nick não disse nada. Estava demasiado escuro para conseguir ver o seu rosto. Depois disse:

— Ah... OK. Mas eu gosto do nome Florence.

Ela suspirou de alívio. Uma das maiores qualidades de Nick, pelo menos no que a ela dizia respeito, era a sua capacidade de confiar de uma maneira absoluta. Ele tendia a ver o melhor em cada pessoa e a acreditar em tudo o que lhe dissessem.

— Não, é muito pesado.

— Não é nada. É bonito.

— Está bem, obrigada, mas agora eu prefiro Helen. OK?

— Se é isso que queres, claro que sim. Não quero saber como te chamas. Eu gosto é de *ti*.

Puxou-a para si, e Florence sorriu com os lábios e com os olhos, envolta pela escuridão.

Na manhã seguinte, Florence acordou antes de Nick. Sentia um aperto no peito, por causa da ansiedade. Depois chegou o seu sentimento parceiro, o arrependimento. Por que razão deixara Nick sozinho com Amy? É óbvio que a devia ter drogado também. Via isso com toda a clareza, agora. Tivera receio de deixar as duas incapacitadas, tentando encontrar o caminho para casa como dois cordeirinhos feridos. Mas isso fora uma tolice. Eram adultas. Tinha sido uma noite de copos. Estava certa de que ambas teriam tido várias experiências dessas anteriormente.

O seu plano fora demasiado limitado, percebia agora. Precisava de se libertar de todos os constrangimentos. Arrojo, audácia: era disso que ela precisava agora. Nada de meias-medidas. Quantas vezes é que teria de dizer isto a si própria?

Teve vontade de se voltar para o lado, de se aninhar no peito de Nick outra vez, de regressar ao sítio onde passara a noite: um local de conforto e de afeto. Mas isso, como ela bem sabia, era uma armadilha. Obrigou-se a sentar na cama. Vestiu-se e foi até à cozinha, onde bebeu várias mãos-cheias de água fria. Depois deu várias palmadas nas bochechas com as mãos molhadas. Para a frente é que é caminho. O plano ainda se mantinha. Não ia desperdiçar aquela oportunidade só por causa de um encontro inoportuno com uma amiga de infância.

Deteve-se um momento. Cometera o mesmo erro com Greta, percebia agora. Fora demasiado cautelosa. A história sobre a intoxicação alimentar tinha sido demasiado pequena, demasiado dócil, demasiado míope. Não era nada ao estilo de Helen.

Regressou ao quarto de Nick e acordou-o.

— Psst... — sussurrou. — Emprestas-me o teu computador?

Ele levantou-se e esfregou os olhos, estremunhado.

— Sim, está ali — apontou para uma pilha de roupa suja.

Florence procurou entre a roupa e encontrou um *Dell* antigo e com o ecrã partido.

Entrou na conta de Gmail de Maud Dixon. Abriu uma mensagem nova e começou a escrever. Quando terminou, releu o que tinha escrito.

Cara Greta,

Não fui franca contigo. Não estou doente, e não é justo que peça à Florence que continue a mentir em meu nome. A verdade é que precisava de alguns dias desligada de tudo para conseguir refletir sobre algumas coisas. Agora que o fiz, tomei uma decisão importante.

Vou mudar de agente. Agradeço tudo o que fizeste por mim ao longo dos últimos anos, mas eu preciso de alguém que apoie incondicionalmente a minha ambição literária. Compreendo as razões pelas quais me queres forçar a escrever uma sequência para *O Foxtro do Mississipi*, mas eu quero escrever um livro diferente e isso vai demorar o tempo que demorar. Dado que não me consegues dar o espaço de que preciso para o fazer, vou encontrar alguém que o faça.

Maud

Florence concluiu que estava perfeito: direto, cortês. Levou o ícone do rato até ao botão de enviar, hesitou por um momento e depois forçou-se a carregar no botão. Saiu da conta de *e-mail*, fechou o computador de repente e atirou-o de volta para o monte de roupa.

Feito.

Nick voltara a adormecer. Havia uma pilha de livros em segunda mão, bastante manuseados, no canto do quarto. Florence começou a inspecioná-los e encontrou outro livro escrito por Paul Bowles. Pegou nele. Chamava-se *Deixa a Chuva Cair*. De acordo com a contracapa, tratava-se do segundo romance do autor. Era sobre um funcionário de um banco que se muda para Tânger e se deixa corromper moralmente. Folheou o livro. O título de um dos capítulos chamou-lhe a atenção: «A Era dos Monstros.» Franziu o sobrolho. Onde é que ela tinha ouvido essa frase, não há muito tempo? Leu algumas páginas:

Mas quando ouvia as palavras «de força» serem usadas em relação a si, apesar de corresponderem à verdade e não terem intenção depreciativa, ela sentia-se imediatamente uma fera predatória, e essa sensação não lhe agradou.

Foi ao ler a palavra *predatória* que se fez luz. Ela tinha transcrito este excerto para Helen, ainda em Cairo. A frase surgira escrita à mão, tal e qual, no caderno de Helen, que a integrara no manuscrito do seu segundo romance. Porquê? Seria uma espécie de manifesto contra o facto de o cânone literário ser dominado pelos homens? Não. Isso seria ridículo. Era plágio, não havia dúvida.

Devia ser esta a razão pela qual Helen não queria partilhar o manuscrito com Greta. Mas qual seria a ideia dela? Aquilo não fazia grande sentido. Ela devia saber que nunca se ia conseguir safar. Era muito provável que alguém a desmascarasse antes mesmo de o livro ser impresso. Estaria ela a tentar destruir deliberadamente a reputação de Maud Dixon?

— A Whitney enviou uma mensagem. — A voz de Nick soou nas suas costas.

Florence olhou para ele, confusa. Por momentos tinha-se esquecido de onde estava.

— O quê?

Nick estava sentado no colchão, com as pernas cruzadas, nu. Repetiu o que dissera e passou-lhe o telefone para a mão. Ela olhou para o ecrã: «Olá, Nick. Por favor pede desculpa à Florence pelo que se passou ontem à noite. Não sei o que me deu. Posso compensar-vos hoje?»

Florence sentiu uma onda de alívio por saber que ela estava bem.

Respondeu: «Olá, quem escreve é a Florence. Não há problema nenhum, mas acho que hoje vamos ficar a descansar.» Depois de ter enviado a mensagem, apagou a conversa toda e bloqueou o número de Whitney. Devolveu o telefone a Nick, que o atirou para a cama sem olhar para o aparelho e esticou os braços para a abraçar.

— Vamos tomar o pequeno-almoço? — perguntou. Florence assentiu com a cabeça. Sentia-se melhor. Estava a conseguir, finalmente, controlar as coisas.

Dirigiram-se a um café ali perto, gerido por um casal neozelandês. Pediram café e torradas com abacate, e ficaram a observar o céu mudar de azul-claro para roxo.

— Uau! — exclamou Florence, apontando com o dedo.

Nuvens negras pareciam estar a reunir forças junto à linha do horizonte. Guardanapos usados e pontas de cigarro começaram a rodopiar junto aos pés deles.

— Olha para aquele vento! — disse Nick. As folhas das árvores começaram a tentar separar-se dos ramos à força. Parecia que o vento tinha passado o dia anterior, longo e límpido, a reunir todas as suas forças. — Tenho de ir buscar a minha prancha!

— Não vais para o mar com este temporal, pois não?

— Claro que vou! Foi por isto que vim para cá!

— E é seguro?

Nick sorriu.

— És tão querida... Não há risco nenhum. Juro.

Florence observou um homem que atravessou a rua para tentar prender um toldo improvisado sobre uma banca onde se vendiam pequenos animais talhados em madeira. O vento arrancava-lhe o tecido das mãos.

— Já foste para o mar durante um temporal assim tão forte?

— Sim, montes de vezes. Na verdade, a semana em que cheguei foi de loucos. Trinta nós, vento lateral, ondas épicas. Até um tubarão deu à costa, acreditas? Um tubarão verdadeiro.

Florence gelou. Nick riu-se.

— Não te preocupes, não vou ser comido por um tubarão.

Florence não disse nada.

— *Babe*, estás bem?

Florence apercebera-se subitamente da falha abissal no seu plano: o corpo de Helen iria dar à costa. Os corpos acabam sempre por dar à costa. Olhou para a tempestade que se aproximava com um receio renovado. Como pudera ser tão descuidada?

Voltou-se para Nick.

— Tenho de ir — disse automaticamente.

— O quê, agora?

— Não me estou a sentir bem. Mas tu podes ir fazer *kitesurf*, se te apetece.

— Está bem, vamos embora. Eu levo-te a casa.

Florence assentiu com a cabeça.

Durante o caminho de regresso à Villa des Grenades, Florence foi sempre a olhar para o céu. Adquirira um tom de granito escuro, e as nuvens agitavam-se de um modo assustador. Florence desejou deixar Semat o mais rapidamente possível. Tinha de fazer as malas. E de alugar um carro. E talvez até antecipar o seu voo de regresso. Já estava na altura de ver se o passaporte de Helen iria funcionar.

Seriam eles capazes de juntar as peças do *puzzle*, caso um corpo desse à costa? Será que Idrissi iria perceber o que tinha acontecido?

Claro que sim. Essa era a peça que lhe faltava, aquela pela qual ele esperava. Um exame forense iria ser capaz de determinar quanto tempo o corpo estivera na água, e talvez até a rota que fizera, com base no movimento das marés e no local onde surgisse.

E depois viria bater à sua porta.

Nick parou junto à entrada da casa. Florence desceu da mota e demorou-se um instante a olhar para ele. Era a última vez que o ia ver, pensou. Queria dizer alguma coisa para assinalar esse facto, mas não sabia o quê.

— Vemo-nos hoje à noite? — perguntou ele. Florence assentiu com a cabeça.

Depois dessa despedida brusca, ele engatou a primeira com o pé e afastou-se, acenando com a mão.

— Tem cuidado! — gritou ela já depois de ele ter desaparecido.

Caminhou em direção à casa. As folhas abanavam com o vento, exibindo o seu verso descolorado e vulnerável. Os pássaros tinham desaparecido por completo. Algumas gotas grossas caíram sobre a laje. Florence correu para dentro ao mesmo tempo que as marcas escuras se iam acumulando e o chão se tornava brilhante e negro.

Foi logo ao computador para espreitar a conta de *e-mail* de Helen. Greta ainda não tinha respondido. Isso era bom. Excelente. Encontrou uma empresa de aluguer de carros em Semat e reservou o único SUV que estava disponível, um *Dacia Duster*. Este carro conseguiria aguentar-se no mau tempo, e estava disponível de imediato. Olhou pela janela. A chuva fustigava o vidro e os trovões ribombavam à distância. Alguns segundos depois, o quarto iluminou-se com o clarão de um relâmpago. Seria ela capaz de conduzir com um temporal daqueles? Com o braço engessado? Bom, iria ter de tentar.

Foi até à cozinha para ligar para a companhia aérea Delta e ver se lhe conseguiam alterar o voo, mas, ao pegar no auscultador, ouviu uma vozinha que perguntava:

— Estou? Está aí alguém?

Florence encostou o telefone ao ouvido.

— Estou? Quem fala?

— *Quem* fala? — perguntou Florence, concluindo que pegara no telefone mesmo antes de este ter tocado.

— Greta Frost. Quero falar com Helen Wilcox.

— Oh. Olá.

— Helen?

Florence estacou.

— Sim.

— Helen, recebi o teu *e-mail*. Podemos conversar?

— OK.

— Helen? — perguntou novamente.

— Hum-hum.

— Ou Florence?

Merda.

— Sim?

— Fala a Florence?

— Sim.

— Porque disseste que eras a Helen?

— O quê? Desculpe, a ligação é péssima. Está uma tempestade medonha agora mesmo.

Florence amarfanhou a camisa sobre o auscultador, numa tentativa de simular o som de interferência.

— Podes passar o telefone à Helen? — pediu Greta, de uma forma seca.

— Desculpe?

— Quero falar com a Helen. Agora.

— Lamento, mas não está em casa.

— Onde é que ela foi?

— Não lhe sei dizer. — E depois teve uma ideia: — Ela despediu-me.

— Despediu-te?

— Oh... — Greta não disse nada por um segundo. Depois: — Também me despediu a mim.

— A sério?

— Sim.

— Isso é de loucos.

— Sim, eu também pensei o mesmo. — Depois perguntou: — Ela disse a razão?

— A razão soou meio enrolada. Não parava de dizer que eu estava do seu lado, o que quer que isso queira dizer. Suspeitava de que eu lhe estava a passar informação. — Florence fez uma pausa. — Até chegou a dizer que devia ser *eu* a escrever a sequência de *O Foxtrot*; assim tanto eu como a Greta ficaríamos contentes.

— *O quê?*

— Claro que disse isso a brincar...

— Obviamente.

Nenhuma delas disse nada durante um momento.

— Ela disse para onde ia? — perguntou Greta.

— Não... disse apenas que precisava de fazer esta jornada sozinha.

— Qual jornada?

— É uma espécie de jornada artística, acho eu... Foi essa a impressão com que fiquei. Uma espécie de... peregrinação criativa.

— A Helen disse que ia fazer uma peregrinação criativa? — perguntou Greta, claramente com dúvidas.

— Hum-hum.

— E ela disse onde é que essa peregrinação ia terminar?

— Eu acho que é normal as peregrinações não terem um destino específico...

— E ela parecia estar... como direi... boa da cabeça? O que me dizes não soa a comportamento dela.

— Parecia bastante determinada.

Nenhuma delas disse nada durante algum tempo. Depois Greta perguntou:

— Onde é que estás, exatamente?

— O quê?

— Como é que se chama a cidade onde estás?

— Porquê?

— Eu vou aí ter.

— Vem *aqui*? A Marrocos?

— Acho que não tenho alternativa. A Helen é uma das minhas principais clientes, e, para dizer a verdade, estou preocupada com ela. Ultimamente o comportamento dela tem sido muito estranho.

— Greta, eu nem sequer sei onde ela está.

— Vamos procurá-la.

Florence ficou em silêncio.

— Florence, não te preocupes, vamos resolver tudo da melhor maneira. A Helen pode ser volátil, mas acaba sempre por acalmar.

— Hã-hã.

— Escuta, vou pedir à Lauren que me marque o voo. Voaram para Marraquexe, certo?

— Sim.

— E depois?

Florence estacou. Depois desligou o telefone muito lentamente.

Passado menos de um minuto, o telefone voltou a tocar. Florence não se mexeu. Ainda tinha a mão sobre o auscultador. Manteve-se assim, imóvel, enquanto Amina a observava.

É por isto que eu não gosto da merda dos telefones!, teve vontade de gritar. Uma peregrinação criativa? O que raio tinha sido aquilo? E Greta a caminho de Marrocos? Não. Não.

Resmungou baixinho para libertar a frustração. Ao fazê-lo, a luz tremeluziu e apagou-se por completo. Amina olhou para ela, assustada, como se tivesse sido Florence a causar o apagão.

Ao subir as escadas, Florence apercebeu-se de que estava a morder o nó dos dedos e parou imediatamente. Helen tinha razão: o pânico era um desperdício de energia.

Tinha um plano. Iria deixar Semat naquele mesmo dia. Iria deixar Marrocos assim que possível. E ia apoderar-se da vida de Helen Wilcox. Ninguém se iria atravessar no seu caminho. Nem o agente Idrissi. Nem Greta Frost. Ninguém.

Florence começou a fazer as malas. Gostaria de deixar todos os seus pertences do passado para trás, mas isso iria levantar suspeitas. Não podia dar a entender que tinham chegado duas pessoas àquela casa e só uma tinha partido. Principalmente se um corpo desse à costa. Por isso fez duas malas, uma com as coisas de Helen e outra com as suas. Arrastou-as lá para baixo à vez, ignorando a dor que sentia no pulso.

A chuva cessara enquanto ela estivera no andar de cima. Deixou os sacos junto à porta de entrada e saiu para o terraço. Tudo pingava. Alguns pássaros mais afoitos saltitavam por ali, a ver que objetos de interesse a tempestade fizera aparecer. Foram recompensados: havia dezenas de minhocas afogadas, com os corpos inchados por causa da chuva, presas à relva. Florence respirou fundo. O calor regressara.

Voltou-se para entrar em casa e dizer a Amina que se ia embora. Precisava que ela lhe chamasse um táxi para a levar ao *stand* de aluguer de carros. Estaria em Marraquexe ao fim do dia. Precisava de reservar um quarto num hotel diferente, porque desta vez iria dar entrada como Helen Wilcox.

Subitamente, congelou. Ouviu vozes dentro de casa. Espreitou através da porta.

Do *hall*, uma voz masculina disse:

— Ali está ela.

O agente Idrissi estava junto à entrada, com um homem com cerca de trinta anos — norte-americano, pelo aspeto — de calças beges e camisa azul-clara.

Amina segurava a porta com um ar incomodado. Caminharam ambos na direção de Florence com passos largos, confiantes. Os sapatos deles deixaram pegadas lamacentas no chão, e Florence vislumbrou a consternação no olhar de Amina.

O homem que Florence não conhecia estendeu a mão e apresentou-se:

— O meu nome é Dan Massey. Pertenço ao Departamento de Estado dos Estados Unidos. Trabalho na Embaixada em Rabat.

O olhar de Florence alternava entre um homem e outro.

— O que se passa?

Encontraram o corpo de Helen.

— Vamos sentar-nos — disse Massey, apontando com o braço para a sala de estar. Quando passaram pelas escadas, Massey reparou na bagagem.

— Vai a algum lado?

— Sim — respondeu Florence, sem mais explicações.

Sentaram-se os três. Massey pôs a pasta sobre a mesa à sua frente e abriu-a:

— Muito bem, senhora Wilcox — começou, erguendo o olhar para ela. — O seu nome é Helen Wilcox, residente em Cairo, Nova Iorque, correto? — Pronunciou mal o nome da localidade.

Florence assentiu com a cabeça.

— *Quei-ro*, sim.

— Pois, muito bem, a Divisão Policial de Cairo tem estado a tentar entrar em contacto consigo há já alguns dias.

— Tive um acidente. — Ergueu o pulso engessado. — Perdi o telemóvel.

— Sabe o motivo pelo qual querem falar consigo?

— Não faço ideia.

— Encontraram um corpo na sua propriedade.

Por um instante, desorientada, Florence pensou: *Helen?* Mas não, isso não fazia sentido nenhum.

— Um corpo... — disse muito baixinho.

Massey disse que sim com a cabeça.

— Estava na sua pilha de compostagem. — Tirou um arquivo de dentro da pasta e leu os pormenores. — Foi encontrado quase há uma semana. — Aclarou a voz. — Ao que parece, num estado de decomposição bastante avançado. Foi o cão do seu vizinho que o encontrou.

— O *Bentley*?

— O quê?

— O cão que o encontrou chama-se *Bentley*?

Massey franziu o sobrolho.

— Eu não sei o nome do cão, senhora Wilcox.

— Bom, isso também não deve ser importante. — Fez uma pausa. — De quem é o corpo?

— Pois, é precisamente essa a primeira pergunta que eu imagino que alguém em cuja propriedade apareceu um corpo faça. Não qual o nome do cão que o descobriu. — Voltou a consultar os apontamentos. — O corpo foi identificado como pertencente a Jeanette Byrd. — Olhou para ela, para ver qual a sua reação. — Este nome diz-lhe alguma coisa?

— Não.

— Não? — Ele arqueou as sobrancelhas. O seu rosto era ossudo e de traços firmes, com a pele clara e sardenta muito esticada. Na testa quase não havia pele suficiente para formar rugas. Não era um rosto que tivesse facilidade em expressar compaixão, pensou ela.

— Não.

Massey acenou com a cabeça.

— Leslie Blackford, natural de Jackson, Mississípi, afirma que conversou consigo sobre Jeanette Byrd no início deste ano. — Folheou alguns papéis que tinha sobre o colo. — No dia 1 de março, mais precisamente. Isto diz-lhe alguma coisa?

Florence abanou a cabeça. Não fazia ideia de quem seria Leslie Blackford.

— O seu nome surge também como contacto de emergência na documentação de libertação de Jeanette Byrd. É bastante estranho que não se conheçam, não lhe parece?

— Libertação de quê?

— A senhora Byrd saiu em liberdade condicional do Estabelecimento Prisional do Mississípi no dia 24 de fevereiro deste ano.

Amina escolheu esse momento para trazer um tabuleiro com três chávenas de chá a fumar. Como por acordo tácito, ninguém disse nada enquanto ela as depositou, uma a uma, sobre a mesa. Ao servir a última, ouviu-se o som da chávena a embater no pires, e Amina saiu da sala com passos curtos e apressados.

Massey prosseguiu:

— Leslie Blackford é a técnica de reinserção social da senhora Byrd. A senhora Byrd faltou à primeira reunião com ela. Alguns dias depois, a senhora Blackford recebeu uma mensagem de voz da senhora Byrd, que lhe ligou do telefone fixo da sua residência.

Florence estava a fazer um esforço por manter um sorriso imperturbável no rosto desde a chegada de Massey, mas aqui começou a fraquejar.

Massey continuou:

— A senhora Blackford ligou para si no dia seguinte. Mas a senhora continua a afirmar que não viu nem recebeu notícias da senhora Byrd.

»No dia 27 de março, o estado do Mississípi emitiu um mandado de captura em nome de Jeanette Byrd, por incumprimento dos termos da liberdade condicional. Nessa altura já tinha faltado a três encontros com a senhora Blackford. Diz aqui que o detetive Michael Ledowski, do Departamento Policial de Cairo, se dirigiu a sua casa, onde lhe perguntou pelo paradeiro da senhora Byrd. A senhora respondeu que não a tinha visto. — Olhou diretamente para Florence. — Mas a senhora diz-me que não se recorda da sua conversa com Leslie Blackford. E que não conhece Jeanette Byrd. A mulher cujo corpo foi encontrado em estado de decomposição na sua propriedade.

Florence abanou a cabeça lentamente.

— Não sei o que lhe posso dizer... — respondeu. Isso, pelo menos, não era mentira.

Idrissi inclinou o corpo para a frente e falou pela primeira vez desde que se tinham sentado:

— É estranho, isto. Tanto azar em tão pouco tempo... — Florence não disse nada. — Peço desculpa pelo meu inglês; é assim que se diz, Madame Weel-cock? O acidente de carro. Esta... mulher morta na sua casa. Diz-se *azar*?

Florence empalideceu.

— Diz-se azar, sim — sussurrou.

Idrissi continuou a olhar fixamente para ela. Era óbvio que suspeitava dela, mas ela era capaz de sentir que ele não conseguia perceber exatamente a razão. Afinal, como é que se pode relacionar um acidente de carro em Marrocos com um corpo que aparece a milhares de quilómetros de distância? Ela não conseguia, certamente.

Olhou também fixamente para Idrissi, tentando ao máximo parecer descontraída.

Massey cortou a tensão:

— Muito bem, escute — disse, adotando uma postura mais relaxada —, eu não vim aqui para a interrogar. Não sou polícia. Mas é evidente que a polícia do Mississípi e de Nova Iorque têm ambas alguma urgência em falar consigo. Vim aqui aconselhá-la a regressar a casa o mais rapidamente possível. Hoje mesmo, se conseguir. Posso ajudá-la a tratar dos pormenores.

— Não posso falar com eles por telefone?

— Não, senhora Wilcox. A senhora tem de regressar.

— *Tenho* de regressar? Estou presa?

— Não tenho autoridade para a prender, senhora Wilcox. Estou apenas a aconselhá-la vivamente a regressar a casa.

— Não existe nenhum tratado de extradição entre os Estados Unidos e Marrocos — interrompeu Idrissi. — Não somos obrigados a fazê-la regressar.

— Isso é verdade — disse Massey. — Ainda assim, não é boa ideia ficar aqui. Senhora Wilcox, é considerada suspeita numa investigação de homicídio. Se se recusar a regressar e a colaborar, os Estados Unidos não só podem como irão invalidar o seu passaporte. Não poderá sair de Marrocos até ao fim da sua vida. Se cometer algum delito aqui, e, pelo que o meu amigo me diz — apontou para Idrissi —, parece já o ter feito, então a polícia local poderá acusá-la a qualquer momento e a embaixada norte-americana não conseguirá intervir. E deixe que lhe diga, senhora Wilcox, que as prisões americanas são bem mais confortáveis do que as prisões marroquinas.

Idrissi sorriu.

— Eu diria que as prisões marroquinas são mais confortáveis do que a cadeira elétrica de que o seu país tanto gosta... — disse ele.

Massey revirou os olhos.

— Muito bem, esperem, isto é de loucos — disse Florence. — Eu não matei ninguém. — Assim que disse isto, percebeu que não era verdade. Mas eles não estavam a falar do acidente. — Eu nem sequer vivia em Cairo em fevereiro, ou lá quando foi que o senhor disse que isso aconteceu.

Massey disse:

— Segundo a sua declaração fiscal, a senhora comprou a propriedade localizada no número 174 de Crestbill Road há dois anos, e esta está registada como sua morada principal desde essa altura.

Florence levantou-se e caminhou até à janela. Tinha começado a choviscar outra vez.

Merda.

Merda, merda, merda.

Estava tudo a desvanecer-se. É claro que isto ia acontecer. Tudo lhe tinha sido entregue de bandeja, tudo o que ela sempre desejara, e agora era-lhe retirado à bruta. Tinha sido só uma piada. O universo estendera-lhe a mão, mas tinha-se arpendido à última hora.

Ela fizera tudo o que era suposto: esforçara-se por ter boas notas na escola; recebera uma bolsa; passara todo o seu tempo livre a escrever, e fê-lo com pouco ou nenhum apoio; trabalhara horas a fio num emprego inútil. Tudo isto para nada. E depois alguém como a Amanda Lincoln obtinha tudo aquilo que queria — tudo aquilo que ambas queriam — sem sequer se esforçar. Teria sido absurdo da sua parte pensar que a sua recompensa chegara por fim, depois deste tempo todo?

Tudo indicava que sim.

Suspirou.

— Há aqui uma questão... — Voltou-se para eles. — Eu não sou a Helen Wilcox.

Idrissi e Massey entreolharam-se.

— O quê? — perguntou Massey.

— Eu não sou a Helen Wilcox — repetiu, apontando para o arquivo.

Massey ajeitou os papéis que tinha no colo e colocou-os com cuidado sobre a mesa.

— Senhora Wilcox, estou certo de que há uma explicação perfeitamente válida para tudo isto. A senhora só precisa de dizer à polícia qual é e depois pode ir à sua vida. Pode até regressar a Marrocos, se quiser.

— Não, estou a falar a sério. O meu nome é Florence Darrow. Nasci em Daytona Beach, Florida, em 1993. Pode verificar. A Helen era minha chefe. Mas ela... ela não está cá. E eu estava só a fingir que era ela por um bocadinho. Foi só uma espécie de jogo.

— Um jogo — disse Massey, sem ênfase alguma.

Idrissi interrompeu:

— No hospital, há cinco dias, disse-me que se chamava Helen Wilcox.

— Bem, não foi exatamente isso. O senhor começou a chamar-me assim e eu não o corrigi.

Idrissi suspirou.

— Os seus cartões de crédito, a sua carta de condução e o seu passaporte dizem Helen Wilcox. O contrato do carro de aluguer no qual se deu o acidente estava em nome de Helen Wilcox. Esta casa — abriu os braços — está em nome de Helen Wilcox. — Parou por um momento. — Penso que tem amigos aqui. Como é que eles lhe chamam?

Florence olhou para ele com uma expressão severa:

— O senhor tem andado a espiar-me?

— Como é que eles lhe chamam?

Florence ergueu as mãos.

— Helen! OK? Helen Wilcox! Eu sei, eu *sei* o que isto parece... Mas eu juro que estava só a fingir.

Massey disse:

— Tente ver as coisas da nossa perspetiva, senhora Wilcox. O que é que lhe parece mais provável? Que a senhora tenha mentido acerca do seu nome quando estava no hospital *e* entre amigos *e* em documentos que são vinculativos em termos legais, ou que esteja a mentir agora, quando parece estar em maus lençóis?

— Não quero saber o que é que é mais provável. Eu sou a Florence Darrow. É assim que me chamo.

— Muito bem — disse Massey. — Pode mostrar-me o seu documento de identificação, por favor?

— Não tenho nada. — Florence encolheu os ombros e deu um risinho estridente. — Sei que parece mentira, mas não tenho. Estava tudo no carro, quando tivemos o acidente. Por esta altura estará tudo no meio do Atlântico.

— Pois... — disse Massey, arrastando o s do fim.

— Não pode ver pelas minhas impressões digitais?

— Já foi presa alguma vez?

— Não.

— Então não as temos em arquivo.

Florence respirou fundo, mas não respondeu. Ficaram sentados, em silêncio, durante algum tempo.

— Esperem! — exclamou Florence de repente. — Não saiam daqui! — Correu escadas acima e foi buscar o passaporte de Helen, que estava sobre a cómoda no quarto. Desceu as escadas e entregou-o a Massey com uma expressão de triunfo. — Veja, não sou eu. Repare bem.

Ele abriu cuidadosamente o passaporte e olhou para a fotografia. Passou o documento a Idrissi. Ambos inspecionaram a fotografia, erguendo o olhar para Florence, para comparar.

— Não sei dizer — disse Massey, abanando a cabeça.

— Não é óbvio — concordou Idrissi.

— Reparem no nariz dela.

— Um nariz é fácil de alterar — declarou Massey.

Florence puxou violentamente pelo passaporte. Olhou para a foto.

— É claro que não sou eu — disse, com uma convicção que começava a esmorecer.

Massey esticou o braço. Ela devolveu-lhe o documento.

— Não se parece de todo comigo — disse ela.

— Bom, uma coisa é certa... — afirmou Massey — Eu não consigo pensar num motivo para a senhora ter o passaporte de Helen Wilcox se a Helen Wilcox não é você, mas não me cabe a mim determinar se esta pessoa é você ou não. Como já disse, este é um assunto para a polícia resolver. — Guardou o passaporte no bolso interior do casaco.

— Espere! Não pode ficar com isso — disse Florence. — Devolva-me o passaporte.

— Senhora Wilcox, dado que a sua presença é requerida para responder a algumas perguntas relativas a um homicídio no estado de Nova Iorque, devo informá-la de que detenho de facto autoridade para lhe confiscar o passaporte. Posso, ainda assim, emitir-lhe a documentação temporária que lhe permitirá viajar para os Estados Unidos, e apenas para os Estados Unidos. Aí será recebida por um agente da polícia que a levará até ao Departamento Policial de Cairo, onde será interrogada. Deixe-me perguntar novamente: isto é algo de que quer beneficiar?

Florence não respondeu. Fitou fixamente a mesa à sua frente. Massey assentiu com a cabeça como se ela tivesse respondido.

— Muito bem, pode ligar para o meu escritório, caso mude de ideias. — Pousou um cartão de visita sobre a mesa. — Caso não o faça, como lhe expliquei, não a posso obrigar. Mas os Estados Unidos da América não irão emitir um novo passaporte até a investigação deste crime estar resolvida.

Massey levantou-se e começou a guardar os documentos na pasta.

— E agora? — perguntou Florence, olhando para ele desamparada.

— Não está nas minhas mãos — respondeu Massey. — Devia regressar a casa, a Nova Iorque. O meu conselho é este. Espero que o siga. — Apontou em seguida para as malas ao fundo das escadas. — E caso tencione deixar Semat, aconselho-a a manter-me informado acerca do seu paradeiro. Isso irá facilitar-lhe as coisas no futuro.

Florence não lhe deu ouvidos.

— E você? — perguntou a Idrissi. Sentia de repente alguma relutância em deixá-lo partir, ainda que a sua presença na vida dela só tivesse servido para a enervar.

Idrissi encolheu os ombros.

— Não sei, Madame.

Idrissi mostrava-se verdadeiramente perplexo pela primeira vez desde que o conhecera.

Assim que os homens saíram, Florence foi ao Google pesquisar o nome Jeanette Byrd. Encontrou uma notícia publicada em 2005 no *Clarion-Ledger*, um jornal diário do Mississípi. Uma jovem de dezassete anos, com esse nome, tinha sido condenada pelo homicídio de um homem identificado como Ellis Weymouth. O crime ocorrera no quarto de um motel em Hindsville, Mississípi. O artigo dizia que a jovem sempre afirmara a sua inocência, mas o álibi que apresentara — estivera com uma amiga a noite toda — tinha caído por terra quando a amiga disse outra coisa. O nome dessa amiga não era citado, por ser menor de idade, mas Florence conseguia adivinhar: Helen Wilcox.

Jeanette Byrd era Jenny. A Ruby do livro.

Afinal, tinha saído em liberdade condicional em fevereiro. E depois? Tendo passado quinze anos encarcerada, tinha ido à procura da sua amiga Helen? Isso era plausível, mas não explicava por que razão acabara na pilha de compostagem. Helen podia ser egoísta e narcisista, mas não era certamente uma assassina.

Florence obrigou-se a interromper a sua linha de pensamento.

Certamente? Não tinha a certeza de poder caracterizar Helen, cuja disposição era tão variável quanto a meteorologia, que até Greta descrevera como «volátil», como «certamente» nada.

Segundo Massey, o corpo estava na pilha de compostagem de Crestbill Road desde fevereiro. Isso queria dizer que durante todo o período em que Florence lá vivera o corpo de Jenny se estivera a decompor a escassos metros do local onde ela dormia. Ela própria atirara cascas de banana para cima dele.

Que mais dissera ele? Que Helen mentira tanto à técnica de reinserção do Mississípi como ao agente da polícia de Cairo. Na mente de Florence, surgiu a imagem do polícia corpulento a ajeitar as calças no caminho de acesso à casa, enquanto Helen o observava do último degrau da entrada. Ela tinha assistido à conversa toda.

De acordo com o seu raciocínio, havia duas explicações possíveis. Ou Helen mentira para proteger Jenny, ou ela tinha, de facto, assassinado Jenny — e Florence tinha partilhado casa com uma assassina durante várias semanas.

Fechou o computador, mas não se mexeu mais. O peso de uma letargia demolidora abateu-se sobre ela. A necessidade de abandonar Semat, que sentira com enorme urgência anteriormente, tinha desaparecido. O que ela mais queria fazer neste momento era dormir. Ansiava esquecer-se de tudo.

De qualquer forma, não poderia partir. Não tinha passaporte. O único documento de identificação que tinha em sua posse era a carta de condução de Helen, e era óbvio que ela já não podia voltar a ser Helen — Helen era procurada por homicídio. Mas não tinha nada que provasse que ela era Florence. Não era ninguém. Não era nada.

Levantou-se com esforço e foi buscar a garrafa de *whiskey* à sala de estar. Verteu um pouco da bebida na sua chávena de chá agora vazia e bebeu lentamente. Lá fora, as folhas das árvores continuavam a pingar.

Sabia que acabaria por conseguir convencer quem fosse preciso de que ela era Florence Darrow. Havia pessoas a quem ela podia telefonar. Havia documentos que elas podiam apresentar. Mas Florence não sentiu alívio nenhum com esta ideia. Pelo contrário, sentiu-se roubada. Não fizera luto depois da morte de Helen, mas agora sentia profundamente e com grande pesar a perda da identidade de Helen.

Além do mais, iria ter de explicar o desaparecimento de Helen e todas as mentiras que engendrara desde o acidente. É certo que ela não assassinara uma pessoa e a atirara para uma pilha de compostagem, mas tinha efetivamente matado alguém, ainda que por acidente. Também era uma criminosa. E alguém, nalgum lugar, quer fosse em Nova Iorque ou em Marrocos, iria fazê-la pagar por isso. Tinha a certeza. Era sempre assim, na vida de Florence Darrow: ela pagava sempre as favas.

Ocorreu-lhe, por momentos, transferir todo o dinheiro de Helen para uma conta sua, antes de voltar à sua identidade antiga. Ou para uma conta numerada. Como é que se fazia isso? Mas depois seria acusada de roubo. Não seria roubo de identidade, seria roubo mesmo.

A dada altura, Amina apareceu e perguntou se ela queria jantar. Florence disse que não com a cabeça. Quando se voltou para sair, Florence chamou-a e perguntou:

— Amina, espere! Sabe qual é o meu nome?

— O seu nome, Madame?

— Sim, o meu nome.

— Madame Wilcox, *n'est-ce pas?* Está escrito no papel.

— Tem razão. É isso que diz o papel — disse Florence com um sorriso resignado. — Amina, alguma vez sentiu que... que cometeu tantos erros que nunca vai conseguir encontrar o caminho certo? E nem sequer tem a certeza de querer regressar?

— Regressar... aos Estados Unidos?

— Não. Esqueça. Não estou a dizer coisa com coisa. Peço desculpa, Amina.

— Amira — disse a mulher, batendo com a mão no peito. — O meu nome é Amira.

— Amira? Estava convencida de que se chamava Amina. — Amira encolheu os ombros. — Desculpe — disse Florence quando a viu afastar-se de regresso à cozinha.

Florence suspirou. O que é que ela achava que Amira lhe poderia oferecer? Uma solução? Redenção? Se ela quisesse uma coisa ou outra, teria de ser capaz de as encontrar por si.

Serviu mais uma dose de *whiskey* na chávena.

*

Florence abriu os olhos de repente. Alguém batia violentamente à porta.

Sentou-se e olhou em volta. Tinha escurecido. Adormecera no sofá da sala. A garrafa de *whiskey* estava quase vazia na mesa ao seu lado. Olhou para a relógio. Eram quase dez horas.

— Amina? — chamou. — Amira?

Ninguém respondeu. Já devia ter ido para casa.

Florence caminhou com passo incerto até à porta e gritou:

— Quem é?

— Sou eu!

Florence franziu o sobrolho.

— Eu quem?

— A Meg!

De repente, lembrou-se de tudo. Nessa manhã, antes do pequeno-almoço, Florence convidara toda a gente para ir até casa dela depois de jantar. Isso parecia ter acontecido há séculos. Abriu a porta alguns centímetros. O rosto de Meg, redondo como a lua, encheu a brecha por inteiro, primeiro um olho, depois o outro.

— Esqueceste-te? — perguntou Meg, animada. Florence acenou que sim com a cabeça enquanto esfregava os olhos. — Queres que nos vamos embora?

— Não, deixa estar. Entrem.

Abriu a porta toda. Nick estava atrás de Meg, a sorrir. Entrou e pôs-lhe o braço sobre os ombros. Os outros entraram logo a seguir.

Florence mostrou-lhes o caminho até ao terraço das traseiras. Agora que a tempestade tinha passado, as estrelas resplandeciam como se lavadas de fresco. Meg trazia um *pack* de seis cervejas e estendeu uma na direção de Florence. Florence acenou com a cabeça e aceitou.

Sentaram-se à mesa no terraço. Em breve, pensou Florence, aquele grupo poderia ouvir falar de uma suspeita de homicídio chamada Helen Wilcox que fugira para Marrocos. O que é que eles iam pensar? Será que Nick iria ficar horrorizado ao saber que dormira com uma assassina? Ou será que nessa altura ele já iria saber que a mulher com quem andava a dormir tinha mentido sobre a sua identidade?

Nick percebeu que ela o observava e sorriu:

— Sentes-te bem? — perguntou.

Florence assentiu com a cabeça.

— Estou só cansada.

Meg quis jogar um jogo chamado «Nunca na Vida». Cada pessoa dizia à vez alguma coisa que nunca tinha feito na vida; caso alguém do grupo já a tivesse feito, tinha de esvaziar o copo. Florence nunca tinha feito nenhuma das coisas que provocaram troça ou embaraço fingido nos outros. Florence nunca fizera sexo a três. Nunca comera cogumelos mágicos. Nunca tinha tido relações sexuais num avião.

Sentiu, pela primeira vez e de uma forma muito óbvia, a diferença de idade entre ela e este grupo de saltimbancos. Tinha apenas mais dois anos do que Nick, mas a verdade é que, com a experiência que tinha tido, começara a sentir-se mais

próxima da idade de Helen do que da sua. Quem é que queria saber de sexo a três ou num avião? Era assim que eles se sentiam vivos? Era essa a glória a que almejavam?

Mesmo que tivesse de voltar a ser Florence Darrow, nunca se permitiria descer ao nível de tais banalidades. Iria recusar uma vida medíocre. Iria devolvê-la à proveniência, como se faz num restaurante quando a carne vem malpassada. Iria...

— *Babe*, é a tua vez. — Nick deu-lhe um toque no cotovelo.

— Oh, desculpem. Hã... Nunca na vida... — O grupo olhou para ela, expectante. — Nunca na vida... — *Deitei bananas a um cadáver? Droguei uma amiga? Roubei a identidade da minha chefe?* Levantou-se de rompante. — Eu passo. Vou buscar outra bebida.

O silêncio instalou-se. Florence acabara com a festa.

Florence acordou de ressaca. Voltou-se para o outro lado da cama. Nick saía horas antes para ir fazer *kitesurf*. Olhou para o quarto vazio. Todos os seus pertences — e os de Helen — ainda estavam nas malas junto à porta. Levantou-se e desceu pesadamente as escadas para trazer as coisas de Helen e se poder vestir.

Espreitou para a sala. Estava imaculada. Amira já tinha limpado a bagunça da noite anterior.

Ao atravessar o *hall* de entrada, estacou de repente, convencida de que tinha acabado de ver Helen. Virou-se. Era o seu próprio reflexo no espelho de parede. Aproximou-se para se observar ao perto. O seu cabelo estava mais claro por causa do sol, e a tempestade tinha atenuado a humidade, o que fazia com que os seus caracóis formassem agora ondas mais soltas. Se esforçasse a vista, poderia mesmo estar a olhar para Helen.

Percebeu que poderia ter usado o passaporte de Helen no aeroporto sem problema nenhum. Isto se a sua nova vida não lhe tivesse sido roubada.

— Florence — disse para o espelho, em voz alta e num tom entorpecido.

Foi nesse momento que reparou que havia outra pessoa na sala. Era Amira, a observá-la da ombreira da porta que dava para a cozinha. Florence fez um esforço para lhe sorrir.

— Bom dia — disse Florence, com tanto entusiasmo quanto conseguiu.

— Bom dia, Madame. Quer café?

— Seria ótimo. Obrigada.

Depois de se ter vestido, tentou recuperar parte da energia que sentira no dia anterior. O corpo de Helen ainda podia dar à costa, recordou. Mas esse pensamento já não inspirava nela a mesma urgência. Assim que decidira deixar de ser Helen, sentia-se absolvida de todos os seus pecados — era como se, sem recompensa, não houvesse delito. Além disso, se o corpo de Helen aparecesse, pelo menos iriam saber que Florence não assassinara Jenny. Não, pensou. *Não*. Se o corpo de Helen aparecesse, iriam tentar perceber como é que tinha ido parar ao mar e por que razão Florence omitira o seu desaparecimento. Se conseguissem provar que Florence bebera álcool naquela noite — e talvez mesmo se não o conseguissem —, ela seria presa por homicídio involuntário.

Estava feita. Qualquer das hipóteses ia dar aí. Florence Darrow estava lixada e Helen Wilcox estava lixada. Pelo menos Helen tinha a sorte de estar morta.

Deixou-se tombar sobre o sofá, enterrou a cara numa pilha de almofadas e gritou o mais alto que conseguiu. Desejou nunca ter vindo para Marrocos. Não, antes disso. Desejou nunca ter conhecido Helen Wilcox.

Quando se voltou a sentar, com o cabelo em desalinho, Amira estava a pousar suavemente uma chávena e um pires sobre a mesa à sua frente.

— Obrigada — disse Florence, como se estivesse tudo normal, como se aquela mulher não fosse testemunha da desintegração da sua identidade.

— *Je vous en prie.*

Florence sorveu o café quente, bem forte, e sentiu que a sua argúcia começava a

melhorar.

O primeiro passo era sair de Marrocos. Se tivesse de dar explicações sobre o que acontecera a Helen, seria melhor que isso acontecesse nos Estados Unidos. No fim de contas, os tratados de extradição eram bilaterais. Marrocos não podia obrigar os Estados Unidos da América a fazê-la regressar para ser julgada por homicídio involuntário.

Pesquisou no Google como substituir um passaporte perdido num país estrangeiro. Percebeu que o melhor seria ir à embaixada em Rabat ou ao consulado em Casablanca. Também iria precisar de uma nova fotografia tipo passe, de uma fotocópia do seu passaporte antigo e da sua carta de condução.

Pois, fantástico. Ela não tinha nada disso. Deu por si novamente a morder o nó dos dedos. Afastou a mão da boca e pegou no cartão de Dan Massey, que ainda estava sobre a mesinha. Tamborilou o cartão contra o vidro do tampo algumas vezes.

Passado algum tempo, levantou-se.

Estava na altura de dar início ao longo e desagradável processo de voltar a ser Florence Darrow. Caminhou até à cozinha e marcou o número.

— Fala Dan Massey.

— Olá, senhor Massey. Fala Florence Darrow. — Fez-se silêncio do outro lado da linha. — A pessoa de ontem — arriscou Florence. — O senhor veio a minha casa.

— Recordo-me certamente de ter ido a casa de Helen Wilcox. Em que lhe posso ser útil, senhora Wilcox?

— É senhora *Darrow* — insistiu Florence. — Quero regressar aos Estados Unidos. Mas não tenho passaporte. Nem nenhum documento de identificação com fotografia.

— Eu tenho o seu passaporte.

— Não, o senhor tem o passaporte da Helen Wilcox.

Silêncio outra vez. Quando Massey voltou a falar, fê-lo num tom que evidenciava o facto de estar a ser muito compreensivo.

— Muito bem, façamos como prefere. Recorde-me o seu nome, por favor.

— Florence. Florence Darrow. Nasci em Daytona Beach, na Florida, no dia 9 de outubro de 1993.

— E não tem documento nenhum com o seu nome? Nada?

— Não. Mas posso dar-lhe o número de telefone da minha mãe: ela pode confirmar. Ou, espere, na verdade há uma pessoa em Semat agora mesmo que o pode fazer. É uma velha amiga da escola, conhece-me desde os seis anos. Ela pode dizer-lhe quem sou.

— Hã-hã... Mas a senhora compreende que eu não posso emitir um documento oficial com base na confirmação de uma *amiga* como prova de identidade, não é verdade? Consegue perceber isso?

— Eu sei, mas...

— Consegue ter acesso à sua certidão de nascimento ou ao seu cartão de segurança social?

— Não. — Ambos os documentos estavam dentro de uma caixa de sapatos num roupeiro em casa de Helen. — Mas posso dizer-lhe onde estão.

Massey suspirou.

— Muito bem. Escute, eu vou falar com algumas pessoas deste lado e perceber que opções temos. Talvez a sua amiga possa fazer um depoimento por escrito. Não tenho a certeza. Para dizer a verdade, nunca tinha encontrado uma situação destas. Qual é a melhor maneira de entrar em contacto consigo? — Florence papagueou o número que estava escrito num papel amarelecido colado à parede junto ao telefone. — OK. Peço-lhe que aguarde serenamente. Eu telefono-lhe assim que souber alguma coisa.

— Quando será isso?

— Espero conseguir fazê-lo ainda hoje. Adeus, senhora... — hesitou. — Adeus.

Florence desligou e foi logo buscar o computador portátil à sala. Não tinha intenções nenhuma de aguardar serenamente.

Encontrou o número de telefone do Riad Lotus no Google — Amy tinha dito que era assim que se chamava o hotel onde estavam — e pediu para falar com Whitney Carlson. Eram nove e meia da manhã: tinha esperança de que ainda estivessem no quarto. Tinha esperança de que ainda estivessem em Semat.

— Estou?

Suspirou de alívio.

— Whitney? É a Florence.

— Florence! Ainda bem que ligaste! Sinto-me tão mal por causa da outra noite. Não sei o que aconteceu.

— Não há problema nenhum... Não te preocupes. Escuta, nós na verdade não conseguimos pôr a conversa em dia, e eu queria saber quanto tempo é que ainda vais ficar em Semat.

— Só até amanhã.

— Vais-te embora amanhã?

— Sim, vamos para Marraquexe de autocarro, de manhã, e o nosso voo de regresso aos Estados Unidos sai por volta das oito.

— OK. Escuta, eu vou ligar-te daqui a nada, está bem? Talvez precise da tua ajuda aqui com uma coisa.

— Claro. Podes contar comigo para o que for preciso.

— Ótimo. Obrigada, Whitney.

— Está tudo bem, Florence?

— Está tudo bem. Ou, pelo menos, tudo se vai resolver. — Fez uma pausa. — Fiquei muito contente por te ter encontrado. — Pensou que, dois dias antes, teria sido altamente improvável dizer aquilo.

— Eu também.

— E mais uma coisa: peço desculpa por não ter respondido aos teus telefonemas nem aos teus *e-mails* depois de me ter mudado para Nova Iorque. Devia tê-lo feito, e peço desculpa.

— Não faz mal. As pessoas afastam-se. Eu compreendo.

Desligaram, mas Florence ficou junto ao telefone e encostou a cabeça à parede. O próximo telefonema apavorava-a. Por fim, levantou o auscultador e marcou o único número que sabia de cor.

A voz de Vera soou estremunhada. Florence olhou para o relógio. Na Florida era noite cerrada.

— Desculpa ter-te acordado, mãe.

— Florence? O que é que aconteceu? Onde estás?

— Estou em viagem.

— Espera um segundo.

Florence ouviu as cobertas da cama restolhar e depois o clique que o candeeiro da mesa de cabeceira da mãe fazia ao acender. Conseguia imaginar o quarto com exatidão: a colcha cor-de-rosa, os cartazes descoloridos com pinturas de Monet na parede. Quando Vera voltou a falar, já se parecia mais com o habitual.

— Florence? Está tudo bem? Estás ferida?

— Estou bem.

— Então porque é que me telefonaste a meio da noite?

Florence conseguiu sentir a frieza no tom de voz da mãe, apesar do oceano que as separava. Ficou surpreendida. Assumira que Vera iria tombar de joelhos, imensamente grata, quando Florence entrasse finalmente em contacto com ela.

— O quê?

— Primeiro dizes que nunca mais me queres ver; agora acordas-me às três da manhã. Decide-te de uma vez por todas, querida.

— Eu não disse que nunca mais te queria ver; disse apenas que ia estar fora do país durante várias semanas. Exageras sempre.

— Disseste *nunca*, não tenho dúvidas. Tenho a mensagem guardada.

Florence sentiu uma torrente de raiva subir-lhe pelas entranhas. Ela nunca pedira absolutamente nada à mãe, e na única altura em que precisava de ajuda, Vera era incapaz de pôr de lado as suas acusações mesquinhas por um minuto sequer. Florence desligou-lhe o telefone na cara.

Caminhou até ao lava-loiça e pôs as mãos por baixo de água a ferver. A água escorreu por dentro do gesso, e a gaze empapada começou a fazer-lhe comichão. Florence coçou-se violentamente, e só parou quando sentiu a dor lancinante.

Em seguida, sentou-se à mesa da cozinha e ficou a olhar fixamente para o telefone. O que é que ela podia fazer? Além de esperar que Massey lhe devolvesse a chamada, claro. Até isso acontecer, estava num limbo bizarro. Não era Florence e não era Helen. Não era ninguém.

Na verdade, isto dava-lhe uma certa liberdade. Sem identidade, era inimputável. Voltou a pegar no telefone e ligou a Nick. Ele atendeu quase imediatamente.

— Que tal?

— Ainda estás na praia?

— Sim, mas posso terminar por hoje.

— Vem cá ter.

O esquecimento era muito atraente.

Florence estava deitada no sofá com a cabeça no colo de Nick. Daquela posição, conseguia ver o canto da mesa de apoio, com um saco de erva e uma lata amolgada de *Pringles* com sabor a piza em cima. Eram dez da noite. Poucas horas antes, Amira trouxera algumas travessas com vegetais e cordeiro grelhado para o jantar, e eles tinham atacado a comida como animais selvagens. Agora estavam espalhados pela sala, enfartados e apáticos. Nick trauteava uma canção desafinada. Uma rapariga que ela nunca tinha visto estava montada sobre o corpo de Liam no sofá em frente ao deles. Meg estava agarrada ao telefone.

Florence fez um esforço para se levantar. Nick aproveitou a oportunidade para se chegar para a frente e começar a enrolar um cigarro, debruçado sobre a mesa. Florence saiu para o pátio das traseiras. Estremeceu. Desde a tempestade que a temperatura baixara. Deitou-se numa das espreguiçadeiras e observou o céu.

Massey não lhe ligara durante a tarde, mas Greta, sim, mais do que uma vez. Florence tinha pedido a Amira que dissesse que ela tinha saído. Não sabia o que dizer a Greta. Mesmo estando sóbria e capaz de articular um discurso coerente, não se sentia preparada para explicar a morte de Helen nem a sua tentativa frustrada de se apoderar da identidade dela ou o corpo que tinha sido encontrado na casa de Crestbill Road. Tinha esperança de que Greta nunca viesse a saber da semana que ela passara como Maud Dixon; esse facto parecia-lhe terrivelmente embaraçoso agora, e ainda queria que Greta a ajudasse a publicar um livro da sua autoria no futuro.

Foi até à cozinha e tirou uma garrafa de água do frigorífico. Bebeu metade de um só trago. O efeito de tudo aquilo que bebera e fumara estava finalmente a passar.

Regressou atravessando o *hall* de entrada, onde Meg estava a abrir a porta de entrada.

— Olha, Helen, deixa-me apresentar-te uma pessoa — disse Meg quando reparou em Florence. — Esta é a Florence. Acabou de chegar.

Meg abriu a porta mais alguns centímetros. Do lado de fora, uma mulher loira entrou na zona iluminada. Tinha um vestido vermelho-vivo e um sorriso amplo. Estendeu a mão na direção de Florence.

— Olá — disse. — Deves ser a Helen.

Florence ficou em choque. Algumas emoções, como a raiva ou a luxúria, parece que aceleram a passagem do tempo. Mas o choque cria um momento de paralisia, uma bolha de tempo que é exterior à passagem dos segundos, durante o qual a mente humana tem de abandonar o percurso neural que vem a trilhar e enveredar por outro completamente diferente. Florence não disse nada. Só conseguiu abrir muito os olhos.

Diante dela estava Helen Wilcox, que morrera num acidente de viação uma semana antes.

— A Florence e eu conhecemo-nos esta tarde — disse Meg a Florence. Depois prosseguiu com a sua rotina habitual, dizendo para Helen, enquanto apontava para Florence: — A Helen é escritora.

— Ah, sim? — perguntou Helen, erguendo as sobranceiras. — Fascinante! — Florence deu por si a assentir com a cabeça, muda. — Eu sempre quis ser escritora, mas não tenho imaginação nenhuma. Consegue criar personagens a partir do nada? Uma vida inteira? Parece impossível!

Helen deu um risinho. Florence recuperou finalmente a capacidade de falar.

— O que é que estás aqui a fazer?

A testa de Helen enrugou-se, demonstrando preocupação.

— Oh, peço desculpa. A Meg disse que não havia problema se eu viesse, mas a última coisa que quero é incomodar.

Meg lançou um olhar perplexo a Florence.

— É claro que és bem-vinda... — disse ela num tom animado. — Quantos mais, melhor.

— Vem comigo até à cozinha — sugeriu Florence. — Preparo-te uma bebida.

— Deixa estar. Eu não bebo.

— Então vou buscar água para ti. — Agarrou no braço de Helen como se a fosse puxar. Helen lançou a Meg um olhar surpreendido. Meg, por sua vez, perguntou a Florence:

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo.

Florence percebeu que Helen estava a divertir-se com a situação.

— Vamos antes todos para a sala, pode ser? — propôs Meg, conduzindo Helen. Florence seguiu-as como um cão preso à trela.

Meg apresentou Helen — como Florence — ao grupo de um modo pomposo. Tinha sido precisamente assim que apresentara Florence apenas alguns dias antes. Florence observou Nick para ver se ele reparava no nome e se se recordava de que era o mesmo que Amy lhe chamara, mas ele apenas acenou com a cabeça e perguntou:

— Tá tudo?

Florence sentou-se no sofá, com as costas muito hirtas. Helen aninhou-se num cadeirão e acendeu um cigarro. Parecia completamente à vontade. Estava mais bronzeada do que da última vez que Florence a vira, mas tirando isso estava exatamente na mesma. Não tinha nódoas negras nem arranhões nem nada partido.

Florence, contrariada, foi arrastada de volta para a sua posição do passado, um papel de alguém suplicante, sempre cuidadosa, que se adaptava às manhas de Helen. *Muito bem*, pensou, *se a Helen quer fazer este jogo, vamos a isso*.

— E de onde és? — perguntou a Helen.

— Da Florida — respondeu Helen com um sorriso.

— De que cidade?

— Port Orange.

- Nunca ouvi falar.
- Não me surpreende. Não é cá nem lá.
- Sem problema. Cá e lá estão sobrevalorizados.

O sorriso de Helen denotava um certo júbilo. Florence pensou captar algo mais no seu olhar: espanto, talvez. Renitente, sentiu as faces corar de prazer.

- Andas a viajar há muito tempo? — prosseguiu Florence.
- Oh, há cerca de uma semana.
- Por onde? Aqui por Marrocos?
- Também. Estive em Rabat.
- E o que foste lá fazer?
- Tive de ir resolver um assunto.
- Trabalhas em quê?
- Na indústria.
- Indústria de quê?
- Rodas dentadas, principalmente.

Florence rebentou a rir.

- Rodas dentadas? — Não conseguiu evitar. — Para barcos, imagino.
- Ah, para toda e qualquer embarcação que se faça ao mar, na verdade.

O resto do grupo acompanhava o diálogo de ambas com atenção redobrada, virando a cabeça de um lado para o outro, como espectadores num jogo de ténis.

- Vocês já se conheciam, é isso? — perguntou Meg, devagar.
- Não, credo! — respondeu Helen.

Florence abanou apenas a cabeça, com o sorriso ainda nos lábios.

Durante as horas que se seguiram, a noite desenrolou-se como é habitual nestas coisas. Helen e Florence acabaram por perder a atenção do grupo. Todos foram ficando progressivamente mais embriagados. Mas Florence não levou nem mais uma gota de álcool à boca, e Helen não partilhou mais nada a não ser cigarros. Foi como se ambas se fossem progressivamente deslocando para o primeiro plano da cena, cada vez mais atentas e com os sentidos mais aguçados, ao mesmo tempo que os outros iam ficando mais longe e mais desfocados.

Por fim, por volta da meia-noite, depois de o grupo ter partilhado um charro e tombado num entorpecimento coletivo, Helen levantou-se e estendeu a mão a Florence:

- Vamos? — perguntou como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Florence assentiu e agarrou na mão dela. Ao fazê-lo, ficou surpreendida por ter tremido de um modo tão violento. Era como tocar num fantasma.

Helen conduziu-a ao primeiro quarto ao cimo das escadas — aquele que tinha sido o dela, mas agora apresentava vestígios da ocupação de Florence.

— Vejo que estás bem instalada... — comentou Helen, olhando em volta.

Florence corou. Sentia-se como se tivesse sido apanhada a experimentar a roupa interior de Helen. A verdade é que ela estava mesmo a usar a roupa interior de Helen.

— Pensei que tivesses morrido — afirmou em modo de desculpa.

Uma risada vinda do andar de baixo cortou o silêncio.

— E nota-se bem que ficaste muito transtornada.

— Helen, o que é que se passa?

— Senta-te — ordenou ela, apontando para a cama. Florence obedeceu. — Tive de ir a Rabat.

— Mas desapareceste de repente. Pensei que tinhas morrido. Porque não me disseste?

— Não te podia dizer; foi para teu bem.

Florence esvaziou os pulmões, exasperada. Não queria ter de esperar que Helen fosse revelando informação ao ritmo que lhe aprovesse. Já não gostava de se fazer de tonta.

— Foi por causa de Jeanette Byrd? — perguntou.

Helen estreitou o olhar.

— Onde ouviste esse nome?

— Veio cá um homem da embaixada, ontem. Jeanette Byrd está morta. Enterrada na tua pilha de compostagem. É bastante claro que eles acham que tu a mataste. Não, na verdade, eles acham que eu a matei. Pensam que eu sou a Helen Wilcox.

— E porque é que eles acham isso? — perguntou Helen, fazendo um gesto com o braço em torno do quarto.

— Pois, é óbvio que sabes que eu me estou a fazer passar por ti. É isso que queres ouvir? Porque esse delito parece bastante inócuo em comparação com o que tens vindo a tramar...

Helen ergueu uma sobrancelha, mas não respondeu.

— Tu mataste a Jeanette Byrd? A Jenny?

— É complicado, Florence...

— Ou és uma assassina ou não és.

Helen sentou-se na cama ao lado de Florence.

— Eu vou contar-te o que se passou, OK? Dá-me só... dá-me só um minuto. — Tirou um maço de tabaco do bolso e acendeu um cigarro. Florence reparou que a mão dela tremia ligeiramente. — A Jenny saiu da prisão no início deste ano. Não nos tínhamos mantido em contacto, por isso eu não fazia ideia; só soube quando ela me bateu à porta. Chegou no meio de uma tempestade terrível. Eram umas sete ou oito da noite. Eu estava a ler um livro à lareira, cá em baixo, quando vi a luz dos faróis de um carro no caminho de acesso à casa. Tu viveste lá. Sabes

que nunca recebo visitas e que é praticamente impossível ir lá dar por engano. Por isso subi as escadas para ir buscar a pistola.

— Tu tens uma *pistola*?

— Claro que tenho uma pistola. Só uma mulher extraordinariamente ingénua ou estúpida é que vai viver sozinha para o meio do mato sem levar uma pistola. Mas, prosseguindo, eu desci as escadas e vi que era um táxi. Calculei que a maioria dos assassinos e dos violadores não fosse de táxi para casa das vítimas, por isso larguei a arma e fui abrir a porta.

»E ali estava ela. Meu Deus! Ao início nem sequer a reconheci. Ela antes era linda, Florence. *Linda*. Todos os rapazes em Hindsville eram obcecados por ela. Os homens também. Havia um professor que tinha por hábito andar atrás dela como um animal ferido. Mas aquela pessoa não tinha nada de lindo. Parecia uma toxicodependente. Tinha o cabelo, sujo e comprido, completamente grisalho. Faltavam-lhe muitos dentes. Tem a minha idade, mas parecia ter sessenta anos. — Fez uma pausa. — Tinha a minha idade...

»Agarrou-se a mim num abraço. Nem consigo descrever o cheiro nauseabundo que ela tinha... Cheirava a... suor de gato. Suor de gato fermentado. Mas o que é que eu podia fazer? Abracei-a também. Convidei-a a entrar. Ela era a minha amiga mais antiga.

»Levei-a até à cozinha e servi café. E depois ficámos ali em silêncio. Foi muito desconfortável. A última vez que nos tínhamos visto fora com dezassete anos. Agora já não tínhamos absolutamente nada em comum. Nada. E ela tinha um tique nervoso: arrancava a pele dos dedos. Tinha a zona em volta das unhas completamente em carne viva, como se tivesse usado um esfregão de arame. Por fim notei que ela estava a olhar para a garrafa de *bourbon* em cima do frigorífico, então ofereci-lhe um copo. Pusemos ambas uma pinga dentro do café, e depois as coisas melhoraram. Ela começou a falar. Disse-me que só tinha sobrevivido ao período na prisão por minha causa. Por *minha* causa. Que compreendia porque é que eu tinha feito o que fiz. Que me perdoava. Que éramos irmãs: sempre o tínhamos sido e sempre o seríamos.

— Que te perdoava o quê?

— O quê?

— Disseste que ela disse que te perdoava.

— Ah... Sim. Eu retirei-lhe o álibi. Ela tinha-me perguntado se eu podia declarar que ela estivera comigo na noite do crime, e eu dissera que sim. Depois o meu pai explicou-me que isso era uma péssima ideia. Graças a Deus! Sabes, eu não sabia o que era perjúrio. Pensava que mentir à polícia era mais ou menos a mesma coisa que mentir a um professor. Por isso mudei de ideias e disse a verdade: que tínhamos estado juntas ao início da noite, mas que ela tinha saído com o tal Ellis por volta das onze. — Helen fez uma pausa. — Foi então que a defesa dela se desmoronou. — Helen deu mais uma baforada no cigarro e continuou: — Quanto mais bebia, mas nervosa ia ficando. Quase tresloucada. Começou a andar às voltas na cozinha. A pegar em copos e em jarros e a perguntar quanto é que tinham custado, abrindo e fechando os armários à bruta. Foi ficando cada vez mais

zangada. Depois, de repente, a sua versão da história mudou: começou a dizer que a culpada de ela ter ido para a prisão era *eu*. E que, ao longo de todo esse período, eu enriquecera à custa da história dela.

— Ela sabia da existência do livro?

— Sim, o livro tinha chegado à prisão, e as pessoas tinham falado disso. Assim que ela soube de que tratava, percebeu que era a vida dela. Disse que eu a tinha roubado.

Helen revirou os olhos.

— Bem, e roubaste, não foi?

— Todos os grandes escritores roubam. Dostoiévski. Shakespeare. Toda a gente. De qualquer forma, a história era nossa. Sempre foi nossa.

— E depois?

— Depois ela passou-se. Disse que queria o dinheiro que eu tinha feito com o livro, que esse dinheiro era dela. Isto durou horas: gritos, berros, choro. Por fim, consegui convencê-la a ir dormir à casa do lado, por volta das quatro da manhã. No dia seguinte, dormimos ambas até tarde, e até foi agradável. Fomos dar um passeio, conversámos, eu fiz o almoço. Mas depois eu disse-lhe que ela devia regressar ao Mississípi. Que era um erro não cumprir as regras da liberdade condicional. Até me ofereci para a ajudar a endireitar a vida. Mas ela... Não sei. Ficou desvairada. Atirou-se a mim.

— Atirou-se a ti como?

— Agarrou numa das facas do cepo que está na bancada da cozinha e lançou-se. Eu não soube como reagir. Foi instintivo. Agarrei numa panela e bati-lhe com toda a força que tinha. Já ouviste história mais ridícula? Parece saída de uns desenhos animados, daqueles que dão ao sábado de manhã. Imaginei que ela se fosse erguer, atordoada e com os olhos tortos, com uma auréola de estrelas a girar em torno da cabeça. Mas isso não aconteceu. Ela não se mexeu. Estava morta.

— Jesus!

Helen não disse nada.

— E depois? O que aconteceu?

— Entrei em pânico. Tens de perceber. Imaginei que iam descobrir tudo. Iam descobrir quem eu era. Que eu tinha escrito aquele livro. Meu Deus, consegues imaginar a propaganda? Seria terrível. Profundamente vulgar. Eu não conseguia sequer suportar essa hipótese.

— Helen — Florence fitou-a, incrédula —, mataste a Jenny para proteger a identidade de Maud Dixon?

— Não — respondeu Helen, com um olhar penetrante. — Matei-a em autodefesa. *Enterrei-a* para proteger a identidade Maud Dixon. Na verdade, achas que alguém se importa com o que acontece ao seu cadáver? Para ela ia dar ao mesmo.

Florence recordou-se de que tinha usado o mesmo argumento com os seus botões quando pensara que Helen tinha morrido. Como se fosse capaz de lhe ler os pensamentos, Helen perguntou:

— Falaste a alguém do *meu* cadáver, quando pensaste que me tinhas matado?

— Não é bem a mesma coisa — respondeu Florence, insegura.

— Claro que é. De qualquer modo, aconteceu tudo tão depressa... Não foi propriamente uma decisão racional. Eu estava alterada pela adrenalina e só conseguia pensar que não podia permitir que aquele corpo fosse encontrado na minha propriedade. Não conseguiria tolerar o escrutínio. Não queria responder perante nada. Sou uma pessoa muito reservada, Florence, sabes bem...

Florence deu por si a assentir com a cabeça, como se essa fosse uma razão válida para se ocultar um corpo.

— Então puseste-a na compostagem?

— Bem, estávamos em fevereiro. Em plena tempestade de neve. Consegues imaginar a dureza do solo? Além disso, uma pilha de compostagem é na verdade o sítio perfeito para fazer desaparecer um corpo humano. Uma vaca inteira desfaz-se em menos de seis meses: dentes, ossos, tudo. Esta é capaz de ter sido a única coisa útil que aprendi por ter crescido numa quinta.

Florence lembrou-se de que Helen lhe contara que aprendera a cortar o pescoço de uma galinha quando tinha oito anos. Talvez não tivesse mentido.

Helen prosseguiu:

— Naturalmente, na manhã seguinte, percebi que tinha cometido um erro monstruoso. Mas nesse momento já não podia propriamente chamar a polícia. Fazia o quê? Arrastava-a para fora da compostagem, limpava-a, e voltava a deitá-la no chão da cozinha? É difícil declarar autodefesa depois de se ter *enterrado o raio do corpo*.

Florence não disse nada. Tentou imaginar Helen a atirar pazadas de restos de lixo orgânico e de terra e de estilha sobre o corpo da amiga. De certa forma, parecia que aquilo não tinha acontecido. Como se Helen estivesse apenas a contar uma história.

— Foi nessa altura que comecei a pensar em fugir — disse Helen.

— Em fugir?

— Em desistir de ser Helen Wilcox. Em deixar essa vida toda para trás. Eu estava pronta para mudar, sabes? Há que séculos que não conseguia escrever nada de jeito. Tu leste o livro novo. Sabes que não é tão bom como *O Foxtrot do Mississípi*.

Florence encolheu os ombros. Pensou em dizer a Helen o que descobrira no livro de Paul Bowles, mas não quis interromper a narrativa.

— Ao princípio foi só um exercício mental, um jogo que eu fiz comigo mesma: como é que poderia desaparecer? Para onde é que iria? Como conseguiria obter uma nova identidade? Será que iria poder continuar a publicar livros como Maud Dixon? Como é que me iriam pagar? Será que devia dizer à Greta?

»Escolhi Marrocos porque não tem tratado de extradição com os Estados Unidos. E porque parecia um belo local para se viver. Melhor do que a Coreia do Norte, certamente. Clima agradável, cultura interessante, comida boa, muitos expatriados e também corrupção suficiente para que fosse fácil começar de novo com um nome diferente. Mas isto foi tudo especulação até ao dia em que recebi aquele telefonema.

— Da técnica de reinserção social da Jenny?

Helen disse que sim com a cabeça.

— Ligou no início de março. Disse que a Jenny tinha faltado à primeira reunião com ela e perguntou-me se ela tinha entrado em contacto comigo. Eu respondi que não. E depois ela disse «ah, isso é muito interessante...» porque tinha recebido uma mensagem de voz da Jenny e esse telefonema tinha sido feito de minha casa. — Helen abanou a cabeça. — Meu Deus, que idiota! Só a Jenny é que iria ligar para a técnica de reinserção usando a rede fixa quando estava fora do estado.

— E essa técnica enviou o polícia?

— Também já sabes da visita do polícia? Ah, claro que sabes, tu estavas lá. Sim, o polícia apareceu depois de o mandado de captura em nome da Jenny ter sido emitido. Por essa altura já ela tinha faltado a uma série de reuniões. O agente achava claramente que eu estava a dar abrigo a uma fugitiva. Mas não trazia nenhum mandado de busca, por isso mandei-o embora. Fiz mal. Só me apercebi disso depois. Se ele regressasse com um mandado, iria poder dar a volta a tudo. Talvez até ao quintal. Talvez até à pilha de compostagem. Eu devia ter colaborado, devia ter-lhe mostrado a casa toda. Mas não o fiz. Foi nesse momento que percebi que tinha mesmo de começar a preparar a fuga. Lembras-te? Sugerir que viéssemos para Marrocos logo no dia a seguir. No caso de ele regressar, ou quando ele o fizesse, eu queria estar fora do país, com uma identidade nova à minha espera. E, caso eles encontrassem o corpo, eu daria andamento ao plano: deixaria Helen Wilcox para trás e iria tornar-me outra pessoa.

Florence abanou a cabeça. Havia qualquer coisa que não batia certo.

— Mas porque é que me trouxeste?

— Queres saber a verdade? Porque tive medo. Não sabia se iria conseguir concretizar o plano sozinha.

Florence observou o rosto de Helen. Sentiu uma onda de afeto crescer dentro de si. Empurrou essa onda para baixo.

— Isso são tretas, Helen.

Helen soltou um riso breve.

— OK, tens razão. Eu precisava que me desses como desaparecida. Não podia simplesmente desaparecer sem deixar rasto. Sabia que eles iriam assumir que eu fugira e viriam à minha procura. Mas, se tu reportasses um acidente, isso iria pelo menos aliviar as suspeitas. Eu precisava de que tu acreditasses verdadeiramente que eu tinha morrido. A sério, foi para te proteger. Não queria que fosses cúmplice de um crime. A tua ignorância seria o teu álibi.

Florence pôs-se de pé de repente. A peça que faltava tinha encaixado, por fim.

— Tu *planeaste* o acidente? Helen, eu ia morrendo!

— Não, Florence! É claro que eu não planeei o acidente! Nunca faria uma coisa dessas. A minha ideia era alugar um barco e ir nadar para lá da rebentação; seria então que eu desapareceria. O acidente de carro foi só... foi só um acidente. Juro. Mas a oportunidade surgiu, e eu aproveitei-a.

— O que é que estás a dizer? Aproveitaste-a? Tu ias dentro do carro, sequer?

Onde estão as *tuas* nódoas negras? Onde estão os *teus* ossos partidos? — Aproximou violentamente o punho engessado do rosto de Helen.

— Não sei, Florence — respondeu calmamente. — Tive sorte. Aconteceu tudo tão depressa... Saí do carro a nado e consegui chegar à praia, ao fundo do penhasco. Nós despenhámo-nos muito perto da zona onde a escarpa começa. A queda foi apenas de uns três metros. Já na costa, vi, graças a Deus, que aquele pescador te tinha salvado. Fiquei na praia até as minhas roupas secarem. Depois pedi boleia até ao terminal de autocarros. Eu tinha deixado muito dinheiro escondido no hotel onde ficámos, em Marraquexe. Fui buscá-lo e segui para Rabat. Era lá que eu tinha planeado obter documentos novos.

Helen explicou tudo isto de um modo muito distante, como se estivesse a apresentar uma receita de lasanha. Como se o facto de não compreender fizesse de Florence uma tonta. Talvez Florence fosse tonta, porque não compreendia. Não compreendia de todo. Os factos não faziam sentido como parte de uma narrativa convincente.

— Então porque é que regressaste?

— Eu estava sentada num café em Rabat, isto alguns dias depois do acidente, e reparei por acaso no jornal que a pessoa ao meu lado estava a ler. Lá estava ele, o meu nome: Helen Wilcox. Pedi-lhe que me contasse o que dizia a notícia. E foi então que percebi o que tinha acontecido. Percebi que tu estavas a fingir que eras eu. Ou, sabe-se lá, talvez tivesses batido com a cabeça e achasses mesmo que eras eu. E não fazias ideia de onde te estavas a meter. Eu sabia que a polícia ia vir atrás de ti. Por causa da Jenny. Por causa desta confusão que eu tinha deixado para trás.

Florence sentiu que as suas pernas iam ceder. Sentou-se junto a Helen. Ficaram em silêncio durante um momento.

— Escuta — disse finalmente Helen. — Eu sei que isto é muita coisa para encaixar. E compreendo que possas estar zangada. Tens todo o direito de estar zangada. Mas eu tentei sempre, a cada momento, manter-te em segurança. Regressei para te proteger. Agi sempre em teu benefício.

A voz de Helen tinha um tom pouco familiar: carente e suplicante. Florence apercebeu-se subitamente de que detinha todo o poder. Se quisesse, podia entregar Helen às autoridades. Podia chamar a polícia. Iria adorar ver a cara do agente Idrissi e de Dan Massey quando lhes apresentasse a verdadeira Helen Wilcox.

Mas, e depois? Então Florence não teria alternativa a não ser regressar aos Estados Unidos, sem casa, sem emprego e sem dinheiro. Com a consciência de que pusera Maud Dixon na prisão.

Florence enterrou a cabeça nas mãos.

— Estás exausta — disse Helen. — Porque não descansas um pouco? Podemos voltar a conversar quando for de manhã.

Florence assentiu com a cabeça.

— Deixa-me só tirar as minhas coisas do teu quarto — disse, pouco convicta.

— Deixa estar. Fica aqui. Eu vou para o outro quarto.

— Tens a certeza?

— Claro que sim. — Ao sair do quarto, Helen voltou-se para Florence com

um sorriso matreiro. — Queres saber qual foi a minha primeira reação ao ver aquele artigo no jornal, em Rabat?

— Qual?

— Pensei: *Ainda bem!* Fiquei impressionada com a tua astúcia. Compreendo que isto possa parecer uma resposta pouco ortodoxa para quem acabou de saber que a assistente roubou a sua identidade, mas, como sabes, a mentalidade de rebanho nunca foi algo que me agradasse.

Florence sorriu, cansada.

— Acho que aprendi com a melhor.

— Isso não posso negar. Mas mesmo eu poderia ter-me descaído. Não há mesmo ninguém que saiba que és a Florence Darrow?

— Bom... eu tive mais ou menos de dizer a um tipo com quem tenho saído.

— A Helen Wilcox tem um namorado? — perguntou Helen, divertida.

— Mais ou menos. Aquele Nick, sabes? O das rastas?

Helen fez uma careta.

— Vejo que ainda tenho de te ensinar umas coisas sobre o teu gosto quanto a homens.

Florence riu-se.

— Ele é querido.

— Querido é apenas uma forma educada de dizer estúpido. — E acrescentou, num tom mais suave: — Escuta, agora fora de brincadeiras, eu sei que isto é muita coisa para processar de repente, e compreendo que te estejas a sentir desorientada. Peço-te que não te esqueças de que estamos do mesmo lado. Ainda tenciono desaparecer, mas vou fazê-lo de uma maneira que te deixe em segurança. E com uma boa recompensa. *OK?*

Olhou Florence nos olhos. Florence disse que sim com a cabeça.

— *OK.*

— Linda menina.

Helen saiu do quarto em pezinhos de lã e fechou a porta atrás dela; a fechadura fez clique.

Florence adormeceu e acordou várias vezes durante o seu sono entrecortado. Despertava por causa da música que se ouvia no andar de baixo, e depois lembrava-se de que Helen estava de volta e um turbilhão de perguntas começava a formar-se dentro da sua cabeça. Coisas que gostaria de lhe ter perguntado, mas não o fizera.

A determinada altura, sentiu uma presença no quarto. Sentou-se na cama. Era Helen. Estava de pé, a poucos centímetros, a observá-la. Um raio de luz da lua iluminava-lhe metade do corpo.

— Helen? Estás bem?

— Não conseguia dormir. Pensei que talvez estivesses também acordada. Mas deixa estar. É tarde.

— Não há problema. — Florence sentou-se mais acima na cama. — Senta-te aqui.

— Não, não. Volta a dormir.

Helen saiu do quarto.

Alguns minutos mais tarde, Florence já não sabia se não teria sido um sonho.

Depois voltou a acordar. Ainda estava escuro. Havia uma espécie de tensão no ar, como se alguém tivesse dedilhado a corda aguda de um violino.

Pisou o chão frio com os pés descalços e caminhou até ao corredor. Tudo estava silencioso, com exceção da fonte que murmurava no pátio lá em baixo.

Desceu as escadas. A sala estava uma confusão, mas não havia lá ninguém. Meg e os outros deviam ter ido para casa.

Ouviu um som vindo do terraço. Abriu as portas envidraçadas e viu a silhueta de Helen contra o céu noturno. Estava de pé junto à piscina.

— Helen?

Helen sobressaltou-se e voltou-se, com a mão junto ao peito.

— Florence, assustaste-me!

— O que estás a fazer?

— Não consegui adormecer. Está tudo tão tranquilo, aqui, agora que o calor desapareceu.

— Estás bem?

— Foram uns dias muito longos. Semanas. Meses.

— Queres companhia?

— Não, volta para a cama. Eu já vou.

— Tens a certeza?

— Tenho a certeza. Boa noite.

Florence regressou ao piso de cima mas não conseguiu voltar a adormecer. Pegou no livro. Passada meia hora, ouviu os passos de Helen nas escadas. Os passos detiveram-se por momentos à porta do seu quarto, depois prosseguiram pelo corredor. A porta do quarto de Helen fechou-se ao de leve.

Florence desceu pouco depois de o sol ter nascido. Não conseguira pregar olho desde que se encontrara com Helen lá fora, junto à piscina. Calculou que isso teria acontecido por volta das quatro da manhã.

Amira assustou-se quando Florence entrou na cozinha.

— É cedo — disse ela.

Florence disse que sim com a cabeça.

— Já há café?

— Estou a prepará-lo agora mesmo.

Florence interrogou-se sobre a hora a que Amira chegava de manhã. Não havia dia em que ela não estivesse lá já.

Alguns minutos mais tarde, Florence instalou-se no terraço com uma caneca de café e um brioche. O céu ia clareando a um ritmo sonolento, as palmeiras não eram mais do que contornos no firmamento.

Florence ponderou na principal questão que a mantivera acordada: deveria entregar Helen à polícia?

A verdade é que Helen tinha assassinado uma pessoa. Tinha sido em autodefesa, mas isso não alterava o facto de Jenny ter morrido. Estaria Florence disposta a ser acusada de cumplicidade *a posteriori*?

Por outro lado, Florence não tinha nada a ganhar com a prisão de Helen. Helen dissera que queria desaparecer de uma maneira que a deixasse «em segurança e com uma boa recompensa». O que é que isso queria dizer? Florence parecia estar numa posição que lhe permitia estabelecer um preço. Além disso, imaginar Helen atrás das grades não lhe agradava. Seria como manter uma ave exótica em cativeiro. Um desperdício.

— Tens a pele queimada.

Florence deu um salto. Helen estava de pé junto à ombreira da porta. Florence levou as mãos ao rosto.

— Estás toda vermelha. Ontem à noite não reparei. Tens de aprender a cuidar de ti. Há protetor solar na minha bolsa de higiene. — Helen sentou-se. — Conseguiu dormir alguma coisa?

— Nem por isso. Tu?

— Um bocadinho. Mas sinto-me bem. Nada que um pouco de café não resolvesse.

Como se tivesse ouvido a deixa, Amira chegou ao terraço com a cafeteira. Saudou Helen serenamente, como se tivesse sabido sempre que ela iria regressar.

Depois de ela ter voltado a entrar, Helen perguntou:

— O que disseste à Amina?

— Nada. Disse que estavas em Marraquexe. — Percebeu então que era muito estranho não ter apresentado nenhuma explicação para os seus ferimentos nem para o facto de ter sido deixada em casa, sem sapatos, por um polícia. — O nome dela é *Amira* — acrescentou, à falta de outra justificação.

— É? — perguntou Helen, desinteressada, ao mesmo tempo que abria um

croissant com as mãos e o barrava com mel. — Escuta, eu tenho de dar um saltinho ao centro da cidade esta manhã. Quando regressar, podemos falar dos nossos próximos passos.

— O que vais fazer à cidade?

— É melhor que não saibas.

— Já não há carro.

— Eu tenho carro. — Helen deu um gole no café. — Já agora, como é que era o nome daquele tipo da embaixada?

— Dan qualquer coisa. O cartão dele está na mesa da sala. Porquê?

— Tenho um plano. Vou só tratar de alguns pormenores e depois conto-te tudo.

Acabou o café de um trago e levantou-se.

— Vais *já*? — Ainda não eram sete da manhã.

— Quem cedo madruga, *et cetera, et cetera*.

Helen desapareceu no interior da casa para se arranjar.

Passada meia hora, Helen saiu e Florence ficou sozinha outra vez.

Ainda estava no mesmo sítio quando ouviu o telefone tocar. Amira espreitou para o terraço.

— É novamente a Madame Greta, Madame.

— Pode dizer-lhe que não estou em casa, por favor?

Amira acenou que sim, mas regressou pouco depois.

— Ela diz que, se ninguém falar com ela, vai telefonar à polícia.

Florence sabia que se Helen regressasse à Villa des Grenades e desse de caras com a polícia nunca a iria perdoar. A verdade é que Florence ainda não se sentia preparada para tomar o partido de ninguém. Levantou-se e seguiu Amira até ao interior da habitação.

— Greta? Olá — disse, a medo, quando pegou no auscultador.

— Florence? O que é que se passa? Há mais de vinte e quatro horas que estou a tentar falar contigo.

Florence olhou para o relógio.

— Que horas são aí?

— Florence, eu estou cá. Estou em Marraquexe.

— O quê?

— Cheguei ontem à tarde.

— Onde?

— Estou no La Mamounia. — Florence lembrava-se de ter visto o nome daquele hotel durante a pesquisa que fizera antes da viagem. A diária custava mais de quinhentos dólares. — Escuta, onde estás? Não sei como ir ter contigo.

— Estou de partida. Eu vou ter consigo.

— E a Helen?

— Já lhe disse; a Helen foi-se embora. Já não está aqui.

Assim que mentiu, percebeu que jamais denunciaria Helen. A sua lealdade nunca pertenceria a funcionários amantes de regras, como o agente Idrissi ou Dan Massey. Nem sequer a Greta Frost.

— Achas que ela regressou aqui? A Marraquexe?

— Acho — disse Florence, resoluta. — O nosso voo é na quarta. Não tenho motivos para achar que ela não o irá apanhar.

— Está bem. Encontramo-nos aqui, então. Vens hoje?

— Assim que tratar de meia dúzia de coisas.

— Boa. Encontramo-nos no meu hotel hoje ao fim da tarde, para tomarmos qualquer coisa. Há um bar agradável logo a seguir ao *lobby*. Estarei lá às seis.

— Combinado. Até lá.

— Liga-me para o telemóvel, caso haja algum imprevisto.

Florence desligou e interrogou-se se iria mesmo cumprir o que combinara. O que iria dizer a Greta?

Ia perguntar a Helen. Helen teria um plano. Helen tinha sempre um plano.

Meia hora depois, ouviu-se o clamor agudo de uma motoreta a aumentar de volume e depois a cessar subitamente. Florence espreitou pela janela. Viu Meg a apelar-se da motoreta no caminho de acesso à casa. Florence dirigiu-se à porta da rua para a receber.

— O Nick está aqui? — perguntou Meg de pronto.

— Não, porquê?

— Sabes onde é que ele está?

— Não. O que é que se passa?

— Ele ficou de se encontrar com o Liam e com o Jay esta manhã, para irem para o mar. Isto já para aí há duas horas, mas ninguém sabe nada dele. Não atende o telefone. E também não está em casa.

— Ele não regressou com eles ontem à noite?

— Não, eles disseram que ele ficou para trás. — Meg mostrou-se incomodada.

— Estava à conversa com a Florence... Isto é, de uma forma completamente platónica ou lá como se diz.

Florence sorriu.

— Não há problema. Ele pode falar com outras mulheres.

— Bom, se ele entrar em contacto contigo, avisas qualquer um de nós?

Florence disse que sim com a cabeça.

Depois de Meg ter saído, Florence sentou-se na sala. Sentia um desconforto interior que já não era capaz de ignorar. O efeito do café já se começava a sentir, e todas as perguntas que ela não conseguira formular na noite anterior bombardeavam-na agora com uma clareza insistente. Como é que Helen tinha sobrevivido ao acidente sem marcas? Como é que ela tinha conseguido escapar do carro? Será que ela tentara salvar Florence, sequer? Por que razão Florence não se lembrava de nada do que tinha acontecido naquela noite? E, já agora, porque é que Helen a tinha contratado para transcrever páginas de um romance já publicado?

Algo não batia certo na confissão de Helen. Soara demasiado franca. Helen era uma pessoa brilhante e atraente e arrebatadora, mas transparente? Sincera? Nunca.

A não ser que aquilo não tivesse sido uma confissão.

E, se tivesse sido outra coisa, então o que é que Helen ainda estava a esconder? Se ela admitira ter assassinado a sua melhor amiga, que outros crimes hediondos estaria ela a esconder?

De repente, Florence teve uma ideia: sabia onde podia procurar respostas.

Helen deixara o seu computador portátil na Villa des Grenades depois de ter encenado a sua morte porque não podia faltar nada na casa. Mas por que razão trouxera ela o computador para Marrocos? Elas tinham um computador: aquele que Florence usava para transcrever o manuscrito de Helen e enviar *e-mails*.

Florence usou esse computador para procurar no Google «senha Mac esquecida». Como é que não pensara nisto antes? O processo para redefinir a senha do computador não podia ser mais simples.

Subiu as escadas duas a duas, entrou no quarto e retirou o computador de Helen da gaveta onde o encontrara três dias antes. Não tinha bateria. Ligou-o à corrente e carregou no botão para o ligar, ao mesmo tempo que pressionava as teclas *Command* e *R*. Voltou a olhar para as instruções no ecrã do outro computador. Agora o computador de Helen estava em modo de recuperação; só era preciso escrever «*resetpassword*» no terminal.

De repente, ficou paralisada; ouviu um som vindo do andar de baixo. Apurou o ouvido. Percebeu que Amira cantava baixinho. Não era nada.

Voltou-se de novo para o computador e alterou a senha de Helen para «*massadecurgete*». Agora não havia volta a dar. Da próxima vez que Helen tentasse usar aquele computador, iria perceber que Florence lhe tinha mexido.

Florence viu o ambiente de trabalho de Helen preencher o ecrã negro. O seu entusiasmo rapidamente se desfez. Não havia ficheiros nem pastas. Clicou na pasta de documentos e no lixo. Estavam ambos vazios. Abriu o *browser*. O histórico de pesquisas tinha sido eliminado.

Florence tamborilou os dedos sobre o teclado. Depois fez uma pesquisa no Google: «recuperar ficheiros apagados Mac». Os resultados de topo eram anúncios para programas que garantiam fazer isso mesmo. Descarregou o primeiro, que custava 1,99 dólares, e ficou a observar enquanto o *software* fazia uma pesquisa no disco rígido. Uma barra de progresso, verde-fluorescente, mostrava a evolução do procedimento; chegou aos cinquenta por cento, depois aos oitenta, e nada.

Por fim, aos oitenta e sete por cento, ouviu-se um som. O programa encontrara alguma coisa: uma pasta chamada «Livro2». Florence abriu-a. A pasta tinha vários ficheiros: desde o «Rascunho1» até ao «Rascunho4». Florence clicou no mais recente. Não era o romance de Paul Bowles que ela tinha passado semanas a transcrever. Ela nunca tinha lido aquilo.

A página de rosto dizia:

Quem É Quem em Marrocos
Romance
Maud Dixon

Florence escolheu uma página ao acaso e começou a ler.

Lillian olhou de relance para Iris, que empalidecera ao sol enquanto observava o pescador golpear até à morte o polvo enfraquecido. Lillian sabia que Iris lhe era útil precisamente por ser ingénua, mas isso não a impedia de a considerar repugnante. A fraqueza enojava-a da mesma forma que a crueldade ou a falta de boas maneiras chocavam outros, imaginou.

Florence interrompeu a leitura. Apercebeu-se de que estava a sustentar a respiração e soltou o ar todo de uma vez. Usou o rato para descer até ao fim do documento.

Lillian escondeu seis comprimidos clonazepam no bolso do vestido. O médico dissera-lhe que tomasse meio comprimido antes do voo.

Voltou a verificar o caminho para o restaurante. Fazer a Rue Badr era a única forma de lá chegar — ou de voltar de lá.

Subitamente, ouviu umas pancadas leves na porta. Até a bater a uma porta, Iris era insegura.

Florence fechou a tampa do computador com força. Obrigou-se a respirar fundo diversas vezes, depois levantou-se e caminhou até à casa de banho a

cambalear. Abraçou a sanita por um momento, mas não saiu nada. Foi até ao lavatório e deixou correr a água quente durante vários segundos. Assim que sentiu a pele queimar, o ritmo da sua respiração desacelerou. Olhou para o espelho. Quando estabilizou, fechou a torneira e regressou ao computador. Fechou o documento sem ler mais nada e depois procurou no Google o número de telefone da esquadra da polícia de Cairo, Nova Iorque.

Desceu as escadas até à cozinha e ligou. O telefone tocou várias vezes antes de alguém atender.

— Polícia de Cairo.

— Olá, posso falar com o detetive Ledowski, por favor?

A chamada foi posta em modo de espera, e do outro lado surgiu uma voz diferente:

— Sim?

— Detetive Ledowski?

— Quem fala?

— O meu nome é Florence Darrow. Sou a assistente de Helen Wilcox.

Um breve silêncio.

— Espero que me esteja a ligar para me dizer o número do voo em que ela vem.

— Antes disso ela quer saber se é considerada suspeita no caso da morte de Jeanette Byrd.

— Ela quer saber se é considerada suspeita? — resmungou. — Ela não é considerada suspeita. Ela é a *principal* suspeita. A única suspeita.

— E Jeanette Byrd foi mesmo assassinada? Não pode ter sido autodefesa?

— Dois tiros na nuca? Pois, eu diria que foi assassinada. Uma *execução*, foi o que foi.

Florence desligou o telefone. Esticou os braços para puxar a cadeira mais próxima. Lembrou-se de que Helen tinha dito «por isso subi as escadas para ir buscar a pistola».

Florence tentou recordar-se de tudo o que Helen dissera na noite anterior. O que mais seria mentira? Tudo? Era o mais provável.

Lembrou-se, de repente, de que tinha deparado com Helen de pé, junto à piscina, a meio da noite. *Não*, pensou. *Não*. Sacudiu a cabeça violentamente para tentar expulsar a ideia terrível que lhe tinha ocorrido.

Ainda assim, levantou-se.

Correu para o pátio e dirigiu-se para a borda da piscina, cuja água estava totalmente coberta por uma camada de limos e sujidade. Olhou fixamente para o fundo turvo, negro-escuro. Não conseguia ver nada. Foi buscar uma pedra a um canteiro de flores e atirou-a lá para dentro. O impacto fendeu uma pequena brecha à superfície, que rapidamente voltou a fechar por si. Da pedra, não se via sinal.

Florence olhou por cima do ombro para a casa, depois começou a arregaçar as calças do pijama. As dobras desfaziam-se constantemente, por isso acabou por tirá-las.

— Vai nadar?

Florence deu um salto e voltou-se. Amira estava no terraço, com um regador na mão.

Florence aquiesceu com a cabeça.

— Acho que sim! — respondeu, com um ânimo forçado.

— Vou buscar uma toalha.

— Obrigada.

Com uma careta, pousou cuidadosamente o pé sobre o primeiro degrau da piscina. A água estava mais fria do que esperava. As algas à superfície eram pegajosas e escorregadias. Dezenas de bicharocos de patas compridas saltitavam sobre elas.

Florence cerrou os dentes e desceu o resto das escadas, depois percorreu como conseguiu toda a parte menos funda da piscina, onde a água lhe dava pela cintura. Nada.

Continuou a calcar o chão, que ia ficando cada vez mais longe. Foi desenhando meios círculos com as pernas, o mais amplo que era capaz. Já tinha percorrido praticamente a totalidade da piscina. Começava a sentir-se ridícula.

E depois, de repente, sentiu qualquer coisa. Ali. O que era aquilo?

Tateou com o pé. Era difícil manter-se no mesmo sítio com a água quase ao nível dos ombros. Ali! Sentiu qualquer coisa outra vez.

Encheu o peito de ar e mergulhou. Abriu os olhos, mas não conseguiu ver nada. A luminosidade não atravessava a camada de sujidade à tona de água. Esticou os braços. As mãos pousaram em alguma coisa macia: tecido. Florence moveu as mãos. Dentes. Um nariz. Voltou a mexer as mãos. Sentiu uma trança espessa de cabelo em rastas.

Florence correu a custo até à parte baixa, cuspidando incessantemente.

— Foda-se — disse vezes sem conta.

Saiu da piscina e agarrou na toalha que Amira lhe levava.

— Foda-se!

Enrolou a toalha ao corpo e correu até à sala. Os seus pés molhados escorregaram no mosaico do chão; teve de se agarrar à parede para não cair. Onde estava? Onde estava o cartão de Dan Massey? Já não estava em cima da mesa. Procurou debaixo da mesa, debaixo das cadeiras. Tinha desaparecido.

— Foda-se!

Agarrou no computador que estava na mesa da sala e procurou no Google o número de telefone da embaixada em Rabat. Levou o computador para a cozinha, assustando Amira novamente. Marcou o número e gritou «Dan Massey!» para a pessoa com um tom de voz animado que atendeu. Um momento depois, ele estava em linha.

— Fala Massey.

— Ela matou-o! — disse Florence, numa voz estridente de pânico. — Ela matou-o!

— O quê? Quem fala?

— Florence Darrow.

— Ah! Eu estava prestes a ligar-lhe.

— A Helen regressou. A verdadeira Helen. Ela esteve aqui. Ela matou um amigo meu. Ela matou o Nick. Por favor, o senhor tem de me ajudar!

— Calma, calma, mais devagar. Comece do princípio.

Florence respirou fundo.

— A Helen regressou ontem à noite. A minha chefe, Helen Wilcox, a dona do passaporte que o senhor levou. E ela matou uma pessoa. Ela matou o Nick.

A voz de Florence quebrou. Lembrou-se dele com o cafetã vestido, de turbante, a sorrir e a corar no mercado. Ele só tinha vinte e quatro anos. O que é que ela tinha feito? Florence nem sabia se culpava Helen ou a si própria.

— Nick quê?

— Nick. *Nick*. — Ela não sabia o apelido dele, sequer. — Ele está na piscina.

— Senhora Wilcox, quero que preste muita atenção ao que lhe vou dizer, está bem? Vou novamente a sua casa, mas demoro algumas horas a chegar. Vou também telefonar ao agente Idrissi para ver se ele consegue chegar aí mais depressa. Mas quero que saiba que falei com a Florence há pouco.

— O quê?

— Ela contou-me em parte aquilo que se tem vindo a passar.

— Está a falar de quê?

— Disse que a senhora tem tido algumas ideias loucas. Suicídio. Fugir à lei. Disse que a senhora tem bebido muito e que conseguiu arranjar substâncias psicoativas ilegais. Disse até que a senhora lhe ofereceu dez mil dólares pelo passaporte dela.

— Não, essa era a *Helen*. Ela levou o seu cartão. Ela levou-o.

— Nós estamos todos aqui para a ajudar, está bem? Estamos todos do seu lado. Vamos ter calma. Vou sair agora mesmo. Demoro cerca de cinco horas. Vou ligar ao agente Idrissi assim que desligar. Se eu o conseguir apanhar, ele deverá estar aí daqui a vinte ou vinte e cinco minutos, está bem? E eu chegarei daqui a pouco tempo. Aguarde tranquilamente e não tome decisões precipitadas.

— Está bem — respondeu Florence. — Mas despache-se.

Assim que desligou, o seu nível de adrenalina baixou, como o refluxo da maré. O mundo desacelerou. Viu-se tal como Amira a via. No meio de uma poça de água suja. Sem calças. A apertar um computador portátil contra o peito, com o cabo de alimentação pendurado até ao chão.

— Desculpe — disse para Amira. — Desculpe.

Florence subiu as escadas. Estava encharcada e a tremer. Tinha algas presas ao cabelo e às sobrancelhas.

Idrissi chegaria em breve, repetiu como um mantra para si mesma. Nunca pensou sentir-se tão grata pela sua presença.

Entrou na sua casa de banho original pela primeira vez desde o acidente e trancou a porta. Abriu a torneira do chuveiro e esperou até que a água comesse a ferver, depois penetrou na nuvem de vapor. Desta vez nem se preocupou em manter o gesso do lado de fora. Já estava ensopado.

Idrissi estava a chegar. Massey estava a chegar. Ela iria conseguir que eles percebessem a verdade. Whitney poderia assinar um depoimento. Poderia trazer a

mãe a Marrocos. Não era possível que a pusessem atrás das grades com a identidade de Helen Wilcox. Ela tinha de ter calma. Calma e tranquilidade. Saiu do chuveiro e estava a secar-se quando ouviu umas pancadas leves na porta.

— Florence? — chamou Helen, docemente. Florence gelou.

— Só um minuto!

— Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem.

— A Amina serviu o almoço. Veste-te e vem comer.

— OK. Só preciso de um minuto.

Florence ouviu os passos de Helen a afastarem-se. Esfregou vigorosamente o rosto com a toalha. Vestiu-se e olhou pela janela do quarto, que dava para o caminho de acesso à casa.

Ainda não se via sinal de Idrissi. Mas não podia esconder-se na casa de banho o dia todo. A sua única vantagem é que Helen não desconfiava de que ela suspeitava de alguma coisa.

Desceu. Conseguia ouvir Helen falar com Amira no terraço. A carteira de Helen estava sobre a mesa da entrada. Florence olhou de relance para o terraço e caminhou rapidamente até à mesa. Dentro da carteira estava um passaporte americano. Tirou-o para fora e abriu-o.

Era o seu passaporte. Claro que era. Tinha o seu nome completo, Florence Margaret Darrow, e a sua data de nascimento, tal como vira vezes sem conta em documentos oficiais toda a sua vida. Mas no sítio da fotografia estava o rosto de Helen Wilcox.

Escondeu o passaporte no bolso de trás.

Como é que Helen tinha conseguido obtê-lo? Seria isso que ela tinha ido fazer a Rabat? Florence sabia, pela pesquisa que tinha feito, que Helen só teria precisado de uma cópia do passaporte de Florence e da sua carta de condução. Disso e de fotografias novas.

Helen estava sentada à sombra, no terraço, onde Amira tinha servido o almoço. Tirou uma uva do cacho e pô-la na boca, relaxada.

— Foi bom, o banho?

— Sim. Obrigada. E a ida ao centro?

— Correu bem. Encontrei alguns amigos teus. A Meg e aquele tipo... o Nick, acho eu?

— Ah... Ótimo.

Florence sentou-se e levou à boca o copo de sumo que estava no seu lugar, mas depois lembrou-se de que Helen estivera algum tempo ali sozinha, já com o copo cheio, antes de ela chegar. Fingiu dar um gole e pousou-o na mesa. Sentia-se enjoada. Não conseguia comer. Apercebeu-se de que a sua mão tremia. Escondeu-a sob o tampo da mesa. Onde estaria Idrissi?

Nem sequer sabia se Massey conseguira falar com ele.

— Estás um bocado pálida — disse Helen.

— Estou de ressaca.

Florence observou Helen barrar uma fatia de pão com manteiga, e depois

comê-la. A cada dentada, esticava os lábios numa careta para não esborratar o batom. Uma assassina. Estava a almoçar com uma assassina. Já matara duas pessoas: Jenny e Nick. Era muito provável que também tivesse matado Ellis Weymoth — o homem por cujo assassinato Jenny cumprira uma pena de quinze anos de prisão. O que seria mais plausível: que duas jovens, melhores amigas, se tornassem ambas homicidas, ou que uma delas fosse psicopata, sádica o suficiente para incriminar a outra pelo crime cometido por si? Alguém que consegue, sem reservas, tirar uma vida, certamente não sentirá remorsos por mandar outrem para a prisão. Mesmo a sua melhor amiga.

E agora ela roubara o passaporte de Florence. É claro que, para que Helen o pudesse usar, a verdadeira Florence teria de estar fora de cena — de vez.

Mas o que é que ela podia fazer, além de ficar ali sentada, almoçando em frente a Helen como se tudo estivesse normal? Não podia confrontá-la. Quem sabia do que ela era capaz? Ela até tinha uma pistola em Cairo, sem que Florence soubesse de nada. Não, Florence só precisava de esperar pela chegada de auxílio.

Amira apareceu com uma travessa com salada de frango. Pôs o almoço na mesa e virou-se para Florence:

— Gostou da piscina? — perguntou.

Florence congelou. Olhou para Helen, que franzira o sobrolho e a fixava sombriamente. Nenhuma delas mexeu um músculo sequer. Sem obter resposta, Amira regressou à cozinha. Depois Helen fletiu a mão direita e Florence levantou-se de um salto, fazendo tombar a cadeira no chão com grande estrépito. Correu para dentro de casa e lançou-se escadas acima. Os passos de Helen ecoavam atrás dela.

Florence entrou a correr no seu quarto antigo, foi até à casa de banho e trancou a porta. Sentou-se no chão, encostada à porta, com a respiração ofegante.

Um segundo depois, Helen bateu levemente à porta.

— Florence? — chamou numa voz maviosa. Voltou a bater ao de leve. — Florence, estás bem?

Florence levantou-se de um salto e entrou na banheira. Dobrou as pernas e apertou os joelhos contra o peito.

Helen sacudiu o puxador da porta, primeiro timidamente, depois com mais força. Por fim usou todo o peso do seu corpo para tentar derrubar a porta. A porta era velha, mas a madeira era maciça e resistente. *Vai aguentar*, pensou Florence. A fechadura — uma engenhoca volumosa em latão — também aparentava ser resistente.

A porta parou de abanar. Consequia ouvir Helen a ofegar do outro lado. Por alguns momentos, o único som que se ouviu foi o das duas mulheres a respirarem.

— Porque tinhas de o matar? — perguntou Florence por fim. — Ele era só um rapaz amoroso.

Fazer com que Helen falasse era a melhor forma de ganhar tempo até à chegada de Idrissi, mas, mais do que isso, Florence queria apenas uma explicação.

— Matar quem? — perguntou Helen, inocentemente.

— Tu sabes muito bem. O Nick. Porque mataste o Nick?

O tom da voz de Helen alterou-se.

— Se queres fazer acusações, podes começar por olhar para o espelho, Florence. Foste *tu* que o mataste. No momento em que lhe disseste que o teu nome era Florence Darrow. Estragaste tudo. Devias ter mantido a farsa. Era muito boa. Querias ser a Helen Wilcox? *Excelente!* Estás à vontade para ficar com ela! Mas não podes ficar com duas pessoas. Não podes ficar com a Helen *e* com a Florence. Isso é ganância. Agora a Florence Darrow *sou eu*.

— Eu nem sequer lhe disse que o meu nome era Florence Darrow! — gritou Florence. — Eu disse-lhe que o meu primeiro nome era Florence. Mas que agora preferia usar o meu segundo nome, que é Helen. *Nunca* lhe disse o meu apelido verdadeiro. Não sou estúpida.

— Florence, tu disseste-me que ele sabia o teu nome verdadeiro. Eu tive de supor que te referias ao teu nome todo. Não podia correr riscos. Devias ter sido mais clara. É uma pena, mas, repito, a culpa é tua e não minha.

— Ele era só um rapaz amoroso — repetiu Florence, baixinho.

— Ah, balelas! — bufou Helen. — Era um drogadito com idade para ter juízo, que se comportava como um miúdo para levar mulheres para a cama.

Florence não respondeu. Passado um momento, Helen disse:

— Espera um minuto. Eu volto já. — Depois acrescentou, com uma gargalhada maníaca e trinada: — Não fujas!

Florence ouviu o som dos passos de Helen a afastar-se. Aguardou alguns segundos e entreabriu a porta para espreitar. Helen não estava no quarto. Correu até à janela e olhou para o caminho de acesso à casa. Ainda não havia sinal de Idrissi. Olhou para trás. Para onde havia de ir? Já conseguia ouvir Helen, que regressava. Recuou de regresso à casa de banho e voltou a trancar a porta.

— Muito bem. Onde é que nós íamos? — perguntou Helen.

— Helen, diz-me, por favor, o que está a acontecer. A verdade, desta vez.

Houve um momento de silêncio. Depois Helen disse:

— Anda cá, dá uma olhadela a isto. — Fez deslizar uma folha de papel dobrada por baixo da porta. — Isto explica tudo.

Florence olhou para o papel a medo. O que poderia estar ali? Pôs as mãos no rebordo da banheira e ergueu-se. E depois ouviu-se um ruído abafado e a madeira da porta desfez-se em lascas a meia altura. Aquele som era inequívoco. Helen tinha dado um tiro na porta, e a bala ficara alojada na madeira.

— Helen! — gritou Florence. — Enlouqueceste?

Ouviu um riso abafado do lado de lá.

— Valia a pena tentar.

Sem sair da banheira, Florence esticou o braço para chegar ao desentupidor e usou-o para puxar o papel para si. Desdobrou a folha. Estava em branco.

Houve um momento de pausa em que ambas as mulheres ficaram em silêncio. Helen tamborilou aquilo que Florence assumiu ser a arma contra a porta, como se estivesse aborrecida. Florence puxou uma toalha do toalheiro pesado, em latão, e deitou-se sobre ela, dentro da banheira.

— A Amira ouviu este som de certeza — disse Florence. — Deve estar neste

momento a chamar a polícia.

— Eu mandei-a embora.

Foda-se.

Chegara a altura de abrir o jogo.

— Bem, *eu* chamei a polícia — disse Florence. — Antes de almoço. Já vêm a caminho.

Helen ficou em silêncio durante um momento.

— Mentira.

— É verdade. Liga para a Embaixada, fala com o Dan Massey. Pergunta-lhe.

— Não, estás a mentir. Eu percebo quando estás a mentir. Não vou sair daqui, Florence, vou ficar à tua espera. Mais cedo ou mais tarde, vais ter de sair.

Florence fechou os olhos com força. Idrissi chegaria em breve. Iria dar com ela refém, com uma arma apontada. Tudo se tornaria claro.

— Encenaste o acidente — disse Florence, por fim. — Para que eu morresse e tu pudesses roubar-me a identidade.

— Ah, bravo! — disse Helen.

Florence apercebeu-se, apesar de isso ser absurdo, de que se sentia magoada. Tudo o que ela desejara, ao longo das últimas semanas, era que Helen gostasse dela. E, em vez disso, Helen tentara *matá-la*. Isso não é, por norma, algo que as pessoas façam a alguém de quem gostam.

— Mas como?

— Credo, Florence, nunca viste um filme na vida? Droguei-te, pus o carro em ponto morto, empurrei. *Fin*. Bom, não; *fin*, não. O problema começou aí, não foi? O raio do pescador. Por que raio é que ele estava no mar às dez da noite?

— Mas porque é que não me deixaste em paz como Helen Wilcox? — perguntou Florence. — Se sabias que era isso que eu estava a fazer? Porque é que voltaste?

— Por causa do dinheiro, claro.

— Qual dinheiro?

— O meu dinheiro. Eu fiz de ti herdeira de todos os meus bens. A Helen Wilcox tem de morrer para que a Florence Darrow (que sou eu, não te esqueças) fique com o dinheiro.

Florence admitiu, com relutância, que o plano era bastante engenhoso. Helen poderia viver como Florence Darrow e herdar o seu próprio dinheiro seguindo todos os trâmites legais.

— Mas porque é que me arrastaste para isto? Não podias ter comprado um passaporte falso ou assim?

— E onde é que se arranja isso, Florence? Na loja dos passaportes falsos? E também vendem números de segurança social? E um historial de crédito sem incumprimentos? Não faço ideia de onde é que se arranjam documentos falsos.

— Ias mesmo matar-me, e pronto? — perguntou Florence, baixinho. — Sem hesitações?

Um suspiro.

— Florence, eu pensava que tinha sido absolutamente clara contigo. Nesta

vida, só podemos contar connosco próprios. Fazemos tudo aquilo que podemos para sobreviver.

Florence não respondeu. Era verdade; Helen tinha sido clara.

O tom de voz de Helen enterneceu-se ligeiramente.

— Ao início, não ia *necessariamente* matar-te. Se se passassem seis meses e o corpo da Jenny se decompusesse, iria apenas despedir-te e seguir a minha vida. Mas depois daquela visita do detetive Ledowski, tive de supor que iam descobrir tudo. Tínhamos de sair do país. E depois vi, através do *Nest*, que eles tinham descoberto o corpo, e percebi que tinha de executar o plano.

— Através do quê?

— Do sistema de segurança. Tenho câmaras na propriedade toda. A polícia descobriu o corpo um dia depois de termos chegado a Semat.

— Porque é que viemos para Semat, já agora? É claro que não é para fazer pesquisa para o teu novo livro, que é obviamente só uma cópia do livro de Paul Bowles.

— Percebeste isso, hã? Bem, eu não ia escrever um novo romance só para que tivesses alguma coisa para passar a computador. Mas adiante, viemos para Semat por causa da Rue Badr. Pesquisei no Google «rua mais perigosa de Marrocos». É a primeira da lista.

Florence lembrou-se do manuscrito que tinha conseguido recuperar no computador pessoal de Helen. Iris tinha visto e revisto o caminho até ao restaurante Dar Amal — através da Rue Badr — no seu telefone.

— Encontrei o teu romance novo — disse. — O verdadeiro. *Quem É Quem em Marrocos*.

— É bom, não é? — O orgulho na voz de Helen era mais do que óbvio.

Florence optou por ignorar a pergunta.

— Agora já percebi. Tu não escreves ficção. Provavelmente nem consegues fazê-lo. Tudo em *O Foxtrot do Mississipi* é verdade: mataste aquele homem e deixaste que a Jenny fosse condenada por isso, mesmo sendo inocente.

— Ela não era *inocente*. Ela estava lá. A sua missão era embebedá-lo, coisa que fez. Nós íamos só gozar com ele um bocadinho... mas eu não consegui parar. Não fui capaz de parar. Foi a melhor emoção que senti na vida.

— E, para escreveres outro livro, precisas de outra história.

— Eu admito, pronto, precisava de material novo. Mas matar-te acabava por ser também a forma mais eficiente de desfazer a confusão em que a Jenny me meteu quando bateu à minha porta. Além do mais, eu estava pronta para mudar de vida. Estava aborrecida. — O tom de voz de Helen desceu uma oitava. — Acho que compreendes isso, Florence: este desejo de nos tornarmos uma pessoa diferente. A vida é tão variada. Há tantas maneiras distintas de passar por ela. É uma pena que tenhamos de apreciar apenas uma; principalmente no contexto em que tu e eu nascemos. Consegui captar a tua alma insatisfeita logo na primeira vez que te vi. Foi também por isso que te escolhi. Sabia que irias ser capaz de deixar a tua vida para trás como quem despe um casaco de que não precisa.

— Que me escolheste?

— Que te escolhi para casaco novo.

Nesse momento, Florence percebeu tudo. O facto de ter sido contratada para assistente de Helen não tinha sido uma questão de sorte: Helen tinha-a procurado ativamente. Florence não seria certamente a candidata mais apta para aquela função: acabara de ser despedida por perseguir a família do seu chefe anterior. Helen não precisava de uma assistente talentosa; precisava, sim, de uma nova identidade.

Florence lembrou-se de ter visto as suas contas de LinkedIn, Instagram e Facebook no histórico de pesquisa no computador de Helen. Ela tinha feito o trabalho de casa: encontrara uma pessoa suficientemente parecida consigo e de quem ninguém sentiria a falta. Não havia casaco melhor do que Florence Darrow. Helen começara a planear o assassinato de Florence antes ainda de a ter conhecido.

Florence percebeu então que não iriam ser as palavras a mudar o rumo desta história. A sua única hipótese era continuar a ganhar tempo ou lutar. Olhou em volta em busca de algo que pudesse usar como arma.

— Então e agora? — perguntou Florence. — Dás-me um tiro? Atiras-me para a piscina também?

— Bem, o plano *era* dar-te uma dose de heroína que fosse fatal. Já disse ao Massey que tu, isto é, que a Helen, andava metida nisso. Mas duvido que saias daí e que estiques o braço, mesmo que eu peça com muito jeitinho.

— Vai-te foder, Helen.

— Esta ideia não é assim *tão* absurda, Florence. Não quero soar demasiado cruel, mas que vida é que te espera? Não tens nada. Percebi isso pela forma como escreves.

— Será que eu também devia matar alguém? Para ter um assunto sobre o qual escrever? Será que um bloqueio criativo serve como defesa válida contra uma acusação de homicídio, hoje em dia?

Helen riu-se.

— Estás a ver? Nem sequer consegues ter uma ideia original, tens de roubar a minha. E que tal esta proposta: eu transfiro cem mil dólares para a tua mãe, pela maçada, se tu saíres daí e colaborares. Pensa nisso.

Florence não conseguiu deixar de se rir também.

— Helen, eu não quero saber da minha mãe para nada e não vou deixar que me espetes uma agulha com heroína.

Helen suspirou.

— Muito bem.

Nenhuma delas disse nada. Depois um estrondo metálico ecoou pelas paredes da casa de banho. Florence encolheu-se dentro da banheira. Quando a reverberação do som cessou, Florence espreitou. Helen tinha dado um tiro na fechadura. Estava ligeiramente entortada, mas ainda funcionava. Florence interrogou-se sobre quantas balas Helen ainda teria.

Ouviu-se outro tiro. A fechadura abanou. Helen começou aos pontapés à porta. Florence levantou-se rapidamente. A fechadura estava quase solta. Mais uma pancada e Helen conseguiria entrar.

— Espera! — disse Florence, mas era tarde de mais. — Espera!
Helen abriu a porta com um pontapé.

Florence tinha-se encostado à parede junto à porta e segurava com unhas e dentes o toalheiro de metal que soltara da parede. Assim que Helen entrou, bateu-lhe com a sua arma improvisada na cabeça com a máxima força. Sentiu o embate do ferro contra o crânio.

Depois fugiu.

Estava a meio das escadas, ainda agarrada ao toalheiro, quando ouviu o som de algo a cair no chão da casa de banho.

A pistola.

Demorou um milésimo de segundo a decidir: parou e voltou a subir.

Helen estava de joelhos no chão da casa de banho, agarrada à cabeça com as duas mãos. O sangue brotava entre os seus dedos. Florence agarrou na pistola, que estava no chão junto à retrete, e apontou-a.

Helen olhou para ela, mas não se mexeu.

Ficaram imóveis, como figuras na cena de um quadro, durante um momento. Depois Florence agarrou numa toalha que caíra ao chão e atirou-a a Helen. Helen dobrou a toalha e encostou-a à cabeça, fazendo pressão contra a ombreira da porta.

Florence passou por cima dela e caminhou até à janela do quarto, sem desviar o olhar, nem a arma, de Helen. Olhou de relance lá para fora. Ainda nada de Idrissi.

Florence voltou-se de novo para Helen.

— Eu pensei que era tudo encenado — disse. — A tua indiferença. A tua atitude de eu-não-devo-satisfações-a-ninguém.

— Eu não tenho de fingir ser alguém que não sou — disse Helen, com uma voz rouca. — Ao contrário de ti.

— Eu não estou a fingir — defendeu-se Florence.

Helen bufou:

— É claro que estás. Começaste a imitar-me logo no dia em que chegaste. Pensas que não reparei? O teu interesse súbito por ópera e por vinho e por culinária? «Está um calor dos infernos?» Por favor, Florence! Tu até a minha roupa vestiste!

Florence olhou para o vestido que tinha no corpo.

— Está bem, e depois?! — exclamou. — Eu odiava a minha vida! Queria algo melhor para mim. Isso é assim tão mau?!

— Então devias ter *criado* uma vida melhor para ti — respondeu Helen. — Em vez de a *roubares*.

Florence não disse nada, mas conseguiu sentir a sua face a arder. Aquilo era um disparate. Toda a gente rouba, incluindo Helen. Ela roubara a Jenny. Ela roubara quem quer que lhe tivesse dado a conhecer Verdi e Châteauneuf-du-Pape.

Não, Florence não ia pedir desculpa. Bastava de desculpas. Ela podia ser quem quisesse e faria o que fosse preciso para o obter. Tinha baixado a arma, mas nesse momento voltou a erguê-la e apontou-a a Helen. Os seus lábios entreabriram-se num sorriso cruel.

— Escuta — atalhou Helen, num tom de voz mais apreensivo do que antes

—, podemos dividir o dinheiro. — O sangue pingava da sua orelha direita.

Florence abanou a cabeça sem parar de sorrir.

— Podes ficar com o dinheiro todo, então. Até podes ficar com a Maud Dixon. Eu começo do zero.

Florence voltou a abanar a cabeça.

Helen fez uma pausa. Logo em seguida, um dos seus sorrisos implacáveis, sem mostrar os dentes, surgiu no rosto manchado de sangue, e o seu olhar brilhou com intensidade. Riu-se sem ânimo.

— Tu não és capaz, Florence. Eu conheço-te. Falta-te a coragem.

Helen pôs-se de pé com dificuldade, usando a ombreira da porta como apoio.

— Não te mexas! — ordenou Florence. — Volta a sentar-te.

Helen começou a caminhar, aos tropeções, pelo quarto, em direção ao corredor.

— Não aprendeste nada com a minha história, Florence? — perguntou, voltando a cabeça para olhar para ela. — Não podes matar uma pessoa com um tiro nas costas e depois dizer que foi autodefesa.

Florence viu, impotente, a distância entre ela e Helen aumentar.

— Para — disse outra vez.

Helen estacou mesmo à saída do quarto, mantendo o corpo virado para fora. Se uma bala a atingisse ficaria alojada nas suas costas.

— Que desperdício — disse baixinho. — Eu faria de Florence Darrow uma pessoa notável. Mas tu? Tu não és ninguém. És *um zero*.

Florence respirou fundo.

Bastava de meias-medidas.

Com três passos largos e rápidos, atravessou o quarto. Helen estava a menos de meio metro do varandim que dava para o pátio central da casa. Florence encostou as mãos às costas de Helen e empurrou. Com força.

Helen cambaleou e girou os braços, descontrolada, tentando voltar a equilibrar-se. Depois o seu corpo tombou sobre o gradeamento.

OuvIU-se um som abafado vindo de lá de baixo. Florence espreitou. Helen estava deitada de costas no chão de mosaico, com os olhos abertos, mas sem conseguir focar a visão.

De repente, Helen gemeu baixinho.

Florence correu escadas abaixo. Uma poça de sangue alastrava em torno da cabeça de Helen, como uma auréola. O seu olhar encontrou o de Florence. Desta vez, o medo que revelava era real.

— Ajuda — disse, com esforço, tentando humedecer os lábios. — Ajuda-me.

Florence foi rapidamente até à sala. Quando regressou, disse a Helen:

— Vai ficar tudo bem.

— Médico?

— Não. Lamento. O que eu queria dizer é que vai ficar tudo bem *para mim*.

Florence ergueu a almofada que trouxera do sofá da sala e encostou-a ao rosto de Helen. Helen tentou debater-se, mas estava demasiado ferida. Parecia um escaravelho a tentar pôr-se de pé. Florence manteve aquela posição durante o que lhe pareceu uma eternidade, ficando cada vez mais nervosa e mais rígida. Este

seria um momento inoportuno para a chegada de Idrissi.

Por fim, Helen deixou de a agarrar e os seus espasmos cessaram. Ficou imóvel.

Florence ergueu a almofada. Os olhos de Helen estavam abertos e vítreos.

Foi nesse momento que ouviu o som de pneus sobre a gravilha lá fora.

O vulto de Ramzi surgiu na entrada, e Florence atirou-se para os braços dele. O polícia aceitou o abraço com um desconforto notório.

— Graças a Deus que chegaram! — gritou ela.

Florence sentiu os músculos enrijecer assim que pousou o olhar no corpo inerte de Helen, no chão atrás dela. Com gentileza, mas sem hesitação, o polícia afastou-a e aproximou-se do cadáver. Ajoelhou-se e encostou dois dedos ao pescoço de Helen. Ficou assim durante um minuto completo, movendo ocasionalmente a mão um ou dois milímetros. Em seguida, virou a cabeça lentamente e olhou para Florence por cima do ombro. Ela captou tristeza e horror no olhar dele.

Idrissi levantou-se e fez uma chamada breve. Enquanto guardava o telefone no bolso, disse para Florence:

— Esta é a sua amiga. A tal que regressou a Marraquexe.

Florence não percebeu se aquilo era uma afirmação ou uma interrogação.

— Esta é a Helen Wilcox — respondeu.

Ele olhou novamente para o corpo, e depois outra vez para Florence:

— Sendo assim, quem é a senhora?

— Florence Darrow — respondeu, num sussurro. E depois mais alto: — Sou a Florence Darrow.

*

Durante essa tarde, meia dúzia de funcionários oficiais andaram num corripio a entrar e a sair da Villa des Grenades. Dan Massey chegou algumas horas depois de Idrissi. Trouxera consigo o passaporte de Helen Wilcox, aquele que retirara a Florence dois dias antes.

A articulação do seu joelho estalou audivelmente quando ele se baixou para comparar a fotografia com o rosto da mulher morta. Pela maneira como ele fechou o passaporte com força e cerrou os dentes, Florence percebeu que ele tinha compreendido nesse momento que se enganara acerca dela. Ela não era Helen Wilcox, afinal.

Florence esteve na sala com Massey e com Idrissi durante perto de uma hora, a explicar o que tinha acontecido. Helen tentara matá-la para lhe roubar a identidade, porque sabia que o corpo que estava na sua propriedade em Nova Iorque seria descoberto. Tinha encenado um desastre de automóvel, primeiro, e depois regressara para terminar a tarefa. E quase conseguira.

Eles fizeram-na repetir o relato várias vezes, mas Florence sabia que os factos não se alteravam porque ela estava, por mais incrível que parecesse, a dizer a verdade. Omitiu apenas uma coisa e fez uma alteração. Nunca mencionou o nome Maud Dixon, e disse que Helen tinha tombado do andar de cima durante a luta pela posse da arma.

— Então a senhora pensou que a sua chefe tinha morrido naquele acidente,

mas não disse nada? — perguntou Idrissi a dada altura. — A ninguém?

Florence encolheu os ombros.

— E se ela tivesse sobrevivido? E se fosse possível salvá-la?

— Mas ela nem sequer ia no carro... — respondeu Florence, com um meio sorriso sereno.

Idrissi olhou apenas fixamente para ela.

— Diga-me novamente o que se passou no corredor lá em cima, durante a discussão — exigiu ele.

Florence repetiu tudo outra vez.

— Ela estava a apontar-me a arma. Eu lancei-me a ela. E lutámos. No meio da luta, a Helen caiu.

A voz quebrou-se-lhe. Esfregou os olhos até ficarem vermelhos e moídos.

Idrissi continuou a olhar fixamente para ela.

— Escute — disse Florence, mais veemente —, ela já tinha tentado matar-me uma vez, no acidente de carro. Já tinha matado a sua melhor amiga. Eu não ia cometer o erro de voltar a subestimá-la.

Massey interrompeu-a.

— Fomos todos peões no jogo dela — murmurou. Idrissi e Florence voltaram-se ambos para ele, surpreendidos.

Ele estivera quase sempre em silêncio, a ouvir a narrativa de Florence, perguntando pouca coisa e acenando com a cabeça várias vezes. Este caso era uma vergonha para ele, Florence sabia. Ele não tinha acreditado nela. Tinha acreditado na narrativa inventada por Helen.

E foi nesse momento que Florence lhes falou do cadáver na piscina.

Isto desencadeou novo frenesim de atividade para encontrar o corpo de Nick, dragar a piscina, tirar fotografias e — por fim — retirar o corpo. Florence desviou o olhar durante todo este processo.

Ao invés, observou o rosto de Massey revelar a tomada de consciência de que, se tivesse acreditado em Florence, Nick ainda poderia estar vivo. Foi então que Florence percebeu que ele estava tão desejoso de encerrar aquela investigação quanto ela.

Idrissi era o único que ainda resmoneava de raiva e incredulidade. Mas o que podia ele fazer? Mesmo suspeitando de que a história contada por ela não era verdadeira, não tinha provas de que ela tivesse, de facto, feito alguma coisa ilegal.

Por fim, deram-lhe permissão para regressar a Marraquexe na manhã seguinte. No fim de contas, não podia haver julgamento. A assassina tinha morrido.

Vinte e quatro horas depois, Florence chegou a uma entrada luxuosa, com um arco imponente, na Avenida Al Fatouaki, em Marraquexe. O nome do hotel estava escrito em letras monumentais sobre o arco: La Mamounia. Florence transpôs a entrada e desembocou num pátio com oliveiras e palmeiras luxuriantes. Do lado oposto do pátio, um edifício com uma fachada muito trabalhada emergia por entre a folhagem.

A caminhada desde o hotel onde ela estava alojada, o mesmo onde ficara com Helen, demorara apenas dez minutos. Desta vez, Florence percorrera o labirinto de ruas estreitas com uma facilidade surpreendente e tomou a direção da avenida movimentada sentindo-se fortalecida pelo caos, em vez de receosa.

Usava óculos escuros e um chapéu de palha de aba larga que comprara no mercado nessa tarde, apesar de o sol estar praticamente a pôr-se.

Dois homens de capa encarnada e fez branco abriram duas enormes portas de madeira ao vê-la aproximar-se. Uma lanterna acesa oscilava junto à ombreira.

O *lobby* do hotel parecia um centro comercial de luxo, com uma boutique da Yves-Saint Laurent e uma loja parisiense de *macarons*. Era apenas mais um templo dedicado ao comércio de luxo, forrado a mármore. Helen tinha razão, pensou: a solidão e a liberdade eram formas de opulência muito mais valiosas.

Florence telefonara a Greta na noite anterior, depois de Idrissi e de Dan Massey terem abandonado por fim a Villa des Grenades, para remarcar o encontro para o dia seguinte, mas não explicara porquê. Agora Florence viu-a instalada num canto escuro do bar Churchill, nas traseiras do *lobby*. Tinha o rosto iluminado pelo brilho artificial do telemóvel, e uns óculos de ver ao perto equilibrados na ponta do nariz. Quando Florence disse olá, Greta sobressaltou-se.

— Florence, assustaste-me! — Greta tirou os óculos e dobrou as hastes. — Senta-te, por favor.

Florence ocupou a cadeira faustosa de veludo que estava em frente a Greta.

— Aqui está ele — disse Greta, fazendo sinal a um empregado de colete grená. — O que queres beber?

— Pode ser o mesmo que a Greta — respondeu Florence, apontando para o copo de vinho quase vazio que estava na mesa.

— São mais dois copos de *pinot noir* — pediu Greta.

O homem fez um sinal com a cabeça e desapareceu tão discretamente como chegara.

— O que é que te aconteceu? — perguntou Greta a Florence, franzindo o sobrolho ao reparar nos seus ferimentos.

— Bem, isso é um dos capítulos da história que tenho para lhe contar. E fica já avisada: não tem um final feliz.

Greta alçou o sobrolho.

— Muito bem, sou toda ouvidos.

O empregado chegou com as bebidas, e ficaram ambas em silêncio enquanto ele dispunha os copos sobre bases de papel branco com um motivo rendilhado.

Depois de ele se ter afastado, Florence bebeu um gole de vinho e começou o relato.

— E se eu lhe disser que *O Foxtrot do Mississipi* não é um livro de ficção? Que aquele assassinato aconteceu mesmo, e que foi a Helen Wilcox que o cometeu?

Florence observou atentamente o rosto de Greta. O seu semblante denotou preocupação e espanto, como se ela não conseguisse decidir se deveria acreditar em Florence ou não. Mas Florence não teve dúvida de que ela tinha sido apanhada de surpresa. Durante todo este tempo, Florence tinha-se perguntado se Greta saberia do segredo de Helen.

— Deixe-me começar pelo princípio — disse Florence.

Depois explicou-lhe o que tinha acontecido entre Jenny e Helen quando eram adolescentes, como Helen assassinara um homem e deixara que a sua amiga fosse condenada por isso. Como Jenny tinha ido visitar Helen depois de ter saído em liberdade condicional; como Helen a tinha matado.

Greta ouviu tudo quase sempre em silêncio, mas quando chegou a parte da pilha de compostagem, interrompeu:

— Florence, isso são acusações muito graves. Como podes estar certa de que isso aconteceu mesmo?

— Faça uma pesquisa — respondeu Florence. — Procure no Google «Helen Wilcox Cairo Nova Iorque».

Alguns jornais da área já tinham publicado a notícia; a descoberta de um cadáver numa pilha de compostagem era um grande acontecimento num meio pequeno como Cairo.

Greta hesitou, depois pegou no telefone e começou a teclar. Florence viu-a empalidecer.

— Deus do céu! — sussurrou Greta.

Florence prosseguiu. Explicou a razão por que Helen a tinha contratado: para simular a sua própria morte e roubar a identidade de Florence, chegando ao ponto de ter alterado o testamento para conseguir manter a sua fortuna.

Greta abanou a cabeça.

— Eu percebi que algo estranho se passava quando ela me disse que queria uma assistente. Não fazia sentido. A sua preocupação mais fundamental tinha sido sempre a privacidade.

Florence descreveu o acidente de carro.

— Foi aí que eu me feri — disse ela, erguendo o pulso engessado. Ao descrever o regresso de Helen à Villa des Grenades para completar a tarefa, ficou com os olhos marejados de lágrimas. — Ela tinha uma pistola, Greta. Eu não sabia o que havia de fazer.

— Onde é que a Helen conseguiu arranjar uma pistola? — perguntou Greta, surpreendida.

— Em Rabat, acho eu. Onde obtive o passaporte. A polícia está a investigar.

Ela duvidava de que esta última parte fosse verdade. Massey não iria investigar nada, certamente; talvez Idrissi o fizesse. De qualquer forma, Florence não estava muito preocupada. O que quer que a polícia descobrisse, só iria corroborar a sua

história. Helen era a criminoso. Florence era a vítima.

— A polícia... — disse Greta. — Então a Helen está presa?

Florence abanou a cabeça e uma lágrima escorreu-lhe pela face.

— Nunca me tinham apontado uma arma — murmurou.

— Florence, o que é que aconteceu? — O tom de voz de Greta descera uma oitava.

— Agi por instinto. Lancei-me a ela antes que ela conseguisse premir o gatilho. E, durante a luta, a Helen tombou do varandim. Caiu no pátio da casa. Segundo a polícia, teve morte instantânea.

Greta abriu muito os olhos.

— A Helen morreu?

Florence disse que sim com a cabeça.

— Meu Deus.

Florence ficou em silêncio enquanto Greta assimilava tudo aquilo.

— Meu Deus — repetiu ela, abanando a cabeça.

— Lamento muito.

Passado um momento, Greta pôs a mão sobre o gesso de Florence.

— Eu também lamento muito. Deve ter sido uma experiência terrível, assistir assim à morte da Helen.

— Foi horrível. Estou sempre a pensar se haveria outra coisa que eu pudesse ter feito...

— Não faças isso. A culpa não foi tua. Se ela te estava a apontar uma arma, que alternativa é que te restava?

— Não sei. Talvez pudesse ter tentado falar com ela... Talvez convencê-la pela argumentação.

— Convencer a Helen Wilcox? Isso teria sido uma batalha perdida, na melhor das hipóteses.

Florence fez um sorriso triste.

— Isso é verdade.

Greta voltou a abanar a cabeça.

— Eu ainda não consigo acreditar.

— Eu sei. Eu própria ainda estou em choque... — Florence fez uma pausa. — E nem sequer tenho tanto a perder quanto a Greta, com o desaparecimento dela.

Greta lançou um olhar cortante a Florence.

— O que queres dizer com isso?

— Bem, a Maud Dixon também morreu, não é?

— Florence, garanto-te que a minha principal preocupação neste momento não é essa — respondeu Greta, mas a sua voz não tinha o mesmo tom confiante de sempre.

— Claro que não. É terrível que a Helen tenha morrido, eu só quis dizer que *também* é trágico que não volte a haver um livro da autoria de Maud Dixon. Ela era tão talentosa...

Greta assentiu com a cabeça enquanto fazia girar o copo de vinho na mão.

— É verdade.

Ficaram ambas em silêncio durante algum tempo. Florence perscrutou a sala, que estava rapidamente a encher-se, e bebeu mais um gole de vinho. Gostava bastante do sabor deste. Não era tão pesado nem tão intenso quanto o do Châteauneuf-du-Pape, que Helen preferia.

Greta estava novamente a olhar para a mesa com uma expressão vazia no rosto. Florence interrogou-se sobre o que lhe estaria a passar pela cabeça; a expressão dela era impenetrável.

Passado um minuto ou dois, Florence aclarou a voz.

— A não ser que...

Greta ergueu o olhar.

— A não ser que o quê?

— Nada, tem razão. Não é o momento certo para estar a pensar nestas coisas.

— A não ser *que o quê?* — perguntou Greta, impaciente.

— Acho que é importante que saiba que eu tenho o último manuscrito da Helen; o do seu segundo romance. Não tem nada que ver com o que eu estava a transcrever em Cairo. Ela estava a escrever algo completamente diferente: *Quem É Quem em Marrocos*. A narrativa é inspirada no plano que ela estava a engendrar enquanto escrevia, o plano de acabar com a minha vida e de assumir a minha identidade.

Greta pousou o copo.

— A Helen terminou o segundo livro?

— Não está terminado. Isto é, ainda não se pode propriamente dizer que seja um livro. Mas já lhe consigo dizer que é do mesmo calibre de *O Foxtrot do Mississípi*.

As bochechas de Greta começaram a recuperar a cor.

— Tem-lo aqui? Agora?

Olhou de relance para a mala de Florence, no chão.

— Não, não achei que fosse prudente trazê-lo. Está no cofre no meu quarto de hotel.

— Florence, eu preciso de ver esse manuscrito.

— Bem, como eu disse, ainda precisa de ser muito trabalhado.

— Não faz mal. Podemos arranjar alguém que faça esse trabalho. Fitzgerald morreu antes de conseguir acabar *O Último Magnata*. — Soltou uma risada breve.

— Agora que penso nisso, esse também é um *roman à clef*.

Florence sorriu também.

— Na verdade, Greta, pensei que podia ser eu a fazê-lo.

Greta franziu o sobrolho.

— A fazer o quê?

— A terminar o romance. Ninguém trabalhou tão próximo da Helen quanto eu, à exceção de si, claro. Eu conheço a voz dela. Sei como ela pensa. Além do mais, a Greta disse que eu tinha talento. Disse até que eu lhe fazia lembrar a Helen.

Greta acenou com a cabeça lentamente.

— Pois foi. Eu disse isso, disse... — Deu um gole no vinho e olhou de relance

para a mesa ao lado da delas, onde duas mulheres jovens estavam a compor uma fotografia dos seus *cocktails*. — E mantenho a minha opinião; tu *tens* muito potencial. Mas esta é uma tarefa delicada, Florence. Eu acho que para um projeto destes, dado... tudo o que se passou... Bom, vamos ponderar todas as opções de que dispomos antes de tomar qualquer decisão, está bem?

Florence fitou Greta sem dizer nada. A máquina fotográfica da mesa do lado emitiu uma luz de *flash*. Greta estremeceu. Florence, não.

— Greta — disse Florence calmamente —, eu tenho um pulso partido e duas costelas fraturadas. Não tenho emprego nem casa onde morar. E apesar de não querer ser brutalmente honesta, foi graças a si que acabei nesta situação. A Greta foi cúmplice da Helen, de forma intencional ou não.

Greta tinha empalidecido outra vez. Mas Florence não podia abrandar agora.

— Pode condenar os crimes da Helen à vontade, mas a verdade é que também lucrou com eles. Quanto é que faturou com *O Foxtrot do Mississípi*? Quantas portas é que esse livro lhe abriu? A Greta participou nos crimes dela: em *ambos*. Eu fui a vítima.

Greta encarou Florence sem conseguir dizer nada.

— Não lhe estou a pedir um milhão de dólares, Greta. Estou só a pedir que me dê uma oportunidade. Só isso. Um empurrãozinho. Tendo em conta tudo o que aconteceu, não me parece que seja pedir demasiado. — Bebeu um gole de vinho. — O que é que acha?

— Florence — respondeu por fim Greta —, eu percebo o teu ponto de vista e tens razão... Fui parcialmente cúmplice de tudo isto. Consigo admitir isso, e custa-me. Mas não é justo que te deixe escrever o próximo livro de Maud Dixon apenas porque foste vítima dela. É natural que exijas ser *compensada*, e isso é algo que podemos discutir, mas não te consigo dizer neste momento que a compensação será essa. Lamento.

Florence ficou muito quieta. Depois abanou a cabeça e sorriu.

— Tem toda a razão, Greta, claro. Não sei o que me passou pela cabeça. Estes últimos dias foram muito intensos.

Escondida pelo tampo da mesa, a mão dela apertou a alça da sua mala de mão até as falanges perderem a cor.

— Imagino. Tudo isto também me deixou muito abalada. Vamos dar tempo ao tempo. Assimilar tudo o que se passou. Queres beber mais qualquer coisa? Acho que podemos pedir mais um copo para cada, bem merecemos.

Greta olhou em volta em busca do empregado, apesar de ambos os copos ainda estarem meio cheios.

Florence anuiu com a cabeça e esticou o braço para pegar no copo, mas, sem querer, derrubou-o. O vinho tinto manchou a blusa de seda de Greta e escorreu-lhe pelo colo. Greta e Florence levantaram-se rapidamente.

— Peço imensa desculpa! — exclamou Florence, usando a base de papel para tentar, sem grande efeito, absorver o vinho da zona do peito da blusa de Greta. Greta afastou as mãos dela.

— Não faz mal. Não mexas mais. Deixa. Vou à casa de banho limpar-me. Com

licença.

Greta afastou-se em passo rápido, tentando impedir que a blusa empapada se colasse ao corpo.

Florence voltou a sentar-se. Um homem de *smoking* começou a tocar num piano de cauda que havia num canto da sala. Da mesa ao lado ouviram-se gargalhadas depois de alguém ter dito uma piada.

Greta regressou alguns minutos mais tarde. A mancha estava igual ou pior.

— Peço imensa desculpa — repetiu Florence.

— Não faz mal. A sério. A minha lavandaria em Manhattan faz milagres na limpeza a seco. Esqueçamos isto. Pediste outra bebida?

Greta bebeu de um trago o que restava no copo dela, com uma leve careta.

— Não. Pensei que quisesse ir mudar de roupa. E, para dizer a verdade, não me estou a sentir muito bem. A medicação que tomo para as dores deixa-me um pouco atordoada. Como se *vê*, aliás. Talvez possamos pedir alguma coisa pelo *room service*? Para o seu quarto? Comer normalmente ajuda...

— Ah! Hã... claro. Podemos fazer isso. Deixa-me só dizer ao empregado que ponha isto na conta.

— Desculpa o caos — disse Greta ao abrir a porta da sua *suíte*.

O quarto era amplo e luminoso. Tinha um friso de mosaico na parede, a toda a volta, e uma cama gigante de largura *king-size*. À exceção de uma camisola sobre as costas de uma cadeira, estava absolutamente imaculado.

Florence caminhou até à janela e espreitou a vista. Lá em baixo havia um extenso jardim com laranjeiras dispostas em fileiras. A lua acabara de despontar no céu que escurecia.

Greta entregou a ementa de *room service* a Florence.

— Manda vir o que te apetecer. E podes ir buscar uma garrafa de água ao minibar.

Florence sentou-se na cadeira e examinou atentamente o *menu* enquanto Greta trocava de roupa na casa de banho. Quando regressou, sentou-se na cama e esfregou o rosto com as mãos.

— Meu Deus, sinto-me exausta — disse ela.

Florence assentiu com a cabeça.

— Não me surpreende.

Greta fechou os olhos, e por momentos Florence pensou que ela adormecera assim sentada. Depois voltou a abri-los e disse, a custo:

— O que é que nós estávamos a...

Florence sentou-se ao lado dela e empurrou-lhe as costas para que ela tombasse gentilmente sobre a cama.

— Eu sei como se sente. Foi um grande choque.

Greta olhou para ela com os seus olhos azuis muito abertos, numa desorientação evidente.

— É da hidrocodona — explicou Florence. — Os analgésicos que me deram no hospital depois de ter tido o acidente. Parei de os tomar porque não gosto de como me fazem sentir. Uma pessoa fica confusa, não é?

Greta disse que sim com a cabeça.

— Confusa... Sim... Mas tu...

— Porque não fecha os olhos por um bocadinho?

Como se fosse uma criança, Greta obedeceu. Florence ficou sentada a observá-la por um momento. Estava surpreendida por os comprimidos terem atuado tão depressa. Tinha desfeito quatro, um a mais do que os que usara com Whitney ainda no seu hotel, e deitara o pó na bebida de Greta quando esta saíra da mesa para ir limpar a blusa.

Assim que teve a certeza de que Greta estava inconsciente, tirou um par de luvas de borracha da mala. Calçou as luvas, depois retirou da mala um saco de papel amarrotado. Lá dentro estava uma seringa nova em folha, um saquinho com um pó acinzentado e um elástico. Encontrara tudo aquilo nos bolsos do cadáver de Helen segundos antes da chegada de Idrissi: eram as ferramentas necessárias para a *overdose* que Helen planeara para Florence.

Em Semat tinha agido de improviso, mas agora, no quarto de hotel de Greta,

Florence podia trabalhar com tempo e com método. Viu as horas. Tinha tempo de sobra.

Foi até à casa de banho e despejou o pó num copo que estava sobre a bancada. Depois foi à mala buscar uma caixa de veneno para ratos que comprara a caminho deste hotel. Deitou uma pequena quantidade do veneno em pó também para dentro do copo. Aprendera, através de uma pesquisa *online*, que os raticidas eram das substâncias mais comuns — e mais mortíferas — que surgiam misturadas com a heroína que se comprava ilegalmente. Bastava de meias-medidas.

Adicionou um pouco de água e agitou o copo com a mistura esbranquiçada.

Espreitou para dentro de um frasco de mármore que estava sobre o balcão e encontrou uma série de bolinhas de algodão em rama. Retirou uma e usou-a como filtro para verter o líquido granuloso para um segundo copo.

Nessa tarde, encontrara no YouTube um vídeo com instruções detalhadas sobre como injetar drogas, partilhado por um programa de troca de seringas de Columbus, no Ohio.

Mergulhou a ponta da seringa na mistura esbranquiçada e puxou o êmbolo. Sem retirar a seringa do copo, bateu ao de leve no cilindro para que as bolhas de ar subissem para o topo.

Regressou ao quarto. A boca de Greta estava entreaberta e a sua respiração era profunda e ruidosa.

Florence pegou-lhe no braço direito, como teste, e deixou-o cair. Greta não reagiu. Florence apertou o elástico com força em torno do bíceps de Greta até fazer sobressair uma veia arroxeadada. Tentou espetar a agulha, mas a veia desviou-se, tímida, para o lado. Florence respirou fundo para evitar que a mão lhe tremesse e tentou novamente.

Desta vez a agulha atingiu o alvo. Greta gemeu e revirou os olhos. Florence empurrou o êmbolo da agulha lentamente, enquanto observava a descida do líquido. Parou quando o cilindro estava cheio pela metade e retirou a agulha. Depois mudou de braço e repetiu o processo. Fez isto repetidas vezes, enchendo a seringa uma e outra vez, até o corpo de Greta ficar com perto de doze marcas de injeção. A sua intenção era que estes indícios dessem a entender que Greta se drogava habitualmente, ainda que tivesse esperança de que a investigação nem chegasse a esse ponto. Calculava que tanto o hotel como a polícia tivessem interesse em abafar o caso. O turismo era, afinal de contas, uma atividade fundamental.

Subitamente, quando Florence tinha a agulha espetada entre os dedos dos pés de Greta, o corpo dela teve uma convulsão. Começou a tremer violentamente, e um líquido amarelado correu-lhe pela boca. Os olhos abriram-se de repente, e procuraram, desesperados, alguma coisa a que se agarrar. Florence deitou-se no chão, instintivamente.

Quando Florence se ergueu, a medo, os olhos de Greta ainda estavam abertos, mas o seu corpo estava inerte.

Florence encostou dois dedos ao pulso de Greta. Não conseguiu sentir nada. Por via das dúvidas, foi buscar o espelho de maquilhagem à casa de banho e

encostou-o à boca de Greta. Era uma técnica antiquada, mas Florence precisava de ter a certeza. Não podia correr o risco de Greta acordar e dar com a língua nos dentes.

Depois de se certificar de que Greta estava morta, devolveu o espelho à casa de banho. Depois pressionou os dedos de Greta contra a seringa e contra o copo que continha o líquido. Encontrou o telefone de Greta e inseriu um número na lista de contactos.

Por fim, Florence inspecionou cuidadosamente o quarto até ter a certeza de que estava exatamente como ela o tinha encontrado ao entrar. Tirando o cadáver sobre a cama.

Pendurou o aviso de «Não incomodar» na maçaneta da porta e saiu de mansinho. Já no corredor, retirou as luvas e guardou-as no bolso das calças.

Já estava.

Enquanto esperava pelo elevador, olhou para o relógio. Faltavam dez minutos para as sete. O traficante que Liam lhe indicara chegaria daí a pouco tempo. Ela tinha-lhe dado instruções para que perguntasse por Greta Frost na receção. Ele pedira o número do quarto, mas Florence tinha sido firme. Ele era uma peça fundamental da história. O número de telefone dele seria encontrado no telefone de Greta, mas Florence também precisava de que um empregado do hotel testemunhasse a sua chegada.

Florence atravessou o *lobby* concorrido em passo apressado e saiu do hotel. A noite estava escura e quente. Já cá fora, as luvas aterraram, silenciosas, num contentor de lixo cheio até ao rebordo.

— Senhores passageiros, atingimos a nossa altitude de cruzeiro de cerca de nove mil metros. Está um entardecer muito agradável, por isso vou convidar-vos a recostarem-se e relaxarem. Não hesitem em chamar um assistente de bordo caso haja alguma coisa que possa tornar a vossa viagem mais confortável.

Florence bebeu mais um gole de champanhe e esticou as pernas.

— Deseja mais alguma coisa, senhora Darrow?

Uma hospedeira com um risco de *eyeliner* absolutamente perfeito nas pálpebras sorriu-lhe. Florence retribuiu o sorriso.

— Mais uma manta, por favor.

Depois carregou num botão e o seu assento reclinou-se até ficar completamente deitado. Cobriu os olhos com a venda oferecida.

Viajar *assim* é que era vida. Nem sequer se importava que lhe chamassem Sra. Darrow. Fora obrigada a regressar ao seu nome antigo, mas os três milhões de dólares que herdara — além da casa — serviam de consolo. Um consolo substancial, na verdade.

Em teoria, o dinheiro e a propriedade só passariam para o seu nome daí a alguns meses, mas ela preferia deixar as letras pequeninas para as mentes acanhadas. Além disso, nem sequer tivera de pagar para ir em primeira classe: bastara-lhe trocar o lugar de Helen Wilcox com o de Florence Darrow quando chegou ao aeroporto.

A assistente de bordo regressou com a manta e dispô-la cuidadosamente sobre o corpo de Florence.

Ali deitada, ao som do ronronar dos motores, Florence fez um exame de consciência em busca de arrependimento. Não o encontrou.

Ela sabia que podia ter deixado Helen viver. Bastaria ter esperado mais cinco minutos pela chegada de Idrissi. Mas Florence suspeitava de que Helen preferiria a morte à indignidade de ser presa. Além do mais, não valia a pena deitar fora uma fortuna daquelas.

E certamente poderia ter deixado Greta viver — bastava estar disposta a abdicar do nome Maud Dixon. Tinha esperado sinceramente que Greta aceitasse a sua proposta e a deixasse terminar o manuscrito de Helen. Matá-la era o seu plano B: um mal necessário.

Não, não sentia remorsos. Aquilo que ela mais queria na vida tinha-lhe caído no colo. É verdade que chegara de uma forma que não podia ter sido mais bizarra nem mais inescrutável, mas deixar fugir essa oportunidade teria sido uma loucura.

Sentia-se mal pelo que acontecera a Nick, isso, sim. Mas a culpa disso não fora dela. Helen é que o tinha matado. Além do mais, vendo bem as coisas, ela mal o conhecia. Se o relacionamento deles tivesse acabado naturalmente, tal como a maioria dos casos de verão, já mal se lembraria dele.

A voz nasalada do homem sentado do outro lado cortou-lhe abruptamente a linha de raciocínio, ao pedir mais um copo de *pinot noir*.

Florence tirou rapidamente a venda dos olhos e endireitou-se no assento. O seu

coração parecia prestes a saltar-lhe do peito. A hospedeira chegou, apressada, com uma garrafa de vinho.

Florence abanou a cabeça. Não era nada.

Voltou a deitar-se, mas, assim que fechou os olhos, viu o rosto de Greta a olhar para ela, com aqueles olhos incrivelmente azuis.

«Confusa... Sim...»

Florence endireitou as costas do assento. Bateu com as mãos, ao de leve, nas bochechas. Depois vasculhou o saco, em busca de um bloco e de uma caneta.

Decidira deixar a primeira metade do manuscrito de Helen tal como o encontrara. Depois, sensivelmente a meio, a narrativa iria subitamente assumir o ponto de vista de Iris.

Começou a escrever.

Lilian estava enganada: Iris não era fraca. A sua personalidade fora forjada por uma vida repleta de dissabores e, ao subestimar esta forma mais feia e mais prosaica de força, Lilian cometera um erro crasso. Usara-se como isco, sem se aperceber de que Iris estava demasiado faminta para se satisfazer com a mera proximidade da grandeza.

Dentro da velha casa, em Crestbill Road, estava fresco, apesar da onda de calor que se fazia sentir no início de maio e que esmagava todo o ar à volta. Florence fechou a porta atrás de si e respirou fundo. Caminhou pelos quartos em silêncio, a observar tudo como se fosse a primeira vez. Porque agora era tudo dela. Tudo ali era dela.

Encheu a cafeteira e ligou-a. Quando o aparelho deu sinal de vida, Florence olhou para o terreno das traseiras através da janela. A pilha de compostagem tinha sido completamente desfeita. Havia farripas de fita policial amarela a esvoaçar ao vento nas zonas em que se soltara das estacas. O Departamento Policial de Cairo garantira a Florence que a morte de Helen pusera um ponto final na investigação do assassinato de Jeanette Byrd.

Quando o café ficou pronto, Florence levou uma caneca para a sala, juntamente com o telefone sem fios, e ligou à mãe.

Florence sabia que, àquela hora, Vera estaria sentada na sua pequena cozinha amarela, a beber um café excessivamente açucarado, antes de sair para o trabalho.

— Estou, sim? — A voz de Vera soou como um trinado. Ela atendia sempre que lhe ligavam de um número desconhecido, confiante de que o universo só iria trazer coisas boas à sua existência.

— Olá, mãe. É a Florence.

Silêncio.

— Escuta, eu sei que estás chateada comigo, mas preciso que me faças um favor. Podes ler-me aquela mensagem de que falámos? Aquela em que eu disse que nunca mais te queria ver? E dizer-me a data em que a recebeste?

Vera suspirou.

— Espera um momento, tenho de a encontrar.

Quando Vera regressou, disse:

— Foi enviada num domingo, dia 21 de abril. Lembro-me porque eu tinha acabado de sair da igreja, e fiquei muito feliz quando vi que tinha recebido uma mensagem tua. E depois li-a... «Mãe, desculpa, mas esta é a última vez que irás receber notícias minhas.» — A voz de Vera estremeceu, mas continuou a ler: — «Ao longo de toda a minha vida, tu só me desprezaste e impediste de seguir o meu caminho. Basta. Nunca mais quero falar contigo. Caso tentes contactar-me, irei mudar de número.»

Florence sentiu o sangue aflorar-lhe às bochechas. Apesar de não ter sido ela a escrever aquelas palavras, a verdade é que as pensara, e ouvi-las pela boca da mãe fazia-a sentir-se mais culpada do que tudo aquilo que efetivamente fizera nas duas últimas semanas.

Dia 21 de abril. O dia após o acidente. Helen estaria certamente a garantir que não havia assuntos pendentes, antes de vestir a pele de Florence Darrow.

Apesar de toda aquela conversa sobre viver à mercê do imprevisto e da ação inconsequente, Helen fora extraordinariamente cautelosa com cada contingência. Florence tinha respeitado tudo o que aprendera com ela no planeamento do

assassinato de Greta. Isso tinha sido, talvez, uma herança tão valiosa quanto a casa e o dinheiro.

— Mãe — disse ela —, lamento muito que tenhas recebido essa mensagem, mas tens de acreditar em mim: não fui eu que a escrevi.

Vera sorveu o café de forma audível.

— Foi enviada do teu telefone.

— Eu sei. É uma longa história. — Florence respirou fundo. — Deixa-me começar pelo princípio...

Quarenta e cinco minutos mais tarde, quando a chamada terminou, Vera sabia a história toda. Pelo menos, a versão que Florence repetira vezes sem conta às autoridades: o plano de assassinar Florence, o ato desesperado de autodefesa.

Tal como com Idrissi e com Massey, Florence não mencionou que Helen Wilcox era Maud Dixon; nem sequer sabia se a mãe conhecia o nome. Também não falou em Greta Frost, cuja morte começava agora a ser falada no meio editorial. Não havia razão para Florence ter ligação alguma a esse caso.

Vera tinha engolido tudo, desesperada por obter confirmação de que Florence não a tinha afastado.

— Eu sabia que isto não eras tu — insistiu. — Até disse isso à Gloria. E ela concordou. Tu és uma menina como deve ser, Florence. A menina mais perfeita do mundo.

Florence fez um sorriso amargo.

— Obrigada.

— Quem é que te adora?

— Tu, mãe.

Combinaram voltar a falar na semana seguinte. Florence nunca daria a Vera a proximidade que esta desejava, mas queria mantê-la na sua vida. A sua experiência quase fatal em Marrocos tinha-lhe mostrado que um isolamento total torna as pessoas vulneráveis. Não ter ninguém é perigoso. É preciso haver alguém que repare que nós desaparecemos.

Florence serviu-se de mais café.

Havia outro telefonema a fazer, e depois era altura de lançar mãos à obra. Tinha obtido finalmente aquilo que desejava: a vida de Helen Wilcox e o público de Maud Dixon. Não iria desperdiçar isso.

Começara a escrever a segunda metade de *Quem É Quem em Marrocos* na noite em que Helen morrera. Quando se sentou com um bloco de notas de folhas amarelas pautadas no colo, ficara surpreendida com o que lhe saiu: uma torrente.

Encoberta pelo pseudónimo de Maud Dixon, encontrara a liberdade e a confiança que lhe permitiam, simplesmente, *escrever*.

E tinha, por fim, uma história para contar.

Lera um dia uma biografia de René Magritte, que Agatha editara. Esse livro afirmava que, na sua juventude, quando a crítica não aceitava o seu estilo de pintura estranho e pouco convencional, Magritte sobrevivera à custa de cópias que fez de quadros de Picasso e de Braque.

Talvez tivesse sido uma espécie de estágio, pensou Florence. Tal como *Quem É*

Quem em Marrocos seria para ela. Tinha sido a própria Helen a afirmar: «Se fingires uma coisa durante muito tempo, tudo pode tornar-se natural em ti. E com isto quero dizer natural mesmo.»

Magritte conseguira, afinal, ter êxito por si próprio.

Talvez um dia pudesse dizer ao mundo que o nome de Maud Dixon era na verdade Florence Darrow. Nesse caso, ela teria vinte e três anos quando *O Foxtrot do Mississípi* saiu. Era uma idade suficientemente plausível. Mary Shelley tinha escrito *Frankenstein* aos dezanove. E em relação ao seu percurso de vida, isso significaria que ela teria escrito o livro no fim da faculdade, no período em que vivera em Gainesville e trabalhara na livraria. Imaginou a surpresa de Anne, a dona da loja, uma pessoa entusiástica, ao descobrir que uma empregada sua tinha escrito um clássico da literatura moderna. Imaginou a cara de Simon ao descobrir. E de Amanda. Que sobriedade, que *dignidade*, iriam eles pensar, guardar um segredo assim durante aquele tempo todo.

Olhou para o relógio. Já esperara tempo suficiente. Marcou outro número.

Do outro lado, uma voz feminina e jovem atendeu num tom alegre:

— Bom dia, fala da HMK.

A Harper Maston Khan era a maior agência de talentos de Nova Iorque. Representava não apenas escritores, mas também atores, atletas e músicos. Celebridades a sério.

— Bom dia — disse Florence. — Gostaria de falar com Denise Maston, por favor.

— E quem devo anunciar?

Florence faz uma breve pausa.

— Diga-lhe que fala Maud Dixon.

AGRADECIMENTOS

A primeira dívida de gratidão a saldar é para com Jenn Joel, uma editora extraordinária disfarçada de agente extraordinária. O dia 4 de agosto de 2019 ficará registado como um dos principais pontos de viragem na minha vida. Muito obrigada, também, à magnífica Tia Ikemoto e a todos na ICM.

Agradeço a Judy Clain pelo entusiasmo inicial e recorrente por este livro, juntamente com a equipa incrível da Little, Brown: Miya Kumangai, Heather Boaz, Lena Little, Ashley Marudas, Pam Brown, Gabrielle Leporati e tantos outros.

Muito obrigada à minha admirável editora no Reino Unido, Imogen Taylor, e também a Felicity Blunt, Jake Smith-Bosanquet e Savanna Wicks, da Curtis Brown.

Agradeço a Halsey Green e a Evonne Gambrell por terem sempre guardado um lugar para mim, apesar da minha fraca capacidade de trabalho e da minha atitude atroz. Eu não teria sido capaz de escrever este livro sem a vossa ajuda.

Obrigada a Joan Truya, em Paris, e a Koloina Andriatsimamao, em Nova Iorque, por me permitirem fazer uma pausa nos cuidados (e nas preocupações) com a Olive durante o tempo suficiente para escrever este livro.

Agradeço a Liz Campbell, a Martha Campbell, a Kathryn Doyle, a Natalie Pica Friend, a Molly Lundgren, a Elizabeth Rhodes, a Haven Thompson, a Nell Van Amerongen e a Julia Vaughn por tanta coisa que não cabe aqui. Sou mais do que sortuda por vos ter como amigos.

Obrigada à minha família, tanto aquela na qual nasci como aquela que fui construindo ao longo do tempo: Henry Piper Andrews; Lindsey Andrews Schilling; Palmer Ducommun; Bob Ducommun; Charlie Schilling; Jock Andrews; os Westcott; os Laporte; Jim e Nancy Beha; Jim e Alyson Beha; e Len e Alice Teti. Adoro-vos a todos.

Agradeço à minha mãe, Lynn Ducommun, que merece sem dúvida um parágrafo exclusivo depois de trinta e sete anos de amor e de apoio incondicional com muitos, muitos ziguezagues pelo meio. (E se alguém achar que Vera Darrow tem alguma coisa que ver com ela, está muito enganado.)

Mas, acima de tudo, este livro — e o meu coração — pertencem a Christopher Beha. Maud Dixon não existiria sem o seu encorajamento constante e a sua visão apurada de editor. (Parece que casar com um romancista de renome internacional acabou por ser uma decisão profissional presciente.) É contigo que quero passar o resto dos meus dias.

E, por fim, agradeço à Olive e ao Henry: não fizeram nada para ajudar, mas amo-vos do fundo do meu coração. Basta-me pensar em vocês e fico logo mais feliz do que alguma vez pensei ser possível. Adoro-vos, adoro-vos, adoro-vos.